



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Diego Amoedo Martínez

**Usos e desusos das terras de Tourém: transformações sócio-territoriais de
uma aldeia rural fronteiriça entre a Galícia (Es) e Portugal**

CAMPINAS, 2014



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

DIEGO AMOEDO MARTÍNEZ

**Usos e desusos das terras de Tourém: transformações sócio-territoriais de
uma aldeia rural fronteiriça entre a Galícia (Es) e Portugal**

ORIENTADORA: PROF. DRA. EMILIA PIETRAFESA DE GODOI

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de Campinas
para obtenção do título de Mestre em
Antropologia Social.**

**Este exemplar corresponde à versão
final da dissertação defendida pelo
aluno Diego Amoedo Martínez,
orientando pela Profa. Dra. Emília
Pietrafesa de Godoi**

CAMPINAS, 2014

iii

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

Am66u Amoedo Martínez, Diego, 1982-
Usos e desusos das terras de Tourém : transformações sócio-territoriais em uma aldeia rural fronteiriça entre a Galícia (Es) e Portugal / Diego Amoedo Martínez. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Emília Pietrafesa de Godoi.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Mudança social. 2. Territorialidade. 3. Trajetórias de vida. 4. Vida rural . I. Godoi, Emília Pietrafesa de, 1960-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Uses and disuses of the Tourém's lands : socio-territorial transformations in a rural border village between Galicia (Es) and Portugal

Palavras-chave em inglês:

Social change

Territoriality

Trajectories of life

Country life

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestre em Antropologia Social

Banca examinadora:

Emília Pietrafesa de Godoi [Orientador]

Mauro William Barbosa de Almeida

Nashieli Cecilia Rangel Loera

Data de defesa: 28-03-2014

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 28 de março de 2014, considerou o candidato DIEGO AMOEDO MARTÍNEZ aprovado.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Profa. Dra. Emilia Pietrafesa de Godoi

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line.

Prof. Dr. Mauro William Barbosa de Almeida

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line.

Profa. Dra. Naschieli Cecilia Rangel Loera

A handwritten signature in blue ink, written over a horizontal line.

Resumo

Esta dissertação de mestrado é fruto do trabalho de campo realizado entre os anos 2011 e 2013 em Tourém, uma aldeia rural fronteiriça entre a Galícia (Es) e Portugal. O foco principal do trabalho é a análise das transformações sócio-territoriais da aldeia decorrentes desde finais da década de 1960 e começos de 1970, momento em que o aumento da emigração contemporânea teve seu auge. Trabalhamos portanto duas vertentes diferenciadas das mudanças acontecidas na aldeia: transformações sociais e territoriais da aldeia de Tourém, através do termo terra. A terra é elevada aqui a categoria analítica, pois é um termo usado pelos os moradores da aldeia de Tourém, um termo polissêmico que se refere a aldeia, baixo a nomeação de *minha terra*; as *terras* seriam também os diferentes destinos da emigração pelos que passaram os vizinhos da aldeia; e, finalmente a *terra*, também faz referência á terra-produtiva, sustento da agricultura e pecuária que é a atividade econômica mais importante. Através das trajetórias de vida das pessoas da aldeia e de suas histórias de família e de vida, combinamos os diálogos teóricos com as descrições etnográficas dos usos e desusos das terras de Tourém; assim como os diferentes grupos sociais e os diferentes tempos que têm as pessoas que moram na aldeia. De forma mais explícita dialogamos com conceitos como territorialidade, território e história do lugar através das narrativas dos moradores, das histórias de vida e de família.

Palavras Chave: Mudança Social; Territorialidade; Trajetórias de Vida; Vida Rural.

Abstract

This dissertation is the result of fieldwork conducted between 2011 and 2013 in Tourém , a rural border village between Galicia (Spain) and Portugal . The main focus of the work is the analysis of socio - territorial transformations happening in the village since the late 1960s and early 1970s , at what time the rise of contemporary emigration peaked . We work analysing two different aspects of the changes taking place in the village of Tourém: social and territorial transformations understood by the the word of *terra*. A *terra* (land) in this context is a highly analytical category , a polysemic term used by the villagers of Tourém that refers to the village from the the basis of *my land* (*minha terra*). These *terras* would also be the different destinations of emigrants for those who passed through neighboring village, and finally *terra*, also refers to the land's agriculture and livestock that are the most important economic activities. Through the life trajectories of the village people and their family histories, we combine theory and ethnographic descriptions with the uses and disuses of the Tourém's *terra*; as well as different social groups during their respective times who live in the village . More explicitly conversed with concepts such as territoriality , territory and history of the place through the narratives of the families, residents and life trajectories.

Keywords: Social Change; Territoriality; Trajectories of life; Country life

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 Do Camião Privilegiado para as transformações sócio-territoriais. Definição do campo e metodologia.....	1
1.1 Metodologia de Pesquisa.....	4
1.2 O trabalho no campo	9
2 Já na aldeia.....	15
2.1 Terra fria e terra quente	17
2.2 A estrada e a barragem: marcadores do tempo.....	19
2.3 Breves notas etnográficas da arquitetura de Tourém	21
CAPÍTULO 1 : CONFIGURAÇÃO SOCIAL DA ALDEIA	25
1. Nós, os que moramos o ano todo.....	25
2.As vacas não entendem de fronteiras: Fronteira e Mobilidade.....	29
3. Acompanhando a Vida das Pessoas e seus Trajetos : uma aproximação às Histórias de Vida e de Família	32
4. Grupos sociais.....	40
CAPÍTULO 2. A MINHA TERRA.....	51
1. A terra e a territorialidade: uma aproximação teórica.....	51
2. A minha terra.....	56
3. Nascido e criado na terra	63
4. Filhos da terra	68
5. Os Netos da terra.....	72
6. A terra e a passagem do tempo.....	78

CAPÍTULO 3. AS TERRAS DA ALDEIA 87

1. Terras de Tourém: regime de propriedade	87
1.1 Os baldios.....	88
1.2 Propriedades, terras particulares ou terras.	92
1.2.1 A água de rega	94
1.2.3 Horta.....	99
1.2.4 Nabal ou terra	102
1.2.5 Lameiro	103
2 Tipos de cultivos	105
2.1 O Feno.....	105
2.2 O pão ou mese.....	115
2.3 O milho	116
2.4 A batata.....	118
3 As culturas, as necessidades e os tempos.....	123

CAPÍTULO 4. AQUI HAVIA ANTES VACAS DO QUE CARROS. A IMPORTÂNCIA SOCIAL DO GADO 131

1. Tipos de gado	133
1.1 Porco	134
1.2 Ovelhas e Cabras.....	136
1.3 Galinha	139
2 Gado Bovino	139
2.1 Todo o dia tem alguma coisa a fazer. A rotina dos lavradores ao longo do ano	146
3 Política Agrícola Comúm.....	148
4 A Importância social do gado.....	155
5. A Feira do Prêmio	161
6. Os bois no Barroso.....	164
6.1 Boi do povo.....	166

CAPÍTULO 5. AGOSTO NA TERRA OU (A)GOSTO DA TERRA.....	171
1. Atividades do mês de Agosto.....	172
1.1 Sessões de cinema.....	172
1.2 Torneio de Sueca.....	175
1.3 A rota do contrabando e a Corrida Internacional.....	178
1.4 A feira do ano.....	190
2. As Festividades.....	191
2.1 São Lourenço.....	191
2.2 A festa do encontro.....	197
2.2.1 Entrou na nossa terra! Vamos lá, mas logo voltamos, esperem aí! - A agricultura e as festividades.....	198
2.3 A festa de São Pedro acode todo o mundo!.....	200
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	207
Transformações territoriais.....	207
Transformações sociais.....	208
BIBLIOGRAFIA.....	213

À meu avô Gabino e a
minha avó Isabel por me
incentivar a sonhar
todos os dias de minha
vida

Agradecimentos

Que a primeira parte que se leia numa dissertação seja a que por último se escreve requer algum esforço. Mas ao mesmo tempo esse exercício nos permite voltar no tempo, e pensar nas pessoas que uma vez escrito o documento, fizeram parte dessa elaboração. Esta é portanto a hora de documentar pessoas que de alguma forma se encontram presentes nesta dissertação e que são pilares de toda esta obra.

Como em toda pesquisa os maiores agradecimentos são àqueles que tornaram a pesquisa possível, neste caso são às pessoas de Tourém. Sem eles esta dissertação certamente que não teria visto a luz do sol. Eles me aceitaram, me acolheram, ali tenho mais uma família. Com especial carinho quero agradecer à Venâncio, Sérgio, Sandra e Tia Maria. Adriano, Natália, Domingos e Gloria são desde o primeiro momento pessoas muito próximas. Paulo Barroso e sua esposa, Bento e Dona Maria me deram as chaves que abriam a porta do projeto, sem essa ajuda não teria conseguido elaborar o meu projeto de pesquisa que ingressei no mestrado. Jaime, Tia Maria e Edu me ajudaram sempre também. Com Edu as conversas foram muito eloquentes. Teresa e Zé da Arminda, Zé da Benta, Izabel, Fernando, e Elisa também me ajudaram sempre. João sempre segurou no café as altas conversas como um campeão! Zé Pires foi dos mais novos, mas estará sempre presente nos trabalhos que desenvolva acerca de Tourém. Elisa e Vitor me ensinaram a olhar de outra forma para Lisboa e Tourém. O Pereira nos aportou olhares muito interessantes, momentos de sua vida que nos iluminaram processos sociais e transformações. O Giestas desde o primeiro dia em que fui com ele com as vacas soube que seria uma figura importante. Zé da Ponteira e Domingos nos explicaram de múltiplas formas como era a sua concepção de casa, como viviam os seus pais e como foi mudando a configuração social da sua família. O Tio Adriano, Morais, Miguel e Armindo sempre se importaram com o que eu fazia e me chamavam pra beber um copo com eles. Enfim, acho que poderia continuar assim agradecendo a todos e cada um dos moradores de Tourém e das redondezas. Espero que os que não estejam aqui citados se sintam igual em importância que os que estão, pois sem a ajuda de todos e cada um deles seria impensável ter elaborado esta dissertação.

Devo agradecer a Emília Pietrafesa de Godoi, por acreditar em um projeto que depois de

voltas e revoltas teve seu justo orientador na figura dela. Sem a ajuda dela seria impossível pensar em chegar a defender uma dissertação de mestrado. A seriedade e a confiança são elementos que sempre agradecerei, assim como as minuciosas e atentas leituras, assim como as correções de português. Requer menção especial a paciência que teve comigo e com os meus erros administrativos e vencimento de prazo. É louvável também o respeito que sempre mostrou à minha autonomia ao longo da pesquisa e da escrita.

Omar Ribeiro Thomaz foi das primeiras pessoas que conheci em Campinas e depois de saber que sou galego, engenheiro florestal e que trabalhava no Paraguai como cooperante me disse que estava em posição de fazer um mestrado na Antropologia. Essa fé cega que ele tem nas pessoas é muito louvável. As suas aulas de Antropologia Política também fazem parte de minha memória, entrar numa sala de aula as sete da noite e sair as onze sem dormir não é tarefa simples. Certo é que depois de ter percorrido diferentes guerras, séculos e continentes, chegava em casa e não conseguia dormir até horas mais tarde. Isso com certeza poucas pessoas o conseguem. Suas dicas de corredor foram fundamentais, sem ele certamente Tourém e o Couto Mixto não seriam hoje minha vida acadêmica.

Ronaldo de Almeida foi um professor que deixou em mim a marca da generosidade e sinceridade. Sua frase no primeiro dia de aula de Etnografias Contemporâneas foi elucidativa. *Vamos ler esse cara que todo mundo fala e ver o que tem a dizer!*. Simplesmente maravilhoso. Se colocar a ler (e não reler) com os alunos é uma lição com todas as letras. Obrigado Ronaldo pelas viagens entre os livros que lemos juntos.

Mauro Almeida foi professor e membro da banca de qualificação e agora de defesa. Que dizer de Mauro? Na minha qualificação a aula que nos deu acerca da casa foi simplesmente genial. Assim lho agradeceu também Ana Cláudia Marques que estava como membro da banca de qualificação e que também agradeço por sua atenta e minuciosa leitura. Gostei das suas discordâncias e acho que tem um pouco de você aqui.

Mauro foi um professor atento e dinâmico com a nossa turma na disciplina de parentesco. Como se não, posso explicar 8 programas diferentes numa mesma disciplina. Ele mudava o programa em função das discussões da sala de aula, com ele passamos certamente momentos inesquecíveis e aprendizados que nos acompanharão ao longo de

nossas vidas.

Suely Kofes foi uma professora que me marcou muito. Fiz com ela duas disciplinas de mestrado e adoro a postura dela em sala de aula, a sua seriedade é digna de louvor, além sua generosidade. É uma professora com todas as letras. Escuta atentamente as considerações e responde de forma ponderada e precisa. Sua generosidade intelectual acredito que faça parte de muitas páginas de agradecimentos de teses e dissertações deste instituto, e por isso acho que não estou falando nada de novo.

Nádia Farage foi uma professora fundamental nesta minha breve carreira na antropologia. Ela escutou, questionou e decidiu que nossos projetos estavam bons, visto que a maioria das pessoas já tinham conseguido a bolsa da FAPESP, porque discutir projetos? Assim, a professora simplesmente decidiu que era hora de ler algumas etnografias que ela considerou exemplares, e após essa leitura tínhamos que elaborar um documento no qual deveriam aparecer desdobramentos de nossas pesquisas. No primeiro semestre do mestrado ter a oportunidade de pensar acerca do projeto, metodologia de pesquisa e alguns roteiros a experimentar é também de agradecer. O encerramento da disciplina em sua casa foi algo sensacional e daí partiu uma relação que espero seja duradeira e sincera como até agora.

A John Manuel Monteiro (im memoriam) também tenho que agradecer seus comentários e facilidades para dialogarmos sobre Portugal e que sempre esteve disposto para conversarmos e discutirmos questões do meu projeto. Eu que não sabia nada de antropologia encontrava em John um professor, várias (ou algumas) vezes chegou junto à mim e disse que estava dando Antropologia 3, e certamente me viria bem acompanhar algumas de suas aulas.

Devo agradecer também à professora Rita Morelli. Não tive aula com ela, mas no mês de novembro de 2011 nas Jornadas de Antropologia da UNICAMP, ela pediu a palavra, se levantou de sua cadeira e publicamente disse que tinha gostado de meu projeto, dos desdobramentos que eu estava propondo e que quando eu estava fazendo a minha apresentação se lembrou de um poema de Rafael Alberti, Canción 8, que está como epígrafe desta dissertação. Agradeço muito aquelas palavras e me senti extremamente feliz com o comentário dela.

Também tenho que agradecer os comentários de Luiz Henrique de Toledo por seus comentários no dia das jornadas da UNICAMP. Era a primeira vez que testava alguns de meus devaneios e ver que também faziam sentido para ele foi muito importante.

Aos funcionários do IFCH devo muito também e por sua atenção e paciência agradeço especialmente a Maria José Rizola e Márcia Goulart. Os funcionários do xerox e da biblioteca também facilitaram muito a minha vida acadêmica.

À FAPESP e a CAPES-EMERGENCIAL por serem as bolsas que usufrui ao longo do mestrado. À FAPESP também agradeço pela Bolsa de Estágio Pesquisa no Exterior.

Tenho que agradecer dentro da UNICAMP a inúmeras pessoas com as que tive a sorte de me encontrar nestes já cinco anos de Universidade. As pessoas do CERES sempre foram muito receptivas comigo. De forma especial quero mostrar o meu agradecimento a Sel, que desde que cheguei aqui sempre me indicou Emília e o CERES como o meu lugar. A Sel também lhe devo muito mais do que isso, pois ela que corrigiu o meu projeto de mestrado em 2010 e também foi quem o mandou, sem ela e seus aportes hoje certamente não estaria aqui. Mas no CERES encontrei também a Nashieli Rangel Loera e Verena Sevá Nogueira.

Ambas as duas foram guias do meu caminho etnográfico, leram versões do projeto, comentaram possíveis rumos e trilhas dos territórios a serem explorados.

Com Verena tive a oportunidade de ir no Congresso ALA no Chile colocando as nossas pesquisas em diálogo e certamente essa cooperação espero que não seja pontual, pois há uma proximidade muito grande entre o que ela pensa e faz e o que eu faço. Ela leu também parte de minha qualificação e seus comentários e aportes com certeza espero que encontre aqui dentro.

Do pessoal do CERES surgiu Renata. Nossos caminhos se inter cruzaram várias vezes e em contextos bem diferentes. Sempre estamos pensando em diálogos e mais diálogos, mas ainda não conseguimos concretizá-los...algum dia.

Carlos Eduardo Marques é uma outra figura que por lá encontrei. Entramos juntos, orientando também da Emília e a nossa convivência ainda que infelizmente reduzida a Campinas com certeza foi divertida e verdadeira.

Ao pessoal do LATA também estou agradecido, ainda que não tive como colocar a

minha pesquisa em um diálogo com o que lá se faz, sempre se mostraram abertos e receptivos. Especialmente a Bob, Ana, Carmen, Mateus e Augusto.

Dos meus colegas de turma teria muita coisa a dizer.

A Luisa abandonou antes do segundo semestre a nossa turma e o seu projeto. O Guilherme apenas umas semanas depois de começar as aulas. E do resto continuamos até este momento. Havia os que eram da casa e os que éramos de fora. Stella sempre tentou colocar um pouco de poesia no cotidiano. Aline não sucumbe nas suas lutas e isso vale muito. Berhman nos trouxe ar fresco e nos recolocou em nossos papéis. Carol procura nos sons dos bilros a sua sintonia com a antropologia e isso também tem que ser valorizado. O Julian ou Lucas, dependendo do garçom sempre me fascinou pela sinceridade iugoslava e autenticidade, ele me abrumou desde que o vi. A sua inteireza teórica e acadêmica me fascinam. A Bruna é puro arte. Fernanda faz tempo que não aparece mas está também guardada na memória. Camila é um presente, com seu sorriso e presença nos iluminava nas difíceis manhãs de disciplinas. Rodrigo caminhou em direção do lakou, sua casa era nosso ponto de encontro, mas continuaremos procurando trilhos para poder aprofundar na nossa relação e amizade. Hugo me faz lembrar do humor galego, nunca explica tudo, e leu vários textos meus. Também quero lembrar-me de Inácio. Patrícia é um porto seguro, nossas reuniões cotidianas em Barão amenizaram tempos de disciplinas. Igor sempre achará pouco o que escreva dele aqui, sua aportação é variada e múltipla, assim como suas cobranças. Ele sabe bem o que fez e obrigado por isso.

Héctor Guerra sempre me ajudou com suas conversas e leituras, sem ele e seus aportes tampouco poderia estar hoje escrevendo estes agradecimentos. Sempre me instigou a continuar e aprofundar mais e mais, espero que com tempo isso vá melhorando ainda mais.

Quero agradecer aqui também aos “danis” (Daniel Plá e Daniela Varotto) por me receberem em sua casa lá no 2009 e 2010, foram momentos bem divertidos que passamos lá arredor das batatas, panetone e sorvetes.

Carlos de Almeida Toledo e Marta Jardim também foram fundamentais, mas cada um ao seu estilo. Carlos em todo momento disposto a conversar, a saber mais de Tourém, a tentar colocar questões. Muitas horas discutindo, muito autores evocados, muitas

abordagens possíveis, mas sempre querendo saber mais e mais de Tourém e de por onde eu pensava caminhar. Certamente ele pode ser considerado um orientador na madrugada e ao ritmo das cervejas. A sua ajuda em Tourém foi incalculável.

Marta foi quem me guiou para “El Baile de los solteros”, obra de Bourdieu que usamos nesta dissertação e que a todo momento está presente. As horas na “casa de São Paulo” foram, são e serão carregadas de conversas e risadas gratificantes e das quais sou um grande aficcionado.

De Campinas falta agradecer a Marco Tobon e mais Eva Maria Roessler. Marco foi uma nova “aquisição” mas entre plantas e jantares conseguimos nos entender bem. É um grande reclamo, é sempre gratificante saber que ele vai estar em Barão, pois além de gentil está sempre disposto a ajudar, e eu abuso um pouco disso. Eva foi a primeira pessoa que conheci e que me colocou na rede de pessoas que hoje conheço. Era dezembro de 2008 e estava na rodoviária de Asunción, minha mochila e o meu cabelo lhe disseram que eu não era paraguaio e que teria um isqueiro. Daí aos Aché, Campinas, e a Lu foi todo um andar devagar mas certinho. Ela é amiga e acredito que isso vale mais do que eu consiga aqui escrever. E como esta dissertação aborda territorialidades está na hora de mudarmos para o outro lado do atlântico, mas antes passemos no Pacífico.

Tenho que ter umas palavras especiais também para Raúl Ortiz, Paula González e o Katari. Com eles convivemos muito tempo, mas sempre estará guardado da memória. A Raúl lhe devo também leituras que ele fez dos primeiros trabalhos que apresentei na UNICAMP.

Com José Kidel e Jimena Pichinao aprendemos muitos no pouco tempo que a Universidade e seus tempos nos brindaram, eles também têm reservado um lugar especial.

Da Galícia destaco aos professores Xerardo Pereiro e Santiago Prado que me ajudaram com suas conversas e dicas. Xerardo foi meu supervisor do estágio de pesquisa no exterior e sua disponibilidade foi muito grande, espero poder continuar conversando e dialogando. Com Santiago Prado ainda me falta mais tempo, mas o pouco que pasamos discutindo criaram em mim essa sensação de que temos mais que conversar.

De Portugal destaco ao Professor Luís Cunha que em Chaves foi de muita ajuda. Em sua tese achei conceituações que permeavam as minhas preocupações e que de forma

brilhante ele sistematizou. O Professor Humberto Martins foi um grande interlocutor. Além de seu profundo conhecimento de Tourém e de suas gentes, as minhas preocupações e inquedanças acerca da minha pesquisa sempre encontraram em suas palavras um canto tranquilo e uma conversa nas que amadurecer. Foi ele quem intitulou o último capítulo, um pouco pós moderno para o meu gosto, mas é em sua homenagem.

À Universidade de Trás os Montes e Alto Douro (UTAD) tenho que agradecer que aceitaram a minha proposta de Bolsa de Estágio e Pesquisa no Exterior (BEPE-FAPESP), mais concretamente ao Centro de Pesquisa Transdisciplinar para o Desenvolvimento (CETRAD), nas pessoas de Xerardo Pereiro e Alberto Baptista que me abriram as portas do CETRAD e da UTAD.

Também agradeço ao Professor José Maria Valcuende del Rio por ter aceitado a minha vontade de conhecê-lo e viabilizar uma forma de nos encontrar num mês, o de julho no que é difícil que alguma coisa aconteça. Ele e a sua equipe me receberam e debateram meu projeto, me deram tempo para pensar, leituras e de novo discutimos alguns roteiros. Espero que ele se encontre também contemplado neste trabalho.

O Professor João de Pina Cabral desde 2010 vem acompanhando alguns dos debates que estou querendo inserir e sempre me ajuda com preciosas dicas.

Dos meus amigos do coração pouco posso dizer que eles não saibam já. São eles, os de florestais, os meus incondicionais, os que me asseguram a felicidade quando chego na minha terra. Brais, Ana, Lupe, Paulo, Alex, Pacitos, Bea, Iván e Artur são os grandes responsáveis desse sentimento tão bem expressado em galego e português, a saudade.

Nas Cortellas tenho a minha outra família. Meus primos, tios, pais, irmã e avós são os que seguram a minha ausência e garantem o meu espaço social na aldeia, na minha terra. Minha mãe por chorar sempre como se fosse a primeira vez. Meu pai devido à forma do seu corpo ser grande, sua voz ronca e se querer mostrar inabordável chorará por dentro. A minha avô Isabel também lhe devo muito, pois ela sempre entende o que eu faço, e com um *es feliz me fillo?* Para ela está bem. Fidi é como meu irmão mais velho. Olgui a mais vella. Isa a biológica. A todos eles lhes devo, no sentido estrito do termo, muito, porque sempre estão não só para mim, se não que também para os que sentem a minha falta. Marcos, Miguel Ángel, Ángel e Cris também estão sempre presentes.

Do outro lado a minha querida avô Angelina, sempre protectora, fiel, dura, enfim ela é escorpião. A Digna, Ángela e Gelo também som grato.

A Vitória por ser original.

A minha madrinha por saber ser madrinha. A Naty por estar do lado dela.

Ao meu avó Gabino vai dedicado este trabalho, como grande leitor que era acredito que seria o meu maior crítico, saudades eternas.

Aos das Cortellas todos, Tavo, Paco, Andrés, Miguel, Berto, David e Ana, Olmo, Alba, Cris, Leni, Ilda, Nuria, Jose, Xurxo, Cris...aos capillas é obvio que não!

Voltamos agora para a amazônia. Lá tem o Raoni, Adília, Claide, Anne, Pedro, Marília, o Gurú, a Penca, o Gremlin, a Guria, o Pacu seco e a Cotô que me esperam e me alegram. A Tábata sou grato pela sua ajuda na correção deste texto. Ao Nildo e Socorro por nos ajudarem sempre. Lilia e Anselmo nos brindaram seu apoio e logística quando não tínhamos nada.

A Luara e Juliana por me fazer sentir bem sempre que estou com elas e por me terem aceitado. A Juliana leu todos os meus textos, eu brinco que ela é a minha revisora oficial, mas acho que aqui é o lugar de agradecer o tempo e ajuda incondicionais. A Luara por fazer aqueles bolos de chocolate tão bons, por sorrir e pela sua ingenuidade que nos recoloca de novo no mundo violento e agressivo em que vivimos. Também tenho que agradecer ao Paulo pela disponibilidade.

A Lucybeth Camargo de Arruda não tem mais do que dizer que continuamos caminhando juntos e isso é o que mais valoro além da sua inteireza, das palavras acertadas, dos conselhos que me fazem menos visceral e mais sensato; agradeço por todos estes anos juntos. A nossa relação também é territorial, este amor nos abriu muitos territórios e juntos continuamos construindo a nossa territorialidade. Pelo apoio incondicional, companheirismo e apoio, tenho que dizer que ela certamente é coautora desta dissertação.

Lista de fotografias

Fotografia 1: Núcleo habitacional de Tourém e atrás a serra. Fotografia tomada desde a veiga(Amoedo,2012).....	19
Fotografia 2: Da esquerda para a direita: Miguel, Domingos, Adriano e Zé da Benta (Amoedo,2012).....	25
Fotografia 3: Marco fronteirço número 100 e vacas de Berto(Amoedo,2013).....	29
Fotografia 4: Vista da aldeia e da barragem desde a serra (Amoedo, 2012).....	92
Fotografia 5: Horta no mês de julho (Amoedo, 2012).....	100
Fotografia 6: Horta no mês de julho (Amoedo, 2012).....	100
Fotografia 7: Lameiro e os surcos para regar (Amoedo, 2012).....	126
Fotografia 8: Lameiro antes de ceifado (Amoedo,2012).....	127
Fotografia 9: Trator ceifando um lameiro (Amoedo,2012).....	127
Fotografia 10: Feno secando (Amoedo,2012).....	128
Fotografia 11: Venâncio virando o feno (Amoedo,2012).....	128
Fotografia 12: Sérgio com a enfardadeira de rolos (Amoedo,2012).....	129
Fotografia 13: Adriano com a enfardadeira de fardos (Amoedo,2012).....	129
Fotografia 14: Da esquerda para a direita: Fátima, Roberto, Adriano e Adriano carregando fardos (Amoedo,2012).....	130
Fotografia 15: Adriano e a malhadeira do centeio (Amoedo,2012).....	130
Fotografia 16: Boi Barroso (Amoedo,2012).....	162
Fotografia 17: Vacas Barrosas (Amoedo,2012).....	162
Fotografia 18: Cartaz da chega final do campeonato de barrosos (Amoedo,2012).....	169

Fotografia 19: Jaime (o contrabandista) conversando com dois participantes de fora da aldeia (Amoedo,2013).....	180
Fotografia 20: O forno do povo (Amoedo,2011).....	181
Fotografia 21: Mazias passando com seu trator pelo largo do outeiro no dia da Corrida Internacional (Amoedo,2013).....	189
Fotografia 22: Momento da ofrenda de São Pedro ás terras de Tourém (Amoedo,2013).....	204
Fotografia 23: São Pedro passando por diante de uma casa depois de ter recebido as flores (Amoedo,2013).....	205
Fotografia 24: Trator dos vilas com a pá em alto em simbolo de devoção (Amoedo,2013).....	205
Fotografia 25: Participantes no torneio de sueca (Amoedo,2013).....	206
Fotografia 26: São Pedro e San Xoan se encontran na fronteira no dia da festa do Encontro (Amoedo,2012).....	206

Lista de ilustrações

Ilustração 1: Pirâmide Populacional (Amoedo, 2012).....	26
Ilustração 2- Localização de estâbulos e armazéns (Amoedo,2012).....	156

Lista de mapas

Mapa 1: Tourém na Península Ibérica (Amoedo, 2012).....	16
Mapa 2: Tourém e as aldeias vizinhas (Amoedo, 2012).....	17
Mapa 3: Regadios da aldeia (Amoedo, 2012).....	96

Canción 8

Hoy las nubes me trajeron,
volando, el mapa de España.
¡Qué pequeño sobre el río,
y qué grande sobre el pasto
la sombra que proyectaba!
Se le llenó de caballos
la sombra que proyectaba.
Yo, a caballo, por su sombra
busqué mi pueblo y mi casa.
Entré en el patio que un día
fuera una fuente con agua.
Aunque no estaba la fuente,
la fuente siempre sonaba.
Y el agua que no corría
volvió para darme agua.

Rafael Alberti

Limite

Pátria até que os meus pés
se magoem no chão
até que o coração
bata descompassado.
Até que eu não entenda
a voz livre do vento
e o silêncio tolhido
das penedias
até que a minha sede
não reconheça as fontes
até que seja outro
e para outros
o aceno ancestral dos horizontes.

Miguel Torga; Diário XVI, p. 29

Glossário

Anho: cria de ovelha

Apero: ferramenta que se acopla á tração do trator. Cada atividade tem o seu apero correspondente. A enfardadeira é o apero com o que fazem os fardos, a sementeira é a que se usa para semear, etc

Baldio: São baldios os terrenos possuídos e geridos por comunidades locais. (Lei 89/97)

Cantoneiro: pessoa encarregada de cuidar e fazer algumas reparações na estrada. Essa profissão existiu até a década de 1990. Venâncio era o cantoneiro de Tourém.

Carneiro: cria de cabra

Cavada: superfície de baldio que foi tomada por uns anos por uma família para semear centeio. O nome faz menção explícita á forma como era trabalhada aquela terra, eram cavadas a mão com as enxadas.

Chouriça, salpicão, alheira e abôbora: tipos de enchidos. So a alheira que não leva carne de porco. O resto são elaboradas com diferentes partes da carne do porco.

Comparte: segundo a lei de Baldios número 89/97 artigo 1 apartado 3: São compartes os moradores de uma ou mais freguesias ou parte delas que, segundo os usos e costumes, têm direito ao uso e fruição do baldio

Conselho: órgão comunitário que se convoca para fazer a limpeza dos regos comunitários e nos que cada vizinho precisa acudir.

Criado: pessoa que trabalhava numa casa fazendo todo tipo de atividades ligadas com a agricultura.

Cultura: tipo de cultivo

Eira: espaço aberto exterior á casa onde se realizavam labores como a malhada do centeio e do trigo.

Enchidos ou fumeiro: nome geral que recebem os sub-produtos obtidos da carne de porco. Devido a que são elaborados com os intestinos do próprio animal, o nome faz menção á ação de encher as tripas com a carne. Após serem enchidos, passam para uma outra etapa em que são curado na fumaça, de aí o segundo nome, fumeiro.

Estrar as cortes das vacas: ação de colocar uma cobertura vegetal limpa encima das

demais camadas que estão por baixo e onde os animais descansam e defecam, obtendo de aí o estrume.

Fruto: produtos obtidos dos cultivos. De forma corrente se emprega o uso para nomear a batata, o milho e o centeio.

Junta de Freguesia: unidade administrativa e política portuguesa que pode albergar uma ou várias aldeias. Está gerida pelo conselho diretivo que conta com Presidente, Vicepresidente e Secretário. As eleições ocorrem a cada quatro anos conjuntamente com as eleições à Câmara Municipal.

Lareira: pedra sentada no chão da cozinha e encima da que se faz o lume que esquentava a cozinha. Normalmente as casas em Tourém não tem aquecimento.

Lavrador: pessoa que trabalha a terra

Levada de água: rego por onde flua a água do regadio.

Minhoto: pessoa natural da província do Minho

Outono: rebrote de erva. É a erva que sai por exemplo após ser cortado o feno, esse renovo da planta.

Padeiro: pessoa que vende pão pela aldeia

Palheiro: construção na que se guardava o feno. Hoje há palheiros nos que ainda se guarda feno, outros foram reconvertidos para garagem de carros ou em casas.

Pão trigo, pão centeio: tipos de pão que se podem adquirir na aldeia. Trigo ou centeio são os cereais mais empregados na confeição de pão na região.

Pão, messe e centeio: nomes com os que se conhece na aldeia o cultivo do centeio.

Peixeiro: pessoa que vende peixe

Propriedade particular: terra que possui título de propriedade

Sacho: enxada

Sapador florestal: profissão que trabalha na floresta tanto realizando labores de prevenção de incêndios florestais como no combate direto

Tasca: café ou bar

INTRODUÇÃO

1 Do Camiño Privilexiado para as transformações sócio-territoriais. Definição do campo e metodologia

O meu primeiro contato com o *Couto Mixto* e o *Camiño Privilexiado* nasceu de uma reflexão no ano 2009. Ao cursar disciplinas específicas da Antropologia Social, como estudante especial na graduação de Ciências Sociais da Unicamp, comecei a focar o meu interesse de estudo na zona territorial de onde procedo, Galícia, no meu lugar de origem, o meio rural, com a salvedade de ser um contexto desconhecido para mim. A chegada ao tema veio por casualidade¹, via um documentário de TV² sobre o *Couto Mixto e o camiño privilexiado*, marcando assim, o início dessa reflexão. Desde então muitas questões sobre essa região permeiam de maneira contínua a minha vida.

Com o intuito de entrar neste “novo mundo”, foi fundamental fazer um recuo no tempo dessa espacialidade, para tentar apreender os processos constituintes das pessoas que vivem nessa área limítrofe, que na sua própria maneira de se auto identificar se colocam pertencentes aos dois lugares (galegos de Portugal e portugueses de Galícia). Revisando a literatura a respeito, produzida na Espanha e em Portugal, notei que grande parte dela está centrada em estudos envolvendo a Geografia, História e algumas, na área de Antropologia. Com respeito à movimentação de pessoas, o historiador inglês Boxer fala que:

As regiões que forneciam a grande parte dos emigrantes e dos aventureiros que

1

O Professor Omar Ribeiro Thomaz me comentou que tinha assistido a um documentário em que apareciam umas aldeias fronteiriças galego-portuguesas, que até finais do século XIX, a população que lá morava, não era nem galegos, nem portugueses e nem espanhóis. Foi após esse comentário que entrei em contato com o *Couto Mixto* e o *Camiño Privilexiado*. Ao professor Omar devo essa dica, o meu mais sincero muito obrigado.

2 O *Couto Mixto*, emitido no programa “Cruce de Miradas”, no canal autónomo galego TVG. Este documentário mostra o processo histórico que sofreu o *Couto Mixto*, desde antes da imposição da fronteira, até a atualidade, alternando *flashback* e *flashforward*. A direção é do fotógrafo Xurxo Lobato em conjunto com a “Asociación de Amigos do Couto Mixto” e García Mañá, autor do livro “*Couto Mixto, unha república esquecida*” (2000).

partiam para o ultramar nos séculos XVI a XVIII eram as províncias nortenhas do Minho e do Douro, a populosa cidade de Lisboa e as ilhas atlânticas da Madeira e dos Açores. (Boxer,1969:72)

Dentre as inúmeras questões que esse lugar traz em seu processo histórico, me chamou atenção esses deslocamentos que a bibliografia consultada e o pré-campo, realizado por mim, trazem a todo o momento.

Aproveitando a oportunidade de ver, *in loco*, a realidade desta região, no mês de janeiro de 2010 estive com os galegos de Portugal e os portugueses da Galícia, visitei pela primeira vez o *Couto Mixto*³ e *Tourém*. Primeiramente, visitei as aldeias do *Couto Mixto*, depois de passar umas horas, decidi atravessar a fronteira e ir até a aldeia portuguesa de Tourém. Para chegar à aldeia é preciso atravessar a ponte que foi construída sob a barragem do rio Salas. Depois de tomar um café e conversar com várias pessoas entrei numa loja do centro da aldeia, uma vez explicado o motivo da minha visita, me comentaram que estava no lugar certo. Quem me atendeu foi Paulo, atual Presidente da Junta de Freguesia e filho mais novo do senhor Bento Barroso⁴. Ao sair da loja, tinha uma entrevista com o senhor Bento agendada para as 17 horas.

A longa conversa com este senhor esteve pautada pelo meu interesse inicial de entender os processos de mobilidade que atingiram as aldeias e seus habitantes. O senhor Bento relatou-me parte de sua história de vida, através da qual foi traçando um espaço de mobilidade frequente e histórica, o qual teria sido, aos poucos, atingido pelos limites e fronteiras que os Estados-nação, nomeadamente Espanha e Portugal, foram desenhando para incorporá-los dentro do estatuto nacional dos respectivos Estados. Foi dessa maneira

3 O Couto Mixto era um território administrativo, político e judicial autônomo e independente dos Estados espanhol e português, que englobava três aldeias – agora galegas – chamadas Santiago, Meaus e Rubiás. Essas aldeias tinham uma série de privilégios como escolha de nacionalidade, isenção de cargas fiscais para com o Estado Espanhol e/ou Português, e sobretudo direito ao *camino privilegiado*. O *camino privilegiado* era uma via que unia o *Couto Mixto* com a aldeia de Tourém e na qual era permitida a movimentação de pessoas e bens sem que as autoridades espanholas ou portuguesas pudessem se intrometer.

4 Este senhor é conhecido em Tourém como um dos maiores contrabandistas da história dessa região. Tinha naquele momento 89 anos. Está aposentado e vive na aldeia com a sua esposa. Quando fomos conversar com ele em pleno mês de janeiro, com uma temperatura aproximada de 8 graus, ele estava na parte de trás da casa cortando madeira para esquentar a cozinha. Segundo nos foi relatado por seus filhos, quando criança ele *serviu numa casa na Espanha* mas alguns fins de semana em que voltava para Tourém trazia produtos de *lá pra cá* e depois levava *outros produtos que queriam os de lá*.

que meu interlocutor introduziu-me no mundo do contrabando, das *histórias de fugidos*, assim como das perseguições levadas a cabo por parte das *forças de segurança* de ambos os estados. Em todos esses relatos, a mobilidade de pessoas e mercadorias esteve sempre presente:

Depois veio a guerra de Espanha, piorou. Em 36, não foi? O pouquinho que tínhamos aqui em Portugal ia todo para Espanha (...) se aqui valia uma peseta, lá era o dobro, o pouco alimento que havia aqui, bacalhau, centeio, ... todo...e claro depois da guerra não havia que comer e claro... pagavam o que fosse por arranjar comestíveis. E era assim que se ia assentando o contrabando... houve épocas que ia de aqui pra lá ...e houve épocas que veio de lá pra aqui..não é? É zona fronteira e tem contrabando. Agora, contrabandista é ladrão, (antes) era um modo de ganhar a vida como outro qualquer. Eu fui comerciante 40 anos, vendemos maquinaria, televisão, rádios, herbicidas, (...) todo para Espanha, depois tinha épocas que vinham coisas de Espanha pra aqui, as coisas às vezes vão de um lado pra outro, não é? (Entrevista, janeiro de 2010)

A movimentação de mercadorias, como podemos extrair desse fragmento era feita tanto no sentido Portugal para Espanha como no inverso. Inclusive, o senhor Bento relatou-me, de forma anedótica, alguns episódios em que as mercadorias que, em um primeiro momento, teriam sido levadas para o lado espanhol, semanas mais tarde, eram trazidas de volta para o lado português.

Desse primeiro contato e do levantamento bibliográfico surgiu o nosso⁵ projeto de pesquisa: “Camiño Privilegiado: Transformações sócio-territoriais em uma aldeia rural fronteira entre Galícia (Es) e Portugal”. A nossa proposta era a de empreender a etnografia desse espaço social peculiar que, correlato à linha geográfica da fronteira internacional, configurou-se, historicamente, como zona de refúgio, caracterizada pela alta mobilidade de pessoas e bens. Tratava-se, de um lado, de recuperar tal configuração, por meio da memória social, com ênfase para momentos políticos críticos, o êxodo provocado pela derrota dos republicanos na Guerra Civil Espanhola (1936 - 1939); as guerras coloniais portuguesas (1961 - 1975); enfim, examinar os modos pelos quais esta memória incide na

5 Adotamos na escrita um dimorfismo gramatical para tratar de diferenciar o meu trabalho de campo das análises fruto dele. Para tal fim adotamos o uso da primeira pessoa do singular, o eu, como o narrador das ações diretas no campo. Já o uso do nós, responde a todas as análises que provêm desse trabalho pessoal. Acreditamos que todas as pessoas que estiveram envolvidas no meu percurso acadêmico, que deu origem a esta dissertação, fazem parte do processo de reflexão; de forma mais concreta nos referimos à Emília Pietrafesa de Godoi como orientadora, aos professores do Departamento de Antropologia Social, aos debatedores dos diferentes congressos, aos colegas de turma e de rodas de conversa e à Lucybeth Camargo de Arruda como companheira minha e do processo.

percepção atual do território, por parte de seus habitantes.

Para a etnografia das redes de relações e da dinâmica da mobilidade espacial de pessoas e bens, a noção de casa tem valor estratégico, por representar, do ponto de vista dos habitantes locais, o refúgio último e, como tal, haver-se organizado, historicamente, de modo a dar guarida a todos os que a buscam. A noção de casa, entretanto, encontra-se articulada à noção de aldeia, sobretudo nos espaços de uso comunitário, tais como lameiros, casa do boi, forno do povo (termos que serão explicados no decorrer do trabalho). Como bem apontou João de Pina Cabral (2004) a casa é mais que a própria edificação ela é um referencial dentro da vida social da aldeia.

Após ter feito três períodos de trabalho de campo (janeiro e fevereiro de 2012; julho e agosto de 2012 e junho a setembro de 2013) os objetivos do projeto e a pesquisa tomaram outros rumos. O nosso referencial primeiro era o *Camiño Privilexiado*, no entanto, a vida social aldeã, o trabalho da terra e o gado apareceram como elementos centrais da configuração social revelados pelo campo, deixando o *Couto Mixto* e o *Camiño Privilexiado* como referenciais inspiradores. A mobilidade e as transformações sócio-territoriais são referenciais em nosso trabalho que perpassam este texto de forma transversal, apresentada ao longo de toda a discussão.

1.1 Metodologia de Pesquisa

Desde nosso projeto de pesquisa tínhamos claro que as pessoas de maior idade da aldeia seriam parte fundamental de nosso estudo. Eles iluminavam em suas narrativas momentos históricos de forma ampla e variada, nos relatavam as suas aventuras, como foram os anos na África, como se trabalhava a terra e as formas do contrabando. Ao mesmo tempo, eles habitam a aldeia na atualidade e observam as diferenças com seu tempo e suas experiências de vida, por exemplo, na forma de trabalhar a terra, na motivação de retorno para a aldeia e nas condições atuais de vida das pessoas. As transformações sociais e territoriais são elementos abordados em suas narrativas e as definimos como as mudanças vivenciadas pelas pessoas na forma de se relacionar com a aldeia e a terra.

Para abordarmos as transformações sócio-territoriais, como toda análise que se diz

processual, há necessidade de marcar um ponto inicial de reflexão. Em nosso caso, esse tempo nos foi definido pelos moradores, o ponto de partida será *os tempos de antes*⁶. Quando evocam em suas narrativas *os tempos de antes*, nos transportam diretamente para finais da década de 1960 e começo de 1970. Esse tempo está marcado pelas guerras coloniais portuguesas na África (1961 - 1975), pelo fim do salazarismo e pelo aumento da migração para outras partes da Europa.

Em nossa escrita, tentaremos, sempre que possível, fazer o contraponto entre a configuração social atual e o que foi contado daqueles tempos. Para tal fim, faremos o esforço de combinar a análise sincrônica, do momento atual, e da experiência em campo, com uma análise diacrônica de eventos e momentos históricos que foram suscitados através das histórias de vida e de família. Usaremos também etnografias realizadas na aldeia e nos arredores nas décadas de 1970 e 1980⁷. Como afirma Pietrafesa de Godoi:

trabalhar-se-á na interseção de duas abordagens: a diacrônica, procedendo a um estudo em profundidade histórica, através da memória social, de documentos cartoriais e historiográficos; e a sincrônica, com o estudo em profundidade do tempo presente, através do registro etnográfico das práticas e concepções camponesas (1999:28)

A importância social das transformações sócio-territoriais, dos usos e desusos das terras de Tourém foram tão presentes nas narrativas e nos discursos dos moradores da aldeia, e essa importância será tratada nesta dissertação. Foi então que, depois da leitura dos textos de João de Pina Cabral acerca das histórias de família, que nos aventuramos em usar essa metodologia de pesquisa. Desta forma nos convenceram os autores:

(...) tornamos visíveis as transformações ocorridas entre as gerações. A comparação dos materiais empíricos provenientes de diversas histórias de família permite-nos uma compreensão densa de contextos sociais a que não poderíamos aceder de outra forma. Assim, sob o pretexto de elaborar a história de família, o antropólogo tem a possibilidade de fazer uma verdadeira incursão etnográfica ao universo relacional, referencial e existencial dos numerosos sujeitos envolvidos

6 João de Pina Cabral (1987) aborda as diferentes noções de tempo que as pessoas mais idosas usavam em suas narrativas. Assim o autor encontra o *antes* e o *antigamente*, como palavras que evocam temporalidades que se contrapõem ao hoje ou atualidade. Também evocam diferentes valores, significados e configurações sociais.

7 Bordalo Lema (1978); Viegas Guerreiro (1982); Polanah (1985, 1989, 1993); Lourenço Fontes (1974).

nos relatos egocentrados. (Pina Cabral, 2005:365)

Foi em parte graças a essa “dica” que decidimos trabalhar com histórias de família. Como o trabalho de campo foi na aldeia de Tourém, com as pessoas que se encontravam na aldeia na mesma época em que estava ali também, a forma de elaboração das histórias de família foi, em primeiro lugar, conhecendo as pessoas e relacionando-me com elas. Nesses encontros conhecia alguns detalhes das vidas das pessoas, passagens que depois eram ampliadas longitudinalmente no sentido da profundidade temporal e lateralmente, genealogicamente falando, o que proporcionava a possibilidade de ir aprofundando nas histórias particulares de vida, de família e na configuração social da aldeia.

Da mesma forma como afirma Adriana Piscitelli (1993) entendemos que também usamos as histórias de vida como metodologia de pesquisa. A autora afirma que a riqueza das histórias de vida,

(...) reside em outorgar um lugar de privilégio à experiência vivida, em sentido longitudinal, e em possibilitar a integração de percepções individuais e pautas universais de relações humanas, através de articulações temporais. Neste sentido, o trabalho sobre as experiências dos sujeitos é fundamental para a compreensão dos atores a partir de seus próprios pontos de vista e para a compreensão de processos sociais mais amplos que os indivíduos (1993:153).

Com isso, acreditamos que tanto as histórias de vida quanto as histórias de família nos permitiram ao longo de nosso trabalho de campo conhecer mais acerca dos processos sociais, assim como das percepções individuais das transformações, mudanças e persistências.

A questão é que só conseguimos abordar as histórias de vida depois de termos confiança e uma relação estabelecida. Esse passo foi tardio, pois, sobretudo no primeiro trabalho de campo houve uma reticência muito grande por parte da população local, que no primeiro mês e meio, se mostrou distante e, só depois de um segundo momento no campo é que se mostraram hospitaleiros comigo. O acesso às pessoas era intermitente. As conversas se davam, normalmente, em espaços de sociabilidade dos moradores como, por exemplo, nos cafés onde as pessoas se encontram para tomar um café, beber um vinho, jogar um carteadado, atualizar informações da aldeia, saber se veio o padeiro, se alguém está doente ou

que dia vem o veterinário. Foram nesses espaços que comecei a ganhar a confiança dos interlocutores. Com o passar dos dias era mais consciente das mudanças da minha posição na aldeia, as pessoas passavam a conversar comigo, se interessar mais. De repente percebi como deixaram de falar de mim e passaram a falar comigo. Isso aconteceu em grande medida pelo passar do tempo na aldeia e por um evento com um morador.

Zé da Benta – aposentado que mora na aldeia – me convidou para ver como sua esposa e a mãe de Fernando, seu genro, estavam enchendo *chouriças*, a conversa e as observações que lá eu fiz desenterraram a curiosidade deles. Sabendo que eu estava fazendo um trabalho de antropologia, aquela disciplina de repente fez sentido. *Izabel, antropologia não é o que o Humberto fazia?* Perguntou Zé da Benta. *Sim* disse ela, agregando que Humberto queria saber das *coisas de antes*, de como as pessoas viviam e que sempre queria conversar com os velhos. O ponto de inflexão de nosso primeiro trabalho de campo foi esse. A antropologia⁸ fazia sentido incorporada através da figura de Humberto Martins⁹ – antropólogo que morou na aldeia e fez o seu trabalho de campo em Tourém no início dos anos 2000 – que emerge da memória das pessoas que subitamente começaram a conversar comigo. Chegavam até mim e me *contavam histórias*¹⁰ das de antes, como viviam e o que faziam, como era a aldeia e como se relacionavam, como mudou e o que se mantém. Infelizmente, estávamos em finais de fevereiro e após o carnaval, voltei para o Brasil, justo quando conseguira “abrir o campo”.

No verão de 2012 aconteceu uma série de eventos similares. Com uma salvaguarda, que eu era conhecido dos *lavradores e aposentados*, mas, não dos migrantes que de alguma forma chegam na aldeia no verão, as reticências voltaram, mas, os moradores estavam do meu lado, *você é dos nossos* comentou várias vezes Venâncio – agricultor aposentado e morador da aldeia – quando eu lhe comentava que não conseguia falar com grande parte dos migrantes. Os migrantes são considerados, em determinados momentos, os outros da aldeia, existindo, como veremos ao longo da dissertação, momentos e eventos concretos em

8 Disciplina que eu evocava quando me apresentava para as pessoas da aldeia

9 Antropólogo português que fez trabalho de campo na aldeia em 2002 e 2003, defendeu seu doutorado em Manchester com uma etnografia sobre o tempo na aldeia.

10 Com essa expressão é que eles se referiam às passagens e relatos que me contavam. Quando uma pessoa perguntava para outra o que eu fazia lá, eles se referiam da seguinte forma: *ele vem fazer um trabalho como o do Humberto* ou que estava lá para saber *coisas das de antes*.

que uns e outros se encontram. A questão é que da mesma forma como aconteceu no inverno, no verão de 2012 estabeleci uma relação também com os migrantes que se consolidou no ano 2013, em que também passei o verão na aldeia. Mas desta vez, cheguei antes, no mês de junho, em que os moradores da aldeia ainda estão *sozinhos*.

Uma outra reticência que encontrei na aldeia foi em relação às mulheres. Evitei, conscientemente, o contato direto com as mulheres. Percebi que a minha inserção em campo teria que ser oficialmente através dos homens, pois, a relação entre esposo e esposa é de posse. Assim se referem a seu esposo ou sua esposa: *o meu* ou *a minha*, respectivamente. Consegui perceber a tensão que poderia provocar uma conversa ou um contato com uma mulher de outro homem¹¹. Decidi acompanhar os homens nas suas atividades e, também, eram eles quem me convidavam para ir em suas casas comer.

Nas *ceνας*¹² das quais participei repetia-se o mesmo padrão. As suas mulheres estavam na cozinha fazendo comida. *Oh Maria pega lá o pão; saca chouriça; a caneca do vinho? e a comida?*. Essas eram algumas das expressões que ao longo do trabalho na aldeia escutava dos homens para as mulheres.

Por outro lado, foram nos espaços de sociabilidade, como o *café*¹³ que avancei no trabalho de campo e foi no café da Natália que encontrei um ponto de acesso para conversar com algumas mulheres. De manhã, os padeiros chegam na aldeia para distribuir o pão. Normalmente, se uma pessoa quer que o pão chegue na sua casa é só falar com o padeiro e ele depositará cada dia a quantidade de pão encomendada num lugar previamente acordado entre a pessoa e o padeiro, por exemplo em uma sacola pendurada na porta. Mas, há também quem prefira recolher o pão *na Natália*¹⁴. O *Café da Natália* é onde algumas mulheres se encontram diariamente, aproveitam para tomar um *cafezinho* e conversar um bocado. O café, entre as nove da manhã e as dez, é um espaço de sociabilidade, majoritariamente, feminino. É um espaço e um tempo feminino. Foi através daquele

11 Humberto Martins foi ameaçado por um homem no café de Tourém, após entrevistar a esposa deste na parte dos fundos do café. Ver Martins (2012)

12 Cena significa Jantar.

13 Café é o estabelecimento de sociabilidade da aldeia. Além de café, ai é servido cerveja, vinho, chá e refeições. Na aldeia de Tourém há dois cafés e vamos nos referir a eles com frequência. O Café Paris, é conhecido, como o Café da Natália e o Café dos Morgados, o Café do João e da Manuela.

14 Natália é moradora da aldeia e gerencia um dos cafés da aldeia, o Café Paris. Esse nome é menção à cidade, onde seus pais viveram quase quarenta anos como migrantes.

momento pontual que passei a ter um contato maior com as *donas da casa*. Sempre me reservei e tentei evitar conversas com as mulheres fora daquele espaço, nunca fui à casa de nenhum morador da aldeia, nos horários que sabia que a *sua mulher* estaria sozinha. Dessa forma, mesmo o café sendo um espaço, principalmente, masculino, tinha a hora feminina e ali aproveitamos para conversar e saber mais da vida delas. Nos jantares aos que era convidado também tentava conversar com elas sempre diante de seus maridos. É por isso que em nossa análise, o olhar feminino é muito pouco referido, este é um trabalho feito, principalmente, com os homens da aldeia.

Vale enfatizar que decidi trabalhar com as pessoas mais idosas da aldeia, me aproximando de cada história de vida e elaborando histórias de família na tentativa de compreender as dinâmicas de movimentação espacial da população, sua vinculação com a aldeia e as mudanças de suas relações.

1.2 O trabalho no campo

Ao longo do trabalho de campo fui realizando um diário de campo minucioso e detalhado. Tive vários cadernos e de diferentes tamanhos. Neles eu ia anotando algumas referências que posteriormente ampliava num outro caderno e no computador com o fim de ter dois registros dos diferentes períodos de campo. O diário foi elaborado por dias e, posteriormente, por pessoas e temas. O caderno passou a ser um elemento social. As pessoas se acostumaram logo com o meu caderno, sabiam que eu ao conversar com eles, iria abrir o caderno e tomar alguma nota. Inclusive, me foi requisitado várias vezes, para tomar nota. Quero expor aqui um momento que senti como representativo da atividade e de como os moradores da aldeia percebem meu trabalho e meus cadernos.

Como apontaremos de diversas formas em diferentes momentos ao longo da dissertação, o ano 2013 foi um ano de eleição em Portugal. Cada município e cada junta de freguesia, chamadas também *autarquias*, teve eleição para presidente e representantes. Em Tourém, como em todo universo social há divergências políticas e, essas divergências resultaram em duas candidaturas distintas para a junta de freguesia. A candidatura do Partido Socialista (PS), que vinha de 16 anos de gestão de Paulo Barroso na aldeia e pela

impossibilidade de se recandidatar, foi do trabalhador florestal e agricultor, Jaime Barroso, que encabeçou a lista do PS. O continuísmo que Jaime apresentou foi explícito. A segunda frase depois de ter se apresentado como candidato foi a seguinte: *Com uma lista multifacetada assegura continuar a pôr em prática ações que, à semelhança do bom trabalho desenvolvido anteriormente, perpetuem o bom nome e rumo da freguesia* (grifo nosso)¹⁵. Pelo outro lado, pelo Partido Social Democrata (PSD) se candidatou José Alves, lavrador e vizinho da aldeia. O PSD conformou uma lista de oposição e cujo lema era *Seremos um de vós na junta de freguesia*, apelando dentro do seu programa para melhorar a comunicação com o povo propondo uma assembleia a cada três meses.

Foi nesse momento sociopolítico da aldeia que realizei o trabalho de campo de 2013. Após o dia 29 de julho quando encerraram as inscrições das listas para as candidaturas, fui à *Feira do Prêmio*¹⁶ com Venâncio e sua esposa. Período importante e necessário para fazer o cálculo dos votos de cada candidato. Na ocasião Venâncio se lembrou de meu caderno de campo. Ele me disse: *Tu tens aí o teu caderno não tes?*; tenho, respondi. *Então saca aí que vamos saber agora quem é que vai ganhar as eleições. A feira do prêmio* acontece na segunda quinta-feira do mês de agosto, com isso, a finalização e publicação das listas oficiais estavam recentes. Venâncio disse que no dia anterior estava regando uma terra de milho que eles têm e estava fazendo as contas dos votos de cada candidatura, *mas a minha memória não está muito boa*.

Ele começou a fazer a contagem dos votos. Venâncio tem o mapa da aldeia na cabeça e iniciou por uma ponta da aldeia, pelo bairro das Lajes, depois seguiu pela rua Direita, mencionava casa por casa, enunciando quem votava daquela casa-familiar¹⁷ e o candidato.

Antes de seguir, é importante dizer que “casa”, como conceito, será um dos eixos condutores da dissertação. Esse termo usado de forma recorrente nas diferentes narrativas

15 Programa do Partido Socialista exposto em uma rede social.

16 Evento que será abordado ao longo da dissertação, no capítulo quarto e quinto.

17 Quando foi falar da sua casa ele disse: *Os Venâncios somos, oito votos*. Ou seja, naquele momento ele evocou a sua casa num sentido ampliado. Nessa casa-familiar ele estava incluindo as casas unifamiliares independentes de seus filhos, Sérgio e Venâncio, como se correspondessem à casa dele, ou seja, ele estava se colocando como chefe da casa-familiar. Isso implicava na mobilização de todas as pessoas ligadas com a casa dele, filhos e netos, explicitamente.

recolhidas na aldeia é, ao mesmo tempo, um conceito e um instrumento teórico da antropologia. Portanto, tentaremos nessa dissertação elaborar uma análise dos usos que fazem desse termo.

Nesse caso, quando Venâncio falava de casa, ele se referia num primeiro momento à casa física, construída, para num segundo momento, evocar o que chamaremos de casa-familiar, ou seja, a casa de origem daquelas pessoas, a família a que pertencem, a uma parentela. Era o caráter familiar um dos aspectos que deixaram treze pessoas como duvidosas na lista de Venâncio, pois, ele não era capaz de saber a postura política dessas pessoas. Ao terminar as contas dos votos, me pediu que lhe desse os dados anotados. Segundo ele, ganhava o PS com uma diferença grande, resultado que de fato se deu nas eleições de setembro de 2013.

Venâncio consternado com o fato de ter deixado treze pessoas sem uma definição clara continuou tentando averiguar as preferências daquelas pessoas. Nos dias seguintes, quando encontrava Venâncio, algumas das vezes, sobretudo, se estava no café, ele se aproximava de forma discreta e perguntava se ainda tinha as notas, eu lhe dizia que sim. Então, ele me pedia que lhe *refrescasse os duvidosos* para ver se ele tinha conseguido marcar aquela pessoa numa candidatura, caso acontecesse, me fazia saber e marcar no caderno. Dias antes de eu sair do campo, recontamos os votos e a minha surpresa foi que após a eleição ele só tinha errado dois votos a menos para o candidato vencedor e tinha acertado o número de votos dos que saíram perdedores. Os prognósticos de Venâncio demonstram que o conhecimento e a experiência nesse tipo de eleições são de grande valia. Venâncio foi, várias vezes, parte da direção da junta de freguesia nos anos de 1980 e sabe perfeitamente que as famílias se articulam e se mobilizam para a eleição dos seus candidatos.

Com esta breve exposição, é possível mostrar como que o caderno estava presente ao longo do trabalho de campo e como tal ele era parte fundamental da minha presença na aldeia.

A câmera fotográfica também era um elemento comum de trabalho na aldeia. Humberto Martins fez ao longo do seu doutorado um documentário na aldeia. Ele começou experimentando com pequenos filmes e depois decidiu produzir um documentário chamado

“Making Time”¹⁸. Neste verão me surpreendi quando Berto (morador da aldeia e agricultor) me perguntou que se eu não queria gravar no dia do *conselho*. Como Humberto já tinha feito aquelas gravações, era comum ele andar pela aldeia com sua câmera e gravar eventos cotidianos. Portanto, a câmera fotográfica não causava aos moradores da aldeia que tiveram a oportunidade de conviver com Humberto, um grande impacto. O mesmo não acontecia com outras pessoas que não se relacionaram com o antropólogo português, estas estranhavam o fato de tirar fotos. É bom dizer que sempre solicitava autorização das pessoas antes de tirar foto delas. Todas as fotografias que são apresentadas nesta dissertação, como já figura na lista de fotografias, são autorais, é dizer foram feitas por mim ao longo do meu trabalho de campo.

Os dias na aldeia decorriam de formas diferentes, mas pensando em um padrão, ou melhor, em uma rotina de campo os dias eram assim: acordava de manhã cedo e no café da Natália conversava com a proprietária, que estava sempre informada dos últimos acontecimentos. Este verão foi um período triste na aldeia, coincidiu um período em que estavam muitos idosos doentes. Três pessoas faleceram ao longo do verão de 2013, com isso, as primeiras conversas no café sempre eram para conhecer o último avanço do estado de saúde dos doentes. Depois chegava a hora das mulheres no café. Na sequência, saía para caminhar e percorrer a aldeia e nesses transcurtos sempre encontrava alguém com quem sentar e conversar um pouco. Vários são os lugares onde os idosos se reúnem para conversar, no entanto, o café antes e depois das refeições era local preferencial. Com eles compartilhei muitas manhãs ao sol e se fizesse muito calor íamos para uma sombra. Quando encontrava com os agricultores, os acompanhava em suas atividades. As tardes, para eles, começavam também no café e, de lá partiam para continuar com o trabalho. Os dias se passavam e a partir desses encontros, aparentemente, furtivos, escolhia diferentes atividades para acompanhar. No verão, os agricultores possuem uma carga de trabalho muito grande, por isso, as primeiras vezes, solicitava permissão para acompanhá-los. Sérgio, por exemplo, foi uma pessoa que neste mês de agosto chegou a me perguntar se eu poderia ir ajudar a *enfardar* um *lameiro*. Com essa prática de acompanhar os agricultores, passei a ser considerado como um membro a mais, passando a ser convocado para trabalhar

18 O autor me entregou uma cópia.

com eles.

O que tentei fazer ao longo do trabalho de campo foi compartilhar tempo com todos os grupos sociais, *lavradores*, *aposentados* e *migrantes*. Cada grupo tem seus tempos e atividades. Depois que consegui mapear essas dinâmicas, fluía por elas tentando acompanhar o dia a dia na e da aldeia.

Esta dissertação está composta por uma introdução, cinco capítulos e uma conclusão. Com a introdução queremos situar ao leitor em nossa pesquisa e transcurso. Assim na primeira parte deste item, o lido até o momento, se corresponde com a intenção de situar ao leitor no que seriam elementos do nossa trajetória acadêmica: o projeto inicial, a pesquisa e a dissertação. A segunda parte da introdução, já na aldeia, pretende situar ao leitor em nosso contexto de pesquisa, na aldeia.

No primeiro capítulo queremos incorporar ao leitor na configuração físico-social da aldeia. Para tal fim, descrevemos a localização, o clima, e a estrutura arquitetônica da aldeia e dos elementos que a compõem. Num segundo movimento interno do capítulo, trabalhamos os grupos sociais, as atividades das pessoas que moram na aldeia e os usos que se fazem do termo terra assim como uma pequena aproximação teórica sobre território.

Como já falamos nesta introdução, a terra será um de nossos eixos e, mais concretamente, os usos e desusos das terras de Tourém. Para tal fim, mostramos no segundo capítulo “A minha terra” como é que a aldeia se conforma em um referencial para as pessoas que são da *terra*, porém, passam apenas uma pequena temporada nela. Trabalharemos os discursos que eles evocam na aldeia e como referenciam através de certas categorias a sua pertença à aldeia, através da linguagem do parentesco e dos tempos e presenças passadas. No final desse capítulo começamos a abordar elementos das transformações sócio-territoriais da aldeia analisando as mudanças nas ligações com a aldeia, as trajetórias de vida de algumas pessoas e os tempos que passam na aldeia.

A terra é, portanto, elevada à categoria analítica em nossa dissertação. Após mostrarmos os usos que as pessoas, que não moram na aldeia, fazem dela, é hora de mostrarmos no capítulo terceiro, as diferenças internas das terras de Tourém. Tentamos situar o leitor na configuração territorial das terras da aldeia, nos diferentes regimes de propriedade, de uso, nos nomes e nos seus condicionantes. Como no anterior capítulo,

mostraremos através dos tempos e dos cultivos algumas das transformações nos usos e desusos das terras que nos levam para momentos e tempos específicos e conformadores da atual realidade social da aldeia.

A terra é um elemento central na vida das pessoas da aldeia, mas, a atividade econômica principal é a criação de gado, objeto do capítulo quarto desta dissertação, dele dependem os tempos e as atividades dos agricultores. Através do gado, podemos aceder às grandes transformações sociais, como são, por exemplo, as políticas da união europeia específicas para a agricultura. Também abordaremos o momento atual em que vivem essas aldeias rurais. Assim através da reificação do *boi do povo* e da *festa do prêmio*, por exemplo, temos acesso a outras mudanças que afetam diretamente a vida daquelas pessoas, principalmente, no verão.

São os meses de verão, de 21 de junho a 21 de setembro, os que maior carga de trabalho concentra para os agricultores. E é o mês de agosto o que congrega maior número de pessoas na aldeia. Os migrantes retornam para a sua terra para passar as suas férias. É esse tempo, agosto, e esse espaço, a aldeia, que analisamos no capítulo quinto desta dissertação, inspirados na análise situacional de Max Gluckman. Tentamos fazer o exercício de fluir pelos diferentes acontecimentos que a aldeia alberga no mês de agosto para mostrarmos os territórios conformados pelos diferentes grupos sociais em suas diferentes atividades. Assim como as tensões locais estruturantes da configuração social local.

Na conclusão recuperamos alguns dos eixos norteadores desta dissertação e tentamos de uma forma resumida colocar o que entendemos como transformações sociais e transformações territoriais da aldeia.

Fizemos algumas escolhas que aparecem destacadas ao longo da dissertação e acreditamos que seja importante esclarecer. Como primeiro ponto que seja importante destacar é o uso que fazemos da primeira pessoa do plural para nossas argumentações. Acredito que a pesquisa de campo é uma parte importante de nosso trabalho, mas não é único. A escrita em primeira pessoa do plural é para mostrar o quanto a dissertação é um produto coletivo, meu e de todas as pessoas com as que, através de conversas, discussões, debates, comentários e questionamentos, vieram acompanhando e complexificando o trabalho aqui exposto. Já os relatos que faço do meu trabalho de campo são conjugados em

primeira pessoa do singular, pois esse sim que é um trabalho pessoal.

Outra opção que fizemos na hora da escrita, foi a de usar uma diferenciação gráfica entre os dados obtidos no trabalho de campo e os usos que fazemos dos autores teóricos. Assim, fragmentos de entrevistas, depoimentos ou falas vêm destacadas no texto em itálico. Se a citação for menor de três linhas estará incorporada no corpo do texto. Caso a sentença seja maior do que isso aparecerá como uma citação, com um recuo de 4,0 cm em relação com a margem esquerda. Os mesmos padrões foram usados para citações de autores teóricos, mas neste caso, esses recursos estão destacados por aspas no corpo do texto, caso sejam menores de três linhas, e com um recuo de 4,0 cm caso a citação seja maior do que isso.

2 Já na aldeia

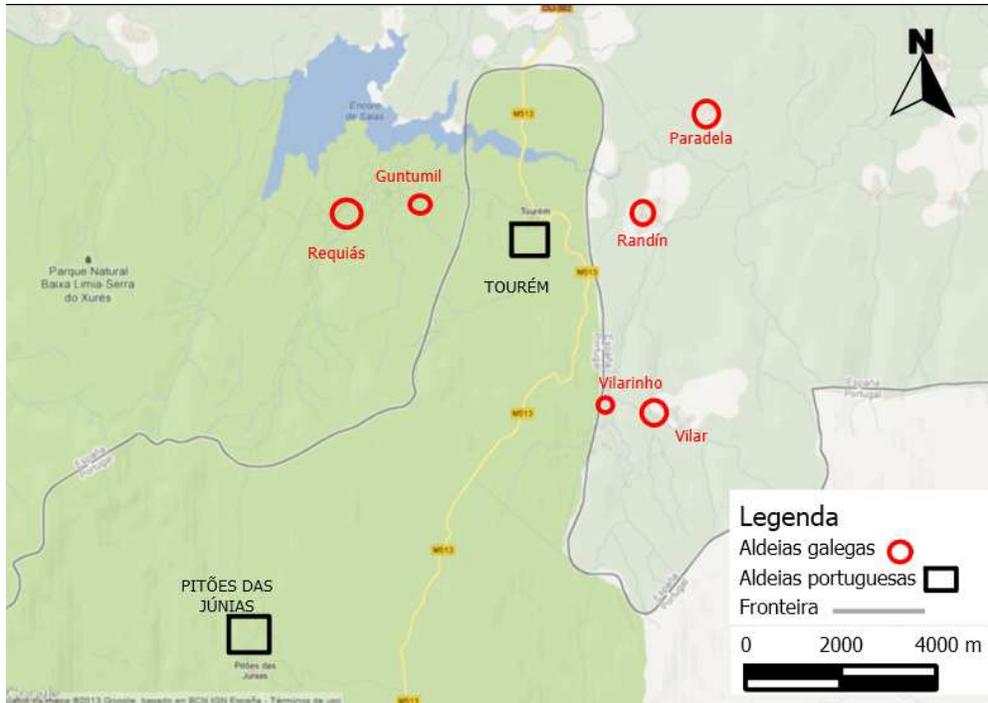
Tourém é uma aldeia rural portuguesa localizada na zona fronteira do Norte de Portugal com o Estado espanhol, mais concretamente com a Comunidade Autónoma de Galícia. Geopoliticamente, aquela região poderia ser definida como: a província portuguesa de Trás os Montes, Alto Barroso, Município de Montalegre, ao Oeste do Parque Nacional Peneda-Gerês. Se a referência é o lado galego, definiríamos a localização como sul da Galícia, província de Ourense, comarca da Limia. Tourém é a única aldeia portuguesa banhada pelo rio Salas, ao Norte da Serra da Mourela e está localizada, literalmente, atrás dos montes. A localização da aldeia foi definida pelos entrevistados ao longo do segundo trabalho de campo de múltiplas formas. Assim, mostramos a seguir, uma pequena recopilação que fizemos do diário de campo: *uma língua de terra portuguesa incrustada na Galícia* (Jaime – janeiro de 2012); *um pedaço de Portugal rodeado de terras galegas* (Domingos da Ponteira – janeiro de 2012) ou *a primeira aldeia portuguesa* (Paulo – janeiro de 2012). Fato é que Tourém formaria um istmo português rodeado de aldeias galegas: ao leste está Randin, a aldeia galega mais próxima, ao oeste estariam Guntumil e Requiás, ao norte Calvos de Randín, e ao sul, Pitões das Júnias, aldeia portuguesa mais próxima. Para chegarmos a Pitões é preciso sobrepormos a serra, esse trajeto é de cinco quilômetros e nos leva desde os 870 metros de altitude de Tourém aos 1395 do Alto da Mourela.

Tourém e o Município de Montalegre estão situados politicamente na província de Trás-os-Montes e Alto Douro. Ao mesmo tempo, Tourém pertence a uma subdivisão política chamada de Barroso, que corresponde aos municípios de Boticas e Montalegre; Boticas corresponde ao Baixo Barroso e Montalegre, ao Alto Barroso.

Com a intenção de ainda continuar localizando Tourém, julgamos importante dizer ainda que a aldeia está localizada na bacia do Rio Salas, a sua exposição é norte e ela está situada a uma altitude média de 870 metros acima do nível do mar. Podemos dizer que a aldeia está localizada em uma planície. A leste da aldeia está o Ribeiro, um pequeno riacho que os moradores utilizam para regar grande parte das terras cultiváveis. Ao norte da aldeia está a bacia do Rio Salas e toda a parte sul dá para a serra da Mourela.



Mapa 1: Tourém na Península Ibérica (Fonte:Google Maps. Elaboração do autor)



Mapa 2: Tourém e as aldeias vizinhas (Fonte: Google Maps. Elaboração do autor)

2.1 Terra fria e terra quente

Em relação ao clima, Trás-os-Montes é dividido em duas terras¹⁹, a terra quente e a terra fria. Na primeira predominam mais as influências mediterrânicas, e na fria em que as condições atlânticas se impõem. Tourém pertence ao mesmo tempo, a uma subdivisão política chamada de Barroso, que engloba os municípios de Boticas e Montalegre; mas ao mesmo tempo há dentro do Barroso outra subdivisão, Boticas corresponde ao Baixo Barroso e Montalegre, o Alto Barroso. Em Tourém, assim como no conjunto do Alto Barroso, há um ditado popular estendido que defina as características climáticas da zona, teríamos: *nove meses de inverno e três de inferno*. Ainda que da mesma forma como acontece em outros lugares os moradores da aldeia gostam de pontuar: *antes fazia bem mais frio, quando nevava bem, a aldeia ficava ilhada*. Como diz Baptista (2006;51) de uma

19 Ao longo do texto, a palavra terra irá apresentar múltiplas conotações e significados. Apontamos desde já que ela será um dos eixos desta dissertação.

forma bastante genérica “O clima de Barroso é de tipo continental – rigoroso mas não excessivo, com índices pluviométricos altos, bastante frio no inverno e calor demasiado no verão”. Nos meses de janeiro e fevereiro de 2012, ao longo do dia se alcançavam temperaturas mínimas próximas dos dois graus Celsius negativos; as noites podiam chegar a 8° C negativos e, inclusive, em fevereiro teve alguma com 10° C negativos. Durante o mês de agosto, a máxima temperatura foi de 40 graus Celsius. Na primavera e no outono a chuva está mais presente que nas outras estações. Normalmente, o frio e as geadas estão presentes desde o mês de outubro até abril.

A serra da Mourela é uma referência geográfica e simbólica muito forte, os moradores têm muito respeito por ela e a consideram a protetora da aldeia. A maioria das pessoas já caminhou por ela a noite, com neve, frio e chuva. Ela deu abrigo aos fugidos da guerra civil espanhola e sempre foi suporte de suas atividades econômicas e fonte de bens e recursos necessários. Só encontramos nas narrativas recolhidas no *locus* de pesquisa referência à vinda de “ventos malos” da Galiza: *da Galiza nem bo vento nem bo casamento*, diz o ditado muito citado em Tourém. Dessa forma, o que se diz em Portugal, é que apenas os ventos do sul, que ultrapassaram a serra da Mourela, seriam os bons.

A aldeia é um núcleo coeso de casas de granito, muros de pedras colocadas algoritmicamente para que não caiam e ruas, também, de pedra. Já o mosaico de ambientes que podemos perceber ao redor da aldeia é variado, há uma grande pegada da marca das ações do homem, ligada a incêndios florestais, criação de pastos e, principalmente, desmatamento.



Fotografia 1: Núcleo habitacional de Tourém e atrás a serra. Fotografia tomada desde a Veiga

2.2 A estrada e a barragem: marcadores do tempo

A estrada M-513 que liga Tourém a Montalegre atravessando a serra da Mourela foi construída na década de 1970. Até esse momento, as pessoas acediam ao município, que se encontra a trinta quilômetros de distância, através de uma rede de caminhos que também atravessavam a serra. A abertura da estrada e o posterior asfaltamento foi uma das obras de maior importância, pois, comunicou a aldeia com a vila. Ainda hoje Tourém e Pitões são consideradas no município terras distantes, recaindo nos vizinhos uma fama de pessoas embrutecidas.

Descendo em direção a Tourém por essa estrada pode-se observar fontes, água escorrendo naturalmente, pedras graníticas de grande porte, pastos naturais e mato baixo. Esse estrato arbustivo está formado principalmente por espécies de família *Ericaceae*. Assim a estrada vai percorrendo por esse ecossistema de montanha e conforme se vai descendo em direção à aldeia, as manchas de florestas jovens vão aparecendo, sobretudo nos pequenos vales que recolhem as águas da serra. As árvores que podem ser observadas nesse ecossistema são do Bosque Atlântico Lauri-silva. Com árvores que pertencem a família *Fagaceae*, as espécies predominantes são *Quercus pyrenaica* e encontra-se também alguns poucos exemplares de *Quercus petraea* e *Quercus robur*. Aparecem também exemplares de louro e de alguma variedade de pinheiro. Quando se começam a vislumbrar essas matas aparecem no fundo os *lameiros*, lotes de terra particular, perfeitamente cercados com os muros de pedras, cujo uso principal é o fornecimento de forragem para as vacas. Assim continua-se até aproximadamente um quilômetro antes da aldeia quando aparecem alguns *nabais* ou *terras*. Essas propriedades particulares também estão, claramente, delimitadas por muros, cercas e pelos próprios cultivos como milho, batata, centeio e trigo. Estes podem ser observados em função da época do ano. Já encarando a aldeia e antes de atravessar a ponte de um pequeno riacho conhecido com o nome de Ribeiro, tem-se acesso visual às hortas que rodeiam o núcleo habitacional.

Ao atravessar a aldeia pela rua direita, no outro extremo dela – como podemos observar no mapa 2 – entre o quadrado preto que delimita o núcleo habitacional e a fronteira ao norte da aldeia – está situada a bacia do Rio Salas. No Salas foi construída uma barragem na década de 1960 e decorrente dessa obra, as terras mais produtivas da aldeia estão hoje sob domínio do empreendimento. A partir da década de 1970 foi construída uma ponte de concreto sobre a barragem. Se esta estiver cheia, a única forma de aceder às terras da *Veiga* – nome dado para as terras daquele lado da aldeia – é através dessa ponte. Na *Veiga* encontra-se um regime de propriedade da terra misto, isto é, tanto há terrenos baldios, que pertencem à comunidade como lotes que são particulares. Esses terrenos baldios estão regulados pela Lei nº 68/93, de 04 de Setembro de 1993 e hoje são propriedades comunitárias, indivisíveis, inalienáveis e sem possibilidades de embargos. A Junta de Compartes pode arrendar por períodos de vinte anos pedaços de baldio para usos

agrícolas ou florestais, situação atual da maioria dos armazéns que foram construídos em terreno baldio. Alguns lotes da veiga foram vendidos pela Junta de Freguesia aos vizinhos nos finais da década de 1950, antes dessa Lei entrar em vigor. A justificativa dessas vendas foi a construção de uma turbina para gerar energia elétrica para a comunidade. Tourém foi a primeira aldeia de Montalegre que teve energia elétrica, segundo afirmam os moradores mais velhos. Inclusive, dizem os que presenciaram a ligação da turbina – moços *naquele tempo* – que seus pais instigaram-nos para que no momento em que fosse ligada a turbina pela primeira vez corressem até a casa para ver quem chegava antes, se a luz ou eles correndo. Hoje riem dessas histórias, mas, me contaram que foi uma desilusão muito grande ver como de fato a luz foi mais veloz do que eles.

O descrito anteriormente como *serra* também está inclusa dentro desse regime de baldios. Na Veiga terras semeadas com diferentes cultivos como batatas, milho ou centeio, assim como também há partes de *baldio* e *lameiros*. É um terreno plano com boas condições para a plantação, inclusive, de cultivos de regadio. Se forem semeados na Veiga são coletados sem necessidade de irrigá-los. Todas essas propriedades, terras e usos serão descritos de forma mais minuciosa no capítulo 3.

2.3 Breves notas etnográficas da arquitetura de Tourém

Agora vamos fazer o caminho no sentido inverso ao item anterior, isto é, entrando pelo lado galego da aldeia, pois, consideramos importante descrever a aldeia antes de começar um primeiro exercício analítico.

Quando se entra em Tourém desde Calvos de Randín, é preciso atravessar a ponte construída, na década de 1960, sobre a barragem do rio Salas. Estou na rua da *Corredoura*, logo depois da ponte, se encontra à direita um poço de água de uns 8 metros de comprimento e um metro e meio de largura; a uns 30 metros dali está o Largo do Outeiro²⁰; justo antes do largo, à minha mão esquerda, encontramos uma pequena capela de pedra

20 O largo do Outeiro é o mais amplo e espaçoso da aldeia, o que implica dizer que é o lugar que alberga a maioria dos eventos mais importantes e que precisam de grande espaço como o cenário. Há outros largos na aldeia, mas, cada um deles tem as suas especificidades e suas atribuições que veremos mais adiante.

esculpida em cima de uma grande laje. Do lado esquerdo da porta da capela está inscrito em uma placa metálica o poema intitulado “Limite”, dedicado a Tourém pelo poeta português Miguel Torga²¹. Vou fazer essa descrição continuando com o meu percurso, isto é, entrando através da ponte referida acima.

A aldeia está situada geograficamente ao norte do rio Salas e, numa tentativa de definir um padrão de distribuição espacial da aldeia, poderíamos dizer que está composta de casas, largos, ruas e *eiras*.

A nossa casa integrava uma povoação aglomerada à roda dos lugares de culto e não longe de água, na linha dos hábitos ancestrais dos castrejos nossos antepassados. Aliás, o povoamento Barrosão é, maioritariamente, não só semelhante como está assente sobre os castros de há três mil anos. É significativo que a povoação se aglomere e concentre sobre o Outeiro, Oiteiro, Eiteiro, Iteiro, que tudo é um e significa o sítio do altarium, o altar. Muitas das actuais povoações nunca mudaram de sítio, nasceram junto do altar e lá continuam, bem integradas na paisagem. (Dias Baptista, 2006:59)

A aldeia forma um conjunto habitacional em que as casas estão pregadas umas nas outras, todas de granito e a maioria com dois andares. Os largos são os lugares para onde convergem as ruas e são formados por um espaço aberto, onde normalmente as pessoas mais idosas se reúnem para conversar. Já as ruas são as vias pelas quais se pode circular, especialmente em veículos motorizados. As ruas menores em que os carros não passam são conhecidas como *corredoiras*. Grande parte das casas tem a porta de acesso à vivenda²² no andar superior, estando conectada à rua por uma escada. O andar térreo sempre esteve reservado para os animais e os produtos da terra e o superior, para as pessoas. Na parte baixa se encontravam, normalmente, os estábulos das vacas, porcos e ovelhas, assim como outros departamentos, como o que se guardava, na escuridão, as batatas, alimento imprescindível. Essa configuração permitia o controle dos animais e também permitia aproveitar o calor desprendido por eles, ajudando no aquecimento da casa, sobretudo, no inverno. Essa estrutura ainda se mantém na atualidade, mas podemos observar diferenças devido ao deslocamento dos estábulos do gado bovino, à reconversão desses estábulos em

21 “Pátria até que os meus pés/se magoem no chão/até que o coração/bata descompassado./Até que eu não entenda/a voz livre do vento/e o silêncio tolhido/das penedias/até que a minha sede/não reconheça as fontes/até que seja outro/e para outros/o aceno ancestral dos horizontes”. Miguel Torga; Diário XVI, p. 29 (Cópia manuscrita da placa)

22 parte da casa onde ficam os cômodos (cozinha, banheiro e quartos).

estabelecimentos comerciais ou a reformas dos prédios que aproveitam o andar térreo para fazer uma cozinha grande e uma sala. Assim as casas foram descritas por Bordalo Lema:

Regra geral, as casas são de dois pisos, porque debaixo do mesmo tecto abrigam-se homens e animais, arrumam-se as alfaias e colheitas. A casa serve assim de habitação à família e de recolha à fazenda: em cima é o sobrado, em baixo a corte, separados pelas traves do soalho com buracos e frestas por onde se despejam para a corte os restos da cozinha e as imundícies da casa. (Bordalo Lema, 1978:97).

Os largos principais são: o largo do outeiro que fica na entrada da aldeia para quem vem de Calvos de Randín; o largo do forno, situado diante do forno do povo; o largo dos quintais e o largo da cruz. A rua principal da aldeia é chamada a rua *direita*²³, é uma espécie de eixo que atravessa a aldeia. Através dela temos acesso a todas as ruas secundárias da aldeia e também as diferentes saídas e entradas. Temos acesso a Calvos de Randín através da ponte da barragem, logo depois da capela anteriormente citada a rua direita se converte na Rua do Corredoura, e pelo outro extremo acaba se convertendo na estrada M-513, que vai até a vila²⁴ de Montalegre. Essa estrada é conhecida na aldeia como a *estrada da serra*. De um lado e do outro da Rua da Direita vão saindo ruazinhas menores que articulam o resto dos lugares da aldeia. Existe na aldeia outro elemento que poderíamos definir como intermediário aos largos e ruas, os *becos*.

Os becos são espaços de socialização mais estreitos do que as ruas, um canto sem saída. Normalmente, abrigam duas ou três casas, e por isso, são identificados a partir dos nomes dos que aí moram ou, ainda, quem fica nos becos são os *daquele beco*. Várias vezes fui surpreendido ao entrar no que achava ser uma rua e, ao final, não tinha saída. Era um

²³ Pina Cabral (1986) tem uma reflexão muito interessante acerca da “rúa da direita”, que encontra tanto em Paço quanto em Couto. A noção de direita está ligada com a de direito, e baseando-se nesses dois conceitos, ele elabora toda uma base cartográfica das aldeias. Nessa cartografia, o centro é a igreja, e ao seu redor se organiza toda essa cartografia. Assim, a rua direita está à direita em relação à porta da igreja, sendo também objeto do trânsito da procissão de santo. Para mais informações veja Pina Cabral (1986) capítulo IV, Household and family.

²⁴ Pereiro nos define Vila para o caso galego como:

As vilas galegas son un elo entre o hábitat rural e as cidades que articula un territorio inmediato de varias parroquias mediante a consolidación de actividades comerciais, de servicios, e nalgúns casos industriais. É nas vilas donde se expresan metaforicamente a particularidade dos problemas globais plantexados, pero tamén donde as relacións entre os modos de vida urbanos, rurais e rurbanos se debaten e discuten cunha especificidade cotidiana (1997:2).

beco. Como precisava sair pela mesma entrada, me sentia intimidado, observado pelas janelas. Durante o verão, vi como eram preparadas as refeições nos becos, os moradores se juntavam à sombra e assavam umas sardinhas, por exemplo.

Além desses espaços, há as *eiras*, lugares abertos onde realizavam atividades que requeriam a ajuda de outras pessoas, como a *malhada do trigo e do centeio*. Essa atividade mobilizava um grande número de pessoas num espaço muito curto de tempo o que implicava uma necessidade de cooperação intervicinal (Polanah, 1989, 1985), interajuda (O'Neill, 1984) ou comunitarismo (Dias, 1981; 1984). A questão é que o *tempo* dessas atividades, como explicaremos mais adiante, depende do estado de maturidade do cultivo, por isso a necessidade imperiosa de intercambiar ajuda fosse essa inter-relação assalariada ou baseada em troca. Atualmente, as eiras ganharam outros sentidos, como lugar de guardar maquinária, por exemplo. Como veremos no capítulo sobre as terras de Tourém, hoje a malhada é realizada já com uma máquina específica.

Outro lugar é o pátio, espaço interno à casa que também se podiam realizar algumas atividades do estilo das malhadas. A existência de pátios no interior das casas é, ainda na atualidade, um marcador de status social importante.

Na aldeia existem outras subdivisões internas: Outeiro, Carvalho e Lajes. O Outeiro é toda a parte norte da aldeia; o Carvalho compreende a parte central até o forno do povo e, Lajes é a parte mais ao sul da aldeia.

Penso que por ora essa breve descrição basta para introduzir o leitor para a aldeia de Tourém, seus ares, seu entorno e sua arquitetura. Em seguida, façamos o exercício de adentrar na configuração social da aldeia.

CAPÍTULO 1 : CONFIGURAÇÃO SOCIAL DA ALDEIA

O conceito de configuração chama a atenção para a interdependência das pessoas. O que é que, na realidade, une as pessoas em configurações? Perguntas como estas não podem ser respondidas se começarmos por considerar todas as pessoas individuais em si mesmas, como se cada uma fosse um Homo clausus. (...) O comportamento de muitas pessoas separadas enreda-se de modo a forma estruturas entrelaçadas. (Elias, 2008:145)

1. Nós, os que moramos o ano todo



Fotografia 2: Da esquerda para a direita: Miguel, Domingos, Adriano e Zé da Benta

Segundo os dados publicados no ano de 2011 pelo Instituto Nacional de Estatística de Portugal, a população de Tourém é de 151 pessoas (9, de 0 a 14 anos; 17 de 15 a 24 anos; 62 de 25 a 64 anos e 63 maiores de 65 anos). Como pode ser observado na pirâmide populacional mostrada a seguir (Ilustração 1), sua forma é invertida, isto é, a maioria da população está compreendida nas categorias com maior idade e a população mais nova é

menos numerosa. Essa dinâmica demográfica não é novidade. Tanto Tourém quanto o restante das aldeias circunvizinhas têm uma população envelhecida. Em parte, por conta dos diferentes fluxos migratórios. Apoiando-nos nos dados estatísticos e em nossas percepções de campo, é fato que encontramos mais facilmente pessoas aposentadas do que jovens. Temos que matizar que os dados populacionais são similares aos do outro lado da fronteira. As aldeias vizinhas galegas têm os seguintes números: Randín: 36 pessoas; Vilar: 18; Vilariño: ND (Não Declarado); Guntumil: 45 e Requiás: 37. Temos que dizer que a estrutura física, a superfície e a aparência das aldeias não diferem muito das de Tourém, mas vemos como a diferença populacional é considerável. Não que essas aldeias sejam uma exceção, mas é facilmente constatável como do lado galego o “esvaziamento”²⁵ foi mais forte do que do lado português.

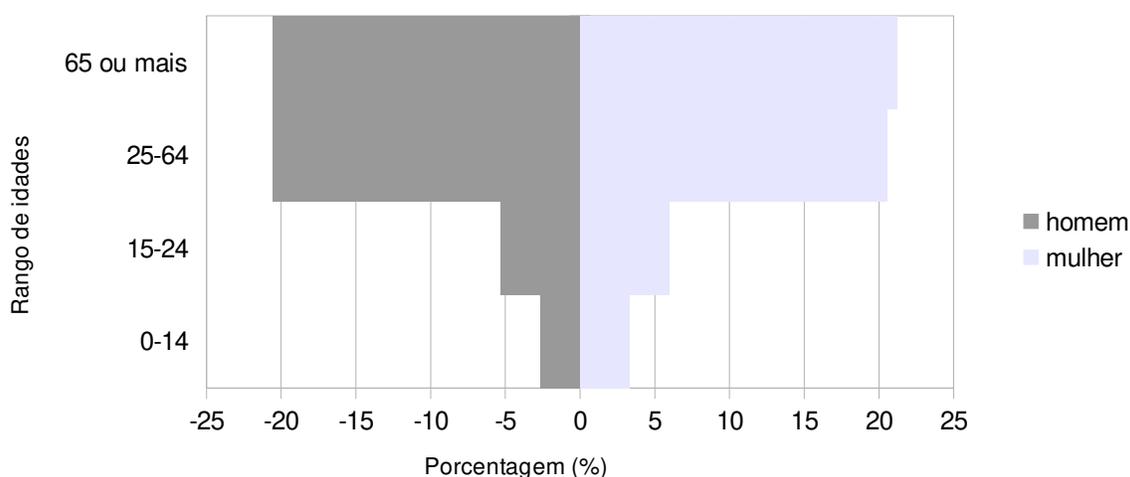


Ilustração 1: Pirâmide Populacional (Fonte: Instituto Nacional de Estatística. Censo 2011)

A maioria das pessoas que vive em Tourém tem uma ligação direta ou indireta com o gado. Se de um lado há poucas famílias na aldeia que vivem única e exclusivamente do gado, de outro, há poucas famílias que não têm ligação alguma com o gado. Adriano,

²⁵ Termo usado por Paula Godinho (2003).

agricultor²⁶ e morador da aldeia, foi assessor no censo de gado feito no ano de 2011, no Município de Montalegre, e, segundo os seus dados, habitariam no Município 12.506 pessoas (segundo o censo de 2011 são 10.537 pessoas), sendo 11.050 o número de cabeças de gado, o que segundo suas próprias palavras seria *mais que uma relação de 1:1 entre número de pessoas e número de gado*; seria Montalegre o Município que maior número de *explorações*²⁷ teria por número de habitantes de Trás-os-Montes. Os mesmos dados foram-me fornecidos em relação a Tourém, mas discriminando nome do proprietário da exploração de gado e número de cabeças. Mais adiante, apresentarei a tabela e abordarei mais profundamente essa questão. De forma resumida, para 151 habitantes, há, em Tourém, 320 cabeças de gado, divididas em 24 diferentes *explorações*. Além dessas explorações de gado, na atualidade a aldeia conta com dois estabelecimentos comerciais²⁸ (dedicados principalmente à venda de roupas, comida e bens de primeira necessidade), dois cafés (café-restaurante Paris e café-restaurante Os Morgados) e uma casa de turismo rural ou de habitação, a Casa dos Braganças. Os proprietários da Casa dos Braganças, Fernando e Elisa são também os gerentes das licenças de taxi de Tourém e de Pitões das Júnias. Tem entre sua frota de veículos um micro-ônibus que realiza tanto o transporte escolar dos estudantes da aldeia de Tourém quanto o traslado para Montalegre nos dias de feira²⁹ das pessoas da

²⁶ Usaremos ao longo de nossa dissertação agricultor e lavrador de forma alterna, pois ambas as categorias fazem referências às pessoas que trabalham a terra. Lavrador é ao mesmo tempo uma categoria sociológica e um conceito local, que se refere a pessoa que tem terras e gado. O'Neill em seu livro "Proprietários, Lavradores e Jornaleiras" (1984) explica de forma brilhante os usos dessas categorias. Os lavradores seriam portanto dentro da hierarquia social a segunda camada, so por baixo dos proprietários que seriam as casas que tinham muita disponibilidade de terras e portanto algumas delas estavam em regime de arrendamento. As jornaleiras eram as casas que não tinham terra, que prestavam serviços para os lavradores e proprietários. Para os lavradores em menor medida pois eles também eram dependentes das terras dos proprietários, e portanto o cálculo era frágil, resultante da equação entre os recursos ou os meios de produção (terra e animais) e a força de trabalho ou recursos.

²⁷ Exploração é o termo usado pelos vizinhos para nomear a sua criação de gado.

²⁸ No tempo que transcorreu entre os dois períodos de campo, faleceu dona Maria, *Mariazinha*, que regia um outro estabelecimento comercial da aldeia. Grande foi a ajuda que recebi dela, fica aqui registrado o meu agradecimento à sua disponibilidade e amabilidade.

²⁹ As feiras são ainda na atualidade eventos sociais importantes. Os dias de feira são marcados através do calendário social, sendo as de Montalegre, nas segunda e quarta terça-feira de cada mês. Os dias de feira, as pessoas de Tourém vão à vila. A vila se converte num grande espaço de sociabilidade. Da mesma forma como as pessoas de Tourém acodem, ás de outras aldeias também chegam na vila, são aproveitados esses dias para cortar o cabelo, ir na farmácia comprar os medicamentos, visitar os postos de venda e retirar dinheiro no banco, *levantar dinheiro*, no dizer local.

Nas feiras é vendida uma diversidade grande de produtos que vão desde roupas, facas até móveis e galinhas. Antigamente, era nas feiras onde se vendia o gado. Na atualidade o mercado de gado é realizado

aldeia que não possuem carro. A clientela das lojas da aldeia é variada. Segundo me indicaram, a maioria dos clientes das lojas são galegos, ainda que os vizinhos de Tourém também comprem grande parte dos produtos de uso diário como azeite, sal, arroz e gás nesses estabelecimentos. As pessoas que aparecem nos cafés são das proximidades, e o público que chega na aldeia para pernoitar na casa de turismo rural é, em sua maioria, português.

O comércio em Tourém não se reduz às lojas da aldeia. Todo dia vêm pela aldeia fazer seu *reparto*³⁰ dois padeiros galegos. Também passa na terça e na quinta-feira uma *minhota*³¹ vendendo fruta. O peixeiro português vem toda quarta-feira e o galego passa duas vezes por semana, quarta e sexta ou terça e sexta. A cada dois dias chega na aldeia o correio. Todos esses “visitantes frequentes” têm como características comuns: não serem naturais da aldeia, terem seus tempos marcados e chegarem buzinando com seus carros, sendo essa a forma como os vizinhos sabem quando chega o pão ou por onde vem o peixeiro. Mas esse trânsito transfronteiriço não foi sempre assim.

de forma mais privada à porta, mas, antigamente a feira permitia congregar vários compradores com o que a oportunidade de ganhar mais com os animais era grande.

30 Ato de entrega do pão que acontece diariamente. Os padeiros entregam em casa ou deixam no *café* (estabelecimento comercial) e as pessoas vão lá e pegam seu pão, isso depende do que cada casa tenha combinado com o padeiro. Caso uma pessoa deixe o pão encarregado no café, se quer mais pão ou não quer para aquele dia tem que avisar com antecedência se não eles deixam por a cada dia a mesma quantia por casa, em função do que eles têm combinado com o padeiro. A quantia de pão diária por casa é conhecida tanto pelo padeiro quanto pela Natália, despachante do café, por isso qualquer mudança deve ser avisada para que o pão não seja entregue como de costume.

31 Natural do Minho, província vizinha de Trás-os-Montes.

2.As vacas não entendem de fronteiras: Fronteira e Mobilidade



Fotografia 3: Marco fronteirço número 100 e vacas de Berto

Como Tourém é uma aldeia fronteira, a fronteira é em si mesmo um elemento central da vida social da aldeia. Quando falamos de fronteira estamos nos referindo a uma linha imaginária que delimitava de alguma forma o fim de um estado nação e o começo do outro. No entanto, para conceituarmos de forma mais precisa a implicação social dessa delimitação, aproximamos mais da expressão de Douglass e optamos por definir nosso contexto como *zona fronteira*:

(...) espaços de transição mais que a estrita delimitação de espaços nacionais distintos (...) as fronteiras não diferenciam meramente sistemas sociais, culturais, econômicos, e políticos, se não que mais bem determinam as zonas aonde tais sistemas se interpenetram mutuamente de modo especial (...) as zonas fronteiriças tendem a compartilhar interesses e formas culturais comuns que não somente transcendem a fronteira se não que diferencia a zona fronteira das mais amplas culturas nacionais presentes nos seus respectivos estados-nações (...) contatos de tipo regular e sustentado entre ambos os lados da fronteira levam a formação de laços familiares, amizades e outro tipo de acordos. (Douglass, 1994:45).

Podemos dizer que as pessoas de Tourém não entendem de fronteiras, mas também que as *vacas não entendem de fronteiras*. Essa frase foi repetida ao longo do trabalho de campo por várias pessoas. Tanto nos tempos de antes como na atualidade, os animais

atravessam a fronteira à procura de pastos, com donos ou sem donos, como vemos na fotografia 3, em que aparecem as vacas de Berto e o marco 100, as vacas tampouco entendem de fronteira.

Como já mencionamos linhas acima, há um trânsito de galegos, espanhóis e portugueses de outras regiões que chegam diariamente na aldeia, sejam eles padeiros, peixeiro, comerciantes ou turistas que movimentam os comércios.

Os galegos de outro lado da fronteira são importantes na vida social e econômica da aldeia. Essa fronteira dividida em Espanha de um lado e Portugal de outro, não existe na atualidade, alfandegariamente falando. Ela já existiu, mas, houve outro tempo em que não. Também é certo que até 1864, em que lhes foi imposta a fronteira, existia uma via autônoma, o *Camiño Privilexiado* que unia a aldeia com as aldeias do Couto Mixto. Portanto, a fronteira, também entra no ritmo do “vai e vem” com os usos e desusos das terras. Houve uma época em que não existiu, outra que foi mais controlada e em outra ainda em que a sua porosidade era maior.

A mobilidade das pessoas é um elemento também onipresente na história de Tourém desde pelo menos o século XII³², em que aparecem os primeiros vestígios do *Couto Mixto*³³ e, conseqüentemente, do *Camiño Privilexiado*.

Desde o século XII, a mobilidade de bens e pessoas é corrente. Assim testemunha o *Camiño Privilexiado* ou eventos de ordem política mais recente. Nos referimos às histórias dos fugidos da guerra civil espanhola (1936 – 1939) que se refugiaram em Tourém por ser uma aldeia portuguesa ou dos portugueses perseguidos pelo governo fascista português que, uma vez na aldeia, embarcavam rumo a França numa viagem organizada desde a aldeia. Estamos falando de mobilidade de pessoas e de bens através de uma fronteira³⁴ e isso tem um nome atual: contrabando. “El origen del contrabando en la frontera hispano-lusa se

32 García Mañá (2000)

33 O Couto Mixto era um território administrativo, político e judicial autônomo que englobava três aldeias galegas chamadas Santiago, Meaus e Rubiás. Essas aldeias tinham uma série de privilégios como escolha de nacionalidade, isenção de cargas fiscais para com o Estado Espanhol e/ou Português, e sobretudo direito ao *camiño privilexiado*. O *camiño privilexiado* era uma via que unia o *Couto Mixto* com a aldeia de Tourém e na qual era permitida a movimentação de pessoas e bens sem que as autoridades espanholas ou portuguesas pudessem se intrometer.

34 Valcuende del Rio chama a atenção para a existência de fronteiras – no plural – e não de uma única fronteira entre Espanha e Portugal (1999). Em grande parte devido às diferentes configurações geográficas, políticas e sociais que definem de forma profunda o uso ou prática dessa demarcação estatal.

remonta al momento mismo en que se conformaba dicha frontera”. (Medina García, 2001:81)

Essa atividade acompanhou os vizinhos da aldeia até 1995 quando, definitivamente, Portugal e Espanha aboliram suas fronteiras alfandegarias após o Tratado de Schengen³⁵. O contrabando é um elemento onipresente na história social da aldeia. Mostra disso é que um dos temas principais do polo do Ecomuseu³⁶ de Montalegre instalado em Tourém é o contrabando; o contrabando também é motivo de uma festa anual em que se recriam as condições pelas quais os passadores atravessavam a fronteira carregados com sacos de café; e hoje essa atividade é um dos ícones turísticos da aldeia que conta com uma trilha demarcada chamada de *trilha do contrabando*.

Embora não seja de nosso interesse, consideramos pertinente o comentário que se segue. O contrabando foi importante na aldeia de Tourém por sua localização geográfica, visto que é uma aldeia em que do outro lado de uma linha imaginária próxima, havia possibilidades de encontrar bens indispensáveis para a vida e mais baratos. Esse fato torna fácil entender porque esse “recurso” foi explorado. Assim, ao mesmo tempo em que ouvi relatos de pessoas passando café, colchões e gado, encontrei muitos outros relatos que incidem numa prática comum de um território mais largo do que o pretendido pelo Estado, isto é, além das fronteiras. Recolhi relatos de pessoas que, ao irem com as vacas para uma zona do outro lado da aldeia conhecida como a *veiga*, juntavam-se quatro ou cinco moços e iam à Espanha comprar uma garrafa de vinho porque, do lado espanhol, era mais barato. Isso também era considerado contrabando. Ouvei relatos de pessoas que, depois de terem trabalhado o dia todo, pegavam um saco com quarenta quilos de café e atravessavam a fronteira para ganhar uma *peseta*³⁷; de guardas fiscais que atravessavam a fronteira com mais carga que o resto dos vizinhos juntos; e de outros eram simplesmente subornados.

35 O Tratado de Schengen suprimiu as fronteiras alfandegarias internas da União Europeia permitindo o livre de trânsito interno de pessoas e bens.

36 É um museu situado na vila de Montalegre que tem vários polos repartidos nas freguesias do município. É um ator muito importante na dinamização e promoção da vida cultural da localidade. Os objetivos dessa instituição são resumidos da seguinte forma: promover a valorização do património cultural (arqueológico, rural construído, religioso e material), a valorização do património natural, assim como das práticas do mundo rural do Barroso. Estes objetivos específicos se encontram dentro de uma estratégia anunciada na página *web* (www.ecomuseu.org), como de desenvolvimento local integrado para a região do Barroso.

37 Moeda espanhola até a entrada do Euro.

Relatos de uma vida cotidiana marcada por esse elemento inerente. O Padre Fontes me alertou para prestar atenção às diferenças que existiam nos tipos e formas de contrabandear. Indagando um pouco mais, cheguei um dia à conversa que estava procurando. Quase por acaso, numa noite de agosto, depois de terem mostrado numa das sessões de cinema na praça um documentário em que quatro idosos da aldeia falavam, quase num tom humorístico, sobre contrabando, uma das pessoas que estava ao meu lado falou, com grande sentimento de indignação, que *aquilo era tudo uma palhaçada!*. De repente, começou a relatar momentos tristes e pouco retratados nas histórias de contrabando: injustiças acometidas por parte dos guardas, pessoas que enriqueceram explorando os demais e relações de poder e subordinação. Acabou a sua exposição nos brindando com uma definição: *isto aqui era contrabando de subsistência!*

Elemento presente ao longo de toda a fronteira, o contrabando, hoje, resulta em uma atividade objeto de orgulho de exibição, sem levar em conta que, se não for tratado com o devido cuidado, muitas das vezes, esse material, quase propagandístico, implica em ferimentos pessoais, danos morais e incômodos. O *contrabando de subsistência* se deu única e exclusivamente pela localização fronteira de Tourém. Só chamamos atenção para esse elemento porque sempre achamos que o contrabando e os materiais produzidos acerca dele resultam, de alguma forma, estereotipados e pouco plurais. Autores como Luis Cunha (2003) ou Valcuende del Rio (1999) vêm trabalhando e complexificando a existência de fronteiras e contrabandos, sempre no plural, devido em grande medida a homogeneização que estavam sofrendo esses dois termos dentro dos estudos da Península Ibérica.

3. Acompanhando a Vida das Pessoas e seus Trajetos : uma aproximação às Histórias de Vida e de Família

Corria a década de 1940 quando Adriano chegou na aldeia de Tourém vindo de Cambeses, a sua terra, ainda criança de seis anos. Trabalhou em várias casas como *criado*, casou na aldeia e já na década de 1960, com filhos decidiu ir ao *salto*³⁸ para a França³⁹. Já

38 Forma de entrar na França sem ter documentos, eles pulavam a fronteira.

se encontrava nos país transpirenaico o esposo da sua irmã, mas nunca conseguiu que ele o levasse junto. Por isso, foi preciso ir com outro senhor de uma aldeia vizinha. Quando chegou na França era o mês de setembro, começou a trabalhar e no verão voltou para tomar conta da *lavoura de casa*. Isso se repetiu ao longo de seis anos porque seus filhos eram pequenos e sua mulher, sozinha, não conseguia fazer todas as atividades próprias do verão. Adriano saiu sem ter formado uma casa⁴⁰. Depois de casados dormiam numa casa emprestada pelos pais de sua esposa. Com o dinheiro que ganhou nesse primeiro período na França, comprou uma casa, uns *lameiros* e *umas vaquitas*. Assim ficou durante 5 anos mais. Ia para a França durante uma parte do ano e voltava no verão para trabalhar na *ceifada do feno, malhada do centeio e colheita de batatas*. A casa, entendida como o ente social formado por família, propriedades e animais, aquela altura constituída por Adriano, era o elemento social que acolchoava⁴¹ essa saída. No momento da saída de Adriano, a casa dele, formada principalmente pela sua esposa e filhos, teve que assumir o ônus da carga de trabalho de sua ausência. A contrapartida desses difíceis primeiros momentos, em que a casa perdia a mão de obra ao longo do inverno, chegava com o dinheiro que Adriano começava a enviar fruto de seu trabalho na França. Toda a armação social que estava se constituindo desfaleceu quando sua esposa, depois do sexto ano de Adriano na França, decidiu abandonar a casa e os filhos, obrigando Adriano a voltar da França para criar seus filhos. *Caiu a casa de Adriano* é a expressão referida, ainda hoje na aldeia, ao falar da *fugida de sua esposa*. Hoje Adriano ainda é um lavrador, não mantém mais vacas, mas a vida dele continua ligada à terra.

39 Quando falamos de França como o lugar de destino da emigração, o fazemos de uma forma genérica pois assim aparece nas narrativas das pessoas da aldeia. Ainda assim podemos afirmar que os destinos preferenciais dos moradores de Tourém foram: Paris, Grenoble, Lyon e a região alpina francesa.

40 Não é simplesmente construir uma casa. O sentido que estamos usando de casa é muito mais no sentido de um lugar na comunidade, de ser considerado um vizinho, elementos que não se conseguem na comunidade com uma simples construção. Uma discussão semelhante a essa aparece em Pina Cabral (1986) e em Pietrafesa de Godoi (1999). No caso estudado pela Professora Emília Pietrafesa de Godoi, o passo definitivo de entrada na comunidade é um ritual de passagem em que o estranho é afinizado, vira compadre, passando a conformar parte da grande família. Neste caso Adriano leva a vida toda morando em Tourém, mas, dependendo do contexto da conversa ele é desacreditado por não ser um filho da terra. Veremos mais adiante esse caso de forma mais detida.

41 Estamos pensando acerca desse termo, pois aparentemente, ao mesmo tempo, em que tem uma conotação de sustento e segurança, explicitamente se encontraria a capacidade de se adequar aos diferentes momentos. É sinônimo de acolchoar o termo amaciar que também nos pode ser útil neste raciocínio. Devemos esta dica à Professora Ana Cláudia Marques feita à nossa qualificação.

Domingos é natural de Tourém, nasceu na década de 1940 numa casa de mãe solteira e já de adolescente foi para Lisboa trabalhar. Depois se abrigou junto às suas irmãs que estavam na Espanha – *foi para o pé de suas irmãs* – e, finalmente na década de 1960, conseguiu os documentos para emigrar com destino à França depois de ter feito *três anos de tropa na África*⁴². Na França, conseguiu um emprego e em menos de um ano quando voltou para a *terra* casou com sua esposa, Glória, comprou uma casa⁴³ e emigrou de novo, pois em menos de um ano de aventura na França, ele nos disse que tinha voltado *rico*. Assim que a sua filha Natália nasceu, os avôs maternos assumiram a criação da neta e Glória foi *atrás dele*⁴⁴ para a França. Os pais de Glória criaram Natália desde bebê, no entanto, Domingos e Glória mandavam dinheiro para as despesas dela e da casa. Natália começou a namorar Adriano (filho de Tio Adriano) quando ele estava em Lisboa trabalhando. Ele saiu de Tourém ainda adolescente. Uns primos o levaram *para o pé deles*. Voltou para Tourém decidido a casar com Natália. Depois do casamento que aconteceu na década de 1980, eles resolveram ir para a Suíça, pois, Adriano⁴⁵ tinha outros primos por lá que os receberam. Depois de ficarem morando seis anos na Suíça, Natália quis voltar, seu avô estava doente e sentia muita saudade da sua avó, *afinal era quem a tinha criado*, como relatou em 2012. Instalados de novo na aldeia, ela decidiu abrir o café Paris (sua avó já tinha uma loja e um pequeno café) e Adriano construiu o armazém onde guardava o gado e se dedicou primeiro ao transporte e criação de gado. Como o transporte não era lucrativo e as ajudas da União Europeia para a abertura de explorações de gado bovino começavam a ser implementadas, vendeu o caminhão e ficou só com a exploração de gado.

Em ambas as histórias de família há elementos que queremos destacar. A rede de pessoas que se encontra articulada ao longo de suas vidas é ampla, também envolve

42 A África aparece nas narrativas dos moradores como se fosse um único território. Normalmente, essas narrativas se referem também a um tempo, o tempo das guerras coloniais. Das pessoas da aldeia que estiveram na África, só duas foram para Moçambique, o resto esteve destacado em Angola, sendo esse país o referente geográfico concreto evocado com o termo genérico de África. Dessa forma, quando usamos no texto “África”, estamos nos referindo a esse espaço social e essa temporalidade (1961 - 1975).

43 Ele nos disse que comprou uma casa na aldeia e o quanto que ele pagou pela casa de seu tio. O acordo ao que chegaram foi econômico, Domingos pediu dinheiro para o seu tio e com parte desse dinheiro foi que ele comprou uma das casas que o seu tio tinha na aldeia.

44 *Atrás dele, para o pé dele* são expressões muito comuns para explicar a mobilidade em conexão ou em destino aonde se encontra outra pessoa, com algum vínculo, seja este de parentesco, de amizade etc.

45 Acompanhamos algumas conversas de moradores de Tourém, nos quais se referiam a Adriano como o Suíço.

diferentes tipos de relações como de parentesco e vizinhança.

As mobilidades de Domingos e de Adriano são prematuras, desde crianças saíram de suas casas para trabalhar. Eles foram filhos “expulsos” – algum dos filhos tem que partir para que a casa possa se manter – da casa e tiveram que construir suas vidas. Domingos participou em Angola das guerras coloniais, antes já tinha trabalhado em Lisboa e depois de sua passagem pela África, acabou indo trabalhar na França. Adriano saiu de sua casa de criança e seu destino foi a aldeia de Tourém devido a que já se encontrava na aldeia um de seus primos também servindo numa casa. Já na França, Adriano tinha que voltar cada ano para a lavoura. Domingos tinha uma rede de pessoas na aldeia que garantiram o seu projeto de vida migratório.

Há múltiplas diferenças entre as trajetórias de vida do Senhor Adriano⁴⁶ e Domingos, mas nos dias atuais, a diferença maior é que Domingos conseguiu se aposentar (*reformatar*) na França e Adriano não. Domingos hoje tem uma *reforma boa*, tem apartamentos em Leiria e Braga, onde passa algumas temporadas durante o ano. Domingos anda todos os dias pela aldeia no inverno procurando um cantinho onde se esquentar ao sol e durante o verão espera os companheiros de carteadado no café e de caminhada. Adriano segue cuidando do gado da sua filha Teresa, cria o seu cavalo, anda com seu *sacho*⁴⁷ às costas e segue sempre acompanhado de seus dois cachorros. Ainda mantém uma horta onde semeia couves, batatas e umas alfaces para ele e seu filho, que mora com ele e que, devido aos requisitos do seu trabalho, passa alguns períodos do ano fora do espaço social da aldeia. A sua filha mora na França e tem na aldeia uma casa de pedra. A casa que permitiu acolchoar o efeito da emigração, no caso de Domingos, foi a que não conseguiu amaciar os efeitos da emigração no caso de Adriano obrigando-o a voltar para cuidar de seus filhos. No caso de Domingos, acolchoou o efeito da perda e consolidou aquele projeto de vida que consistia em trabalhar na França, poupar dinheiro, investir uma parte do capital na aldeia, criar a sua filha e voltar aposentado da França. Da mesma forma como nota Humberto Martins, também em Tourém:

Como refiro no texto que resulta de minha pesquisa, “os lavradores locais [os de Tourém, Portugueses] olham à sua volta e vêem a sua solidão mais longe

46 Usaremos Senhor Adriano ou Tio Adriano é quando nos estamos referindo ao pai.

47 Enxada

(parafrazeando “Os Passos em Volta” de Herberto Helder), isto é, “olham para os campos que estão em volta e já não conseguem ver ou vislumbrar os seus “vizinhos galegos” a trabalhar nos campos, a seguir as vacas aos lameiros, a acarretar (carregar) esterco; pelo contrário, são esses vizinhos, antigos companheiros de trabalho no campo e nos montes, que lhes arrendam os campos e os lameiros para que possam fazer a sua agricultura. Esses outros amigos membros de um *campesinato pré-capitalizado*, com os quais partilhavam traços e riscos de vida ligados à terra e ao trabalho da lavoura, são hoje donos de casas em Madrid, Barcelona, ou simplesmente podem “exibir” os seus automóveis, as suas reformas e pensões (certamente mais elevadas do que a dos portugueses) (2006:238)

Adriano e Domingos são o vivo retrato dessa imagem mostrada por Martins. Adriano se mantendo como lavrador e Domingos sendo morador da aldeia de novo, mas com apartamentos e aposentado pela França. O projeto de vida de Domingos só foi possível porque atrás dele existia uma base familiar que amortizou o efeito da emigração.

Esse processo migratório não se sustenta sem uma base social sólida. É preciso dispor de uma formação social segura e consolidada que sustente esse processo e os primeiros momentos. Seja em forma de contatos que garantam uma recepção no lugar de destino e ajuda para procurar emprego, além da certeza de que na sua estadia fora, o seu *lugar na aldeia* está seguro. A casa tem que ser flexível, dinâmica e capaz de sustentar e contornar os efeitos de uma baixa importante (no que diz respeito à mão de obra masculina e jovem) esperando os aportes vindos do local de emigração para consolidar esse outro projeto e organização social, enfim, a casa, como veremos a seguir. No caso de Domingos ele não teve que voltar para trabalhar na lavoura, essa atividade foi suprida pelos seus sogros, que dispunham de uma loja e um café na aldeia.

No caso de Adriano, tais condições não se deram e ainda hoje ele fala que se soubesse as intenções da mulher, teria procurado uma forma de ficar por lá e levar para lá os seus filhos. Na aldeia, Adriano teve uma vida muito difícil, *trabalhando na terra do dia à noite*, criou seus filhos com muito sofrimento. Hoje, fala com orgulho de sua família. Uma filha que está na França que construiu uma casa nova de pedra de dois andares, Adriano e Teresa têm cada um uma exploração de gado e o outro filho, o Piloto, é empregado em uma firma espanhola importante. Ele fala que tampouco foi mal sucedido em seu projeto de vida, mas que poderia estar melhor se fosse hoje em dia aposentado pela França, teria uma vida mais tranquila.

Em linhas acima descrevemos diferentes usos da noção de casa que precisam ser explicitados. A casa é um conceito polissêmico, pois é, ao mesmo tempo, uma ferramenta teórica e uma categoria usada localmente. Como aportes teóricos sobre a casa relevantes para nosso trabalho destacamos os de Lisón Tolosana (1971), João de Pina Cabral (1986; 2005; 2008) e De Rota Y Monter (1984). Nesses três autores temos uma convergência quanto aos usos que eles fazem do termo casa, bem como, convergem o momento em que esses autores estavam teorizando sobre o tema. A casa, para os autores, é mais do que a construção física. É um referente da vida social local que engloba pessoas, animais e propriedades e que necessita perdurar no tempo. Lisón Tolosana entende a casa como “principio organizador e interpretativo; designa família, linealidad en la sucesión, bilateralidad *sui generis*, leiras, lugar de residencia, economia, ideologia consciente de todo lo anterior” (Lisón Tolosana, 1971: 380). Defende, portanto, uma concepção de casa que englobaria pessoas e que seria um marcador na organização social local. João de Pina Cabral (2008) evoca além desses elementos, o lugar da casa na aldeia através dos nomes, da reputação e do lugar no cemitério: “uma casa é uma unidade que contempla edifícios, terras, animais, gente e, substancialmente, um nome, uma reputação, um lugar no cemitério” (Pina Cabral, 2008:62). João de Pina Cabral também na década de 1980 estava pensando na casa como elemento organizador, é por isso que em sua tese ele defende a *household*, como “unidade social elementar”. Essa unidade social ao longo de sua carreira foi sendo depurada até chegar a essa formulação que acabamos de expor através dos casos dos que se aproxima para compreender através da noção de vicinalidade (2011).

Outro estudo é o de José Antonio Fernández De Rota y Monter: *Antropología de un viejo paisaje gallego* (1984). O autor – aluno de Lisón Tolosana – descreve as dinâmicas de diferentes aldeias do Norte da Galícia, focando nas “casas”. Assim, o autor aborda as relações sociais do grupo familiar desde o espaço doméstico até os relacionamentos intercomunitários. Privilegia também a “casa” como uma categoria analítica, que subdivide em duas: a casa como espaço físico, arquitetônico e o espaço doméstico, denominado por ele de “casa-vivenda” ou “centro doméstico”. Primeiramente, aborda a parte física para, em seguida tratar a casa como uma entidade social, econômica e simbólica (Fernández De Rota

y Monter, 1984: 127) dentro da organização social dos lugares⁴⁸. Entidade que estaria além das pessoas e que, além de representativa na vida social, teria como característica importante a sua necessidade de reprodução (1984: 128).

Como já relatamos na introdução, tomaremos os trabalhos das décadas de 1970 e 1980 como elementos base para a comparação. Portanto, concordamos plenamente com as colocações de todos os autores, e acreditamos que eles corroborem a casa como elemento que acolchoa a saída das pessoas, como mostramos linhas anteriores. A casa naqueles tempos era um referente central da vida social e era conjuntamente com o nome, as propriedades e os animais definidores de status e de classe social. Mas, estamos nos anos 2000 e a configuração social da aldeia é outra, como também vimos mostrando neste capítulo. Assim há reconfigurações, transformações e mudanças nos usos e sentidos que certos elementos têm na vida social, e a casa certamente é um elemento que nos permite pensar essas transformações. Portanto, quando usamos o termo casa para os tempos de antes faremos menção expressa àquela formação social ampla. No entanto, nos tempos atuais temos que apelar para outro tipo de formulações de casas⁴⁹. Já mostramos como as pessoas ainda são agricultoras, como a aldeia é rural e como os migrantes ao longo do verão voltam à sua terra. Queremos resgatar neste momento que se por um lado a equação da casa, conformada pelas variáveis pessoas-terra-gado, continua sendo representativa, ela será a partir de agora nomeada como casa-fazenda⁵⁰, casa-camponesa ou casa-exploração.

48 Lugar de casas é uma categoria analítica usada também pelo autor. Baseada na necessidade de cooperação dos outros vizinhos em algumas atividades agrícolas, como, por exemplo, a malhada do trigo, o autor elabora uma análise, que pode ser consultada em um artigo posterior (Fernández de Rota, 1987), acerca do que ele chama: *área de malla* (*Ibid.*, p. 66). A área de “malhada” corresponderia a uma área geográfica, socialmente delimitada, em que todas as casas que nela se encontram cooperam com a malhada das outras casas; todas e cada uma das casas da área têm representação na totalidade das malhadas. Também usa essa mesma noção como *lugar funcional*, devido à operacionalização do lugar com base na necessidade de uma determinada função.

49 A configuração de casas de Marcellin nos pode ser útil para pensarmos nessa rede de casas que se vinculam através da “ideologia da família e do parentesco” (1999:33). Em nosso caso de estudo teríamos que agregar para essa configuração de casas a questão da aldeia, do lugar.

50 Quando falamos de fazenda o fazemos no sentido usado pelos moradores da aldeia. Eles se referem como fazenda ao conjunto de seus animais, por isso é que colocamos o termo casa-fazenda, devido a que incorpora a importância do gado. Esse termo se encontra também na literatura e monografias que abordam aquele contexto. Assim o podemos ver numa cita do Padre Fontes que se encontra no último item do capítulo três.

Somos conscientes do significado que essa palavra tem no Brasil, como uma grande extensão de terra normalmente pertencente a um proprietário-patrão.

Na sua nomeação evocamos de forma clara que estamos referindo à casa na aldeia e que ainda mantêm uma exploração de gado e, portanto, animais e terras⁵¹. Mas não estamos aqui evocando a mesma fórmula mostrada pelos autores supracitados, a casa-fazenda atual diverge daquela, pois a aldeia passou a ser um “mundo fechado para um universo infinito” (Bourdieu, 2004). As transformações nas explorações, dos meios de produção e na concepção da produção serão o eixo do terceiro capítulo em que abordaremos o gado e suas implicações na aldeia. Assim resumia Eduardo do Venâncio para Humberto Martins, a sua posição como lavrador:

they (the emigrants) think they live better than us... they think we still have a bad life here in the village, like in the past, but things have changed. After the arrival of the EU funds, life improved a lot for everyone in the village. They think that because they have cars, and we have tractors and we wear dirty clothes... but we also know how they live there, the difficulties they have and their (unqualified) jobs. (Martins, 2005:53)

Naquele momento Eduardo ainda morava na aldeia com seus pais, mas já tinha um carro esportivo e trabalhava na Espanha numa indústria de automóveis. Nos finais de semana ajudava seus pais na lavoura. Agora Eduardo já tem sua família e mora numa vila próxima chamada Allariz, mas volta frequentemente na aldeia com suas filhas, é ele quem faz as reformas da casa dos seus pais e também ajuda em algumas atividades agrícolas aos seus irmãos. A pluriatividade conforme formulada por Carneiro (1996) nos serviria também como nomeação para essas outras atividades que os agricultores atuais realizam de forma combinada com a agricultura. Tem agricultores que trabalham como pedreiros, outros são condutores de um carro de incêndios florestais, outros são *sapadores*⁵² florestais, mas todos têm vacas, o que lhes garante receber os subsídios entregues pela União Europeia. Esses empregos dos agricultores da aldeia são combinados com a exploração familiar.

Há hoje na aldeia outras configurações de casas, pois, a aldeia não é apenas o lugar de produção, se não que é o lugar de origem das pessoas, de onde partiram e onde passam as suas férias. As casas dos migrantes são edifícios adquiridos na aldeia, às vezes por herança e outras por compra e reformadas com o dinheiro da emigração. Essa casa física é

51 Veremos no capítulo do gado como é que as explorações são hoje geridas via um modelo mais industrial.

52 Sapadores são os trabalhadores que trabalham na serra fazendo labores de limpeza e que se há algum incêndio florestal atuam também como bombeiros.

o lugar onde se passa as férias com a família e onde se recebem amigos emigrantes que visitam a aldeia, por exemplo. Como veremos no capítulo final “Agosto na terra” há uma rede de pessoas que são moradores da aldeia e parentes dos migrantes e que guardam e reservam o lugar dos migrantes na aldeia. Este é o caso de Adriano e sua filha que está na França. Ele semeia a horta na terra que está dentro da casa de sua filha, para que ela chegando tenha esses produtos em sua casa, acesso a esses alimentos da terra, da sua terra, da sua casa. As pontas de lança dessa formação social que ficam na aldeia criam porcos, galinhas, semeiam batatas e couves que serão ofertados aos migrantes. Temos, então, uma nova conotação da casa que amplia a noção de núcleo unifamiliar e chama à família entendida num sentido mais amplo. Chamaremos essa configuração social de casa-familiar ou casa-agregadora, pois, ela não se estabelece numa estrutura física concreta, material, mas se sustenta na concepção de família e através da linguagem do parentesco. Essa casa agregadora como veremos está distribuída por muitas terras, mas a sede está na aldeia e sempre há na aldeia pessoas que se encarregam de que essa configuração social de casa agregadora esteja pronta para receber as pessoas.

4. Grupos sociais

Com o fim de podermos continuar com nossa análise optamos por fazer uma diferenciação por grupos sociais, entendendo-os como “um número determinado de membros que mantêm alguma forma de interação esperada entre si – quando não em termos de direitos e obrigações” (Mayer, 2010:127). Depois de sistematizar os dados obtidos em campo e de aplicar às narrativas diversos filtros, decidimos dividir socialmente a população em dois grandes grupos: os que moram na aldeia (moradores ou vizinhos) e os migrantes. Godinho afirma que “as unidades de análise, dilatadas, podem plasmar-se sobre os campos sociais, no sentido que lles deu Bourdieu, aínda que pasíbeis de segmentación por comodidade heurística, atendendo á diferenciación dos grupos no seo dunha sociedade” (2011:96). Assim, além de usarmos essa fórmula por comodidade heurística, essa diferenciação e subdivisão social reflete de alguma forma para nós a configuração social da

aldeia. Vimos ao longo de nosso trabalho que era preciso realizar outra subdivisão, neste caso, interna à aldeia, entre os moradores. Consideramos que aposentados, agricultores e comerciantes seriam outra divisão necessária. Colocamos aposentados e agricultores em primeiro lugar pela representatividade numérica de ambos os grupos, e também por sua importância e disputa de espaço na organização social aldeã. Ainda tínhamos os empresários e comerciantes: agentes que moram na aldeia, que tem no espaço social aldeã seu espaço do cotidiano, mas que não tem na agricultura sua atividade econômica e que tampouco poderiam formar parte do grupo social dos aposentados. Esses agentes⁵³ têm uma proximidade maior com os migrantes e poderíamos até dizer continuando nas palavras de Pina Cabral, compartilham uma “visão de mundo” mais próxima dos migrantes do que dos camponeses. Têm uma incidência maior na vida social e política da vila, se aproximam dos discursos de desenvolvimento rural e patrimonialização, assim como se aproximam também da burguesia, na classificação usada por Pina Cabral (1986).

Não estamos com esta subdivisão querendo encerrar as pessoas em categorias, nem que as pessoas que consideramos dentro desse grupo respondam a um mesmo padrão, estamos encarando essas formações grupais como heterogêneas, diversas e conflitantes, fruto da interação social. Para Valcuende del Rio,

los grupos sociales se crean en relación a las distintas correlaciones de fuerzas que pugnan en el seno de un colectivo concreto, y en función del papel que juegan unos colectivos en relación a los otros (en otras palabras, por un lado tenemos una estratificación del colectivo global en relación a otros colectivos) (1998:64)

Tampouco estamos com essa divisão de “dentro – fora” dizer que exista uma noção de comunidade igualitária com as mesmas colocações, opiniões e sem conflitos, ela responde a um recurso metodológico e analítico e corresponderia com a estratificação social das inter-relações sociais que são estabelecidas no nosso *locus* de pesquisa. Consideramos ser representativa essa divisão social e assim também aparece refletido nos

53 Falamos aqui de agente devido principalmente à sua atuação como “broker” como no caso da burguesia referida anteriormente por Pina Cabral, os comerciantes são hoje parte integrante de disputas político-sociais que extrapolam o espaço social da aldeia e que têm mais ecos em Lisboa do que na aldeia. São pessoas que tiveram uma passagem por Lisboa mas, diferentemente dos agricultores, tiveram acesso a estudos universitários e o regresso à aldeia foi justificada por nós como uma oportunidade de vida, seja assumindo um taxi familiar ou se responsabilizando por parte do negócio de seu pai.

programas eleitorais das duas candidaturas que se apresentaram para disputar a Presidência da Junta de Freguesia em Tourém, em setembro de 2013.

A Candidatura do Partido Socialista (PS)⁵⁴ propunha entre suas medidas a “conclusão da colocação das infraestruturas nos armazéns agrícolas” - especificamente água e luz – e mais: “Procuraremos estar atentos no âmbito das ajudas a projetos que visem dinamizar a principal atividade, que é a agropecuária”. Esta linha foi remarcada também na proposta do candidato para Presidente da Câmara Municipal Orlando Ribeiro, que declarava que reativaria a cooperativa da batata de semente e, além disso, entregaria uma ajuda de 4000 euros por ano a cada agricultor que decidisse abrir uma exploração de gado ovino e caprino. Os rebanhos desses animais foram muito comuns na região e foram perdendo presença para o gado bovino com a chegada da Política Agrária Comum da União Europeia.

Já a candidatura do Partido Social Democrata (PSD)⁵⁵ tinha para Tourém entre as suas propostas:

- Limpeza e alargamento de canelhas e caminhos agrícolas, melhoria da captação de águas de rega, reparação dos regadios do Verdeal e da Presa, construção do regadio do crastelo e carreira.
- Fazer um centro de dia⁵⁶ na escola primaria da noqueira.
- Limpeza periódica dos poços de água, colocar placa informativa caso a água não seja própria para consumo;
- Fazer bebedouros em locais onde seja necessário para o bem-estar animal e não só.
- Criação de um lavadouro, para as tripas dos porcos
- Ligação da rede pública de água a todos os armazéns
- Melhorar o Forno do povo;
- Dinamizar atividades culturais e lúdicas, promover o turismo rural e de habitação, atraindo pessoas à aldeia
- Facilitar autorização de construções agrícolas.

Assim vemos como nesta candidatura, de forma explícita, os idosos – centro de dia – e os agricultores seriam os alvos prioritários para as políticas implementadas caso essa candidatura fosse a vencedora. Fato é que ganhou o PS tanto na Câmara quanto em Tourém,

54 Informações retiradas dos panfletos distribuídos e do grupo criado pelo partido numa rede social.

55 Informações retiradas dos panfletos distribuídos e do grupo criado pelo partido numa rede social.

56 Os centros de dia são locais sociais aonde as pessoas mais idosas se reúnem e recebem atenção e cuidados por parte de monitores e assistentes sociais e onde realizam atividades de lazer.

o que vem de uma tradição de 16 anos do PS na junta e de 12 anos na Câmara. É importante dizer também que ambos os partidos levavam nos seus programas políticas de dinamização da vida social – especialmente promovendo eventos e festas, o que ajudaria também na promoção do turismo rural. Os programas políticos do chamado “desenvolvimento rural” estão sendo pensados através de linhas específicas como a patrimonialização, o turismo rural e outra série de atividades que nos mostram aqueles contextos rurais, muito mais, como sendo produzidos para o consumo.

Essa divisão em grupos sociais é usada por eles mesmos, em diferentes frentes. Assim a primeira divisão que observamos na aldeia no inverno de 2012 foi entre um nós – moradores do ano todo – frente a um eles, os de fora, os migrantes. Percebemos também que os migrantes têm uma presença ativa na vida social local, apesar de estar grande parte do ano fisicamente ausentes. Já falamos que, por exemplo, Adriano é quem guarda e representa o lugar social de sua filha na aldeia em sua ausência física.

Os meses de julho e agosto são a época de férias e é o tempo em que os migrantes “desembarcam” na aldeia. Essa temporalidade que conforma o verão é um de nossos palcos privilegiados de análise. Mas também há migrantes que passam longas temporadas na aldeia, que não ficam exclusivamente o verão e que vêm na aldeia seu lugar de residência, uma vez aposentados. Essa instalação é um processo demorado, pois, começam ficando um mês a mais das férias, e conforme vão passando os anos, o tempo na aldeia vai aumentando e na cidade diminuindo. Essa gradação pode ser entendida como um processo social de adaptação aos costumes da aldeia, entender a dinâmica local e se integrar de novo dentro da dinâmica de vida local. O verão, como veremos, é o tempo das festas, do barulho e dos excessos. Mas, a aldeia vive o restante do tempo num ritmo mais pausado e calmo. Os casais que querem se instalar de novo na aldeia, têm que ir substituindo nesse processo os alardes próprios dos migrantes pela vida austera dos moradores, o ritmo mais pausado da aldeia e o tom de voz mais baixo das conversas. Eles pretendem voltar a ser moradores e não mais serem vistos como migrantes, aspiram a ganhar a sua condição social de morador com essa série de adaptações. Pudemos perceber como desde o ano de 2011 quando começamos a nossa pesquisa há hoje na aldeia instaladas de forma quase definitiva três famílias a mais. Estes três grupos familiares foram se assentando na aldeia de forma

progressiva, aumentando a superfície cultivada, comprando uns pequenos tratores e se integrando na dinâmica social local. Neste verão pude acompanhar o arraigamento de um casal de aposentados na aldeia. Zé Raimundo e sua esposa trocaram a sua residência efetiva para Tourém, fizeram questão de anunciar pelas redes de fofoca, na aldeia chamadas de *mexerico* (Polanah, 1993). Mas também o mostraram de forma pública, pois além de passar mais tempo na aldeia, cultivarem alguns lotes mais, eles compraram um trator⁵⁷. João de Pina Cabral em sua monografia (1986) mostra de forma brilhante a atitude que os retornados têm frente aos moradores da aldeia. Os primeiros anos depois de regressar, os migrantes tentam com suas demonstrações de ostentação e materialismo simbólico recuperar o status perdido, no entanto, quando passam uns anos e seu status foi recuperado, decidem morar dentro das normas da comunidade e retomar a senda da ocultação de valores para evitar a inveja, e entrar de novo nas redes de cooperação e dependência. (1986, 155-158).

João de Pina Cabral em sua etnografia sobre os camponeses do Alto Minho (1986) faz uma distinção entre o que ele chamou de burguesia e os camponeses. A burguesia seria uma espécie de elite social, que sendo ainda proprietários das terras tinham na política local e na vila seus espaços de sociabilidade. Dessa forma, esse grupo social se mostrava como uma espécie de mediadores entre a visão camponesa de mundo e as transformações sociais vindas desde a cidade, sobretudo no que diz respeito à moralidade, estética e política. Outro elemento crucial que ele analisou foi a possibilidade de acesso à educação, pois, se os filhos dos camponeses tinham que abandonar a escola para trabalhar na “unidade social elementar” (casa-camponesa) a burguesia já projetava seus filhos através das instituições de ensino, da igreja. No entanto, os camponeses, termo que ele usa de forma genérica, mas, que vai conceituando no decorrer do capítulo – *proprietários, cabaneiras, viúvas,*

57 Terem comprado um trator não é só relevante pela função da máquina em si, é mais relevante pela logística que essa compra implica. Estava a aldeia tranquila quando de repente aparece pela rua direita um caminhão com um trator novo de pequeno porte. A questão central dessa compra é esse encenação da compra, o caminhão chegando na aldeia e as pessoas se questionando quem é que compraria. Estava sentado no café da Natália que fica na metade da rua direita, o caminhão veio de Montalegre e foi em direção ao Largo do Outeiro, as pessoas que estavam comigo no café se levantaram para ver o caminhão e a continuação saíram a maioria dos que estavam no café em direção ao largo do outeiro. Já no largo do outeiro estávamos umas vinte pessoas observando como desciam o trator do caminhão e o guardavam. Naquela manhã não consegui sair do largo do outeiro. Esse evento foi conversa por vários dias.

lavradores – continuam imersos na visão de mundo camponesa. O autor começava a observar algumas transformações sociais que hoje com uma profundidade histórica de trinta anos podemos conceituar de forma mais incisiva do que aqueles autores⁵⁸ fizeram em seus trabalhos. A emigração ou a redistribuição da força de trabalho traria para aqueles contextos mudanças, transformações e reconfigurações que marcam até hoje a vida social aldeã. Assim, o fluxo⁵⁹ migratório de finais de 1960 e 1970's, a chegada da União Europeia e todas suas ajudas (expressamente a Política Agrícola Comum – PAC – da União Europeia que será abordada no capítulo quarto), a eliminação da fronteira alfandegária, a possibilidade de educação, a mecanização da agricultura, a chegada das estradas, abriram estas aldeias rurais para um espaço social mais amplo, monetarizado e com outras hierarquias⁶⁰. Essas transformações sociais mais contemporâneas, assim como, a patrimonialização serão objeto de nossa pesquisa de doutorado.

As pessoas maiores de 65 anos fazem parte de um grupo social muito numeroso e com uma relevância social muito importante, poderia ser considerado, nas palavras de Balandier, uma das sociedades da Sociedade (Balandier, 1975). São pessoas idosas que normalmente moram em sua casa própria com sua esposa e acaso os filhos estejam na aldeia com uma relação próxima, chegam às vezes a se considerarem uma única casa-camponesa.

Reiteramos aqui que entendemos a casa-camponesa como uma unidade social, política e econômica e que aglutina pessoas de diferentes gerações. (Pina Cabral, 1986, 1984; Bourdieu, 2004; Fernández de Rota, 1984). Encontrei referências explícitas ao termo casa especialmente entre os agricultores. Inclusive compatilhei uma conversa de Venâncio com um amigo dele de Pisões, em que o interlocutor lhe perguntou em primeiro momento *quantas vacas tinha na casa*. Venâncio lhe disse que ele não tinha mais vacas, então, o

58 Brian Juan O'Neill em sua etnografia de 1984, é ainda mais explícito e intitula a sua obra como de: Proprietários, lavradores e jornaleiras. Desigualdade Social em uma aldeia Transmontana, 1870 – 1918. Os anos 1980 são em Portugal uma década decisiva no que diz respeito às produções bibliográficas da antropologia, pois, autores como Pina Cabral ou o mesmo O'Neill vêm com suas obras quebrar de alguma forma o velho paradigma da escola de antropologia portuguesa do igualitarismo. As suas obras estavam influenciadas pelos estudos de gênero e pela demografia histórica.

59 Utilizo “fluxo” conforme Hannerz (1997:10), como um modo de fazer referência a coisas que não permanecem no seu lugar, a mobilidades e expansões variadas, à globalização em muitas dimensões.

60 Essas transformações sociais mais contemporâneas, assim como, a patrimonialização serão objeto de nossa pesquisa de doutorado.

amigo dele lhe instigou de novo *mas quantas vacas tem na sua casa*. Essa frase foi acompanhada com um gesto feito com as duas mãos como se estivesse fazendo um círculo, um conjunto. Venâncio rapidamente entendeu o sentido daquela casa que estava evocando o seu amigo. Então lhe disse que quarenta. Que seu filho Sérgio foi quem herdou a fazenda dele e que tinham quarenta animais. Mas completou a informação dizendo que seu filho Venâncio, também morador da aldeia, tinha quase quarenta e que seus dois filhos casados em Pitões, juntos tinham mais de cem. Ainda remarcou que Eulália, sua filha, tem com seu marido e netos dois bois por puro prazer.

Os aposentados normalmente mantêm uma horta, criam galinhas e porcos, mas, também têm uma forte presença no cotidiano da vida social da aldeia. Ao longo do inverno se não estiver chovendo procuram os cantos com um pouco de sol e lá sentam e aguardam que alguém apareça para conversar. Tem os que gostam de tomar um vinho no café, tem os que já não conseguem sair de casa, tem os que sempre saem de casa e tem os que aparecem por temporadas. Mas todos eles, como norma geral, são tratados pelos demais moradores com muito respeito, sempre são cumprimentados e normalmente as pessoas se referem a eles como *tios*. *Tio* representa ao nosso modo de ver, a máxima expressão de respeito e de admiração. Cheguei a vivenciar como essa expressão é usada também entre os casais, *vai lá em casa e chama pola Tia Maria* (sua esposa), me disse Venâncio em várias ocasiões. Ou seja, percebe-se como através de todas essas condutas, tanto inter-geracionais como intra-geracionais, o respeito e a admiração – admiração pelo trabalho duro que eles desenvolveram na agricultura, pelos contextos políticos que vivenciaram – são elementos que aparecem mediados pela expressão *Tio*.

Os aposentados são pessoas que acompanharam esses diferentes momentos da vida social da aldeia, suas mudanças e transformações. A grande maioria deles recebe uma aposentadoria graças às suas atividades profissionais desenvolvidas ao longo de suas vidas, muitas das vezes, fora da aldeia em lugares como França e Lisboa. A maioria das pessoas de Tourém tem ao longo de suas vidas etapas em diferentes lugares, diferentes *terras* – como ali seria dito – que são usadas também como marcadores temporais. Os aposentados constituem o único grupo social que poderia quebrar a norma fractal (Carneiro da Cunha, 1998) do dentro – fora, pois alguns deles passam alguns meses em Lisboa e outros na

aldeia, mas internamente existem regulações de ordem social para dirimir se são migrantes e quem, de fato, são já moradores da aldeia.

Os agricultores comporiam um grupo social concebido através da sua atividade econômica, mas, não exclusivamente. Quando falamos de agricultores parece que estamos mostrando um grupo de pessoas que têm na agricultura a sua única fonte de renda, mas, este não é o caso em Tourém. Como veremos mais adiante, os agricultores na aldeia são um grupo de pessoas heterogêneo, engloba tanto pessoas de sexo feminino quanto de sexo masculino e não têm, necessariamente a agricultura como única fonte de renda. Há agricultores que tendo 40 vacas, pagam um empregado para que cuide das vacas e ele trabalha como assalariado em diferentes setores. Há dentro desse grupo social: bombeiros, pedreiros, produtores de *fumeiro*⁶¹ e condutores de caminhão. Como veremos no item correspondente, a agricultura atual é herdeira e ao mesmo tempo diferente da agricultura praticada quarenta anos atrás. Hoje a mecanização é um elemento fundamental na maioria das atividades agrícolas, com a chegada da PAC na década de 1990 houve uma mudança muito grande na conformação e na configuração das explorações, sendo a agricultura praticada atualmente mais próxima dum modelo industrial. A faixa de idade dos agricultores é variável, pois, desde a entrada da crise econômica na Europa, no ano 2007, a redistribuição da força de trabalho teve um impacto interessante nestas aldeias. Aldeias que eram exportadoras de mão de obra e depois da crise começam a receber de volta os seus *filhos* que são reincorporados dentro das casas-camponesas. Esse processo implicou em redimensionamento do tamanho da exploração, do número de vacas, do investimento em maquinaria e oferece uma outra mostra do quanto moldável é a casa-camponesa. Encontramos entre os lavradores alguns que têm trinta anos e outros, com quase sessenta. Uns são *chefes de casa*, outros ainda moram com os pais, há mulheres chefes de casa, normalmente, pelo falecimento do seu esposo, ou seja, viúvas, e também encontramos aposentados que criam umas vacas ou umas ovelhas para consumo da casa.

Como comerciantes, estamos colocando aqui as pessoas que têm na compra e venda de mercadorias sua atividade principal. Nós estamos referindo mais explicitamente aos

61 Embutidos produzidos com a carne de porco e que são curados com fumaça, de aí vem o nome de *fumeiro*.

gerentes do hotel de turismo de habitação, do taxi e que além desses empreendimentos tem, em regime de aluguel, um dos cafés da aldeia, seus nomes são Fernando e Elisa. Paulo e Regina são os proprietários da maior loja comercial da aldeia, ele foi o herdeiro da loja que o seu pai Bento⁶² tinha na aldeia. Segundo Bento, ele começou a comerciar desde criança, pois, trabalhava numa casa na Espanha e já aproveitava a fronteira, levando e trazendo bens que uns queriam e não tinham. Assim, Paulo decidiu voltar para a aldeia na década de 1990, passou a gerenciar a loja, foi eleito presidente da junta de freguesia em 1998 e hoje mantém uma atividade econômica-comercial que extrapola a loja e o espaço local. Dentro da vida política do município é uma pessoa reconhecida.

Já os migrantes seriam, portanto, o grupo social mais diferenciado dentro desse jogo de escalas. Eles estão “fora” do espaço local, físico e cotidiano, mas, não por isso deixam de ser atores importantes em determinados aspectos da vida social da aldeia. Especificamente, nos referimos como sendo de “fora”, devido à impossibilidade de votar nas eleições autárquicas da Junta de Freguesia de Tourém ou de participar com direito a voto na assembleia anual e eleição à assembleia de compartes que regem os baldios da aldeia. Para poderem participar de ambas as instâncias é preciso ter fixada a residência na aldeia. Mas, há outras atividades das que eles participam por serem nascidos lá, ou inclusive, por ter uma casa, como é, por exemplo, a possibilidade de formar parte da associação de caçadores. Participam também em toda uma série de festividades organizadas desde a aldeia ao longo do ano. Destacamos desses eventos o carnaval, a páscoa, as festividades de São Lourenço, a Festa do Encontro e a Corrida Internacional, em que a participação e presença dos migrantes é quase a razão última de sua organização. Para as pessoas que organizam esses eventos a chegada ou não de *muita gente de fora* é um dos termômetros que se usam para avaliar o êxito da festa.

A convivência desses grupos sociais no contexto social da aldeia se dá em momentos pontuais, principalmente durante os meses de verão e nas festividades de natal, páscoa ou carnaval. É obvio que essas fronteiras sociais que estamos querendo estabelecer são fluidas. É no território social da aldeia que se dá essa inter-relação e onde podemos

62 Este senhor é conhecido em Tourém como um dos maiores contrabandistas dessa zona, na atualidade tem 91 anos e sempre coloca nas suas narrativas quando é perguntado acerca de sua atividade a necessidade de comercializar, para ele o que eles faziam não era contrabando.

observar as mudanças no ritmo da vida social. Quando é verão ou nas festas, o tempo social é agitado, movimentado e nervoso, há muitas pessoas na aldeia, há crianças correndo pelas ruas, os carros são um contínuo ir e vir. Elementos que não são comuns na vida social aldeã fora desse tempo. No *resto do ano*, as vacas e os tratores são os que dominam as ruas, o sigilo e a desconfiança são parte constituinte da configuração social e as conversas e os copos de vinho no café fluem a ritmos mais pausados.

Dessa forma, percebemos a *terra* – no singular – como um vértice de atividades e fluxos, vértice também das redes de relacionamentos, a aldeia é o vértice e está geográfica e socialmente localizada. É a partir dela que se delineiam os trânsitos de pessoas, de bens e de símbolos. Percebemos dessa forma a relação que a aldeia, a comunidade e/ou as próprias casas mantêm com seus vizinhos, habitantes ou parentes, inseridos numa rede de territórios que definem as terras de Tourém, a sua territorialidade. A casa enquanto conjunto de terras, pessoas e gado, que está para além das pessoas e as representa ao nível da comunidade, e ela se expande acompanhando os seus membros, conformado uma miríade de territórios articulados e acessíveis desde a aldeia. Chamamos isso de *As terras de Tourém*.

Nossa intenção com este capítulo foi tentar aproximar o leitor da configuração social da aldeia de Tourém. Numa primeira parte descrevemos a localização da aldeia, os condicionantes físico-climáticos e umas pequenas notas introdutórias da estrutura arquitetônica da aldeia e de seus componentes. À continuação, partimos para uma descrição mais sociológica dos moradores e de suas vidas. Num terceiro movimento interno do capítulo recuamos até o século XII para desde lá vir trazendo um histórico da mobilidade e da fronteira, elementos presentes e constituintes da configuração social. Enunciamos na introdução metodológica que as histórias de família e de vida seriam os condutores de nossa análise, por isso, começamos a esboçar umas linhas em que tentamos mostrar alguns movimentos, territórios da vida e diferentes configurações sociais. Foi aí que abordamos a casa como um ente social fundamental para entendermos as redes de mobilidade e as trajetórias de vida das pessoas da aldeia. A casa como elemento que acolchoa e consegue

mitigar a perda de uma força de trabalho fundamental naquele momento em que a agricultura era manual, sabia que o esforço iria ser recompensado. As remessas de dinheiro que vinham de fora permitiram que as pessoas desarraigadas duma estrutura social excludente tivessem a oportunidade de comprar uma casa, terras e animais. Ou no caso de Domingos, deixar sua filha com seus sogros e centrar em acumular capital para uma vida futura na aldeia. Depois de contínuos *flashback* e *flashforward* decidimos abordar a situação atual da aldeia fazendo uma diferenciação entre grupos sociais, atividades e relações com a aldeia.

CAPÍTULO 2. A MINHA TERRA

1. A terra e a territorialidade: uma aproximação teórica

A terra como palavra é usada de múltiplas formas nas conversas cotidianas que as pessoas de Tourém mantêm. Devido a recorrência que encontramos no uso do termo e a tentativa de apreender os diferentes significados gramaticais, simbólicos e geográficos, propomos neste capítulo realizar um exercício analítico que tenha como um dos objetivos entender alguns dos usos que lhe são atribuídos. Por conta dessa presença recorrente do termo nas narrativas e nos discursos das pessoas de Tourém e de sua força explicativa, podemos conferir a ela o status de categoria analítica. É em grande medida provocada por esta aposta metodológica que em primeiro lugar tentaremos esmiuçar os usos que dela se faz, para num segundo momento aceder através das narrativas recolhidas e da experiência em campo a uma segunda análise muito mais localizada e aprofundarmos através de exemplos etnográficos concretos.

Da mesma forma como expõe Pietrafesa de Godoi para pensarmos as categorias usadas pela população com a que convivemos em nosso trabalho de campo, compartilhamos que: “partindo da compreensão de que a análise antropológica se faz, necessariamente, a partir das categorias segundo as quais os sujeitos pensam e vivem a sua existência, a necessidade da análise dessa categoria se impõe” (1999:46)

Podemos afirmar que os significados da *terra* são elaborados em um processo intersubjetivo, constituído e constitutivo da vida social em que o ambiente, o contexto e a situação definem o uso que se faz do termo. Assim tentaremos ir explicitando ao longo do capítulo, o ambiente da conversa, o contexto e a situação que de alguma forma propiciaram o uso da palavra terra. Para o nosso trabalho, portanto, definimos *terra* como uma categoria contextual, que permite por um lado definir e situar relações. O uso que dela se faz permite determinar ao mesmo tempo, um dentro e fora, um “nós” e “outros”, “nativos” e “estrangeiros” evocados em alguns eventos da vida social da aldeia. Devido a seu amplo espectro de usos, teremos que esmiuçar o lugar dos falantes, o contexto e o rumo da

conversa para poder entender o significado que está sendo conferido ao termo. A terra como veremos em seguida, tem múltiplas conotações e essas conotações podem ser vistas, inclusive, como dimensões. Falamos de dimensões porque se nos atermos aos estudos que Raffestin e Haesbaert fizeram com o termo território, vemos como em Tourém, através da terra podemos aceder a essas esferas de significação.

Raffestin (1993[1980]) confere ao espaço a condição de noção e o de conceito para o território, pois, seria tendo como base o espaço que se conformaria o território. “O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível” (1993:143), portanto o espaço seria um elemento dado e a ação sobre ele é que conformaria o território.

No seu livro “Por uma geografia do poder” (1993) Raffestin se aproxima também da noção de territorialização, trabalhada no Brasil por Oliveira Filho (1999) e das noções que refletem acerca das relações de poder, no caso do antropólogo brasileiro, nos processos administrativos e políticos levados a cabo pelo Estado. Raffestin está preocupado com as relações de poder, pois, se o território se dá na relação, para ele toda relação implica na existência de relações de poder. Para tal efeito, o autor se apoia em Foucault, alegando, por exemplo, na segunda das quatro características que cita, que: “As relações de poder não estão em posição de exterioridade, no que diz respeito a outros tipos de relações (econômicas, sociais etc.) mas são imanentes a elas” (1993:53).

O território como elemento produzido pelos diferentes agentes que incidem sobre um espaço determinado, implicaria necessariamente na apropriação, dominação, disputa e controle do espaço, sendo o poder um elemento omnipresente em todas essas relações. Mas, só o poder não nos ajudaria a entendermos as – digamos – diferentes dimensões ou conotações territoriais. Por isso, procedemos a abrir o diálogo com outro geógrafo, Rogério Haesbaert, que em sua obra “O Mito da Desterritorialização” (2006) nos ajuda a destrinchar um pouco mais, apropriações e usos que se fazem e fizeram em diferentes disciplinas do termo território, resumindo-as nas seguintes dimensões: política, econômica, simbólica e natural.

Na política, “o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente –

relacionado ao poder político do Estado” (2006:40), em direta ligação com a territorialização supra citada.

Como cultural, o autor define a “dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (2006:40). Essa conotação, o autor a associa mais às ciências sociais, afirmando ainda que na antropologia esse conceito foi usado nos “estudos das sociedades ditas tradicionais” (2006:36).

A econômica, “menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho” (2006:40).

Já a natural estaria mais próxima dos estudos de etologia e das ciências biológicas.

Finalmente e depois de uma nova (re)recategorização terminológica, desta vez, albergando a classificação anterior, em outras duas, subclassificações – materialismo-idealismo e no binômio espaço-tempo – o autor enuncia a impossibilidade de existirem territórios sem pensar a relação e, portanto, nele se conteriam todas as relações das diferentes dimensões evocadas na anterior classificação: naturais, sociais, políticas e culturais.

Raffestin chega a mesma conclusão e partindo das ciências biológicas e dos estudos de etologia, o autor enuncia o termo territorialidade, definida através das relações. Dessa forma, o autor inclui, dentro de sua noção de territorialidade, o tempo, sendo o trinômio tempo-espaço-sociedade os pilares nos que se assenta esse conceito teórico. Para isso, ele define a seguinte fórmula matemática:

$$T \rightarrow \Sigma H r E$$

Onde T seria a territorialidade; H o indivíduo que pertence a uma coletividade; r uma relação particular definida por uma forma e um conteúdo e que necessita de mediatos; e E a exterioridade, definida por ele como “um lugar, mas também um espaço abstrato, como um sistema institucional, político ou cultural” (1993:160). Para explicar essa fórmula, o autor utiliza uma nota de rodapé no que diz o seguinte: “A territorialidade sendo a “soma” das relações mantidas por um sujeito com o seu meio. Isso dito não se trata de uma soma

matemática, mas de uma totalidade de relações biossociais em interação” (1993:160).

Acreditamos que adiante fique explicado esse recurso à teoria, pois, acreditamos que a *terra* como categoria consegue alcançar os diferentes níveis expressos pelos autores citados linhas acima. Para tal fim, também, como recurso metodológico, classificamos o termo por significados, para explicitar ainda mais o roteiro que estamos pensando. Essa classificação é uma abstração nossa, um recurso metodológico para tentar clarificar e sistematizar o nosso trabalho, com o fim de facilitar a compreensão do leitor. Contudo a separação que estamos propondo não existe como tal na aldeia, pois os significados são fluidos e permeáveis. A *terra* é ao mesmo tempo um território político-administrativo definido que contém uma carga moral importante, é também um espaço de vida e da vida e, finalmente, alcança o definido anteriormente como territorialidade. Territorialidade aqui entendida no sentido esboçado por Pietrafesa de Godoi, como o processo de construção dos espaços de vida das pessoas (1998). Nessa construção social do espaço de vida entrariam também as diferentes terras pelas quais as pessoas de Tourém passaram. Nesta reflexão é importante não nos esquecermos da variável temporal. A temporalidade será um elemento que acionaremos ao longo do capítulo, sendo contínuos os recuos a outras temporalidades, outros *tempos*, para melhor mostrar esses processos constitutivos dos usos e recursos expressos através do termo.

Um primeiro significado que teremos que explicar é a terra como aldeia. A aldeia aparece como sujeito em muitas conversas, mas, em função do contexto e da escala da conversa, veremos como ela é uma categoria que vai mudando. Assim, ela pode ser a aldeia, o município, a província ou Portugal.

Uma segunda acepção é a terra entendida como lugares de vida e da vida. Neste caso a *terra* seria o(s) território(s) pelo(s) quais as pessoas de Tourém passaram ao longo de suas vidas. Esses múltiplos territórios podem ser vivenciados de formas distintas, pois, não seria preciso ter um contato físico com esse território para adquirir o conhecimento dele. A mera presença de um vizinho, um amigo, um parente é suficiente para que essa terra entre dentro da rede de territórios articulados desde a aldeia, começando a formar parte dos territórios do conhecimento local. Passa a ser uma *terra* conhecida através das vivências, relatos e histórias das pessoas que por lá estão ou já passaram.

A *terra* tem, assim mesmo, uma carga moral. Não que as categorias anteriores não tenham atrelada consigo uma moralidade, mas, colocamos essa separação porque a que encontramos nas narrativas, expressões específicas, que têm a palavra terra como eixo nuclear, fazem referência expressa a certos tipos de valores, a um universo mais do simbólico. É o caso que veremos com expressões comuns do tipo é um *terra a terra*, ou os valores que encarnam as próprias pessoas da terra. As relações de consanguinidade também serão evocadas desde este olhar, pois, elas estão de alguma forma, contidas nas duas divisões anteriores, mas, achamos que representações e simbologias do e no local, devem ser acionadas como elementos de ordem moral. Também veremos como essas qualidades, poderíamos até dizer, “nativas”, são mostradas em discursos de políticos locais e em festividades cujo público não é só da terra. Tivemos a oportunidade de assistir a uma série de eventos de carácter público em que essa conotação foi amplamente recorrente ao longo dos discursos. Outra diferenciação que tem que ser feita é que a terra é o suporte das atividades agrícolas dos moradores da aldeia. A terra-física permite e sustenta a atividade agrícola e pecuária dos moradores da aldeia, é também evocada nas narrativas sob o termo terra. *Cada terra tem seu uso e cada roca seu fuso* essa expressão definiria as diferenças e especificidades que cada terra teria e faz menção expressa aos utensílios necessários para processar a lã das ovelhas e convertê-la em fio. Mas, não só, pois a terra também é o objeto, além da agricultura, de execução e implementação de programas de gestão que vêm pensar os usos que se fazem desses territórios. A paisagem, o entorno rural e a agricultura são elementos muito importantes dentro das atividades econômicas locais. Economia que se encontra atrelada direta e indiretamente à terra-física e os elementos que dela emanam em relação com a gestão dos espaços, das terras e dos animais. Surge assim, uma paisagem específica que se encontra protegida ao amparo do único parque nacional português: Peneda-Gerês.

Essa seria uma primeira classificação, que poderia ser ainda subdividida em função das características intrínsecas evocadas. Pois, como podemos perceber nas classificações anteriores, elas podem também ser agrupadas seguindo outros parâmetros. Vale a pena frisar que essas classificações vão se entrelaçando em nossas análises, no entanto, acreditamos que o exercício de “localizar” o leitor no raciocínio, ajude. Entendemos esses

significados e entendimentos da e sobre a terra intrincados uns nos outros. A nossa pesquisa foi realizada no espaço social da aldeia e como tal tivemos a oportunidade de abordar todas essas significações e variações que no contexto aparecem fusionadas.

2. A minha terra

Em Portugal de um modo geral, expressões como a *minha terra* ou a *terra* seriam suficientes numa conversa para que os interlocutores e ouvintes da mesma entendessem que o emissor está falando da sua aldeia, do seu lugar de procedência. Procedência que pode ser originada de diversas formas, como veremos no item *filhos da terra* e acerca da qual não existe aparentemente consenso. Essa aceção de terra tem intrinsecamente atrelada uma função de escala, pois se as pessoas falam que Tourém é sua terra, para as pessoas que conheçam Tourém seria simples visualizar o lugar. Mas, caso contrário, os ouvintes podem estar associando a sua terra ao Barroso, ao Município de Montalegre, a Trás-os-Montes e inclusive em determinados momentos é acionado o referente nacional, caso a conversa se de fora do contexto nacional. É claro que tudo isso depende do interlocutor que se tenha, de seu conhecimento acerca daquela *terra* e dos referentes contextuais que estejam sendo evocados. O termo terra é usado tanto pelos moradores da aldeia, quanto pelas pessoas que moram fora. Vejamos um exemplo.

No dia 16 de junho de 2013, estavadiante do café Paris conversando com três idosos da aldeia. Em um carro chegaram dois galegos, também aposentados, naturais da aldeia vizinha de Vilar. A conversa com eles já começou num tom irônico e a primeira provocação que escutaram foi do Domingos justo quando desciam do carro:

Domingos: *Olha aí vem os galegos*

Sem sequer olhar pra trás um deles respondeu:

*Galego pela mesma distancia que tu es portugues, só por um kilometro*⁶³

Com essa frase o “galego” estava evocando a natureza fronteira de sua aldeia.

Caso tivesse nascido um quilômetro fora do núcleo habitacional de Vilar estaria nascendo

63 Repare-se que esta frase está escrita em galego, língua usada de forma recorrente nas aldeias galegas vizinhas.

em terras portuguesas. É galego pela mesma distância que o outro português, pois de Tourém até a Galiza há também menos de um quilômetro. O tom irônico continuou uma vez que saíram do café os galegos, devidamente servidos, um trazia um combinado de bebidas conhecido como *cubata* e o outro uma cerveja. Depois de ser eu mesmo interrogado acerca de minha presença na aldeia e de evocadas algumas histórias em comum entre os galegos e os portugueses, entre uma *terra* e a outra, decidiram ir embora.

*Bora*⁶⁴ disse o que dirigia. O outro sem hesitar muito respondeu
é, vamos que esta non é a nosa terra.

Eles de fato não estavam na sua terra, ou seja, a proximidade ou o afastamento com a terra é sempre relativa à esfera que esteja sendo evocada na conversa, neste caso o nível estatal. A escala da qual se fala é a que marca o sistema de referência e essas balizas mudam de forma radical ao longo de uma conversa como esta. Vimos como começaram articulando as suas condições de “galegos” e “portugueses” para num segundo momento chamar a atenção para a sua condição de *raianos*, de moradores da raia, da zona fronteira. Finalmente num uso que poderia ser analisado desde uma ótica multiescalar, dizem que vão para a sua *terra*, mas o que pode ser visto no local como um ato cotidiano de ir desde Tourém para Vilar, pode tornar-se para outro observador como um percurso que implica em atravessar a fronteira, ir para outro município e chegar na aldeia deles. A distância administrativa que estaríamos acionando seria maior do que a localmente vivida e mostrada por eles nos seus deslocamentos cotidianos. Ou seja, podemos tirar desta conversa

64 Ao mesmo tempo em que na nota de rodapé anterior referíamos e explicitamos o uso do galego, note-se o uso que o galego fez neste caso de um termo português. Isso mostra como a fronteira linguística de fato não existe naquele lugar. Os portugueses falam português e os galegos espanhol ou galego, mas na hora de travar uma conversa as fronteiras se diluem aparecendo arranjos linguísticos próprios daquele lugar, dificultando a definição daquela língua como galega ou portuguesa.

No nosso primeiro dia de contato com Tourém, tivemos o grande prazer de conversarmos com o Tio Bento. Segundo nos foi comentado na aldeia e por ele mesmo, ele foi o maior contrabandista da região. Ele falava de contrabando num primeiro momento da conversa, mas rapidamente conceituou de forma precisa o que significava para eles o contrabando, distanciando-se da imagem de atividade ilegal associada com armas e drogas. Ele depois dessa contextualização se autodefiniu como comerciante. A questão é que depois desse esclarecimento o Tio Bento sentiu meu sotaque e rapidamente me perguntou de onde eu era. Falei que era galego, mas que estudava no Brasil. Ele me disse que língua eu preferia para conversarmos, se espanhol galego ou português. Essa frase ficou retida em minha memória e a considero elucidativa daquela realidade social e linguística. O espanhol foi ao longo do século vinte a língua imposta pelo regime fascista de Franco (1939 – 1975) com isso em Tourém, devido ao trânsito de galegos e a necessidade de ter que negociar com os guardas espanhóis, todos sabem falar espanhol.

elementos interessantes para entendermos como é a relação social que se dá, no entorno, daquela fronteira. A vivência é tensa e intensa e podemos afirmar isso ao analisar as relações que as pessoas mantiveram historicamente com os seus vizinhos, sendo amigos e vizinhos às vezes, inimigos e estrangeiros noutras. Esses são as consequências resultantes de imposições como a fronteira, em que as populações locais vivam à mercê dos diferentes momentos políticos entre ambos Estados, assim como diz Cunha "a fronteira constituiu [para as populações] tanto uma ameaça quanto uma fonte de benefícios" (2003:374). Necessitando umas vezes da ajuda dos vizinhos – redes de solidariedade que ajudaram a diminuir o controle social imposto por ambos os estados – e noutras sendo eles os primeiros inimigos, como no caso de disputas de ordem mais local e cotidiana, como com os cultivos, os pastos, as lenhas e os materiais recolhidos no entorno da fronteira e necessários para a sobrevivência, sobre tudo nos difíceis anos dos pós-guerras.

Os usos que se fazem do termo *terra* evocam, um espaço geográfico definido e concreto. Mas também se lhe atribui um território abstrato e não definido como é o da zona fronteiriça. A delimitação administrativa do referente foi, como vimos no começo deste capítulo, um dos elementos referenciados pelos geógrafos (Raffestin e Haesbaert), que observam para o território uma variável político-administrativa. Mas além desse uso digamos que oficial do território, vemos evocado naquela conversa a prática da vizinhança, neste caso da zona fronteiriça. As relações sociais de vizinhança implicaram na criação de um território amplo além do Estado, onde as trocas comerciais, as redes de solidariedade e vizinhança, as relações de parentesco e os casamentos nos mostram como os *raianos* conviveram com aquela imposição estatal. A zona fronteiriça é um território largo cujo eixo seria a própria fronteira e que aglutina as aldeias em teoria limítrofes dos dois estados. Tourém não é de fato a terra daqueles galegos, ainda que os portugueses tenham amigos em Vilar e eles venham a Tourém, além de beber, para rever seus vizinhos, às vezes chamados de compadres, e conversar um bocado. Os galegos e os portugueses daquela região se viram na obrigação de ter que compartilhar momentos e eventos, que implicaram na criação e ampliação de redes de solidariedade e entreajuda⁶⁵. Naquele momento e naquela conversa

65 Estamos evocando nesses casos eventos como a guerra civil espanhola (1936 - 1939) em que os galegos passavam a Tourém e lá encontravam toda uma série de facilidades e ajudas por parte de seus vizinhos.

estava sendo assumida a condição de espanhóis (galegos) e portugueses, portanto estrangeiros, outros.

Mas também existem relações de boa vizinhança, pois Tourém é uma aldeia na qual tem pessoas das aldeias galegas morando, galegos que se casaram com mulher portuguesa ou galegas que se casaram com homem português e que a partir desse momento começaram a residir na aldeia. As redes de parentesco local não respeitam as fronteiras, ultrapassando através dos casamentos os limites administrativos impostos e criando uma rede de parentela que se estende ao longo da zona fronteira. Da mesma forma como vizinhos da aldeia saíram para casar com galegas e galegos. Também há na aldeia pessoas que levam a vida toda morando na aldeia, *casaram lá e lá moram* seus filhos e netos, mas não nasceram na aldeia, e isso como veremos mais adiante é um elemento altamente remarcado, portanto objeto de disputa e poder, acionado em momentos pontuais. Apesar de certas pessoas morarem na aldeia a vida toda, eles ainda hoje não são considerados para todos os efeitos como membros efetivos da aldeia, como vizinhos. A condição social de vizinho é um elemento altamente disputado, implica na participação de alguns eventos e demora. Pietrafesa de Godoi, em seu estudo no Piauí, mostra os aspectos rituais pelos quais um estranho passará a formar parte da grande família. Assim terá que entender que a solidariedade é central na hora de se entender como compadre, como parente, mas também “partilhar normas de comportamento e de ação” (1999:117). Essas normas e condutas dos parentes são as que dão forma ao “sistema do lugar”, como observa a autora.

João de Pina Cabral, em seu livro: “Sons of Adam, Daughters of Eve” (1986) mostra como a condição de vizinho é central dentro da vida social daquelas aldeias. Existe certo tipo de evento como, por exemplo, a assistência ao cemitério no dia 1 de novembro, em que se a pessoa quiser ser considerada como vizinha terá que estar presente e assim irá construindo seu próprio processo até entender o “sistema do lugar” e as normas sociais de convivência. A condição social de vizinho para alguém que é de fora se ganha com a passagem do tempo e com a presença ao longo do tempo e com a participação dos processos rituais da vizinhança, como festas, funerais, família etc. Em nosso caso também nos encontramos com esse problema, nos perguntamos quando será que uma pessoa passará a ser reconhecida plenamente pelos seus conterrâneos como um membro pleno da

comunidade?

A identificação com o coletivo, e por parte do coletivo se dá de forma contextual e processual. Mas, dependendo do interlocutor e da necessidade de acionar um ou outro discurso ou dispositivo de poder a pessoa pode ser desacreditada de forma taxativa. Pude observar nas conversas quando um aldeão quer ressaltar a condição de galego de um morador usando a expressão: *não es desta terra* ou *não es filho da terra*, para desacredita-la de forma drástica e sem mediações. Claro que em outros contextos e em função da necessidade será reconhecido como um membro a mais da comunidade local.

O Tio Adriano é um idoso da aldeia de 74 anos, que mora em Tourém desde os seus seis anos de idade, quando chegou para trabalhar de criado. Ele trabalhava pela comida, dormida e um *jogo de roupas novas*⁶⁶. Adriano teve uma breve estada na França depois de ter casado com uma vizinha da aldeia com quem foi pai de quatro filhos. A sua passagem pela França foi curta, pois teve que voltar quando o seu projeto de vida começava a se estabilizar, a sua esposa abandonou a casa, deixando os seus filhos sozinhos na aldeia, como vimos num momento anterior. Quando voltou teve que *tomar conta da casa e dos filhos*. Hoje tem três filhos morando na aldeia e uma filha em Paris. Uma tarde de inverno de 2012, estávamos conversando acerca das terras de Tourém que foram alagados pela barragem e de como foi o procedimento de pagamento das indenizações por parte da empresa espanhola adjudicatária⁶⁷. Domingos que estava conosco também, tentava puxar a conversa para outras temáticas. Domingos é o pai de Natália que por sua vez é a esposa de Adriano, filho do Tio Adriano. Domingos foi emigrante na França e depois de *quase*

66 Calça, meias, camisa, botas e uma jaqueta. Adriano teve dois *patrões* com os quais chegou a negociar um salário anual.

67 Esse processo foi tenso e demorado, pois a barragem alagou as melhores terras da aldeia e, além disso, a empresa espanhola FENOSA queria pagar uma quantia menor aos proprietários de Tourém. Essa negociação foi demorada e acionou diferentes advogados que interpuseram uma série de processos administrativos de esclarecimento para que os moradores da aldeia receberem o mesmo trato que os proprietários galegos. A questão da barragem é ainda hoje um tema não esclarecido e que cria uma certa tensão sempre que evocado, pois além de terras particulares havia, terrenos baldios que foram pagados para a comunidade e da qual houve segundo alguns depoimentos um enriquecimento pessoal por parte da comissão que gerenciava naquele momento a junta de freguesia. Além disso, houve vizinhos da aldeia que sabendo que os donos de algumas terras não estavam presentes, na hora de fazer o inventário de propriedades colocaram as terras dos ausentes físicos como de sua responsabilidade o que propiciou também tensão.

*quarenta anos*⁶⁸ vive na aldeia como aposentado com sua esposa Glória na casa que construíram com os *francos da França*. Domingos ao longo desses quase quarenta anos, chegou a passar períodos de até seis anos sem retornar para a aldeia, com o que há processos e eventos que aconteceram na aldeia dos quais ele não participou. Adriano, consciente disso, adora conversar comigo desses eventos e de sua visão do processo de construção da realidade social que hoje é a aldeia. Fala processualmente com uma clarividência fantástica de processos engendrados uns nos outros, dos diferentes presidentes de junta de freguesia, da câmara municipal, que ligações existiam entre as famílias mais ricas da aldeia, transações, quais os interesses “ocultos” socialmente (re)conhecidos pela população local através dos *mexericos* e assim por diante. A questão é que naquela tarde Domingos devia estar com pouca paciência e depois de ver como efetivamente Adriano de novo nos levava aos seus terrenos, Domingos no que mais se pareceu a uma jogada estratégica de poker, uma cartada! Inverteu a sua posição marginal na conversa desacreditando Adriano. A forma como ele o fez foi declarando que Adriano não era daquela terra⁶⁹. Ou seja, depois de chegar aos seis anos na aldeia, casar com uma vizinha da aldeia, três de seus quatro filhos morarem na aldeia, em determinadas circunstâncias ele ainda não é reconhecido como vizinho plenamente, como um membro mais da *terra*. Ele não é consanguíneo daquelas pessoas, seus filhos, pelo contrário, sim que são daquela terra. Acreditamos que esse exemplo seja de alguma forma esclarecedor da importância que se dá ao nascimento, ao parentesco, a consanguinidade, ao valor da família e da casa na aldeia, e de como esses elementos são acionados em determinados momentos e em certos tipos de discursos. Como veremos mais adiante no item *filhos da terra*, a condição de conterrâneo, de vizinho não é um elemento durável, ele também precisa ser renovado de forma ritual.

Domingos, de 72 anos de idade, esteve na Angola nas guerras coloniais, antes de embarcar para a *África* já tinha morado em Lisboa, depois da guerra foi para Madrid e anos

68 Essa expressão é usada por ele mesmo, acreditamos que seja um dispositivo que permita alongar o tempo em que foi migrante, quanto maior for esse período mais “peso social” ganha perante aos que estiveram menos tempo. Parece que há uma relação direta entre esse tempo da emigração e a capacidade de resistência, de sofrimento e de força mostrada.

69 Adriano não teve em relação com aquela confissão grandes problemas. É mais, neste verão vi uma tarde Adriano tomando café com roupas novas, subitamente lhe perguntei aonde ele ia assim todo arrumado. Ele respondeu: *estou indo na minha terra, há festa lá hoje*. Adriano ainda acode as festas da sua aldeia e aos enterros, eventos onde os laços de pertença se renovam como veremos mais adiante.

depois é que conseguiu de fato ir para a França. Ele que é *filho de solteira*⁷⁰ – classificação social importante que opera até os dias atuais e que define o caráter extraconjugal do relacionamento no caso do pai, colocando a sua mãe num status inferior em relação com a esposa de fato e que o colocaria diante de outras pessoas num nível inferior – se considera uma pessoa mais legitimada para conversar acerca de sua *terra*, apesar de não ter vivido nela nem a metade de sua vida. É claro que Adriano não deixou desandar a conversa e respondeu com um tom sério que: *não sou desta terra, ainda bem (!)* mas que ele tinha vivido naquele tempo na aldeia e *por isso posso conversar co Diego daquelas cousas e daqueles tempos e você não!*. Depois de bebermos mais um copo de vinho tudo ficou mais calmo e a conversa partiu de novo para os *contrabandos*, tema que todos têm alguma outra “história” para contar. A questão que queremos mostrar é como há momentos em que esses referentes de vizinhança resultam acionados para desacreditar, deslegitimar ou eliminar oponentes num jogo social complexo, mas, dinâmico e em contínua transformação, como vimos refletido também na conversa entre os galegos e os portugueses. Como um campo de disputa contínuo vemos como a terra natal, a consanguinidade e a descendência, ratificam posturas de pertença à população de Tourém.

Por outro lado, Domingos sabe reconhecer de fato que ele não é um grande conhecedor dos acontecimentos da aldeia nas décadas de sua ausência e reconhece a Adriano como uma das pessoas que esteve presente e com a que posso e devo conversar. Ele precisava naquele dia demonstrar um diferencial com o Tio Adriano, além de ter morado fora grande parte da vida, ele de fato é *filho da terra* o que o legitima a se colocar nessa posição diferenciada. Domingos, como já dissemos, é um filho de palheiro, que na valoração local seria já um elemento altamente marcante, mas o Tio Adriano estaria numa escala ainda menor, pois ele veio para a aldeia quando era uma criança. O que podemos

70 Também se usa a expressão *filho de palheiro*, em referência á construção que guarda a palha do feno. O feno é o alimento principal do gado no inverno e como tal as visitas aos palheiros eram recorrentes ao longo do dia, como normalmente estavam fora do território físico da casa, esses lugares eram os escolhidos para começarem namoros e encontros ocasionais entre as pessoas de Tourém. Outra expressão usada é *filho ilegítimo*. Para nomear aos seus irmãos Domingos fala de *médio irmão*, os que são só por parte de pai e *irmãos* os que o são por parte de mãe e pai, pois foram no total 6 irmãos do mesmo pai e da mesma mãe. O relacionamento extraconjugal do pai de Domingos era conhecido socialmente até o ponto que ele escolheu três filhos para irem morar na casa dele com seus dois filhos e sua esposa, ainda que toda noite ele de fato dormisse com a mãe de Domingos.

aceder através desses relatos, que não é somente a condição social de vizinho que está em disputa. O status social também é um elemento que permeia a vida social. Como já falamos várias vezes ao longo desta dissertação, a maior diferença entre Domingos e Adriano é que Domingos está aposentado pela França e Adriano continua sendo visto como um lavrador. Mas por outro lado, a diferenciação social que existe entre lavradores e os migrantes, como se vê na fala de Eduardo, é cada vez menor. Hoje os camponeses têm acesso aos carros que os citadinos têm, também têm acesso aos mesmos serviços e facilidades. Mas, nas narrativas dos migrantes continua aparecendo um sentimento de superioridade em relação aos lavradores, da mesma forma como aparecia trinta anos atrás e que podemos ver nas classificações do tipo proprietário, lavradores e jornaleiras que abordou O'Neill (1984). Acreditamos que essa superioridade seja um sentimento forjado no desespero de quem se viu utilizado como agente modernizador por parte do Estado e vê como hoje são os agricultores em plena crise financeira da Europa os que conseguem ter capital circulante, trocar de carro e viajar. No entanto, os moradores da cidade são mais dependentes economicamente – os da aldeia conseguem produzir parte de seus alimentos – alguns perderam o emprego e mal vivem nas cidades, como também evocava Eduardo.

Há muitos outros momentos em que essas diferenças são acionadas, mas este nos pareceu elucidativo da calma tensa que existe no jogo social de pertença ou não à – chamemos – grande família de Tourém, os vizinhos.

3. Nascido e criado na terra

Nascido e criado na terra é outra expressão que recolhemos na aldeia. Neste caso foi Zé Pires, idoso da aldeia que está morando há mais de 30 anos em Lisboa e que reivindica constantemente sua condição de vizinho a cada verão que volta à terra. Para tal fim, Zé argumenta que, inclusive, seu filho (Zé Pires) foi criado até os nove anos de idade em Tourém. Só depois dessa idade (faz aproximadamente trinta e dois anos) que eles saíram da aldeia.

Nascido e criado na terra poderia ser considerada uma metáfora da ratificação de

pertença à comunidade. Essa expressão nos introduz uma variável interessante no processo de ratificação, que é a da profundidade temporal, a de se fazer valer através do tempo como vizinho. Zé não, simplesmente, nasceu na aldeia, ele também foi criado lá. Ou seja, ele está apelando para um discurso da ascendência comum do lugar conjuntamente com o tempo de permanência na aldeia. Entendemos essa posição como um discurso que o diferenciaria das pessoas que teriam nascido na aldeia e depois emigrado para alguma cidade. Esse discurso é usado pelo Tio Zé de forma recorrente para dizer que ele tem além do que poderíamos chamar de “cartilha de ascendência” conhecimento da vida social mais “comunitária”, de como se vivia nos tempos de antes. Conhecimento altamente cotizado no jogo de pertença e de ratificação. Outra dimensão, evocada implicitamente quando as pessoas falam de *ir pra terra* ou ir de *férias pra terra* ou *voltar pra terra*, é a pertença em uma determinada coletividade, a família, a aldeia, entendida como um espaço social consolidado ao longo do tempo. Relações que tanto podem ser consolidadas por eles mesmos como por seus pais e que os filhos deles herdaram de forma quase automática. O verão é o momento mais agitado da vida social aldeã e coincide com o tempo das férias, por isso, é quando os migrantes retornam, em sua maioria, para a aldeia e quando vemos acionar-se de forma mais comum os discursos de ascendência e de co-partilhamento. A aldeia se enche precisamente de migrantes que voltam para passar as férias com seus parentes, nas suas casas⁷¹. Assim o termo *terra* se refere a uma dimensão social além de uma espacialidade determinada, ele evoca um conjunto de lembranças e vivências pessoais, familiares e compartilhadas, “um lugar da memória” (Pietrafesa de Godoi, 1999).

Os migrantes voltam para a sua terra quando podem, dependendo das possibilidades econômicas e particulares de cada um. Estive na aldeia este ano com um senhor que ocupa um alto cargo em uma das companhias de “consulting” do sistema financeiro mundial que realiza as avaliações de dívidas “soberanas” dos estados e que mora em Nova Iorque. A sua

71 É muito estranho encontrarmos um caso de um migrante que volte de férias na aldeia a cada ano e que não tenha uma casa restaurada para ele passar o seu tempo de férias. O aspecto dessas casas mostra como elas foram recentemente reformadas, têm alguns elementos que destoam do conjunto arquitetônico da aldeia. Falamos expressamente de uma casa que tem sua entrada franquada por azulejos ou outra que tem na porta um galo de Barcelos, elemento corrente das casas da região do Minho. Uma arqueologia dos materiais de construção nos permitiria também aceder ao tempo em que essas construções foram reformadas. Assim a telha de barro substituiu na década de 1960 e 1970 os telhados de colmo, feitos com a palha do centeio, por exemplo.

ida para a aldeia foi como uma breve pausa de dez dias dentro das suas múltiplas viagens ao longo do mundo. Necas é um fazendeiro, como ele mesmo diz, *já aposentado por seus filhos*⁷², que mora em Goiás e que passou em 2013 4 meses na aldeia. Quim e sua esposa também estão aposentados, mas, eles pela França e passam a metade do ano na aldeia e outra metade em Grenoble, perto dos seus filhos. Zé Pires é um homem de 41 anos que tem dois filhos quase adolescentes, com os *putos*, como ele diz, tenta passar sempre uma temporada das férias do verão na aldeia. Assim, há múltiplas trajetórias de vida que definem o relacionamento direto com a *terra*. Mas o ponto de contato de todas essas histórias é a terra e o mês de agosto de 2013.

Tentei questionar aquelas pessoas acerca da motivação do seu regresso, porque é que eles voltam para a aldeia? *Voltamos porque esta é a nossa terra*, dizem. A continuação eles questionaram posição na aldeia. Qual seria a lógica que faz com que, um estudante de mestrado de antropologia social que faz uma pesquisa na aldeia, que ninguém sabe muito bem como classificar, que fica interrogando todo mundo e anda, sobretudo, com os lavradores, os ⁷³ questione acerca do porquê voltam para a sua terra? Ficou claro para mim naqueles momentos que estava diante de uma oportunidade de conhecer e aprofundar na questão da *terra*, assim como os diferentes olhares dos grupos sociais. Num primeiro momento apareceu de novo o estranhamento dos primeiros dias de trabalho de campo, agora, com os migrantes. Mas como eles me viram continuando meu trabalho, conversando com os lavradores de forma repetida, o meu papel de estranho, produziu uma curiosidade, mudando drasticamente a minha posição na aldeia em relação a eles. Eles queriam conversar comigo e saber de novo o que eu fazia de fato lá. Questionei-os, então, novamente sobre qual o motivo de a volta periódica para a aldeia. A maioria das respostas que encontrei incide em três elementos, que se podem aglutinar em um só, *a terra*. Assim eles dizem que Tourém é a sua terra, que depois, explicavam melhor apelando para a família, a casa, as propriedades. Podemos dizer de forma abstrata que eles apelaram para a

72 São os filhos de Necas que hoje administram as fazendas que eles têm no estado de Goiás.

73 Naquele momento o termo nos foi acionado de forma explícita, não por as quatro pessoas que citei mas sim por vários, em contraposição direta com os moradores do lugar, pois com eles eu já tinha convivido mais tempo nos períodos de pesquisa anteriores, com o que eles estavam de certa forma conhecendo o que eu estava fazendo lá.

aldeia, o lugar. Recebi esta explicação , principalmente, nos casos de Necas, Zé Pires e Quim, pois, eles foram de fato nascidos e criados na aldeia. O caso do consultor é diferente, pois ele morou toda a sua vida em Lisboa, nasceu lá, mas, hoje na aldeia residem seus pais. Uma vez que foram aposentados, eles deixaram Lisboa por Tourém e isso é o que o motiva para voltar, ver seus pais e sua família, nos disse. São, então, esses elementos (casa, propriedade e família) que trazem os migrantes de volta para a aldeia.

Essa caracterização dada pelos migrantes nos oferece aqui uma comparativa interessante com a noção de casa no Alto Minho usada por João de Pina Cabral no ano 2008. Para o autor, “[U]ma casa é uma unidade que contempla edifícios, terras, animais, gente e, substancialmente, um nome, uma reputação, um lugar no cemitério” (2008:62). Vemos como os migrantes estariam então se ratificando em sua condição de vizinho, pois eles voltam a cada ano, reclamam seu espaço social e renovam sua condição social de vizinho e parente.

A terra englobaria no nosso caso a noção de casa usada neste momento por Pina Cabral, pois, como vimos mostrando, aparecem nos diferentes usos que se fazem do termo terra identificações próximas das mostradas pelo autor português em sua noção de casa. Mas, tampouco, podemos esquecer que quando o autor fala de casa ele está refletindo com base num trabalho realizado em duas freguesias rurais do Alto Minho na década de 1980, com o que temos que manter uma distância. Assim o professor Pina Cabral nos traz aqui elementos altamente interessantes, pois ele é capaz de conjugar através dessa simples definição, tanto os elementos físicos (casa, animais e terras) como os referentes simbólicos: o lugar no cemitério, o nome e a reputação. Vemos como esses lugares mais físicos são praticados através dos nomes e dos sentidos próprios do lugar, como se conforma a *terra* através da prática, do discurso e da presença. A conjunção dos elementos físicos com os referentes simbólicos nos aproxima ao sentido que a população de Tourém dá para a aldeia e para o lugar. Tanto a casa, como as propriedades, como a família são elementos altamente valorizados dentro da organização social da aldeia e incidem diretamente nos processos de identificação e reconhecimento dentro da atmosfera social aldeã. Através das narrativas recolhidas dos migrantes podemos ver como de fato há uma carga simbólico-afetiva muito grande em sua presença na aldeia e em seu retorno para a sua terra como filhos dela.

Ellen Woortmann em seu livro “Herdeiros, Parentes e Compadres” (1995) e Emília Pietrafesa de Godoi em “O Trabalho da memória”, de 1999, nos colocam numa senda interessante para irmos além desses fatores separados e abordarmos a conjunção, terra-pessoa de uma forma processual.

Para Ellen Woortmann, o Sítio seria a fórmula que ela encontra para tratar tanto os lugares de parentesco, como os lugares físicos, representados por parcelas, casas e família. Já a Professora Pietrafesa de Godoi nos coloca diante de um território formado e constituído na consanguinidade real ou imputada, na prática. Para ambas as autoras a consanguinidade, real ou imputada, seria um elemento fundamental e fundacional das relações sociais que os diferentes grupos que habitam os territórios por elas estudados, têm em relação com o espaço, com os seus territórios. Ambas as autoras conseguem remontar graças ao “trabalho da memória” (Pietrafesa, 1999) aos elementos fundacionais daqueles grupos sociais. No caso estudado pela Professora Pietrafesa: “A terra, como os indivíduos, pertence ao tronco do *véio Vitorino*, isto é, aos que dele descendem e, nesta medida, o princípio da ascendência comum converge com o princípio dos direitos sobre a terra” (1999:58). Neste caso a autora está estudando o sistema de direitos que envolve a terra. As narrativas por ela mostradas evidenciam de forma clara como é a partir do *véio Vitorino* que os habitantes de Rua Velha, Barreiro Grande, Barreirinho e Zabelê, se entendem como descendentes do tronco *véio*, como uma unidade, como uma grande família.

Entendemos que o contexto brasileiro dista muito do que nós estamos expondo nesta dissertação, mas há elementos que podem ser de ajuda para refletirmos. Assim não podemos aplicar de forma direta o diálogo entre os nossos supostos e os das professoras citadas no parágrafo anterior, mas sim que encontramos pontos de contato entre ambos os campos.

Do mesmo modo nos distanciamos de ambas as professoras, no que diz respeito, a ascendência comum. Não há em Tourém um Bisavô Vitorino. Mas a despeito disso, encontramos expressões que nos remetem diretamente para uma ascendência comum, que não seria um ascendente humano, digamos, mas sim, algo que se desloca para o campo do territorial-simbólico. Pietrafesa em seu estudo nos mostra como o grupo explica sua origem. Em seu contexto de estudo a professora encontrou um lugar em que “tem uma

velha que conta do princípio do mundo, ela conta tudo...aquela era do começo do mundo” (1999:110). No nosso caso, expressões como os *filhos da terra* nos colocam diante desse desafio. Através desse termo vemos conjugados dois elementos altamente interessantes como é a linguagem do parentesco articulada com o território comum. Eles se entendem como uma unidade, como as pessoas que são, poderíamos dizer, de uma forma transfigurada, como pertencentes à Tourém, aquela terra. Se levarmos essa reflexão até os seus limites, sem co-partilhar um ascendente comum, eles sim, que condominam, co-vivem num território que é comum, ou seja, é aquele território, aquele lugar, Tourém o que dá o sentimento de ascendência comum.

4. Filhos da terra

Os filhos da terra são todas as pessoas que nasceram na aldeia. Isso ao menos é a versão que têm as pessoas que nasceram na aldeia. *A minha terra natal é Tourém*, dizem, pois assim figura em seus documentos de identidade e, portanto, isso testemunha que de fato eles são filhos da terra. Ainda que essas pessoas passem a *vida toda* trabalhando na França ou em Lisboa, se no documento aparece Tourém para eles está documentada a sua origem. A pergunta parece óbvia, e caso seus filhos nasceram em Lisboa, seguiriam sendo filhos da terra? A questão não fica assim tão clara. Alguns filhos de emigrantes consideram sua terra Tourém, e seus pais nascidos em Tourém, consideram que seus filhos considerando-se filhos da terra, na verdade, não o são.

Uma tarde do mês de agosto de 2013 estava no café depois de almoçar quando entrou pela porta Elisa⁷⁴, ela estava vendendo rifas para a “Corrida Internacional” que iria acontecer semanas depois. Teresa – moradora da aldeia – estava também no café quando Elisa lhe perguntou se lhe comprava umas rifas. Teresa disse que já lhe tinha comprado do

74 Elisa Prego é fotógrafa e é casada com Vitor Castro, um restaurador importante de Lisboa e que tem um dos restaurantes mais conceituados de Lisboa. Estão casados há mais de trinta anos e vem todo ano passar uma parte de suas férias em Tourém. Vitor diz que Tourém não é sua terra, mas, que a sente como se fosse e isso é feito em grande medida pelo acolhimento que ele tem na aldeia. O casal é muito ativo e dinâmico e no verão com sua chegada, a aldeia sempre dá uma capotada, ajudam e se envolvem na organização de muitas festividades e eventos que acontecem ao longo do mês de setembro. Elisa é filha de Lionel e Dona Maria, mas não nasceu em Tourém, seus pais moraram depois de casados um tempo na aldeia, mas, depois foram para Lisboa onde ela nasceu. O seu irmão mais velho Tô Zé, pelo contrário, nasceu na aldeia.

seu marido Zé e que ela não ia comprar mais. Elisa insistiu querendo que Teresa lhe comprasse, pelo menos, mais cinco euros de rifas, ao que Teresa lhe respondeu de novo que não lhe comprava mais! (Ligeiramente alterada). Elisa disse que era para a festa e que iam chegar na aldeia muitos artistas conhecidos, fadistas, um rancho minhoto e Vitor Sala, um apresentador da TV conhecido e que o evento ia ser bom para a terra. *Tu não es filha da terra*, lhe disse Teresa. Ao que Elisa lhe respondeu que ela não seria filha da terra, mas que sentia Tourém como se fosse sua terra e enfatizou dizendo: *eu me considero filha da terra*. A breve, mas (in)tensa, conversa terminou com sorrisos e mais brincadeiras. Bom, afinal eu estava ali, para poder entender e perceber aqueles momentos de tensão que são constituintes e reveladores da vida social.

Depois desse acontecimento fui tentar entender com outras pessoas o que tinha acontecido, assim argumentaram-me também que há possibilidades de problematizar mais a questão de ser ou não filho da terra. Me disseram que, uma pessoa pode sentir Tourém como sua terra sem ter que ser obrigatoriamente filho da terra, ou seja, nascido lá. Haveria a possibilidade, então, de ter duas terras: uma sendo um referente emotivo, isto é, a terra por pertença-sentimento e outra por nascimento. Ainda há mais, tem quem argumentava que, se os dois pais são de Tourém, eles seriam também filhos da terra. Enfim, há uma miríade de diferentes possibilidades, combinatórias, significados e contradições no que diz respeito a quem são ou quem não são filhos da terra.

Vale ressaltar novamente que o trabalho de campo é na aldeia. Não podemos valorar o contexto que não conhecemos em profundidade que é o das pessoas que tendo nascido na aldeia não moram mais lá ou se desvincularam da aldeia. Esse não é nosso foco prioritário, mas não podemos deixar passar um caso que conheci. Zé do Emílio ou Zé de Chaves ou Zé do Tio Emílio⁷⁵ é um filho da terra que não mora mais nela. Encontrei Zé numa tarde de

75 Acerca dos tecnônimos na aldeia remetem a outra categorização social, por assim dizer, de conhecimento mais extenso do que poderia ser o próprio sobrenome, que não tem uso no local e que se usa em outras instâncias. Assim neste caso vemos como Zé do Emílio se refere a seu pai, mas também adquire reconhecimento o seu pai, que se as pessoas o estivessem mencionando de forma direta falariam do Tio Emílio. Preferencialmente os tecnônimos vão ganhando relevância com o tempo e mudando conforme o passar do tempo. Assim Venâncio é um morador da aldeia que chegou na aldeia em 1967. Hoje moram na aldeia ele e sua esposa, e dois filhos dele, Venâncio e Sérgio. Tive a oportunidade de recolher conversas em que falando de Sérgio para alguma pessoa que já levava anos fora e não conseguia situar socialmente Sérgio, rapidamente acionavam o nome “completo” dele, o tecnônimo, Sérgio do Venâncio. Outra

verão de 2012 em Montalegre numa *chega de bois*⁷⁶. Estava acompanhado por vários aposentados da aldeia, Zé da Benta, Zé da Arminda, Morais e Domingos. Entre as conversas prévias à *chega de bois*, eles me apresentaram Zé de Chaves dizendo: *ele também é de Tourém*. Consegui entre uma *chega* e outra conversar com Zé e perguntar acerca de sua trajetória de vida e ligações com a aldeia. Zé e os seus irmãos venderam as propriedades herdadas dos seus pais na aldeia, *as casas e as terras*, disse. Enquanto seus pais viviam na aldeia ele e os seus irmãos voltavam frequentemente, mas desde que os pais morreram, todos os seus irmãos e ele venderam o restante das propriedades e Zé só volta eventualmente. A festa do encontro é um desses eventos em que Zé aparece na aldeia. É um evento organizado pelas aldeias de Tourém e Randín. De forma resumida, poderíamos dizer que a aldeias – em sua totalidade – de Tourém e a de Randín saem em procissão com seus santos até a linha fronteira, lugar onde as comitivas e santos se encontram e ambos se saúdam. Daí parte a procissão em conjunto para a *carvalheira*, onde é celebrada uma missa com o respectivo padre galego e português. Após a missa os fregueses de ambas as aldeias almoçam e passam o dia por lá comendo e bebendo com seus vizinhos galegos e portugueses. É nesse dia que Zé volta para a sua terra, pois, encontra a grande maioria das pessoas da aldeia com o que pode cumprimentar a todo mundo e conviver com os seus amigos de infância e parentes. Zé enfatiza que com a morte dos seus pais, a parentela dele é, sobretudo, de primos, inclusive, chega a afirmar que mais de 50% da população de Tourém são seus primos. Questionado sobre qual era a sua terra, disse: *se estou aqui, eu falo que sou de Tourém, se estou lá fora, digo que sou de Tourém, Montalegre*. Questionado acerca do papel de Guimarães, ele disse que *como vivo há 46 anos em Guimarães essa cidade é a minha segunda terra* e ainda ressalta que além desse tempo naquela cidade também nasceram as suas filhas. Ele mantém hoje uma casa na freguesia de Salto, pertencente também a Montalegre e que está situada *na terra de minha mulher*. As filhas

nomeação que encontrei foi em relação com uma das *casas mais grandes* da aldeia, os ponteiras. Os descendentes dos ponteiras têm na aldeia uma rua e são ainda reconhecidos como pertencentes a essa família, assim os sobrenomes não fazem mais referência ao pai e sim à família, é então falado Domingos dos Ponteiras, aglutinando com esse nome uma relação maior de pessoas que se encontram dentro desse abrigo dos ponteiras.

76 As *chegas de bois* são eventos centrais na vida social, veremos alguns detalhes das *chegas* nos capítulos quatro e cinco

do casal não foram *nascidas e criadas* na terra, portanto, elas não se consideram filhas da terra, elas são de Guimarães.

A conversa com Zé foi muito elucidativa sobre como as pessoas mantêm vínculos com a aldeia apesar de não terem mais propriedades, nem uma relação contínua, elementos que víamos antes referidos na fala dos migrantes. É óbvio que estávamos rodeados de pessoas de Tourém e eu que estou fazendo pesquisa na aldeia, mas, o discurso que Zé evocou em referência à aldeia é interessante porque mostra um lado que não aparece muito no trabalho, mas, que de alguma forma nos ajuda a ratificar o suposto de que a aldeia é um elemento importante na vida social das pessoas. Ele se mostra de forma clara como um *filho da terra* conhece o que acontece na vida social da aldeia, *acode às festas* e alguns dias ao longo do ano para visitar a aldeia e seus parentes. Mas Zé não falou de que também acodia aos enterros da aldeia, isso foi constatado no verão de 2013, em que faleceram duas pessoas da aldeia e em ambas as comitivas fúnebres estava Zé⁷⁷. São as participações nesses atos ritualísticos que marcam a condição social de vizinho, de filho da terra, de conterrâneo, assim como a possibilidade de manter a condição de pertença. A presença nas festividades marcadas no calendário social local, nos enterros e também de forma esporádica permite a Zé de Emílio renovar os seus laços de pertencimento. Mas, também os renova em outros espaços de sociabilidade como são as feiras, as festas e aí também figurariam as chegadas de bois. As chegadas de bois são consideradas em Montalegre, o evento social mais importante, eles dizem que equivaleria o que representa na atualidade o futebol. A liga de chegadas⁷⁸, como veremos mais adiante, é um evento muito importante na vida

77 “Falar dos funerais implica falar de uma comunidade alargada de vizinhança – que corresponde, em última instância, a uma memória social compartilhada” (Martins, 2006:243). De novo conseguimos articular aqui a definição de casa de Pina Cabral em que ele fazia menção expressa ao lugar no cemitério. Também vimos como na obra de Pina Cabral aparecia uma menção específica ao dia dos finados e a necessidade de presença nesse dia, pois todos os vizinhos lá estão.

Como mostra da importância dos funerais queríamos aqui destacar a opção de Jaime, vizinho da aldeia que mora em Paris, que com seu irmão têm uma empresa funerária no país transpirenaico. A empresa deles é especializada em repatriar os portugueses que falecem naquele país, demonstrando com isso, a importância de ser enterrado em sua terra.

78 O nome desse evento nos faz evocar um processo cada vez mais recorrente e comum nos diferentes âmbitos sociais, e não é mais do que a adequação e normalização duma prática que não respondia a esse padrão. Com as ligas de chegadas os organizadores garantem um espetáculo, uma continuidade ao longo do tempo e um espaço fixo. Recordemos que antigamente as chegadas eram quase o momento mais importante das festividades locais de cada aldeia. As pessoas da aldeia que tinham gado criavam o seu boi, o boi do povo, e recaía nele a função de manter e disputar com os bois das aldeias vizinhas a primazia. Era através

social e na sociabilidade local. Os mais idosos aparecem sempre que podem. Nas chegadas se encontram também outros retornados que foram migrantes e que são de outras aldeias, criadores de vacas, colegas de guerra, enfim, a população local e dos arredores. No tempo das férias, as chegadas são um espetáculo muito frequentado também pelas pessoas que, estando fora grande parte do ano, aproveitam sua estância no local para aparecerem a esses eventos. Com essa aproximação à história de Zé de Chaves vimos como a aldeia ainda se mantém de alguma forma como um lugar de referência, através de parentes (pais, avós, tios e primos, principalmente acionados na atualidade), das festividades, das pessoas vivas, das que já estão mortas, dos vizinhos e dos amigos de infância. Todas essas etapas, momentos de sociabilidade fundamentais para entender a construção social da pessoa, conformam uma teia de laços sociais que incidem numa “memória social compartilhada”, nas palavras de Humberto Martins (2006).

5. Os Netos da terra

Vimos até aqui, que os filhos da terra mantêm uma relação com a aldeia que perdura no tempo e que não depende de sua presença física, mas sim, do que poderíamos definir como os atos que implicam o “fazer vizinho”. Relações que extrapolam os limites físicos e que tem através de parentes, terras e suas casas, presença garantida na vida social. Mas, o que acontece com os “netos da terra” - expressão usada por nos - com as pessoas que nasceram noutras terras, mas, que tem uma relação de consanguinidade, de ascendência com a aldeia? Aqui temos que fazer uma diferenciação importante, pois, estamos falando especificamente da primeira geração de filhos de migrantes que ainda retornam para a

dessas chegadas que a aldeia como um todo encenava a sua condição diante das outras, os bois lutavam com o alento de todos os vizinhos. Assim expressões como “um boi bem mantido, grande e gordo”, eram de suma importância para o reconhecimento da aldeia como um todo, de *saber tratar*, eles dizem. Hoje o processo de mercantilização a que são submetidas as chegadas implica em essa série de eventos organizados, padronizados e cujo fim é o espetáculo e a arrecadação, através da especialização dos criadores de bois. Poucos são os criadores, deixaram de ser as aldeias para hoje serem proprietários particulares, que normalmente tem mais de um boi, monopolizando o mercado, evocando práticas que assemelham as descritas para a máfia siciliana por Boissevain na coletânea organizada por Feldman-Bianco (2009): Apresentando “Amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões” (2009, pp: 205 – 234). A lógica das chegadas é hoje totalmente diferente da que permeava a mesma atividade anos atrás.

aldeia e nesse sentido não é o mesmo que ter nascido em Lisboa do que na França ou em São Paulo. Mas, além de tentar entendermos essa variável geográfica, a questão é saber por que começam a aparecer diferenças na forma de vivenciar a terra, pois, inunda a aldeia um sentimento de que os filhos dos filhos da terra frequentam menos a aldeia, começam a vir menos nos meses de férias. Vejamos um par de exemplos, os de Carlos e seus filhos, Jaime e seu filho Simão e mais Zé Pires.

Carlos é filho de Venâncio⁷⁹, *Carlinhos do Venâncio* como dizem ali. Carlos está casado com uma mulher também natural de Tourém e moram há 20 anos na zona dos Alpes franceses onde nasceram seus dois filhos. É importante dizer que Carlos enfatiza esse evento de sua vida, é o fato de que seus dois filhos foram batizados em Tourém. Eles se deslocaram dos Alpes até a aldeia para a festa de batizado, o que mostra a importância que a terra tem para eles e de entregar os seus filhos para a *gente da família*. Os filhos de Carlos gostam de Tourém e adoram vir passar as férias na aldeia, isso nos disseram Carlos e mais sua mãe Maria. Mas, na prática faz cinco anos que eles não retornam para visitar seus avós, tios e primos. Começaram a universidade e já não tem tanto tempo no verão, pois, aproveitam o recesso para trabalhar e, assim, poder ajudar com os custos da universidade, isso os impossibilita retornar tanto quanto eles gostariam.

Jaime é um filho da terra que mora em Paris, faz mais de quarenta anos. É empresário e tem uma vida estável, mora parte do ano na França e outra parte do ano na aldeia. Seu filho Simão é professor de *concertina* – uma espécie de acordeão muito difundido pela região de Trás-os-Montes e Minho – e tem uma namorada também portuguesa. Simão é uma pessoa muito querida na aldeia e sempre tem uma participação ativa nas festas do mês de agosto. Sai para tocar com os rapazes e moças de Tourém que estão aprendendo a tocar *concertina* e, a banda já é conhecida na aldeia como *Simão and friends*. Faltando uns dias para a festa eu não o via pela aldeia, por isso, decidi perguntar para o pai, se efetivamente Simão viria. Ele me disse *não sei*, num tom que transmitia uma verdadeira incerteza. Simão teve só três semanas de férias e este ano aproveitou para *ir pra a praia co namorada*, ou seja, dividiu as suas férias e um pouco para a praia e outro pouco

79 Venâncio é natural da freguesia de Salto também do município de Montalegre. Ele chegou na aldeia na década de 1960's e lá nasceram quatro dos seus seis filhos e a maioria dos netos. Sem serem nascidos na terra, hoje seus filhos já se consideram filhos da terra, por isso é que usamos este exemplo.

para Tourém.

Um último exemplo é o de Zé Pires⁸⁰, e acho que ele aclara o panorama ainda mais. Zé tem hoje em torno de 40 anos e nasceu na aldeia. Com nove anos foi para Lisboa e desde essa idade, lá reside, excetuando os meses de verão que vinha pra aldeia. Quando estava na escola e desde que trabalha, o mês de férias, normalmente, três semanas ele vai com seus filhos pra aldeia. Zé tentava um dia me explicar como ele percebia as transformações sociais da aldeia desde que ele era criança. Zé voltava todo verão para a aldeia passar as férias, mas teve um período que com 17 anos foi jogador de um time de futebol. As competições começavam em Agosto, eles treinavam ao longo do verão, por isso, teve dois anos que não apareceu pela aldeia. Ao desistir do futebol, focou nos seus estudos, arrumou uma namorada em Lisboa e por isso, também ficou sem ir para a aldeia mais dois anos, no entanto, depois de casado passou a voltar todos os anos. Hoje é separado e regressa, pelo menos, duas semanas no ano com seus filhos. Ele reencontra os parentes, vê como estão as suas propriedades, se diverte e entende que a aldeia é um espaço interessante para que os seus filhos saiam da dinâmica da cidade. O seu filho Guilherme, de 9 anos, se autodeclara filho da terra e é muito querido por todos os moradores de Tourém, vai com os agricultores ver as vacas, brinca todo o dia na rua e é extremamente extrovertido. O pai diz que isso é fruto de Tourém e que na cidade essa espontaneidade que o menino tem seria impossível.

A questão é que essa dinâmica social mostrada através desses três exemplos pode ser explicada também pela mudança nas condições sociais e no impacto da vida citadina nas famílias locais. Estamos nos referindo às estratégias de casamento (Bourdieu, 2004). Se antes falamos que Adriano e Domingos tinham casado com mulheres da aldeia, mantinham uma casa, seus pais e gado, e que isso implicava na necessidade de voltar e ter que trabalhar na terra no verão, agora vemos como a escolha do cônjuge não se limita ao território “local” - próximo da aldeia – o que implica num distanciamento que na história de vida de Zé do Emílio vimos refletido. Ele casou fora da aldeia e hoje em razão do matrimônio mantém, mesmo separado, uma casa na terra da sua esposa. Essas transformações nas

80 Com Zé tive uma relação muito próxima. Foi ele quem me abriu “as portas dos migrantes”, por esse motivo sou muito agradecido.

estratégias matrimoniais foram tratadas de forma brilhante por Pierre Bourdieu em sua coletânea intitulada “El Baile de los Solteros” (2004). O autor francês mostra nessa obra como a diminuição da distância social entre a aldeia e a cidade implicou num impacto importante na dinâmica daquela sociedade camponesa. No livro Bourdieu mostra como os primogênitos (herdeiros únicos) começavam a ficar solteiros em grande medida devido à atração exercida pela cidade e seus costumes, a facilidade de locomoção, a inflação econômica e, conseqüentemente, a diminuição da importância do sistema local de casamento e patrimônio familiar dentro das possibilidades de casamentos mais atraentes que a cidade oferecia às mulheres. Portanto, aquela sociedade camponesa via como a entrada do capital de uma forma geral, mudava a dinâmica social local em que o primogênito de cada família aparentemente teria um casamento garantido, permitindo a reprodução da “*maysou*”, da família e do patrimônio. No entanto, os primogênitos deixaram de ser um casamento atraente passando a um segundo plano de aí o título do livro “El Baile de los Solteros”, baile este realizado na aldeia, para o qual chegavam as pessoas que passavam a maior parte do ano na cidade. O autor analisa nessa obra as vestimentas, as músicas e diferentes elementos que seriam externos àquele contexto social e que irrompem na cena local. Assim, entendemos também que em Tourém essa análise reverbera na vida social atual. Sem querer ser tão catastrofista como Bourdieu, acreditamos que há transformações na vida social com a mudança nas estratégias de casamento, com o aumento da mobilidade geográfica e com as possibilidades de participação efetiva na vida social local, também priorizando nessa análise as festas (capítulo 5), pois, elas são elementos reveladores de dinâmicas sociais.

Questões amorosas, profissionais ou de estudos são hoje as justificativas mais utilizadas pelos pais ou avós quando são perguntados acerca do por que alguns de seus netos deixaram de vir para a aldeia. Nuno Alves é um atleta deficiente visual, natural da aldeia e está casado com Sandra, natural do Algarve. Num jantar na casa de Sérgio (morador da aldeia e agricultor de 36 anos de idade) Sandra reclamava para seu marido que ela queria ir nas piscinas que há no município galego vizinho de Os Blancos, ponto de reunião e encontro da mocidade das redondezas. Nuno foi criado na aldeia até os 17 anos e por conta de um acidente doméstico perdeu a visão. Desde essa idade foi para Lisboa onde

começou a *carreira da sua vida*. Começou a praticar atletismo profissional e hoje é um grande campeão português reconhecido por onde vai. Foi campeão europeu e mundial de 5.000 metros e 10.000 metros, e no ano de 2012 participou nas paraolimpíadas de Londres ficando em quinto lugar. O tempo que ele passa na aldeia é para estar com a sua mãe, seus irmãos, amigos de infância, como é o caso do Sérgio e os vizinhos em geral. Este ano só vimos Nuno treinar na aldeia uns poucos dias, mas, no ano passado estava preparando para a olimpíada e treinava todos os dias. Portanto, essas são as atividades que Nuno faz quando vai para a sua terra. Sandra não gosta e quer ir na *feira da vila galega de Xinzo*⁸¹, nas *piscinas de Os Blancos* ou fazer algo mais *divertido*. Ela nos disse que se *aburria*⁸² na aldeia, que *não tem nada para fazer*. Nesse momento da conversa Nuno sem hesitar interveio e falou que o mesmo acontecia com ele na terra dela. Eles repartem o tempo de férias entre a terra dele e a dela. Assim, em seguida Nuno começou a falar do quanto era monótona a vida na terra dela, que ele não *tem nada para fazer lá*, que cada vez que ele vai, apara as árvores e os frutais. Independentemente do que cada um goste mais de sua terra, o fato é que desde que eles estão juntos, Nuno passa em Tourém menos tempo do que passava anteriormente. Pois, ele agora tem que dividir o tempo de férias dele entre a sua terra e a terra de sua esposa. Vemos como nessas narrativas, o tempo de aldeia vai mudando e, ao mesmo tempo, podemos entrever também como os referentes da aldeia de alguma forma se mantêm, a família, os amigos, os pais etc. A questão que sobressai, então, seria pensarmos como é que essas justificativas foram mudando com o tempo, como é que a aldeia também se transforma de forma que hoje os migrantes vão para a aldeia de fato de férias, com suas esposas de fora e seus filhos criados nas cidades.

Agora o que acontece com os migrantes brasileiros, por exemplo? Esses são os casos de António Tecelão e o Tio Necas. Começemos com Antônio Tecelão e sua família que residem em São Paulo. Encontrei Antônio e sua família já pelo segundo ano no mês de

81 As feiras são eventos muito importantes na vida social local. Normalmente cada vila tem feira duas vezes por mês, no caso de Montalegre a feira é no dia 7º e no 21º de cada mês. Nesse dia a vila se enche de pessoas que acodem ao campo da feira, lugar onde os comerciantes instalam os seus postos. Nessas feiras podem se encontrar desde CD's e DVD's do momento, roupas, ferramentas para o trabalho cotidiano, chocalhos, bijuteria, moveis e até animais menores como galinhas e patos. Esses dias são marcados no calendário social pois normalmente as pessoas aproveitam esse dia para ir ao cabeleireiro, comprar remédios ou simplesmente ir na vila dar uma volta e comer um prato de dia de feira, como o polvo.

82 Aburrir significa aborrecer, entediar.

agosto de 2013 na aldeia. Ele viaja normalmente com o Tio Necas, um fazendeiro que estando *já aposentado por seus filhos*, mora em Goiás. A questão para refletir parte de uma série de conversas que mantive em conjunto com Antônio e Necas, como filhos da terra e seus filhos. Seus filhos se auto identificam como brasileiros. Estava um dia sentado à porta do café, quando Necas me informou que seu filho estava prestes a chegar. Bruno, o filho de Antônio já tinha combinado com Necas que ele iria buscar o seu filho no aeroporto da cidade do Porto, pois, eles são amigos e mantêm no Brasil uma relação de amizade⁸³. Dois dias depois da sua chegada, ambos partiram para Lisboa e passaram lá uma semana. Depois daquela semana voltaram para Tourém passar mais uns dias e foi nesse dia que conversei de novo com Antônio e Necas. Obviamente que queria saber de seus filhos. *Estão chegando aí, mas logo vão de novo*, disse Antônio. À noite pude conversar com Bruno e ele informou que estiveram em Lisboa uma semana, como já sabia, mas que agora tinham voltado, pois eles precisavam deixar o carro na aldeia e pegar um taxi, iam viajar. Eles foram visitar em duas semanas várias cidades europeias como Paris, Berlin e depois dessa viagem, voltariam para o Brasil. Assim, vi, depois de confirmar com seus pais, que eles instigaram seus filhos para ir a Portugal⁸⁴ no mês de agosto, basicamente por dois motivos. O primeiro é que eles (os seus pais) também iam estar na aldeia e o segundo é que o mês de agosto é muito animado, tem muitas festas, muitas pessoas e é muito divertido. A questão que nos colocou na senda dessa diferenciação geográfica foi precisamente essa, como é que os filhos dos *brasileiros* entendiam a sua vinda para a terra. Seria também sua terra ou pelo contrário havia diferenças? Bom, vi como eles estavam em Portugal, na terra dos seus pais, eles não se identificaram com aquele lugar da mesma forma como Zé, Carlos, Simão ou Nuno. Apenas conhecem as pessoas que moram na aldeia, a dinâmica de vida deles é outra e tampouco estão muito atualizados nas mortes e acontecimentos locais ou nacionais. A sua terra neste caso era o Brasil, e a aldeia ganhava um sentido nacional, ele representava de alguma forma o país inteiro, pois, além de estarem na aldeia, eles estavam em Portugal e isso lhes possibilitou irem para as cidades de Lisboa e Porto. Inclusive, poderíamos elevar ainda mais a escala e colocar a aldeia como “na Europa”, pois a sua vinda para a aldeia era

83 A amizade nesse caso estaria representada por ligações no natal e nas festas e quando um deles vai para a cidade do outro eles entram em contato

84 Colocamos Portugal porque nas narrativas aparece de forma clara a referência ao país.

também o ponto de acesso aos pontos da rede, por eles, chamada de Europa em que não só a aldeia figurava, se não que há nessa rede uma miríade de pontos importantes e interessantes. Certo é que todos partiam de Tourém, pois esse era o lugar aonde eles chegavam e encontravam seus pais, mas dali em diante era a Europa, composta por cidades como Lisboa, Paris ou Berlim. Essa noção territorial, por assim dizer, é a que nos move a tentar entender as mudanças e transformações da *terra*. Como todas as acepções e significados que ela tem mudam também em função dos elementos referenciais que são acionados. Pois acreditamos que os netos da terra se coloquem como tal em alguns momentos, mas, suas práticas nos revelam também como essa relação vai além do espaço social da aldeia e aciona uma série de elementos próprios de cada realidade social. Pois, a educação e a socialização dos netos da terra brasileiros, franceses ou lisboetas marcam de forma profunda os discursos e seus relacionamentos com as pessoas da terra, ou seja, com a *terra* propriamente dita.

6. A terra e a passagem do tempo

Corria a década de 1960 e depois de servido ao exército, normalmente durante 18 meses na *África*, os moços de Tourém chegavam de volta à aldeia. Domingos, por exemplo, casou e foi para a Paris. Zé da Benta não teve que passar por Angola, mas esteve em Chaves no quartel e depois foi para Lisboa trabalhar na *estiva* no porto da cidade. Ambos são hoje, como vimos, moradores da aldeia e aposentados. Depois de terem trabalhado grande parte de suas vidas fora da aldeia conseguiram voltar e morar em suas casas construídas com o dinheiro do seu esforço. Eram os anos das guerras coloniais portuguesas (1961 – 1975) e as famílias que moravam em Tourém se dedicavam à agricultura manual, isto é, não mecanizada, e de pequena escala. Os invernos eram largos e frios e a disponibilidade de terras era limitada, com o que a disputa era grande. *Os tempos eram outros*, com essa frase terminam a maioria dos interlocutores nas conversas que mantive com eles acerca da vida que eles tinham, de como eram as roças e os plantios e como se vivia *naquele tempo*. Com certo ar de nostalgia, falam da unidade perdida e da divisão

interna da comunidade, os mais velhos apelam e criticam as atuais condições de vida das pessoas em geral, dos políticos e da sociedade, mais monetarizada, mais acomodada e mais individualista. A vida sem estradas, num regime de semi-isolamento causado pela neve e pela orografia própria do lugar, a “impossibilidade oficial” de atravessar livremente a fronteira – ainda que atravessar a fronteira fosse uma prática cotidiana – *sem máquinas nem televisão andávamos sempre nas ruas* (Sérgio e Nuno, agosto de 2013). O cotidiano da aldeia era diferente da que se vive hoje e da que se vê pelas ruas de sua aldeia, enfim, outros tempos e outras vidas. Zé da Benta e mais o Tio Adriano relataram como foram aqueles primeiros momentos cruciais de sua aventura migratória. Ainda que partissem de contextos sociais diferentes, ambos eram moços, importantes na casa como força de trabalho, mas, *decidiram partir*, pois, muitas vezes como se sabe isso não é uma decisão pessoal, mas familiar.

Como já dissemos no item anterior, esse projeto pessoal não era possível de ser pensado por si só, senão que ele tem que ser refletido como uma decisão de um grupo familiar, da casa. Historicamente os estudos sobre a casa tanto na Galícia como em Portugal vêm mostrando como é que nas aldeias rurais funcionava certo tipo de dispositivos que moldavam e configuravam os rumos que as pessoas deveriam seguir em suas vidas, a casa, e o grupo de pessoas ligadas à esta eram vistos e analisados como um único ente social. Estamos dialogando explicitamente com a noção de estratégia usada por Bourdieu, concretamente em seu estudo sobre o Béarn francês: “El Baile de los Solteros” (2004). A noção de estratégia evocada pelo autor nessa obra nos remete diretamente ao tema que estamos tratando nesta dissertação, a reprodução, mudanças e ressignificações dos territórios, assim como sua reprodução social. Portanto, a estratégia de reprodução da vida social camponesa de Tourém da década de 1970 é em alguns aspectos coincidente com a descrição feita por Bourdieu e também com a realizada por João de Pina Cabral no Alto Minho (1986). Ambos os autores dialogam sobre as visões de mundo dos camponeses, da configuração social do momento e das normas de reprodução social a diferentes níveis. A realidade social de Tourém na década de 1970 era agrícola e a emigração era uma realidade que, estando sempre presente, começava a se generalizar de forma ampla. Até aquele momento o acesso à terra era o elemento principal da reprodução social da casa e das

famílias. Encontrei vários depoimentos que revelavam práticas de uso de territórios baldios – comunitários – de forma particular como resposta a pouca disponibilidade de terra. Essa prática, como veremos, foi cotidiana e assumida pela comunidade. A mobilidade de pessoas entre as casas era muito grande, só assim que entendemos como Adriano com seis anos chegou na aldeia de Tourém. Na sua casa, onde ele nasceu, não tinham como mantê-lo e aí o entregaram para outra casa que tivesse mais condições e claro, precisasse de força de trabalho.

O contrabando também permitia uns créditos a mais da produção agrícola, mas, a atividade que imperava era a agricultura. A estratégia de reprodução da casa em Tourém, assim como em outros contextos relatados por Pina Cabral (1986) e O'Neill (1984), este último também em Trás – os – Montes, implicava numa mobilização de recursos e de força de trabalho de forma que a equação social permitisse manter o status social, e a reprodução da unidade social primária (Pina Cabral, 1986).

Essa realidade contrasta com a das famílias de proprietários (O'Neill, 1984), pois é dessa temporalidade que as pessoas falam de uma saída em direção à cidade dos filhos das famílias ricas, neste caso, para estudar. Os estudos preferentemente elegidos por estes, eram os de boticário, advogado e doutor. O ofício de padre também era requisitado e valorizado socialmente. Eduardo, o filho de Venâncio, tinha começado os estudos no seminário, mas abandonou no segundo ano. Venâncio ainda fala com pena de seu filho ter abandonado o seminário. As famílias mais pobres tinham diante dos seus olhos uma realidade que estava mudando também e que lhes deixava um espaço de abertura, a migração. Os filhos começavam a sair de casa antes de casar e eles tinham que de forma, quase que obrigatória, regressar para trabalhar na lavoura. Mas, além disso, começava a aparecer uma remessa de dinheiro, fruto de seu trabalho na cidade que não haviam experimentado antes. Então, o mercado de terras, podemos até dizer que o mercado de uma forma mais ampla, começava a aparecer na aldeia. As terras, as casas e os animais começam a ser elementos adquiríveis pelos pobres com o dinheiro ganho na emigração. O valor simbólico dessas aquisições não desaparece e até hoje o mercado de casas e terras é dominado, em sua maioria, pelos moradores da aldeia, realizando-se internamente trocas e vendas. Foi na década de 1960 e 1970 que o valor econômico começa a se instalar numa realidade e numa sociedade em que

o controle da terra e a estratégia matrimonial dominavam a dinâmica social local.

Dessa maneira, além de começar a mobilizar e abrir o caminho de entrada de uma monetarização cada vez mais forte, as pessoas que saíam da aldeia para trabalhar tinham que voltar, porque a casa seguia sendo camponesa. A aldeia naqueles tempos era também um referente social e a data de regresso dos filhos que emprestavam na cidade sua força de trabalho estava marcada: *junho para o feno*. Assim, Zé da Benta quando partiu em direção a Lisboa sabia que no verão teria que estar de volta na aldeia para trabalhar na lavoura. Os seus pais se encarregavam de sustentar as vacas que eles tinham ao longo do ano, mas, no verão chegavam os trabalhos mais duros e aí ele como filho único, como pessoa jovem e força de trabalho se fazia necessário. Os meses de verão como veremos no capítulo a seguir eram e são os que congregam a maior e mais pesada carga de trabalho para garantir a sobrevivência da *fazenda*⁸⁵ e das pessoas durante o longo e intenso inverno que passam essas aldeias. Tudo começa com o *feno* em finais de junho, depois é o tempo do centeio, da *batata* e já no mês de setembro o *milho*. Nesses três meses a presença dos jovens migrantes na aldeia era obrigatória. Da mesma forma como hoje é o mês de agosto a época de férias. Naquele tempo era o verão todo, os patrões lisboetas e franceses já sabiam que não poderiam dispor de sua força de trabalho no verão. Verão era tempo de voltar pra terra e de fato trabalhar a terra.

Zé da Benta foi para Lisboa e na aldeia ficaram os seus *velhotes*, tinham umas *vaquitas*. Ele sendo *morgado*⁸⁶, aproveitou que os pais ainda tinham autonomia para cuidar da *fazenda* no inverno, decidiu tentar a cidade. Voltava a cada verão para a lavoura até que os pais começaram a ficar mais idosos, nesse processo natural, o número de vacas da casa foi diminuindo também de forma natural até o momento em que não tinham mais animais. Os pais de Zé morreram na aldeia. Nesse momento, Zé já estava instalado com sua esposa Isabel em Lisboa. Na capital nasceu sua filha Elisa e Lisboa foi, por muitos anos, o lugar de residência da família. Concomitantemente, Tourém passou a ser o lugar de férias de verão. Ao longo dos anos foram arrumando a casa, adquirindo outras propriedades, enfim,

85 Grande parte das atividades próprias do verão está destinada a garantir alimento das vacas e dos animais domésticos, assim como garantir madeira para esquentar a casa e material vegetal para poder elaborar o estrume nos estábulos com as defecações dos animais.

86 Filho único

garantindo o seu espaço social, uma vez que, em seu projeto de vida estava claro que uma vez aposentados, eles voltariam para morar na aldeia. Vemos como nessa breve história da família de Zé da Benta, a relação com a aldeia foi mudando em função das atividades que realizavam, da idade deles e das diferentes configurações familiares. O tempo que ele passava na cidade foi aumentando até se converter em sua residência, passando a ser esporádica a sua presença na aldeia. Hoje, sendo de novo morador da aldeia, sua filha e seu genro têm uma casa de turismo de habitação na aldeia. Esse investimento foi posterior à abertura de um café na aldeia, chamado “Café dos Morgados” que hoje está em regime de aluguel para outro casal da aldeia, João e Manuela. Zé da Benta e sua família são um claro exemplo da transição de sentidos e significados que a aldeia e, portanto, a casa tiveram nesse processo.

Por um lado vemos como através dessa breve história de família podemos acompanhar múltiplas trajetórias e desdobramentos que se deram ao longo do tempo. Ele saiu para Lisboa, voltava a cada ano, depois passou a morar na cidade o ano inteiro, nasceu sua filha lá e, uma vez casada, a filha e ele aposentados, voltaram para a aldeia e começaram uma série de empreendimentos que antes não tinha na aldeia. O matrimônio contraído por Fernando e Elisa conformou uma unidade familiar que se encontra hoje na classificação dos grupos sociais entre os comerciantes, pois, moram na aldeia, mas, sua atividade principal não é a agricultura. Inclusive, numa entrevista concedida por Fernando, perguntei por que da não existência de alguma atividade agrícola própria e ele declarou que: *há dois tipos de profissões: as sujas e as limpas* e que ele como gerente da casa de turismo de habitação, mais por conta da regência de duas licenças de Taxi, estava impossibilitado de realizar uma profissão *suja*. Fato é que Fernando sempre está impoluto, com roupas diferenciadas e limpas. Um evento de sarcasmo aconteceu neste verão quando Fernando foi buscar o trator de seu sogro Zé para *rachar lenha* com um *apero*⁸⁷ específico que engata na transmissão do trator. Alguns dos moradores da aldeia viram naquela situação em pleno mês de agosto, com muitos migrantes na aldeia, uma propaganda que em nada se correspondia com a realidade cotidiana. Assim lhe foi recriminado por algumas das pessoas

87 Ferramenta que se usa nos labores da agricultura e que vai engatada na tração do trator.

que estavam sentadas diante do café. Perante seus amigos⁸⁸ lisboetas, a visão foi totalmente diferenciada, pois viram através daquele evento, como ele era quase que um lavrador a mais.

Vimos também como a casa de Zé da Benta passou de uma casa agrícola e familiar para uma outra configuração social. A casa de Zé da Benta e Isabel foi reformada com o dinheiro que eles conseguiram em Lisboa. A Casa dos Braganças é a casa de turismo de habitação que Elisa e Fernando gerenciam. Essa casa foi adquirida pelos pais de Fernando ainda na década de 1970 e foi nos anos 2000 com as linhas de crédito que a União Europeia estava abrindo para a remodelação e abertura de casas antigas como estabelecimentos de turismo rural que eles entraram com uma solicitação de financiamento para abrir a Casa dos Braganças. A configuração social daquela casa também mudou, pois eles têm uma casa de turismo, de consumo em que as pessoas chegam e pagam para conhecer a aldeia e seu entorno. Zé da Benta semeia couves e batatas que serão ofertadas nos almoços e jantares aos clientes como produtos da terra. Quem cria os porcos e as galinhas que depois se ofertarão como de Tourém e da terra, também é Zé. Portanto, vemos como aquela casa agrícola familiar da década de 1970 com a passagem de mais de quarenta anos, ganhou outra função social. De ser uma casa familiar hoje se abre para outras relações sociais, para as pessoas que chegam na aldeia, todos os possíveis clientes. Note-se que embora tenha deixado de ser uma casa familiar a produção e gestão do negócio ainda é familiar. Não consideramos o exemplo da Casa dos Braganças como único. Ele é único por ser a casa de turismo de habitação que há de fato na aldeia. Mas o que queremos dizer com isto é que as casas dos *filhos da terra* entrariam também nessa série de transformações sociais com a passagem do tempo.

As casas familiares antigas, hoje em mãos dos migrantes estão reconstruídas e são estabelecimentos ou pontos de acesso à rede de relações de vizinhança de Tourém. Dizemos isso porque nem todos os filhos da terra têm na aldeia um Zé da Benta que plante para eles.

88 Fernando morou até os vinte anos em Lisboa, foi depois de um acidente sofrido por seu pai que ele teve que vir para a aldeia e tomar conta do táxi. Mantém uma boa relação com os migrantes de Lisboa, pois ele se socializou até essa idade naquela cidade e hoje é um referente para aquelas pessoas, como inovador e empreendedor. A visão que as pessoas tem dele na aldeia como em todo contexto é múltipla e variada mas o mais revelador de fato é que ele conforma uma espécie de Lisboa em Tourém.

Mas, quando chegam na aldeia, os seus parentes, moradores da aldeia, logo, se articulam para lhes entregarem sacolas de batatas, também lhes explicam aonde fica a horta da qual podem coletar couves e também um par de frangos entram no pacote. Quando os filhos da terra chegam na aldeia esse seria o panorama que eles encontrariam, chegam em sua casa, numa casa diferente da que saíram mas que de alguma forma mobiliza aquela ideia de casa familiar, de família para garantir elementos que fazem parte da casa de Tourém, no sentido invariável. Estamos nos referindo, principalmente, à comida que veremos nos seguintes capítulos. Assim quando os filhos da terra recebem pessoas de fora, de outras terras essa é a impressão que eles levam, todos são incorporados naquela grande família que conformaria a aldeia, a *terra*.

Vimos ao longo deste capítulo abordando noções que o termo *terra* tem em diferentes contextos e através de histórias de vida e de família. Em primeiro lugar, quisemos mostrar como a categoria terra é contextual, como é preciso entender e localizar do que se está falando e quem é que está falando para a partir daí pensarmos essas significações. Começamos trabalhando a aldeia como lugar de referência. Em seguida, tratamos de mostrar como a terra e a condição social de vizinho são elementos de disputa para as quais existem diferentes categorizações como os filhos da terra, nascidos e criados na terra. Partimos para as histórias de família tratando de mostrar como as pessoas mantêm diferentes laços com a sua terra, com a sua aldeia através da família, das casas e das propriedades e do patrimônio. Como o nosso foco são as transformações sociais e territoriais, tivemos que abordar o que nós chamamos de netos da terra. Para tal fim, mobilizamos diferentes histórias de vida e de família que nos deram pontos de acesso às formas de se relacionar com a terra. Fizemos uma separação por contextos geográficos que nos trasladou a uma esfera que não tínhamos abordado anteriormente, que é o caso dos migrantes brasileiros e a relação que os filhos e netos da terra estabelecem com a aldeia. Concluímos este capítulo incluindo uma seção sobre a passagem do tempo e a repercussão na vida social. Através da história de família de Zé da Benta vimos as mudanças,

transformações e ressignificações da casa, dos seus significados e usos. Como ele trabalhando em Lisboa tinha que voltar pra terra e, de fato, para trabalhar na terra, no entanto, hoje os migrantes voltam para a aldeia com uma noção totalmente diferenciada daquela de quarenta anos atrás. Mas, também tentamos mostrar como é que a aldeia e os parentes mantêm uma perfeita noção do que era aquela casa antiga. Assim, as pessoas que moram na aldeia, parentes dos migrantes entregam para estes últimos, comida, bebida e salvaguardam o seu lugar na aldeia.

CAPÍTULO 3. AS TERRAS DA ALDEIA

No capítulo anterior mostramos os diferentes usos que se fazem do termo terra e suas implicações quando as pessoas da aldeia falam fora da sua terra dos sentidos e significados que evocam o uso desse termo. Neste capítulo vamos ver os diferentes usos que as terras de Tourém têm para os seus moradores. Ao mesmo tempo em que exporemos de uma forma descritiva os tempos, os espaços e algumas das mudanças, tentaremos trazer para a discussão a complexidade e convivência de diferentes configurações territoriais e as possibilidades que as terras da aldeia nos dão para refletir diferentes momentos, eventos e tempos passados, através dos usos e desusos das terras de Tourém.

1. Terras de Tourém: regime de propriedade

“Baldios é de todos, agora as terras, as terras cada um tem as suas terras”

Zé da Benta, Julho de 2013

As terras de Tourém as podemos dividir em dois grandes grupos em função do regime de uso: falamos de terras particulares e terras comunais ou baldios. As terras particulares são todas aquelas terras documentadas, com título⁸⁹ de propriedade.

89

Encontramos relatos de pessoas que dizem ser proprietárias de terras, mas, que não possuem o título de propriedade. A maioria dos relatos que encontramos desse tipo nos remete para um tempo concreto, o da instalação da turbina de luz elétrica na aldeia. Naquele momento a junta de freguesia em assembleia geral decidiu lotear uma parte do baldio da veiga. Teve pessoas que se comprometeram a comprar um pedaço de terra, no entanto, ainda hoje segundo nos afirmaram vários vizinhos na aldeia, ainda não pagaram o valor acordado, não possuindo o título de propriedade dessa terra.

Outro exemplo de particularização de baldios é a cessão de terras que a assembleia de compartes decidiu aceitar para a instalação de armazéns. Os armazéns onde os agricultores guardam as vacas estão, em sua maioria, edificados sobre terras que antes foram baldios. A operação se faz a câmbio de pagamento de um preço estipulado por unidade de superfície e por um tempo máximo de exploração de trinta anos prorrogável.

1.1 Os baldios

Os baldios são terras de uso comum, com uma série de normas e regulações consuetudinárias, por todos conhecidas e estipuladas em diferentes leis. A definição de baldio vem dada pela Lei dos Baldios (Lei 68\93 e as alterações publicadas na Lei 89\97):

“Artigo 1º

Noções

1 - São baldios os terrenos possuídos e geridos por comunidades locais.

2 - Para os efeitos da presente lei, comunidade local é o universo dos compartes.

3 - São compartes os moradores de uma ou mais freguesia ou parte delas que, segundo os usos e costumes, têm direito ao uso e fruição do baldio.”

Os baldios são geridos pela Junta de Baldios ou de compartes, que decide, em assembleia anual, quais serão os investimentos prioritários (abertura de caminhos, de poços de regadio, manutenção na rede de águas de irrigação, cortalumes⁹⁰), as atividades encomendadas para os *sapadores florestais*⁹¹, a demarcação de áreas para o corte de madeira de uso particular, enfim, se preocupa de todas as gestões que têm esse território como lugar de execução. O cargo de presidente da Junta de Baldios dura quatro anos, a eleição é feita em assembleia e cada *casa*⁹², *vizinho* ou *comparte* tem direito a um voto. Considera-se *comparte* toda pessoa que tem sua residência em Tourém, um morador. A Junta de Baldios também está em contato com a associação de caçadores, pois, é nos baldios que essa atividade é praticada. A gestão territorial promovida através da Sociedade de Caçadores tem como meta prioritária a preservação de certas zonas do baldio da atividade da caça, para que as espécies cinegéticas possam se reproduzir com maior

⁹⁰ Área desmatada que fica ao longo da serra, cuja, funcionalidade é a de aportar um lugar seguro para os bombeiros que combatem os incêndios florestais. Em função do tipo de vegetação e inclinação se calcula a largura do corta lume.

⁹¹ Os sapadores florestais são um corpo do Ministério do Meio Ambiente que atua nas florestas. Localmente, são as juntas de baldios, neste caso, os *sapadores* pertencem as juntas de Pitões das Júnias e Tourém, que decidem que tipos de atividades serão realizadas. Em caso de incêndio florestal, eles vão também atuar como bombeiros. Na prática, eles já realizaram infinidade de obras, por exemplo: colocar escadas, piso e corrimão numa trilha, limpar caminhos, adequar espaços para festas, varrer as ruas etc.

⁹² Aqui entendida como o grupo de pessoas que moram numa mesma casa-edificação.

facilidade⁹³. A Junta de Baldios também solicita ao Parque Nacional Peneda Gerês, conjuntamente com a associação de caçadores, as autorizações de permissão de caça para espécies como o porco do mato ou o veado como medida de controle de populações. Precisam comprovar diante desse órgão que a população dessas espécies é demasiado grande, o que pode ser demonstrado através das denúncias de estragos realizados pelos animais nos cultivos de milho e cereais da aldeia. Essa solicitação é encaminhada ao Parque Nacional Peneda Gerês⁹⁴ e os técnicos do parque são os responsáveis pelo número de *batidas* permitidas.

Os baldios de Tourém estão divididos em três partes: a *veiga*, a *serra* e o *monte*. Claro que estes nomes representam de alguma forma uma classificação geral, pois, cada lugar tem um nome particular, mas como uma primeira classificação essas três partes são de alguma forma as mais diferenciadas. Assim temos como categoria geral o *baldio* e como segundo nível classificatório, a *veiga*, a *serra* e o *monte*. Temos que destacar ainda que quando as pessoas se referem a *serra*, por exemplo, estão evocando um território amplo e de alguma forma genérico. Se estivéssemos na aldeia e perguntássemos a algum vizinho onde fica a *serra*, temos a certeza que levantaria a mão e apontaria em direção ao sul. Mas nesse ato de nomeação de *serra*, estão também inclusos alguns lotes particulares, que estão dentro da categoria genérica de *serra*, mas que também têm um nome particular que os define e identifica de forma concreta e precisa. Não só dentro da categoria *serra* temos propriedades particulares, há também na *veiga* e no *monte*.

O *monte* são as terras que estão mais próximas da aldeia, antes da *serra*, que corresponde a parte mais alta da *serra* da Mourela, onde as inclinações são pronunciadas e a vegetação escassa, a *serra* é um outro ecossistema. No *monte* existem formações mistas que alternam entre a vegetação que caracteriza a *serra*, principalmente, de porte arbustivo e as carvalheiras, ecossistema dominado pelos carvalhos e que criam formações boscosas contínuas e fechadas. Antigamente era dos carvalhos (Família Fagaceae, *Quercus pyrenaica* L. principalmente) que se retirava a madeira para as construções, para fazer as vigas das casas e os eixos dos carros de bois, por exemplo. Ainda na atualidade é no *monte* onde há

⁹³ Espécies plausíveis de serem caçadas.

⁹⁴ Tourém está na área de amortecimento do parque nacional Peneda Gerês.

carvalhos que as pessoas cortam para queimar em suas estufas e lareiras⁹⁵ ao longo do duro inverno.

Com o nome de *veiga* são conhecidas todas as terras que se situam ao Norte da aldeia, do outro lado da barragem. Como veremos mais adiante, na *veiga* há também terras particulares que foram objeto de loteamento na década de 1950 por conta da instalação de uma turbina para geração de energia elétrica em Tourém . O baldio da *veiga* é usado como pasto nos meses de inverno, época em que as vacas ficam estabuladas. Caso os lavradores saiam com as vacas nas tardes de sol não muito frias, a *veiga* será o lugar onde irão apascentá-las; esse uso é minoritário, pois, não são todos os agricultores que durante o inverno saem com as vacas para a *veiga*. Como no restante dos baldios, da *veiga* também se extrai alguma madeira para uso na lareira, ainda, que não seja este o lugar mais apropriado para tirar madeira, pois, os carvalhos que ali predominam são de porte menor. Outros produtos que se cultivam de forma particular na *veiga* são milho, batata e centeio. Materiais para a elaboração da cama das vacas, como *giesta* (Família Fabaceae, Gênero *Cytisus*) e *toxos* (da mesma família que a *giesta*, mas, do Gênero *Ulex*) de pequeno porte são extraídos também do baldio da *veiga*. Como nos comentou um lavrador chamado Berto, há certos lugares da *veiga* em que esse material é de melhor qualidade além de ser a mais fácil de cortar e carregar, com o que, são lugares muito requisitados e vigiados pelos lavradores da aldeia. Berto tem algumas partes de suas propriedades da *veiga* com mato para não depender tanto do baldio, ele também nos disse que espera dois anos para crescer de novo o mato e chegar à altura e consistência boa para ser cortado e levado para o armazém, onde seu uso principal é o *estrado das cortes das vacas*⁹⁶.

A serra é usada, em sua maioria, como zona de pastagem do gado vacum desde os meses de maio até setembro ou outubro, dependendo sempre das condições meteorológicas. É um terreno abrupto e pedregoso em algumas partes e, em sua parte mais alta, com 1.300 m de altitude, quase não existem espécies arbóreas. Ali, os incêndios florestais também são prática comum e, socialmente, não muito criticada, devido aos efeitos de fertilização das

⁹⁵ A lareira é uma pedra que está “sentada” na cozinha e acima da qual se faz o fogo para aquecer a cozinha.

⁹⁶ Estrar a corte das vacas é a ação de colocar uma camada vegetal no solo do armazém onde as vacas defecam. Do acúmulo desse material sai o estrume que depois utilizam para adubar as propriedades.

terras e a regeneração de pastos que provocam. As espécies que prevalecem na serra são arbustivas, com destaque para espécies como a urze (Família *Ericaceae*, gêneros *Erica* e *Calluna* principalmente), a giesta, o toxo e a carqueija (Gênero *Genista*). Assim explica o Padre Fontes em sua Etnografia Transmontana:

O monte é o terreno baldio. Nele pasta o gado em comum ou pastoreado em particular. O que mais dá o monte é a urze, que, além de servir nos seus torgos pró lume de Inverno, e para fazer carvão, serve nos seus ramos para lenha pró forno e para *bassoiras de barre la casa* e pasto para o gado. A giesta além do pasto e dos mesmos usos que a urzeira, serve para *matões para barrer o forno*, e de *acendalha* para acender o lume de Inverno. O tronco grande da giesta chama-se *piorno*, vê-se nos *gestais*, ou *gesteiros*. O *tiojo* é o mais apreciado para estrume e pasto do gado. (...) As *carqueijas* são muito úteis, principalmente para acender o lume e chamuscar os porcos da matança. (1977: 61 – 62).

Para resumirmos esta primeira parte de uma forma visual, colocamos a seguir uma fotografia tomada desde a serra, aproximadamente a 1.100 metros de altitude, a meio caminho entre a aldeia – que se destaca pela cor vermelha da telha dos telhados – e o alto da serra. Tomando como referência o olhar da pessoa que está tirando a fotografia, podemos diferenciar as três partes que definimos dos baldios. Do outro lado da barragem estaria a veiga. Circunscrevendo a parte alta da aldeia – tendo como referência de parte baixa, o rio – vemos uma formação boscosa que corresponde ao monte ou a costa. Essas árvores são, em sua maioria, carvalhos e são também as responsáveis pela formação das carvalheiras. Já a serra é um bioma dominado por vegetação baixa como se pode observar na fotografia, justo aos pés de onde está o fotógrafo fazendo o retrato da paisagem. A ideia que tentamos passar com a fotografia e com a descrição é a existência destas três formações bióticas diferenciadas. A veiga está do outro lado da barragem, sendo que a fronteira está definida, neste caso. O monte e a serra fazem parte do mesmo bioma, porém, são ecossistemas diferentes. O monte é dominado pelas espécies arbóreas, está situado a uma altitude menor e, por isso, mais próximo da aldeia. E a serra seria a parte mais alta, mais montanhosa, com uma vegetação mais baixa e mais afastada do núcleo da aldeia.



Fotografia 4: Vista da aldeia e da barragem desde a serra

1.2 Propriedades, terras particulares ou terras.

Depois de apresentarmos um panorama dos baldios, falemos das *propriedades*, das *terras particulares* ou, simplesmente *terras*, como ali se chamam os lotes que não são baldios e que têm proprietário. Note-se que todos esses termos são usados localmente. Também podemos dizer que as propriedades particulares são as terras que rodeiam a aldeia, se situam entre o monte e o núcleo habitacional.

Essa seria uma primeira classificação a que poderíamos submeter as terras de Tourém, porém, cada lugar tem seu nome e com ele, as pessoas se deslocam mentalmente até o lote de forma precisa conseguindo visualizar o entorno. Os nomes demarcam ao mesmo tempo um conhecimento e uma prática do território ancestral, pois, aos nomes se associam características como a qualidade da terra, o acesso à água, a orografia e inúmeros elementos que ajudam na sua definição. Logo, eles vêm de um longo processo histórico de

ocupação e de transmissão de conhecimento dos diferentes territórios. Assim Zé da Benta nos explicou as nomeações em julho de 2013:

Aqui é a arteia, acolá é o terrado, ali é São Martinho, aqui é o sapo, ali é as aveleiras [cada um de esses nomes era citado e indicado com seu braço no alto e a direção na que ficava] cada coisa tem o seu nome, como as povoações não é? Não há por aí povoações quase juntas e cada uma tem seu nome não é? E aqui os terrenos também era a mesma coisa, tem seus nomes ... e nas finanças, a gente tem lá todo escrito não é? O que cada um tem que estar nas finanças, porque cada um [terreno] paga né? E lá tem os metros que têm e o nome de onde são, se não também ninguém sabia aonde é que eram. E como tu comprares um prédio em Lisboa, mas Lisboa na rua tal de número tal, não é? E aqui também tem o artigo, e depois em Tourém, e o nome do sítio.

A classificação das terras entre particulares e baldios nos serve para uma primeira diferenciação. Mas, na nomenclatura classificatória das diferentes terras operam outras variáveis. Uma primeira diferença que faremos será em função do acesso à água ao longo do verão. Dependendo desse acesso ou restrição à água de regadio, as terras suportam um ou outro cultivo, ganhando também diferentes nomes em função do uso. Água, cultivo e nome são elementos dependentes entre si e classificatórios. As formas de nomeação que temos são: *lameiros*, *nabais* ou *terras e hortas*. Desses seria o *lameiro* o que não tem direito a ser regado, por exemplo. Essa terra como veremos está dedicada à produção de erva para forragem das vacas, o que não é considerado *fruto*⁹⁷, e no verão se regam exclusivamente as terras que produzem *fruto*. Os *nabais* ou *terras* e as *hortas* sim que tem acesso à água, pois deles se tira fruto.

Ao longo deste subitem iremos introduzindo de forma menos explícita outras variáveis, como o tipo de cultivo e localização das terras, elementos também centrais na fórmula que dá origem a uma ou outra nomeação. Por exemplo, uma terra que está produzindo milho é um nabal, mas se no seguinte ano o proprietário decidir produzir feno seu nome passará a *lameiro* e perderá o direito à água. Eles diriam na aldeia que *deixou aquela terra de lameiro, a terra virou lameiro*. A horta, por exemplo, é tanto uma localização espacial quanto um tipo de cultivo. Se falam que vão à horta, tanto pode ser à parte baixa da aldeia, perto das casas, ou seja, uma localização geográfica onde ficam muitas hortas; quanto uma terra na que decidiram fazer uma horta. É, portanto, uma

⁹⁷ Como fruto são entendidos os produtos hortícolas, assim como o milho e a batata principalmente.

categoria multifuncional, pois se refere tanto a um espaço definido, quanto aos produtos que são semeados.

Também abordaremos como essas classificações são mutáveis e através dela podemos aceder a diferentes configurações territoriais que nos reportam para momentos históricos, sociais, econômicos e políticos da aldeia. Colocamos como exemplo o momento atual em que a criação de gado bovino é a atividade econômica mais importante, portanto os cultivos que predominam na aldeia são os lameiros, assim como de forma recente o centeio e o milho. Esses cultivos garantem a alimentação do gado para o inverno. Outro momento histórico, que podemos aceder através dos usos das terras de Tourém, foi o da batata de semente, que como veremos ao longo do capítulo nos reporta diretamente para um tempo determinado com uma configuração territorial e uso das terras específico. Por isso, optamos em nossa narrativa escrita fazer contínuos saltos entre os tempos de antes e a forma atual de cultivar. Essa opção metodológica nos permitirá iluminar de certa forma as transformações sociais e territoriais de Tourém. Usaremos os dados aportados por diferentes monografias elaboradas na aldeia e no seu entorno, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, para irmos iluminando essas transformações.

1.2.1 A água de rega

A água de rega é uma rede de condutos pelos quais flui a água ao longo do verão e cujo acesso está regulado em função do lote, tamanho e cultivo. Assim dependendo sobretudo do tamanho a cada lote lhe corresponde uma série de horas de água de forma cíclica.

A possibilidade de cultivo de certos produtos é determinada pelo acesso ou não à água, pois as *culturas* dependem não só do tipo de terra como da água. Ao mesmo tempo, o acesso à água do regadio do verão das diferentes *prazas*⁹⁸ depende também do tipo de cultivo, pois há cultivos que *têm direito à água* e outros que não, o já supracitado fruto. O milho, a batata e os produtos hortícolas precisam de irrigação, portanto têm direito à água. Por outro lado, o cereal, centeio principalmente, não tem direito à água de rega. Ambas as

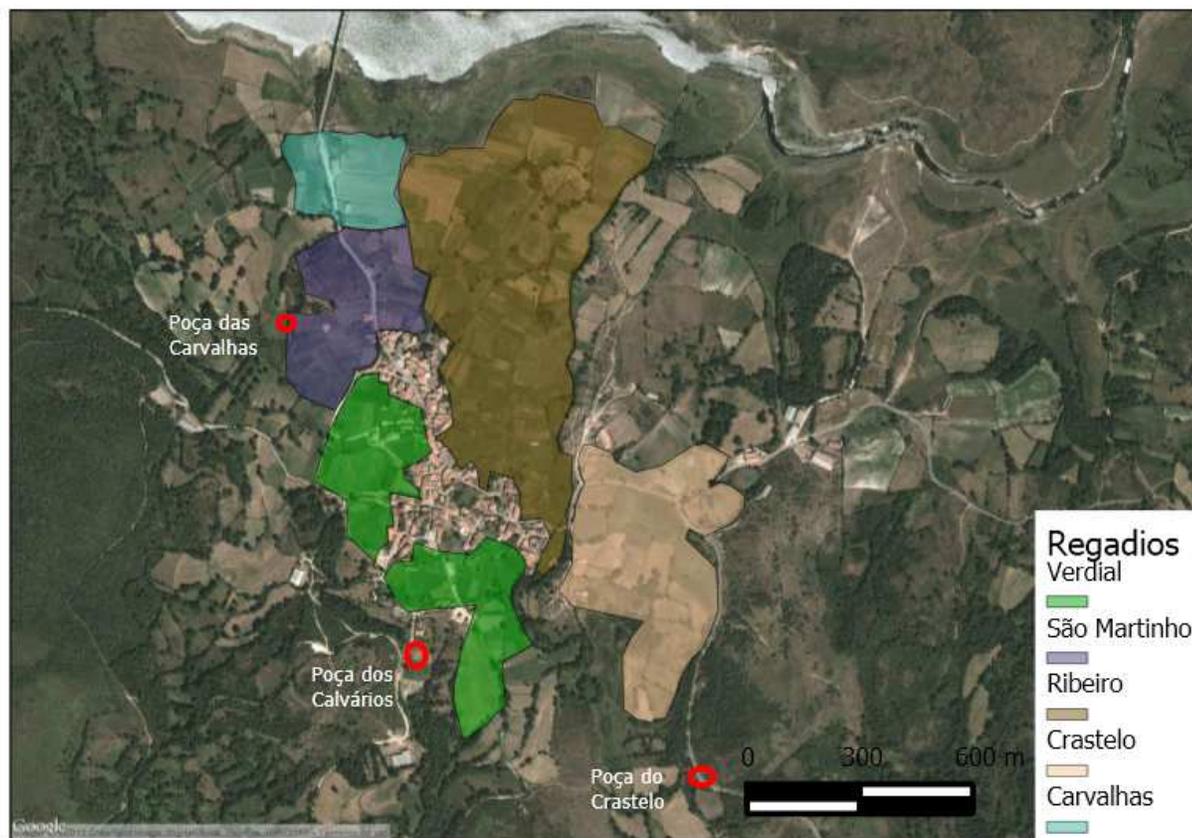
⁹⁸ Lote ou conjunto de lotes que tem algumas características em comum: compartilhar o nome e o acesso.

variáveis – acesso a água, cultivo e nome – são definidoras umas das outras e umas sobre as outras. Vamos tentar nos explicar mais claramente. Quando nos referimos ao regime de rega estamos falando de umas diretrizes temporais que afetam somente ao verão. O regime de regadio opera de 1 de julho até o dia 7 de setembro, o resto do ano a água não possui essa regulamentação e flui livremente pela rede de condutos da aldeia, podendo ser usada por todos os habitantes sem restrição.

O sistema de regadio é por gravidade, sem a utilização de forças motrizes externas, simplesmente através da diferença de altura. Há na aldeia dois tipos de regadio, um é por corrente contínua, isto é a água é derivada diretamente do rio e de aí entra na rede de distribuição, o outro tipo tem uma série de reservatório em que a água é acumulada, neste caso chamam de *poças*. Existem algumas poças que acumulam água para que sua quantidade, caudal e distribuição sejam homogêneas; esse sistema também simplifica a contabilização do tempo de uso⁹⁹. A aldeia possui – ver mapa 3 – uma poça principal que está situada na parte superior da aldeia, a poça dos calvários, perto da igreja, e pela qual se distribui a água chamada Verdial, com a qual se rega toda a zona noroeste da aldeia. Outras águas são: Carvalhas, São Martinho, Crastelo e Ribeiro. Com a água das Carvalhas se rega uma parte pequena da zona mais baixa da aldeia. Com a de São Martinho, os lotes que estão entre o Verdial e mais as Carvalhas. Já do outro lado da aldeia, temos o Ribeiro e Crastelo. A do Crastelo rega a parte mais alta da aldeia, na descida da encosta, e a mais importante é a do Ribeiro. A água do Ribeiro rega sem poça num regime de 24 horas por dia¹⁰⁰. Para melhor visualização das informações veja o mapa abaixo.

⁹⁹ Ao introduzir na água do verdial a poça dos calvários, as pessoas passaram a calcular suas necessidades em função do tempo que precisava a poça para encher, o promedio desse verão foi de entre 10 e 12 horas, o que significa que a água pode ser usada por esse tempo, uma pessoa usa 12 horas e as restantes 12 do dia são necessárias para encher.

¹⁰⁰ Isso acontece porque ela não é empoçada e durante à noite continua percorrendo os regos da aldeia, uma vez terminado, o tempo do feno como veremos mais adiante, ela é um bem disputado pelos lavradores. Os lameiros não tem direito a água no verão, mas, de noite ninguém rega com o que os lavradores começam duras “batalhas” nas noites pela água. Quanto mais água tiverem os lameiros, após, serem ceifados mais rápido cresce o *outono*, podendo aproveitar esse renovo da erva para dar de comer às vacas paridas e aos vitelos.



Mapa 3: Regadios da aldeia (Fonte:Google maps. Elaboração do autor)

A atual rede de distribuição das águas do Verdial e do Ribeiro – que são as de maior importância – foi elaborada no ano 1988, após o recebimento de ajuda da União Europeia para reformar a antiga rede de condutos pelos quais circula a água de regadio e a poça dos calvários. Com tal ajuda – basicamente material, pois a ajuda foi concedida levando-se em conta que a mão de obra seria a da vizinhança – a Junta de Freguesia convocou uma assembleia e solicitou a cada vizinho que declarasse os alqueires¹⁰¹ de regadio¹⁰². Em função do número de alqueires declarados, discriminados por lotes e *prazas*, a cada vizinho

¹⁰¹ Alqueire é uma medida usada na aldeia até a atualidade. Corresponde a aproximadamente 600 m² de terra, porque 600? pois porque para semear um alqueire de terra com centeio era preciso um alqueire de centeio, que são aproximadamente 13 kg. Outras medidas ainda usadas na aldeia são o almude (24 litros de vinho) e mais a arroba que eram 15 kg de centeio.

¹⁰² Discriminamos ao falar de alqueires de regadio, pois como veremos mais adiante há tipos de propriedades como por exemplo os lameiros que não têm direito a água.

ou casa, lhes corresponderam uma série de dias de trabalho nas obras do regadio e da poça dos calvários. O número de alqueires de regadio declarados são os mesmos que hoje existem na aldeia.

Segundo dados recolhidos através de diferentes conversas ao longo do trabalho de campo, houve pessoas que na hora de declarar o número de alqueires quiseram poupar dias de trabalho declarando menos alqueires de regadio dos que em realidade tinham, com o que, a partir daquela reforma, suas terras perderam parte do direito à água que lhes correspondia, o que nos faz imaginar o tamanho da problemática que a questão do regime de regadio gera ano após ano. Pudemos constatar também que o número de dias de regadio após as obras diminuiu, para isso apoiamos nos dados aportados por Bordalo Lema: “No Verão (...) do São Pedro até o 8 de setembro, toda a água disponível, incluindo a que durante a restante parte do ano é *tornada* ou *adiada*, passa a ser distribuída *a horas* pelos vizinhos” (1978:63). Antes da reforma, o regime começava no dia 29 de junho (São Pedro) e terminava no dia 8 de setembro, na atualidade, começa no dia 1 de julho (2 dias depois) e termina no dia 7 de setembro, ou seja, um dia antes do enunciado pela autora. Com isto três dias deixaram de entrar no regime de águas após a reforma.

Para tornar público o regime de águas e evitar maus entendidos, a Junta de Freguesia publica, a cada ano, uma tabela, que é impressa em um cartaz afixado no painel que está situado na rua direita, entre os dois cafés. Na tabela que rege o regadio figuram os seguintes dados: água (Verdial ou Ribeiro), dia, mês e ano; horas de água; o nome da pessoa que tem a água; e mais o lote correspondente. Esse painel recebe ao longo dos dias de verão múltiplas visitas, é lugar frequente de encontro de pessoas que vão ver *que dia tem água* e também onde se ativa a fofoca e se atualizam informações, quem usou a água de quem, quem não fechou a poça e assim por diante. O nome das pessoas que figuram nas tabelas é, na melhor das hipóteses, o dos pais dos que hoje vão regar, mas há casos em que as terras foram vendidas, emprestadas, arrendadas ou partilhadas entre diferentes pessoas, o que causa múltiplas confusões e discussões nas atribuições de horas, sendo sempre uma conversa ativa no verão. O direito a água de rega está associado à terra com o que qualquer transação, venda ou permuta leva consigo as horas de água desse lote. Contínuas são as discussões em que aparece que tal senhor ou tal outro usa demais as suas horas, um que

sempre é mais esperto, e assim por diante. Podemos afirmar, sem receio, que a água de rega segue sendo um foco de problemas e confrontos sociais, o que nos oferece uma clara amostra de como é disputado ainda, o acesso à água e a importância que se dá na aldeia aos cultivos. Isso é indicativo da importância desse recurso, por isso, também achamos necessário entender o uso do regadio para percebermos as dinâmicas sociais e a organização política e social da aldeia¹⁰³.

A organização da água de rega de fato não começa no primeiro de julho. Perto do dia de São João (24 de junho) é convocado o *Conselho*. O conselho é, ao mesmo tempo, o organismo que convoca o dia em que todas as pessoas da aldeia vão ter que ir limpar os regos, assim como se conhece com o próprio dia. Assim se diz na aldeia que o Conselho foi convocado, mas também que o dia 24 de junho será o dia do Conselho. Dizem os mais velhos que o Conselho é um dos últimos organismos que permanecem do antigo regimento vicinal. Hoje ele está sediado também dentro da Junta de Freguesia, mas sua convocação acontece da mesma forma que antigamente. Uma pessoa da junta vai casa por casa avisando em que dia será o Conselho. As pessoas se juntam no rego, e a partir dele vão limpando em direção à derivação de água no Ribeiro, barreira física que desloca uma parte da água do Ribeiro para dentro da canalização. No ano 2013 foi limpo de manhã o rego do Ribeiro e de tarde limparam o do Verdial. O Conselho é um momento importante na vida social da aldeia, pois, as pessoas da aldeia se juntam e limpam o rego, sabedores da importância que a água tem. Mas como toda atividade social, sempre há quem falta, sempre há quem só aparece umas *horitas* e quem só vai pra dar palpite. A questão é que no dia do Conselho se respira um ambiente diferente na aldeia, parece que as desavenças desaparecem, pois, todos falam com todos e como sempre acontece o trabalho é feito num ritmo pausado, com uma grande dose de senso de humor e sendo evocadas anedotas de outros anos. Enfim, num ambiente distendido. Um leva uma caixa de cervejas de manhã, o outro à tarde e assim as pessoas vão brincando, trabalhando e limpando o rego.

A rede do sistema de regadio está formada por condutos abertos. A rede de distribuição de água do Ribeiro é, *tornada* diretamente do cauce do cõrrego e a água *corre*

¹⁰³ Para mais informações sobre conflitos de água de rega ver Watteau (1999). Em Pul Eliya, Edmund Leach tem toda uma discussão acerca da centralidade dos sistemas de irrigação e vai trabalhando as transformações sociais através das mudanças nos usos das terras.

pela aldeia através das *levadas de água*. Das *levadas*, a água *se corta* para as propriedades, com a colocação de pedras e terrões diretamente no rego. Dentro das propriedades particulares que vão ser regadas, a água vai sendo dirigida através de uma rede de *sulcos*, ou pequenos canais, que se vão cavando ou usando no decorrer da atividade, com o fim de poder regar toda a superfície do lote. Esse sistema de regadio é usado no caso dos cultivos como milho, batata e horta. No caso dos lameiros, que são regados fora da temporada da água de rega, os sulcos principais ou *tralhão* ficam abertos de um ano para outro, e só é preciso cortar a água uma ou duas vezes no lote.

A forma que toma a rede de sulcos nos lameiros é a de espinha de peixe, um eixo central é o que conduz a maior proporção de água e dela saem canais secundários. A diferença mais significativa entre a forma de regar o milho e os lameiros é que na horta e no milho as pessoas têm as horas contabilizadas, o que implica numa necessidade de otimização do uso das horas de água. Os lameiros são irrigados fora do regime de regadio, posto que os lameiros não têm direito à água por horas, eles só têm água fora do período em que opera o regime de águas, podendo ficar a água dentro do lameiro toda a noite por exemplo. É claro que se o lameiro tem uma nascente de água e uma poça própria eles vão regar seu próprio lameiro com sua água, sem interferir no regime de águas, que poderíamos chamar de geral.

Agora vamos analisar os diferentes tipos de terras particulares, para num segundo momento expor os cultivos que nelas se produzem.

1.2.3 Horta

As hortas, entendidas como espaço geográfico determinado, estão localizadas nos lotes mais próximos às casas da aldeia e são usadas o ano todo. A maior diversidade de cultivos se dá durante o verão e os mais comuns são: beterraba, tomate, alface, couve, cenoura, feijão, abóbora, salsa, espinafre e nabo. Para chegar a ter essa produção no verão, os trabalhos começam depois das últimas geadas, entre abril e maio, alguns anos em junho. Há ainda pessoas que já nos meses de fevereiro e março gradeiam a terra. As lavouras começam com o adubado e o gradeado da terra, atividades feitas de forma manual ou com

uma espécie de trator de pequeno porte, posto que as hortas que ficam do lado da aldeia, são terras extremamente pequenas, há lotes de 10 m². Plantam as couves – normalmente duas espécies diferentes, uma com maior resistência ao frio e às geadas do que a outra – assim como as outras espécies, em função das necessidades e características de cada uma. Por exemplo, a alface é semeada já com o calor do mês de junho, e em agosto vimos como de novo plantavam mudas de alface. Os tomates são plantados entre maio e junho.

Os produtos da horta não são exclusivos para a alimentação das pessoas. As beterrabas, por exemplo, são plantadas para consumo dos porcos; as abóboras são consumidas pelas pessoas, pelos porcos e com elas também se elaboram alguns *enchidos*¹⁰⁴ como o salpicão. Como podemos constatar através da fotografia mostrada abaixo, as hortas, devido à grande variedade de espécies plantadas, formam um mosaico de alturas, cores e texturas. Cada lugar é planejado para cada espécie, assim as hortas são espaços gestionados, desenhados e pensados.



Fotografia 5: Horta no mês de julho



Fotografia 6: Horta no mês de julho

A altura das diferentes espécies de plantas é planejada para que nenhuma projete sombra sobre a que tem ao lado. O feijão sempre está situado onde não possa projetar sombra sobre a espécie vizinha ou, quando isso não é possível, para que a sombra aconteça somente nas últimas horas do dia. O tomate, devido à altura que chega a alcançar, seria o

¹⁰⁴ Embutidos

segundo cultivo localizado ao sudoeste do lote, onde o sol só projetaria a sombra dessas plantas maiores nas últimas horas do dia. Entre espécies com altura semelhante, como cebola, alface e cenoura, não existe aparentemente uma norma na sua distribuição. Cada espécie está situada em um canteiro diferenciado, com o que podemos observar de forma diferenciada o canteiro das cebolas, das beterrabas, ou das cenouras. A alface cresce ao longo da horta, e, ainda que existam alguns canteiros exclusivos, as encontramos também distribuídas nos limites dos demais canteiros ou distribuídas ao longo do caminho central da horta. As couves são cultivadas com um espaçamento maior do que as espécies que acabamos de citar, normalmente com 50 e 90 cm de distância e elas ocupam normalmente um espaço maior do que o restante da horta. Pois a couve é uma espécie importante da dieta das pessoas durante o ano todo, mas também das galinhas, porcos, coelhos, assim como no caso dos patos, ocas e demais animais *criados em casa*. Há, portanto, terras que são cultivadas apenas com couves. A durabilidade das couves semeadas neste verão será maior, ela irá até o final do próximo verão, podendo mesmo durar até dois anos. No bar que há na aldeia vizinha de Randín, à porta, nasceu uma couve que passou a ser cuidada pelos donos e clientes do estabelecimento, e que quando morreu tinha uma idade aproximada de 4 anos, e uma altura superior aos dois metros. As abóboras, por serem rasteiras e crescerem longitudinalmente, são semeadas nos extremos dos canteiros ou das hortas em seu conjunto, o seu crescimento é dirigido de forma que suas folhas não cubram as demais plantas, nem que possam ser pisadas nos trabalhos de limpeza e colheita. As abóboras são cortadas no mês de outubro, com a chegada das primeiras geadas.

Para acabar de completar o mosaico, sem acompanhar as espécies hortícolas, alguns pés de árvores frutíferas como maçã, pera ou ameixa, e algumas plantas de uso ornamental como hortênsias e rosas, usadas também como enfeite dos panteões onde descansam os falecidos familiares.

Na parte leste da aldeia, existe um grupo de hortas que vai em direção ao Ribeiro. São tiras de terra estreitas e compridas, sem divisões físicas, mas com diferentes proprietários. Essas terras que abrigam hortas parecem ter entre 10 e 15 metros de largura, por 30 ou 40 metros de longitude e no final deste conjunto de lotes existe um pequeno degrau, de aproximadamente um metro de altura, que divide fisicamente as hortas dos

nabais¹⁰⁵.

Há hortas que são cultivadas dentro dos nabais, com o que nesse caso as hortas estariam dentro de uma terra. Deixaria a categoria de horta, de ser um referente do território para definir uma série de cultivos. Aí a horta estaria situada dentro de uma *terra*, e eles se refeririam a essa configuração como *uma terra que tem dentro uma horta*. Ou seja, estariam referindo-se em primeiro lugar à *terra*, mas, especificariam que no seu interior há uma *horta*.

1.2.4 Nabal ou terra

Os *nabais* ou *terra* são, espacialmente falando, o conjunto de terras que circundam as hortas e se estendem até os lameiros ou os baldios que seriam as formas mais periféricas tendo a aldeia como centro; as terras também apresentam gradação no tipo de cultivos. Sua superfície é maior do que a das hortas e se localizam numa distância relativa às segundas propriedades mais próximas ao conjunto habitacional da aldeia. Não podemos dar uma estimativa de superfície média aproximada, mas as terras variam desde os 50 metros quadrados até algumas que podem medir um hectare.

Nos nabais se cultiva milho, batata ou cereal. Existe uma prática chamada *afolhar*, que consiste em que todos os lotes da mesma *praza*, quando o acesso for único para todos eles, tenham o mesmo cultivo. Isso porque, caso o proprietário decida ter um cultivo diferente, os tempos e os cuidados do cultivo serão também diferentes. Por exemplo, a batata é semeada entre março e abril e colhida no mês de setembro. Caso o proprietário de uma terra vizinha decidisse semear centeio, os trabalhos de cuidado e coleta seriam no mês de agosto, antes do tempo de coleta da batata, com o que a máquina que na atualidade faz esses trabalhos teria que passar por cima do batatal. Portanto, se numa mesma *praza* fossem cultivadas simultaneamente essas duas espécies – lembremos que existem *prazas* que aglutinam diferentes lotes e que podem ter uma única entrada – para cultivar a batata teriam que passar por cima da terra semeada de centeio já em setembro, o que implicaria em estragos e perdas dos cultivos, para evitar esses problemas, *afolham*. Como diz Jaime: “se

¹⁰⁵ Tipo de terra em que se cultivam os cereais, milho e batata

não *afolhar* tinha que passar por cima do cultivo dos outros” (Agosto de 2012)

Outra prática em relação à distância física entre as terras e os tipos de cultivo é a *cultura* que se pratica sobre o espaço. É pouco comum observar nos nabais mais próximos da aldeia culturas de trigo ou centeio porque, como já foi citado anteriormente, há alta frequência de incêndios florestais. O centeio e o trigo são gramíneas, *cereais de pregana*, que resultam em uma superfície total seca muito grande em relação à parte verde, o que implica numa alta potencialidade combustível¹⁰⁶ cuja velocidade de propagação em caso de incêndio seria muito alta e quase impossível de se apagar. Com isto queremos dizer que devido ao perigo e à potencialidade combustível, os cultivos de *pregana* devem ser os mais afastados da aldeia. Portanto é mais frequente semear nas terras próximas da aldeia milho e batata. As *prazas* com cereal não têm direito à irrigação.

Nos nabais, os cultivos de batata, milho e centeio são combinados e rotativos num ciclo que dura um lustro. Assim, entre colheita e nova colheita de batata, passam-se cinco anos. No ano 1, se planta batata, os quatro anos restantes são divididos entre centeio e milho, dois anos para cada um dos cultivos. Pelo que pudemos recolher na aldeia, esse sistema de rotação de cultivos foi sendo implementado depois dos anos quarenta, pois o ano da batata dentro desse lustro equivaleria ao de *pousio*, que, na atualidade, já não é mais praticado.

1.2.5 Lameiro

“Já se disse que o gado é a riqueza da terra, mas sem feno, sem lameiros, essa prodigiosa invenção rural, não poderia prosperar nem

¹⁰⁶ Existem estudos feitos no mundo inteiro em que se trataram de modelar os diferentes tipos de combustíveis. Na Península Ibérica, os cientistas constataram a que existem treze modelos diferentes em função do tipo de combustível, da relação entre superfície e volume, velocidade de propagação, intensidade etc. Nesses modelos os número 3 é definido da seguinte forma: Pastizal gruseo, denso y alto (alrededor de un metro, es difícil caminar a través del pasto). Un tercio o más del pasto debe estar seco. Puede haber arbolado o matorral disperso. Los campos de cereales antes de segar pueden incluirse em este modelo. Los incendios son los más rápidos y de mayor intensidad. El viento puede llevar el fuego por la parte superior de la hierba, saltando incluso zonas encharcadas. Com humedad del combustible muerto (H.C.F.M) del 20% (alta) la velocidad de propagación está próxima a los 100m./min. Y la intensidad llega a 2000 kcal/m/s com largo de llama superior a 4 metros. Fonte: <http://www.slideshare.net/Julastra/22766652-modelos-combustible#btnNext>

multiplicar-se. Seria possível viver actualmente no Alto Barroso sem o pão que dá o centeio, mas sem a forragem, que vem do lameiro, talvez não”

(Viegas Guerreiro, 1982:145)

Os lotes destinados à obtenção de feno para alimentar ao gado são conhecidos como lameiros. “Os lameiros produzem pasto verde que é consumido no local pelo gado, e ainda o feno que é segado uma vez por ano e se destina à reserva de forragem para o inverno” (Bordalo Lema, 1978:53). Há também as lameiras: “retalhos minúsculos que fornecem consecutivamente erva fresca que é segada ao longo do ano para a ração da corte [estábulo] e nunca são acessíveis diretamente ao gado” (1978: 53.).

As lameiras são pedaços de terra menores do que os lameiros. Ali se cultiva uma erva mais mole que será a primeira erva a ser comida pelos vitelos, servindo também para o gado miúdo, como galinhas, porcos e coelhos.

Os lameiros, como citamos anteriormente, não estão incluídos dentro do regime de águas, eles não têm direito a ser regados durante o verão, e também não têm um sistema próprio de irrigação. Há lameiros que possuem uma poça dentro e através do engenho são regados de forma automática. O *engenho* é uma pedra de aproximadamente um metro de altura usada como porta da poça; situa-se normalmente na parte de maior profundidade, para maior aproveitamento da água. O engenho funciona com o princípio do sifão, transportando água de dentro da poça para o lameiro através de dutos que se encontram unidos na parte mais alta da pedra. Basicamente, o princípio físico que explica seu funcionamento seria o seguinte: ao mesmo tempo em que a poça de água vai enchendo, o duto que se encontra na parte interna da poça vai também sendo preenchido; uma vez que a altura da água sobrepassa o limite do duto interno, a água começa a descer pelo duto que dá na parte externa da poça. Como o *engenho* está num sistema de vazio, o conduto externo provoca um efeito de sucção, que faz com que se esvazie a totalidade da água que se encontra armazenada na poça. Assim, uma vez após outra o lameiro se rega de forma automática.

2 Tipos de cultivos

2.1 O Feno

Devido ao período de repouso da erva, o feno constitui a base da alimentação do gado durante uma série de meses do ano, quer no sistema agro-pastoril quer nos actuais sistemas de aproveitamento. Assim, no que respeita aos prados permanentes [lameiros], o recurso natural mais importante para a sua implantação é a possibilidade de regar a fim de obter um abundante corte de feno. (Lima Santos, 1992:30)

Como vemos expresso na citação que abre este subitem, a capacidade de produção do feno é diretamente dependente da quantidade de água que recebem os prados. Esse é um elemento que nos chamou muito a atenção e que já expusemos linhas acima, quando mencionamos o sistema de regadio e as discussões que gerava, pois aqui estamos numa situação similar. Os agricultores sempre caminham com um *sacho*¹⁰⁷ nas costas, pois caso queiram fechar a água para o seu lameiro essa ferramenta resulta indispensável. O *sacho* é um elemento típico do agricultor, sempre o acompanha e, com seu cão, formam um trio quase inseparável. É devido à importância que a água tem que eles sempre andam com um *sacho* nas costas.

Tornar a água para o lameiro é uma atividade fundamental, para a rápida geração de erva, o *outono*¹⁰⁸, sobretudo em dois períodos do ano: nos meses de inverno e logo após ser cortado o feno no mês de julho. Durante os meses de inverno, como não opera o regime de águas, usa-se a água à *torna* ou *tapada*, o que quer dizer que quem tornar a água do rego para o seu lameiro ficará com ela, sempre e quando alguém não a tire para o seu próprio lameiro, ou a *torne* mais acima, tendo como referência o percurso do rego. É comum, ainda, que as pessoas se escondam nos seus lameiros quando percebem vir alguém que irá tornar a água para o seu lameiro, pois quem mais tempo consegue aguardar, garantirá a água no seu lameiro. Todas essas operações se fazem principalmente à noite, pois ao longo do dia os

¹⁰⁷ Enxada, que pode ser usada para tornar a água para um lameiro, *escorrentar* um animal, ou inclusive de bengala.

¹⁰⁸ Como *outono* é conhecido na aldeia além da estação do ano, o renovo das plantas e é esse último o sentido que aqui estamos usando.

lavradores caminham muito pela aldeia e sempre estão indo verificar se este ou aquele lameiro tem água, com o que o jogo do tapa aqui, tapa acolá e contínuo. Na noite é mais fácil garantir um maior número de horas no lameiro, pois, quando as pessoas dormem é a melhor hora, nos disse Berto. Ele assegura que ao longo do inverno cochila um pouco no sofá e quando são duas horas da madrugada vai percorrer os seus lameiros e cortar a água, que dessa forma ele garante até umas seis horas da madrugada água nos seus lameiros, *até que venha outro e corte*.

Frequentemente, os lameiros são visitados a fim de se verificar se há água dentro dele, se a rega está boa, inclusive, são realizados trajetos diferentes para verificar se aquele lameiro tem ou não água. No verão os agricultores podem tornar a água do Ribeiro para os seus lameiros só à noite, pois, ao longo do dia operam as horas de rega com o que ela pode ser usada nos lameiros. Os cachorros que acompanham os agricultores também são um bom indicador, pois ao passo deles pelas ruas vão alertando os demais, o que conforma uma espécie de roteiro sonoro. Em uma noite de inverno, pude constatar o percurso que fez Sérgio para tapar a água de dois lameiros, somente pelo som dos cachorros. Da mesma forma, vi, durante o verão, que Jaime descia para o *café*¹⁰⁹ após jantar e seu *sacho* ficava fora da porta¹¹⁰. Uma vez bebido o café, se dirigia com seu cachorro a uns prados para ver se conseguia meter alguma água dentro de seu lameiro. Os agricultores contam que antigamente eles precisavam estar muito mais atentos, porque era tanta a necessidade desse *outono* que as pessoas passavam noites sem dormir, nesse jogo do “eu tapo para o meu e o outro para o seu” (Sérgio, julho de 2013).

Se ao longo do inverno o lameiro for *bem regado*, o gado poderá pastar ali o mês de março em que começa a fazer menos frio. Em finais de março, se aduba o lameiro, para que o feno saia mais vigoroso, algumas vezes com o esterco do gado que ali pastou e, em outras, com fertilizantes e adubos comprados de explorações avícolas ou de porcos próximas. O adubo comprado faz crescer mais rapidamente o feno, mas a qualidade dele não é muito boa, me disse Venâncio. É obvio que sempre há disparidade de opiniões e

¹⁰⁹ Café é sinônimo de bar na aldeia. É um lugar de socialização e de troca de informações.

¹¹⁰ Essa é uma imagem recorrente dos cafés. Do lado da porta há três ou quatro sachos, claro que há moradores que conseguem distinguir as pessoas que estão dentro do café sem entrar, simplesmente pela presença do sachos. O cão também é um marcador, pois eles ficam também do lado de fora.

crenças. Alguns preferem fertilizantes químicos e outros só o estrume que o próprio gado produz. Após o mês de março, o lameiro fica vedado para os animais, por ser o período de crescimento do feno, que dura até o mês de julho quando é ceifado.

Assim como o restante das culturas que veremos de agora em diante, o cultivo do feno é um marcador temporal nomeado como a *temporada do feno* ou *o tempo do feno*¹¹¹. Esse tempo coincide quase sempre com o mês de julho, podendo se estender até agosto. Uma vez ceifado o feno, o lameiro volta a ser irrigado para que, no mês de setembro, as vacas que retornaram da serra possam comer a erva que brotou desde que foi ceifado. O lameiro fica com água no período de setembro até março, para que em março o feno possa ser comido novamente pelas vacas. Esse seria o ciclo biológico do feno e os movimentos que as pessoas e as vacas fazem ao longo do ano.

O tempo do feno é o mês de julho. Para chegar a poder ceifar o feno em julho, o lameiro é adubado em abril e ficará *fechado*¹¹² até julho, em que a palha fica seca e o grão maduro, sinais de que é o período da colheita. O primeiro passo da colheita é cortar o feno com ajuda de um *apero* específico. Depois de ceifado, o feno fica estendido ao longo do lameiro para que seque durante dois ou três dias. O tempo de secagem é muito importante em todo o processo, havendo necessidade de alcançar altas temperaturas, por isso, que o feno se trabalha no mês de julho. A aparição de chuva depois do corte do feno é vista sempre como um grande problema, porque pode levar ao seu apodrecimento. Por conta dessa preocupação, os noticiários meteorológicos são acompanhados em dois ou três canais de televisão, tanto no canal galego, quanto nos portugueses. Talvez possamos entender essa prática local como uma apropriação de novos conhecimentos e que se atualiza de acordo com as novas tecnologias disponíveis. A internet, por exemplo, já é um recurso usado para consultar as condições meteorológicas, a curto e médio prazo.

Vemos como os conhecimentos e as tecnologias são atualizados e incorporados nos saberes locais. Antigamente tinham na previsão dos mais velhos a forma de aceder a essas predições e conforme as tecnologias foram chegando os agricultores as incorporam para seu

¹¹¹ Há também o *tempo da batata* no mês de setembro, do *silo* também em setembro, do *centieio* em agosto, da matança do porco etc. Enfim vemos como as atividades que os moradores da aldeia criam os seus próprios marcadores temporais.

¹¹² Sem vacas pastando no seu interior

próprio benefício. O mesmo acontece com as máquinas usadas pelos agricultores. Os tratores e a mecanização em geral das atividades através de, por exemplo, os aperos, é já uma prática comum e recorrente. Mas não é só uma ferramenta dos agricultores. Podemos dizer que quase a totalidade das casas¹¹³ de Tourém conta, na atualidade, com um trator. Óbvio que há os maiores e mais sofisticados e os mais velhos e pequenos, mas essa tecnologia está hoje presente e estendida, deixando de lado a *gadanha*¹¹⁴, que era, por exemplo, a ferramenta manual com a que se ceifava o feno e que Humberto Martins ainda conseguiu acompanhar em seu trabalho de campo na aldeia nos anos 2002 e 2003.

Depois de dois ou três dias ao sol vai-se até o lameiro com o volteador ou revirador. *Apero* engatado na parte traseira do trator cuja função é levantar e revirar o feno de forma que, depois de passado o revirador, o feno que estava por baixo fica por cima, para assim secar o feno que ainda estava molhado. Uma vez seco, vai-se com outro *apero* para enfardar. A enfardadora é um *apero* que recolhe o feno por linhas, o corta, o prensa e faz o fardo. Há diferentes modelos de enfardadoras, sendo comum na aldeia as de rolos e a de fardos, sendo diferente a máquina e a lógica de produção delas (Ver fotografias no final do capítulo).

Finalizados os trabalhos de enfardar, dois são os destinos do produto obtido, o autoconsumo ou a venda. A venda dos fardos é uma fonte de renda importante para os agricultores, já que há pessoas que preferem comprar os fardos prontos ou pagar para que alguém faça o trabalho completo nos seus próprios lameiros¹¹⁵.

A venda dos fardos pode ser feita de duas formas, diretamente no lameiro o que diminui o preço, pois está ausente o custo do transporte desde o lameiro até o armazém, ou vendem no próprio armazém, o preço deste último é maior. Essa também é uma nova tendência, digamos. A primeira enfardadeira que chegou na aldeia foi em 1982 pelas mãos

¹¹³ Entendida aqui como grupos familiares extensos, pois nas atividades agrícolas a cooperação das pessoas vinculadas com a casa num sentido lato se faz necessária. As atividades são intensas e num tempo curto de tempo com o que a entreatajuda familiar é uma prática recorrente.

¹¹⁴ Ferramenta que se usa para *ceifar o feno*. É uma espécie de foice mais comprida

¹¹⁵ Essa atividade poderia ser vista de duas formas, se por um lado o agricultor presta serviços como assalariado ou inclusive jornaleiro, por outro essa prestação de serviços é vista por eles como uma valorização da capacidade que a maquinaria lhes permite. O desembolso econômico que implica a aquisição de uma dessas máquinas é grande, o tempo em que elas operam é pequeno com o que quanto mais rendimento se lhe tire por ano menos tempo tardam em amortizar o preço da máquina.

de Venâncio. Antes desse momento os trabalhos de ceifar e revirar eram feitos a mão. Depois carregavam o feno uma vez seco e o levavam para os palheiros, onde se acumulava para o inverno, sendo mais demorado o processo, mais laborioso e mais comunitário também, pois as pessoas da mesma família, por exemplo, eram convocadas para ir na casa de um em certo dia, no dia seguinte iam na casa do outro, e assim levavam os trabalhos. Ainda na atualidade, as pessoas são convocadas para ajudar um ou outro; me disseram que essa prática é um vestígio *do que era antigamente, mas nunca será como era antes*. Fui em uma tarde de julho para o Sérgio, lá estava eu, Sérgio, seu empregado Miguel, sua esposa Sandra, seus pais Venâncio e Maria e dois casais da aldeia vizinha de Guntumil. Um deles lhes empresta uns lameiros de lá ao Sérgio e o outro era o pai da madrinha da sua filha e mais a madrinha¹¹⁶. Enfardamos os lameiros que ele tinha previsto em duas horas e depois de merendar e descansar, fomos desconvidados, pois, a seguinte força tarefa seria dois dias depois.

Os lameiros também podem ser emprestados, isto é, *levar o lameiro do João*. A pessoa que o *leva* tem toda a responsabilidade: cuida do lameiro, faz muros, aduba e normalmente o locador recebe um pagamento que pode ser em feno ou em dinheiro. Esses contratos são de palavra (ou “de boca”, como se diz em português, para opor ao contrato escrito) e muitas vezes realizados (ou firmados, para se usar vocabulário jurídico) sem muitas explicações, simplesmente com a entrega do lameiro para a outra pessoa. Afortunadamente, a disponibilidade de terras na atualidade é grande, o que permite que não existam muitos problemas em relação à terra. Nunca tiveram os agricultores de Tourém tantas terras à disposição, pois a relação entre número de vacas e casa-fazenda nunca foi tão baixa. Veremos no seguinte capítulo que há na aldeia 23 explorações com um número total de aproximadamente 320 cabeças de gado. Segundo o que nos comentaram nas décadas de 1960 e 1970 na aldeia havia perto de 700 vacas. Se levarmos em conta que a mecanização da agricultura começou também nesse momento com o conseqüente movimento migratório, resulta fácil concluir que a disponibilidade de terras da aldeia na atualidade é grande. Inclusive, há muitas propriedades que antes eram trabalhadas que na atualidade estão a

¹¹⁶ Vemos aqui de novo acionada a linguagem do parentesco através das relações de compadrio, como é neste caso a presença da madrinha da filha de Sérgio. Ela é para eles como da família nos disse Sérgio em uma infinidade de ocasiões, e, portanto, família é nesses dias que se aciona.

*monte*¹¹⁷. Todos esses são efeitos da disponibilidade de terras que há na aldeia e do abandono que sofreram as terras também do lado galego. Mas ao mesmo tempo temos que levar em conta a grande mecanização dos trabalhos. Uma vez tendo disponíveis as máquinas, esse mercado de fardos é uma oportunidade de renda a mais para os lavradores de Tourém. Mas já começamos a perceber como o avanço da maquinaria obriga também aos lavradores a se manter atentos ao mercado, pois, cada ano evolui a tecnologia, se produz mais e em menos tempo. Essa carreira tecnológica se vê instalada na aldeia. As pessoas querem a enfardadeira maior, moderna e rápida. Eles fazem desembolsos altos de capital para acompanhar o mercado tecnológico, o que os introduz dentro de um mercado global. Como diz Bourdieu, passamos em uns anos de “um universo fechado para um mundo infinito” (2004:221) em que o crédito e a dívida são elementos comuns no atual sistema econômico da aldeia.

Continuando nessa carreira, vários são os agricultores da aldeia que *levam* terras galegas, inclusive, de aldeias mais distantes daquelas que rodeiam a aldeia. Adriano toma conta de dois lameiros na aldeia de Padroso (Calvos de Randín), distante uns 6 quilômetros. Mesmo com a distância, tê-los arrendados é rentável, pois naquela aldeia já foi feita a concentração parcelária¹¹⁸, o que permite ter uma superfície maior de terra num único lote. Assisti aos últimos anos a uma disponibilidade de terras muito grande como já foi dito e isso pode remeter a diferentes processos históricos. Mas o que pude observar neste tempo que fiz pesquisa de campo na aldeia é como através dos usos e desusos das terras de Tourém se pode aceder a esses momentos e entender de uma forma mais larga as configurações sociais e territoriais que se dão. Assim, essa disponibilidade de terras é o que mostra como na atualidade não é mais importante ter um lote perto da casa e com facilidade de acesso. Os agricultores hoje valorizam mais que o lote seja grande, que tenha uma boa inclinação para poder trabalhar e que possam entrar com as maquinarias. O motivo de

¹¹⁷ No falar local essa expressão se corresponde com uma terra que não está sendo cultivada e na que começam a aparecer espécies vegetais próprias dos terrenos não cultivados. Essa transição muda também o aspecto do terreno, pois a monte incide também no aspecto, sendo aproximado de um significado de abandono.

¹¹⁸ A concentração parcelária é uma operação que realizam as aldeias que consiste em juntar as diferentes propriedades em uma só. Assim se uma pessoa tem 5 lotes que no total somam 2 hectares, se se levar adiante a concentração passará a ter uma única propriedade com essa extensão. Todas essas atuações foram executadas com programas específicos do governo estadual para fomentar a agricultura.

muitas das terras não serem mais trabalhadas há alguns anos é o fato, como disseram, que *não se trabalha*, pois, *as máquinas simplesmente não entram*. Os tratores são cada vez maiores e as máquinas também com o que a possibilidade de acesso os lotes cujo acesso é por velhos caminhos estreitos, de pedras, *caminhos de carros*¹¹⁹ dizem ali, com as máquinas que eles têm é complicado. Os tratores andam melhor pelas estradas asfaltadas ou de concreto e, devido à diminuição da população cuja atividade é a agricultura, a disponibilidade é grande. *Antes de que virem monte é melhor emprestá-los*, dizia-me Zé Pires – migrante da aldeia que mora em Lisboa – este ano. Ainda que nesse ato se possa ver um abandono, ele me falava isso, ao mesmo tempo em que reconhecia que tinha ido ao cartório solicitar cópias dos documentos de sua família e que estava realizando uma recopilação de fontes para saber exatamente quais eram as suas propriedades e em mãos de quem estavam. Com isso, podemos perceber que há uma vontade de ter as terras cuidadas, a propriedade é um elemento altamente valorizado na aldeia. Mas, a disponibilidade de terras também nos transporta para um universo em que a agricultura está cada vez mais nas mãos de menos pessoas.

Baptista num artigo intitulado: “O Rural depois da Agricultura” (2001) nos coloca diante de um panorama em que o rural português – visto de uma forma sociológica - está cada vez mais dissociado do seu espaço. A população rural estaria perdendo o controle de seu território em nome do ambiente e da economia. A proposta do autor ainda que demasiado sociológica – coloca o seu *locus* de pesquisa no município com o que perde a variabilidade e diferenciação interna das unidades menores, por exemplo, juntas de freguesia – compartilhamos parte de sua análise, pois o argumento é justamente interessante a razão de termos esses dados mais gerais.. Na apresentação, o autor nos mostra como que a posse de terra está cada vez em mãos de menos pessoas, como em Portugal o 1% dos produtores recebe o 42% das ajudas que o Estado distribui da PAC e como a agricultura da mão da PAC está sendo um braço das políticas neoliberais impostas pela União Europeia e cujo objetivo seria retirar o controle dos pequenos proprietários, colocando gestores dependentes de suas políticas.

Nas aldeias galegas vizinhas, como já dissemos no capítulo inicial, não há apenas

¹¹⁹ O que seria aqui no Brasil um carro de bois

moradores, mas aproveitando-se dessa configuração social os lavradores de Tourém lá estão, como veremos no capítulo a seguir. Os de Tourém aproveitaram das ajudas da União Europeia para comprar maquinaria e hoje, devido a esse “abandono” de algumas terras e a disponibilidade de maquinaria, eles fizeram um nicho de mercado importante. Cada vez são menos os lavradores, mas, o número de vacas não diminuiu drasticamente e com isso a necessidade de feno é contínua. Vêm lavradores do Minho e de perto do Porto a comprar os fardos deles, há inclusive comerciantes que revendem os fardos em Lisboa.

As labores próprias do cultivo do feno são, como já dissemos anteriormente, uma atividade dura e pesada fisicamente falando, principalmente devido ao calor. É também uma atividade que carrega de modo muito forte a simbologia do tradicional, da cooperação e da *união da comunidade nos tempos de antes*. No passado era uma atividade que juntava a casa toda, os mais velhos ceifavam o feno, os mais jovens observavam e começavam também a revirar quando estava seco, as mulheres depois de fazer a merenda apareciam na terra e ajudavam a revirar e carregar. Antigamente a temporada do feno era ainda mais dura, principalmente pela ausência da maquinaria, dizem os moradores. O feno era segado à mão com ajuda de uma *gadanha*, e carregado aos molhos *ao lombo*¹²⁰ até os palheiros, ou caso, a casa tivesse um carro e uma junta de vacas ou bois, esses eram os que carregariam o feno. Uma vez carregado, o feno era guardado nos *palheiros*¹²¹ e dali retiravam, a cada dia, a forragem necessária para alimentar o gado durante o inverno. O palheiro, como vimos no capítulo anterior, carrega com si uma simbologia muito forte. Concretamente, o palheiro era o lugar onde os adolescentes de encontravam para começar a namorar, era um lugar afastado da aldeia, com diferentes caminhos que chegaram lá e onde se concebiam os *filhos de palheiro*, expressão usada para demarcar a ilegitimidade na concepção.

A questão é que o feno requeria muita mão de obra em um espaço pequeno de tempo, como já dissemos, a mecanização das atividades é hoje importante e a dependência de outras pessoas é menor, mas sempre há necessidades pontuais. Nos últimos dias da temporada do feno do ano 2012, Sérgio estava enfardando para uma mulher de Guntumil que não tem mais quem lhe ajude, mas que ainda mantém algum gado. Estavam ele e seu

¹²⁰ Ato de carregar os molhos nas costas, ao lombo. No Brasil a expressão seria carregar no lombo.

¹²¹ Construção que era dedicada quase que exclusivamente a guardar o feno.

empregado enfiando e carregando os fardos até a casa da senhora quando ameaçou chuva. Subitamente apareceram no lameiro quatro tratores para lhes ajudarem e carregaram a *forragem* toda da mulher e a meteram no palheiro. De noite, jantando com seu pai Venâncio, Sérgio ficou entusiasmado ao contar a história de como os tratores chegaram ao lameiro, como as pessoas desciam dos tratores e sem perguntar nada começaram a carregar os fardos e a traslada-los até a casa; da mesma forma, seu pai também estava entusiasmado. Eles perceberam naquela atitude das outras pessoas, uma relação de ajuda mútua, que parecia remeter aos tempos de antes, em que, aparentemente, as práticas de *entreaajuda*, ou cooperação intervicinal, eram mais recorrentes entre os vizinhos camponeses das aldeias. Lembremos que Sérgio estava em Guntumil, distante 3 quilômetros da aldeia, e que os vizinhos de Tourém, provavelmente, não sabiam que ele *andava pra lá*, mas eles mesmos contavam como sempre foram bons com aquelas pessoas, sempre tiveram uma relação boa com seus vizinhos. A madrinha da filha de Sérgio é de Guntumil, como já dissemos umas páginas atrás, no ano 2013 dois casais dessa aldeia galega vieram ajudar ao Sérgio no feno. Todos esses acontecimentos nos ajudam a reivindicar o feno como uma atividade que extrapola a simples atividade mecanizada e individualizada. Ela mantém no seu carácter uma condição de atividade dura e sofrida, mas também na sua essência a cooperação é central, as pessoas se procuram, se ajudam uns aos outros, em nome da família, do compadrio ou da amizade. Fato é que as redes de solidariedade aparecem e são visíveis através desse tipo de atividades que, como já dissemos, mantêm uma carga moral muito forte.

Com base nesse relato, poderíamos aqui retomar duas discussões clássicas dentro dos estudos de campesinato, por um lado o da *entreaajuda* e, por outro, o da *dádiva obrigatória* ou vinculante.

O comunitarismo e as relações de reciprocidade foram objeto de estudo por parte dos estudos de comunidade fundantes da etnologia portuguesa (Rocha Peixoto, 1908; Jorge Dias, 1948, 1953; Cutileiro, 1971) eles também foram objeto de críticas muito fortes, sobretudo por parte dos antropólogos da década de 1980. Dentre esses estudos, destacamos o de Luís Polanah e seus trabalhos sobre Tourém (1993,1989, 1985), nos quais o autor

demonstra que a *vezeira da res*¹²² era um mecanismo favorável para os proprietários que tinham grande número de cabras e ovelhas. Os *cabaneiros*¹²³ estavam quase impossibilitados de participar dessas atividades comuns, eram os proprietários de gado¹²⁴, os “ricos” que compartilhavam esses labores. A noção de estratégia de Bourdieu poderia nos servir para entendermos melhor essa realidade e sua reprodução. Ao mesmo tempo, caminhamos em direção ao que é apontado por Marcel Mauss em seu Ensaio sobre a dádiva (1988). O autor francês se questiona acerca de: “o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e, no entanto, obrigatório e interessado dessas prestações” (1988:188). Na conversa entre Sérgio e seu pai, pude observar que Venâncio nomeou as pessoas com as quais tinha boa relação e que, por Sérgio ser seu filho e ter herdado/ficado com a casa¹²⁵, a ajuda dessas pessoas seria quase uma obrigação para com seu filho, portanto para com a casa-fazenda deles. Nesses momentos, a noção de casa-fazenda aparece com toda sua força e vigor, ela designa uma relação que extrapola o ambiente local, e a independência que, por exemplo, hoje em dia Sérgio tem com seu pai, mas que, ao fim e ao cabo, nessas horas de fato é a mesma casa de Venâncio. É a mesma casa dele e, portanto, ele ainda é o responsável e o chefe de casa, pelo menos em certo tipo de eventos em que Sérgio não está, mas ele representa de certa forma aquele grande lavrador que ele foi e que repassou os ensinamentos para seu filho sem abandonar a sua condição. Da mesma forma, ao mencionar o nome das pessoas com as quais tinha boa relação, Venâncio não nomeou as pessoas que efetivamente foram ajudar Sérgio, mas fez referência ao nome da casa ou do

¹²² Rebanho ovino-caprino formado por gados de vários vizinhos que pastoreava de forma comum.

¹²³ Grupo social que corresponde ao extrato mais baixo e que seria formado pelos que não tinham nem casa, nem terras nem gado, não conseguiam participar dessas atividades, pois o ônus era muito grande.

¹²⁴ Marcador importante dentro do status social da década de 1970 e 1980 quando Polanah fez trabalho de campo na aldeia

¹²⁵ Casa entendida aqui como o conjunto de terras, maquinaria e a fazenda de Venâncio. Em agosto de 2013 acompanhamos a Venâncio na casa dos parentes de Miguel, o empregado de Sérgio. Na volta paramos para tomar um vinho num café da aldeia chamada Ponteira, também pertencente ao município de Montalegre. Encontramos Manuel, amigo de Venâncio e logo começaram a conversar de gado. Num momento da conversa, Manuel lhe perguntou pela sua casa, Venâncio lhe disse que estavam todos bem (no sentido das pessoas, esposa, filhos e netos). O homem o questionou de novo, fazendo um movimento circular e amplo com os dois braços e perguntou de novo, *não mas a sua casa*, [ênfatisando a palavra casa]. *Aaa* disse Venâncio, e continuou: *o meu filho mais novo o Sérgio que ficou com tudo. Temos quase cinquenta vacas e é o que mais feno mete de todo Tourém*, lhe respondeu Venâncio num tom orgulhoso. É nesse sentido que evocamos aqui a casa, como a instituição que alberga pessoas, gado e propriedades como tratores e terras.

homem cuja idade era a mesma que a sua ou que, eventualmente já estivesse morto, mas que ainda assim nomeava a casa daquelas pessoas.

2.2 O pão ou mese

O *pão* ou a *mese*¹²⁶ são diferentes nomes para o centeio. O centeio sempre foi um dos cultivos mais importantes naquela região, sintoma disso é que o pão consumido até a trinta anos aproximadamente era de centeio cultivado na aldeia e cozido no *forno do povo*¹²⁷. O centeio hoje pelo contrário não responde mais a esse uso. A mese é cultivada como complemento alimentar para os vitelos e para as vacas.

O ciclo do centeio é diferente dos cultivos que vimos até agora, pois seria difícil de entender que atividades tão importantes como a que garante o pão, coincidisse no tempo com outra. O pão é semeado no mês de outubro¹²⁸. Tira-se nesse mês o estrume dos armazéns, dispersa-se nos lotes que vão ser semeados e revira-se a terra. Depois de uma semana de repouso, semeia-se com um *apero* do trator que vai dispersando as sementes de forma mecânica ou hidráulica. Lembremos que seiscentos metros quadrados são um alqueire, e que para semear um alqueire é preciso um alqueire de semente o que equivale a aproximadamente treze quilos de grão.

Encontramos diferentes opiniões sobre o plantio do centeio: há os que semeiam todo ano e os que semeiam a cada dois anos. Há pessoas que semeiam centeio um ano e no seguinte só adubam e viram a terra porque no ato de *malhar* o centeio, a máquina não tem 100% de aproveitamento e caem grãos ao longo da terra, tornando-a semeada. A colheita é feita em agosto, com a ajuda da malhadora. A malhadora é uma grande máquina que leva na parte dianteira uma espécie de pente, que corta a planta de centeio e que malha a

¹²⁶ O procedimento que vamos descrever a continuação para o centeio, coincide com o do trigo, a única diferença é que a época de recoleção do trigo começa justo depois da do centeio. Como a superfície de plantação de trigo, em relação com a do centeio é mínima decidimos condensar as duas em uma.

¹²⁷ Forno de pedra que está situado na aldeia e no que as pessoas da aldeia coziam o pão de forma comunitária.

¹²⁸ O mês de setembro marca o fim da coleta e com o mês de outubro começam os trabalhos de preparação das terras para o ano seguinte. Assim é como entendemos o calendário socioecológico da aldeia que veremos no final deste capítulo.

inflorescência no seu interior; para o reservatório vai o grão e pela parte traseira sai a palha. O centeio moído serve como complemento alimentar para o gado nos meses em que fica estabulado, e a palha é enfardada e utilizada para fazer as camas das vacas, não sendo usada como complemento alimentar.

O centeio é uma cultura que mudou radicalmente ao longo do tempo. Antigamente, a sega e malhada do pão era uma época muito marcante para a aldeia, as ajudas mútuas eram necessárias e por isso carregava uma carga simbólica muito forte. Essas atividades eram realizadas em espaços de sociabilidade da aldeia como são as eiras. Nas eiras se juntavam as pessoas e malhavam primeiro o de uma casa e depois o de outra, sempre tendo em mente que não todos ajudavam todas as casas, mas como o número de pessoas que passavam pelas eiras era grande sempre se tem a lembrar essa faceta aglutinadora de pessoas.

O centeio é semeado também nas terras, mas como não precisa de irrigação são aproveitados lotes que não têm acesso a água de rega como na veiga. Esse cultivo conformaria um dos mais distantes da aldeia, pois é um cultivo muito perigoso em caso de incêndio.

2.3 O milho

O milho é semeado no mês de março, após ter sido tirado o estrume dos armazéns e adubada a terra. O milho, ao contrário do centeio, é um cultivo que tem direito à água. O milho é colhido no mês de agosto; após o tempo do feno e do centeio, é o tempo do milho. Do milho se pode obter dois tipos de produtos, a espiga e a palha. Outro produto diferente é a silagem, obtido da trituração da planta e do seu ensilado, destino final maioritário do milho semeado na atualidade.

As pessoas que colhem o milho e aproveitam as espigas, as coletam manualmente, e as guardam nos *espigueiros* ou as penduram tanto no interior quanto no exterior da *varanda*¹²⁹. O espigueiro¹³⁰ é uma construção característica da região norte de Portugal e

¹²⁹ A varanda é uma parte interna da casa que está situada no andar superior, onde está localizada a cozinha e os quartos. Normalmente as casas têm um pátio interno no andar térreo onde se localizam os estábulos e

sul da Galícia. É uma construção que se sustenta em quatro pilares que elevam uma estrutura a aproximadamente um metro e meio do chão. Entre o espigueiro e as patas há uma pedra circular de uns 50 cm de diâmetro. O espigueiro é coberto por um telhado de telha de barro e possui apenas uma porta. O material é madeira ou pedra. A principal função é a de guardar o milho seco e ventilado, sem que os ratos consigam entrar. Com os grãos de milho normalmente se alimentam as galinhas, moído também é servido para os porcos.

A palha do milho é usada como *mimo*, sobretudo para alimentar as vacas que estão paridas e que ficam na aldeia. É um consumo em verde e no que a espiga não é aproveitada. A palha também pode ser secada depois de colhida a espiga e virar um aporte alimentar para o inverno. Todos esses processos são hoje minoritários na aldeia, pois a maioria do milho que é cultivado se destina principalmente à silagem.

A silagem é um processo químico de fermentação primeiro aeróbico e depois anaeróbico, que permite a conservação dos nutrientes do milho. A silagem é feita da seguinte forma: primeiramente, é preciso cavar na terra uma espécie de canal de um metro de altura e dois de largura; depois forra-se o fundo com um plástico. Uma vez preparado o lugar onde se vai fazer o silo, começa-se a trituração da planta de milho. A máquina acionada através da tração do trator tritura a palha e a expulsa através de um conduto que cai diretamente no reboque do trator. Rapidamente o trator se desloca até o armazém onde é depositado no silo. Conjuntamente com a palha também se coloca uma pequena quantidade de sal, pois o resultado da reação química é ácida, o que permite controlar parcialmente a acidez. Ao mesmo tempo em que se vai avançando na construção do silo, ele vai sendo coberto por plástico. A parte do silo que está encoberto e soterrado com terra, é compactado, o que se pretende com essa ação é ir eliminando o máximo de oxigênio. Uma vez completo, o silo é fechado hermeticamente e no seu interior começam as reações aeróbicas e anaeróbicas necessárias para a obtenção do produto final. Aeróbicas porque as células da planta seguem vivas e pela quantidade consumida de oxigênio. Se o silo não for bem compactado haverá perda de nutrientes, perdendo-se muito de seu valor nutricional. A fase anaeróbica começa quando é esgotado o oxigênio. Como consequência, as células

de onde partem as escadas para entrar na casa. Entre as escadas e a porta da casa é onde está situada a varanda, que é coberta pelo telhado da casa e desde a que se pode observar o pátio interno.

¹³⁰ Estrutura similar ao paiol.

morrem e entram em cena as bactérias para fazer a fermentação dos açúcares. Pela atividade de fermentação é liberado ácido láctico que vai acidificando o silo; quando o PH estiver próximo a 4, o processo é interrompido. Segundo os manuais esse processo demora entre 3 e 4 semanas. O silo é uma atividade que tem que ser feita o mais rapidamente possível, pois não pode estar aberto à entrada de ar. Com o que no ano 2012 Sérgio recorreu a todos os seus irmãos, irmãs e sobrinhos, além de claro seus pais. Eram seis tratores carregando o silo e em dois dias recolheram mais de 7 hectares de milho¹³¹. Os homens ajudando e as mulheres cozinhando, *mais de quarenta pessoas éramos, estávamos nós todos* (família) *e alguns mais de fora que vieram ajudar* (Sérgio, julho de 2013). A silagem é também uma atividade que congrega as pessoas da casa-fazenda. Além do Sérgio, no ano de 2012 fizeram o silo da casa de Venâncio, o seu filho Venâncio, o Zé e o Russo, que moram em Pitões das Júnias. Constata-se que a silagem é uma atividade intensa, mas que congrega um grande número de pessoas. Além do número de pessoas, os quilos de carne, Venâncio nos comentou com exatidão quantos litros de vinho beberam de sua adega pessoal. Tudo isso mostra como é que essa atividade é vivida de forma intensa. Na aldeia, Sérgio não ajudou ninguém, *só fui pra nós*, com essa frase reduziu de forma categórica a sua participação na rede familiar, aquele nós, foi muito elucidador.

2.4 A batata

“O que hoje em dia é o gado, antigamente era a batata de
semente”

(Eloi, técnico da AATBAT, agosto de 2012)

“A batata é uma produção extremamente importante no Alto
Barroso (...) quer a produção para autoconsumo quer a produção
para batata para semente”.

(Lima Santos, 1992:24)

¹³¹ Sete hectares de milho no Brasil não quer dizer uma grande extensão de terra, mas em Tourém a terra maior adicada a milho que Sérgio tem é de meio hectare com o que demoram mais nos deslocamentos entre terra e terra do que em realizar as atividades.

A batata foi um cultivo com muita repercussão na economia local durante o século XX e até a década de 1990. Para entendermos esse momento temos que entender que foi o que propiciou que no Alto Barroso se cultivasse parte da batata que depois se cultivaria em todo o país. Um elemento fundamental e diferenciador foram as condições climáticas do Alto Barroso, como diz Lima Santos:

Dois recursos naturais têm no Alto Barroso, grande importância na cultura da batata: as temperaturas médias dos meses mais quentes ficam sempre bastante abaixo dos 20°C, o que, em conjunto com ventos fortes e frequentes, limita muito o voo de afídeos transmissores de viroses da batateira. Neste caso é o verão fresco que faz do Alto Barroso uma das mais extensas zonas do território nacional com possibilidades de produzir batata de semente com baixo índice de contaminação de viroses. (1992:24)

Podemos dizer que a batata foi um cultivo fundamental também fora do Salazarismo, contexto em que a semente da batata não era importada da Dinamarca como é na atualidade. Foi este cultivo e o centeio que permitiram que a fome não fosse tão dura, asseguram os vizinhos mais velhos da aldeia. Os *anos da fome* são considerados os anos da década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, e devido às condições ambientais, começa a ganhar peso o cultivo da batata de semente, devido à possibilidade de produção de batata com baixo grau de afetação de virose. Em 1938 foi criada em Montalegre a Cooperativa de Produtores de Batata de Semente, ela se encarregava de fornecer adubo e batata de semente de qualidade e seleção, assim como da ensilagem e da comercialização da produção (Lima Santos, 1992:117). Poucos foram os agricultores que encontrei na aldeia que vendiam batata de semente para a cooperativa, pois primeiro tentavam garantir o sustento da sua casa. Venâncio, que era um dos que mais batatas vendia na cooperativa, fazia uma série de cálculos da quantidade de batata que teria que vender para a Cooperativa de forma que lhe garantisse a colheita do ano seguinte. Pois, em função da quantidade de batata vendida para a cooperativa, ele recebia uma quantidade de semente e adubo. Em função dessa operação comercial Venâncio calculava a quantidade que tinha que entregar na cooperativa e a parte que ficaria em casa, pois *à porta* o preço da batata era maior. Até porque na situação geográfica de Tourém, podiam se beneficiar das flutuações no preço tanto de Portugal quanto da Espanha, vendendo a quem mais lhe interessasse.

O cultivo de batata era tão importante que se chegou a ocupar parte dos lameiros e dos baldios. Venâncio contava como na planície do alto da serra se viam grandes plantações de batata de semente, as pessoas iam aos baldios, acoutavam um lote e a mão, cavavam a terra e semeavam batatas a esses lotes lhes chamavam *cavadas*. O que hoje são lameiros já antes foram *nabais* de batatas. Assim explica Lima Santos as mudanças nos usos das terras, para o caso que nos ocupa preferimos tratá-lo como os usos e desusos das terras de Tourém:

Nalguns casos, estas zonas de baldio já eram periodicamente divididas em leiras, afim de colher uma quantidade de cereal complementar à produzida nos terrenos privados. A divisão em leiras era de competência da autoridade aldeã e, depois de ceifadas, as leiras voltavam ao usufruto comum. Depois da repartição dessas áreas de baldio para a cultura da batata, as leiras passaram a ser privadamente apropriadas e rapidamente se concentraram por transação. As áreas divididas no baldio eram geralmente longe de povoação e os cabaneiros, desprovidos de gado de tração para efetuarem os transportes e as lavouras, vendiam quase imediatamente as leiras que lhes haviam cabido por sorte aos lavradores mais abastados, os principais interessados na expansão da área de cultivo. (Lima Santos, 1992:128).

Muitos foram os relatos que recolhi de pessoas que trabalharam em parcelas de centeio, milho ou batata na serra. Os baldios eram usados de forma recorrente pelas famílias mais necessitadas. Eles iam ao monte, selecionavam uma parcela, limpavam e semeavam lá centeio, batatas ou milho. Claro que nessas parcelas mais distantes da aldeia o perigo do porco bravo entrar e comer toda a produção era alta. Não encontrei em Tourém narrativas que descrevam a apropriação dos baldios por parte dos particulares. A Junta de Freguesia na década de 1950 vendeu parte do baldio para acometer as obras de eletrificação da aldeia via uma turbina. Com o que não estamos muito longe do que Lima Santos evoca. Há lotes ilhados no baldio, perfeitamente murados e que estão rodeados por terras comunais, não há mais propriedades particulares arredor com o que podemos intuir que de alguma forma esses terrenos, favoráveis para algum tipo de cultivo passaram por um processo de particularização¹³². Na atualidade essas propriedades são usadas como lameiros. Através disso vemos como os usos e desusos das terras de Tourém continuam mostrando momentos e configurações históricas particulares. Continuemos com a batata.

Vemos, então, como, ao longo do século XX, a implementação da batata de semente

¹³² Preferimos usar aqui a expressão de particularização à noção de privatização, pois as terras não conformam plenamente uma mercadoria, antes elas constituem um patrimônio de família.

implicou no aumento da exploração dos baldios, na mudança de uso das terras (*virar pra batata*) e pensamos que também na particularização de terras de uso comum.

Mas a batata de semente e sua cooperativa foram desativadas pela chegada da Política Agrícola Comum. As pessoas começaram a deixar de lado a batata de semente e começaram a se dedicar ao gado de forma quase que exclusiva. Mas neste contexto de crise econômica, parece que a potencialidade da batata de semente reverberou de novo, entrando em cena na campanha eleitoral dos candidatos à Presidência da Câmara Municipal de Montalegre, em 2013.

Um dos candidatos, Orlando Ribeiro, pelo Partido Socialista, candidato vencedor, anunciava o seguinte numa entrevista realizada pela rádio local e publicada no seu perfil numa rede social. À pergunta das oportunidades que há na terra, o candidato responde:

O programa do PS, a que dou a cara, assenta em 3 pilares fundamentais: agricultura, pecuária e floresta. Na agricultura irei estimular a adesão dos agricultores do Barroso ao processo de retoma da produção de batata de semente e de consumo. Barroso e Montalegre foram grandes e ricos quando aproveitámos este filão. Recuperar a produção da batata é o portanto um dever. É definir caminhos que levam à construção do nosso futuro. Criar bolsas de terra para entrega a quem esteja interessado em trabalhar na agricultura é algo a que irei dar também cuidado especial

A batata de semente de Montalegre é conhecida em todo Portugal, afirmavam os migrantes lisboetas que este ano vieram para sua terra e com os que conversei de agricultura. Depois vemos essa declaração do candidato à Câmara. *Se for o caso de retomar de novo o cultivo de batata de semente no Barroso, Tourém seria também um lugar preferencial.* Assim o assegura Jaime, presidente da Junta de Tourém eleito em 2013 e que concorreu nas listas do PS também. Ainda podemos dizer mais, se esse fosse o caso, assistiríamos à retomada do baldio para o cultivo de batata de semente. Constaríamos então, que, os usos e desusos das terras de Tourém nos remetem também a uma ativação e desativação de interesses econômicos e políticos. Interesses que neste caso resultam numa campanha política, mas que certamente serão também interessantes para os agricultores locais. Caso a batata de semente seja de novo implementada no Alto Barroso e em Tourém, teremos que o responsável será o atual Presidente da Câmara, Orlando Ribeiro, com o que vemos como esses cultivos, esses usos e desusos das terras nos podem transportar para eventos históricos, sociais econômicos e políticos concretos.

Em Tourém, a batata sempre foi um cultivo muito importante e ainda é um cultivo difundido. Toda casa tem um lote semeado com batata, para consumo dos seus. Como já mencionamos, ajudou nas épocas de maior escassez, é um produto consumido pelas pessoas ainda hoje e também pode ser utilizado na criação de gado. Neste verão um migrante que solicitou manter o seu anonimato, comentou como estava difícil encontrar trabalho em Lisboa, pagar aluguel e ser totalmente independente. Ele que tem uma casa própria em Tourém, aliás, pertence a uma das *casas mais grandes* e dizia que se até o verão de 2014 não encontrasse trabalho: *volto pra Tourém, aqui não pago aluguel, semeio umas batatas, umas couves e com isso pelo menos já tenho que comer*. Vemos como couves e batatas estão na mente das pessoas como alimento básico. Conhecendo um pouco aquele contexto entenderíamos a lista de produtos básicos agregando a carne de porco e o pão.

A batata é semeada no mês de março, quando é retirada dos armazéns a primeira leva do ano de estrume – recordemos que a segunda acontece no mês de setembro, e se usa para adubar as terras que logo serão semeadas de centeio. Uma vez na terra, esta é revirada com o estrume e dias depois se semeia a batata. Durante o verão, as batatas são irrigadas com a água de regadio. Já no mês de setembro, e antes de ser colhida a batata, corta-se a rama da planta. A batata também é recolhida mecanicamente com ajuda de um *apero*, *arrancador*, que vai levantando, peneirando a terra e deixando só as batatas na superfície da terra. As batatas são conservadas nas casas, à sombra, em lugar fresco e seco. Normalmente, são classificadas segundo a sua utilidade, e assim são separadas: as de comer, as que vão servir de alimento para o gado e as que vão servir para semear. Recentemente, surgiu uma série de produtos químicos que ajudam na conservação da batata, mas seu uso é (ainda) incipiente.

Já em 1978, Bordalo Lema afirma que:

Não tendo um escoamento assegurado, o rendimento da batata é muito instável e aleatório, o que fez com que os lavradores passassem a atendersobretudo às compensações da criação de gado: as terras de batata voltaram a lameiros e a colheita do tubérculo fica, em grande parte, para alimentar a *fazenda*. Assim, o único produto que se destina ao mercado é ainda o gado bovino. (1978:50)

3 As culturas, as necessidades e os tempos

Mostramos até aqui as diferentes terras que há em Tourém, os cultivos que nelas se dão, a água de rega e de forma explicativa fomos mostrando os tempos que os lavradores necessitam para cuidar e poder cultivar. Mas agora queremos compilar de uma forma mais esquemática e clara os diferentes tempos dos agricultores, da aldeia e as atividades que cada cultivo e época do ano que implicam. Consideramos esses tempos enlaçados entre a agricultura, as condições ambientais próprias de Tourém e, portanto, dos lavradores.

O ano em Portugal está dividido em quatro estações, primavera, verão, outono e inverno. Como já dissemos no capítulo que abria esta dissertação, as pessoas resumem o clima local como nove meses de inverno e mais três de inferno.

Nos relatos que apresentamos ao longo destas páginas fomos mostrando como há coincidências nos tempos e ao mesmo tempo diferenciações significativas. Tentamos mostrar como os tempos da aldeia são marcados pelos cultivos, veja-se o *tempo do feno*, o *da mese* ou o *do silo*.

Além desses tempos marcados pelos tempos próprios dos cultivos, há outros tempos que não recebem esse tipo de nomeação, mas que são igualmente importantes. Explicitamos os tempos de semear, de voltear ou de preparar a terra.

A primavera chega depois das nevadas e do gelo e a partir de março as atividades dos agricultores começam. É o tempo de preparar as terras, tiram a primeira leva de estrume dos estábulos, reviram e aram as terras. Uma vez preparadas, as terras recebem a semente de batata e milho, que serão as que permitirão a colheita que acontecerá no verão. E isso acontece nos lameiros, nas hortas e nas terras. As apascentam-nos lameiros até finais de março, as hortas começam a ser reviradas e as terras também. Só os nabais com cereal de um ano¹³³ se encontram já com uma fase vegetativa diferente. Depois desse mês começam a preparar o que será o verão e as suas colheitas. Esse verão é inaugurado após a festividade do São Pedro, como veremos num outro capítulo. É convocado em junho

¹³³ Há um tipo de cereal de 5 meses que também é semeado em março.

o conselho para limpar os regos, e a partir desse momento é o *tempo do feno, do centeio, da batata e do milho*. De repente estão já em setembro. Mas antes desse mês ao longo do verão, os lavradores contaram com a ajuda da serra, do grande baldio e de suas espécies herbáceas que alimentaram as vacas da aldeia que não estão paridas, reduzindo assim a carga de trabalho dos lavradores. Em setembro, as vacas descem da serra e entram nos lameiros. Os agricultores aproveitam esse tempo para estrumar algumas terras e arar. Depois de terem acumulado ao longo do verão todo o material necessário para garantir o alimento do seu gado para o inverno, o outono dá a seu fim e chega o inverno. É com ele que aparece um certo tipo de pausa no ritmo frenético que os lavradores levam. É um tempo de recolhimento, as vacas estão estabuladas, faz frio e, portanto, a possibilidade de realização de atividades com a terra se vê limitada. Com os primeiros dias sem geada começam a estrumar, é o mês de março e o ciclo começa de novo.

A partir do relato acima, podemos constatar que as sucessivas atividades que os lavradores realizam na terra ocupam todo o ano. Todos os dias vão ver as vacas, de manhã, à tarde e à noite. Tem que dar de comer e beber e antes de elas irem dormir, vão lhes fazer as camas. Para as camas das vacas, Sérgio, por exemplo, precisa de um reboque de trator semanal de giesta, toxo e carqueija. Isso tudo é material extraído do monte, pelo menos uma vez por semana ele se desloca para cortar mato para as camas das suas vacas. Com isso queremos mostrar de uma forma breve o ritmo contínuo e cíclico que os lavradores enfrentam. Com estações claramente marcadas e com atividades e tempos definidos pela interação entre as terras, os homens e seus animais.

Queremos finalizar este capítulo fazendo um comentário acerca dos tipos de terras de Tourém e dos usos que delas se fazem. Vimos como os agricultores usam as suas terras de forma intensa, combinada e compassada. Tempos, cultivos, terras e lugares são elementos combinados com a tipologia do cultivo, lugar de plantação e ciclo biológico. Vemos como o território se conforma na interação entre esses diferentes atores e como ele é

praticado e conhecido. As atividades vão mudando de lugares, de nomes de terras e de tempos em tempos.

Começamos este capítulo discorrendo sobre os tipos e formas de uso da terra existentes na aldeia: os baldios de uso comum e as propriedades particulares. Sobre os baldios retomaremos mais adiante, quando descreveremos o gado e sua movimentação ao longo do ano. Descrevemos as propriedades privadas, com foco nos usos e tipos de terras que existem na aldeia: as hortas, os nabais e os lameiros. Mostramos os tempos de cada um dos cultivos, bem como, as tarefas que cada um deles requer.

Além da descrição das terras, dos usos e dos tempos, também nos apoiamos no material bibliográfico do Padre Fontes e de Bordalo Lema. Com eles elaboramos alguns contrastes das diferenças, mudanças e persistências. Usamos esse material bibliográfico como contraste, mas não só, os dois livros nos serviram como dados, como aportes e bases, que nos permitiram estabelecer outras formas de diálogo no próprio campo. Esse material nos permitiu também acessar essas atividades que na atualidade são realizadas de forma diferente.

Tentamos com nossa escrita, mostrar como o trabalho da terra é contínuo ao longo do ano, mas também como ele vai se movimentando através dos diferentes territórios da aldeia, como vai conformando territorialidades pontuais e concretas ao longo do ano. Espaços que são conhecidos, e usados em determinados momentos, assim como em determinados tempos; tempos e espaços que definem um modo de viver, um modo de se relacionar e de entender aquele conjunto de relações sociais. Uma organização social que está presente em todas e em cada uma das atividades, assim como, nas diferentes formas e dinâmicas que as pessoas têm ao se relacionar com a terra. Um outro elemento característico e que foi apontado ao longo desse capítulo foi o gado. Se fizermos uma leitura com a preocupação de vermos as atividades que têm o gado como destino, poderemos perceber como a maior carga de trabalho para o agricultor está concentrada nos meses de julho, agosto e setembro. Nesse tempo, o gado está pastando na serra, não participa dessas atividades, mas no fundo, sempre aparece ele como destinatário principal. Excetuando-se a horta, os demais produtos podem ter uma parte que seja de usufruto humano, mas na maioria dos casos, estamos falando de produtos que vão ser entregues para

o gado, ou, inclusive, nós podemos entender como um ciclo biótico. Não esqueçamos que a maioria do adubo que é usado na horta, nos nabais ou nos lameiros sai das defecações que esses animais fizeram. O material vegetal usado para fazer as camas das vacas é conjuntamente com as defecações outro elemento indispensável para a obtenção do adubo. Dos baldios se extrai a matéria vegetal necessária para obter o adubo e são os próprios baldios que esperam a chegada do gado, para que entreguem de volta parte dessa matéria, outra vez em forma de urina e fezes. Conseguimos perceber nessa cadeia – que poderíamos inclusive chamar de trófica – inter-relações nas atividades e quase que dependências. Diferentes movimentos, produtos e trocas que permitem e modelam uma relação com o meio, com o habitat.



Fotografia 7: Lameiro e os surcos para regar



Fotografia 9: Lameiro antes de ceifado



Fotografia 8: Trator ceifando um lameiro



Fotografia 10: Feno secando



Fotografia 11: Venâncio virando o feno



Fotografia 13: Sérgio com a enfardadeira de rolos



Fotografia 12: Adriano com a enfardadeira de fardos



Fotografia 14: Da esquerda para a direita: Fátima, Roberto, Adriano e Adriano carregando fardos



Fotografia 15: Adriano e a malhadeira do centeio

CAPÍTULO 4. AQUI HAVIA ANTES VACAS DO QUE CARROS. A IMPORTÂNCIA SOCIAL DO GADO

O movimento que anima a sociedade é sincrônico aos da vida ambiental

Marcel Mauss

Todas essas relações que foram descritas no item anterior, modelam e formam o que poderíamos chamar de paisagem social, seus movimentos, resultados e atividades. Contudo, preferimos aqui usar o termo habitat, no sentido que Mauss faz no “Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós” (2003) e que inclusive Evans-Pritchard usa nos Nuer (2008).

Ambos os autores usam o termo habitat como um elemento mais amplo e que coincide com o que entendemos por território. Assim o define Mauss:

A verdadeira unidade territorial é muito mais o assentamento (*settlement*). Designamos assim um grupo de famílias aglomeradas unidas por laços especiais e que ocupam um habitat no qual estão desigualmente distribuídas nos diferentes momentos do ano, como veremos, mas que constitui seu domínio territorial. O assentamento é o conjunto das habitações, dos lugares de acampamento e de caça, marinha e terrestre, que pertencem a um número determinado de indivíduos, ao mesmo tempo que o sistema de caminhos e trilhas, canais e portos que esses indivíduos usam e onde se encontram constantemente. (2003:437).

O habitat de Mauss se conformaria com as relações sociais, com os laços de parentesco, o que implica numa determinada distribuição. A caça a pesca e as habitações são elementos principais na análise que ele realiza, e que fazem parte do habitat. Finalmente, são também parte do habitat os elementos que permitem a mobilidade, socialmente georreferenciados, os caminhos, as trilhas e os portos, são territórios socialmente definidos e identificados. Seria todo esse patamar de dimensões sociais, que comporia o habitat.

Já Evans-Pritchard, tendo como fundo a mobilidade do gado Nuer em função da disponibilidade de água, afirma que:

Quando os boiadeiros levam o gado do acampamento para o pasto, não o guiam

de maneira acidental através da planície, mas intencionalmente através de trechos de grama suculenta. É também provável que não só os movimentos diários e periódicos sejam influenciados pela distribuição de relva, mas também que a direção em que se dá a expansão Nuer tenha sido controlada por seu *habitat*. (2008:70).

Seguindo uma linha parecida, Evans-Pritchard chama a atenção para observarmos as múltiplas dimensões e possíveis demonstrações do habitat, entendido não só como meio, mas como um conjunto de relações das atividades sociais.

Logo no início desta dissertação vimos como Raffestin (1993[1980]) confere ao espaço a condição de noção e o de conceito para o território, pois seria tendo como base o espaço que se conformaria o território. “O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível” (1993:143), portanto o espaço seria um elemento dado e as relações num determinado espaço seriam as que conformariam o território, como conceito analítico.

Assim vemos como diferentes perspectivas disciplinares abordam a questão do habitat no primeiro sentido e do território no segundo, sendo esta segunda uma terminologia que usaremos de forma mais recorrente. Como já vimos mostrando ao longo dos três primeiros capítulos, os usos e desusos das terras de Tourém são múltiplos. Terras que se reivindicam desde a aldeia e que podem estar longe, ou terras agrícolas usadas de diferentes formas. Como já vimos, a maioria das atividades dos lavradores ao longo do ano têm como justificativa a alimentação e criação do seu gado, portanto esse elemento tem que ser analisado, para podermos entender os movimentos, os ciclos biológicos e, portanto, a configuração social.

Para tal fim, tempo e território serão elementos analíticos muito importantes, por isso este breve resumo dos ciclos anuais que as vacas percorrem. A partir do mês de outubro, o gado que até então estava na serra pastando, desce para a aldeia por causa da chegada do frio. Até o mês de abril ou maio os bois ficarão dentro dos armazéns¹³⁴, comendo o feno, o centeio e a silagem produzida pelos seus proprietários durante os meses em que pastaram livremente pela serra. Em dias com sol, sairão para comer no monte ou no

¹³⁴ Os armazéns são as construções que abrigam o gado no inverno, os estábulos. São estruturas de tijolo retangulares, cobertos por telha e com um portão à frente que permite a entrada com um trator para a retirada do estrume.

baldio da veiga e assim que ameaçar chuva voltarão para os armazéns. Há proprietários que não saem com seu gado, ou por terem espaço para eles caminharem nos armazéns ou por haver algum lameiro de sua propriedade por perto, de modo que o gado sairá entre esses espaços. Essa movimentação cíclica do gado, ou a presença dele e a sua ausência em diferentes estações do ano, influencia os sons, cheiros e o ritmo da aldeia. Descrever as atividades com o gado será nosso objetivo nesta seção.

Se até o momento atual de nosso texto, só falamos da terra, é a partir de agora que vamos abordar o gado. A criação de gado é a atividade econômica principal, portanto o gado é central na vida social da aldeia. Como já vimos anteriormente, a maioria das atividades que relatamos estão dirigidas em grande medida a garantir o alimento para o gado durante os meses de inverno, em que as condições climáticas são particularmente duras. Começaremos explicando os diferentes tipos de gado, para num segundo momento abordarmos de forma mais aprofundada o gado bovino, seu mercado em diferentes momentos históricos e as configurações politicossociais que dêem conta de iluminar as transformações sociais e territoriais tendo como base o gado, as relações dos homens com eles e do gado com o meio.

1. Tipos de gado

Quando nos referimos a gado, fazemos menção exclusiva ao gado bovino. O gado menor, avícola, suíno ou ovino-caprino, não tem a mesma importância em relação à quantidade, uso e dependência. O gado bovino é exclusivamente para venda no mercado de carne local. Não existem explorações de leite na aldeia, inclusive é importante dizer que encontrei relativamente poucas pessoas na aldeia que tenham como prática matar um vitelo de sua propriedade para consumo da casa. De todas as formas o consumo de vitela como alimento corrente é recente, assim nos relatou Pereira, migrante da aldeia que mora em Lisboa, que só com dezessete anos é que ele foi comer o seu primeiro bife de vitela e que isso foi um momento tão importante da vida dele que até hoje o guarda em sua memória. Foi num restaurante de Montalegre depois de ter ido à feira vender uma vaca, que, devido

ao êxito da operação, se brindou o luxo de comer um bife. A carne de vitela é comum, mas até a dez anos atrás asseguram que não era assim. Já o descrevia de uma forma muito clara o Padre Fontes na década de 1970 “Vitela ou vaca só nas bodas ricas, oferecida pelos convidados” (Lourenço Fontes, 1977:52).

Todo o gado que se produz na aldeia é destinado a abastecer os mercados locais, principalmente aos supermercados de Montalegre. Cada agricultor tem normalmente um acordo com um mercado ou uma cadeia de mercado, que se converte também no mercado que vai abastecer a carne para a sua casa. Cada agricultor compra carne do mercado que leva os seus vitelos, como eles dizem, o mercado que *consume a minha carne*.

Aí radica também outra diferença entre o gado bovino e os restantes tipos de gado, que são criados para consumo da própria casa¹³⁵.

1.1 Porco

A carne de porco foi conjuntamente com a batata e o pão de centeio, a base alimentar histórica dessas aldeias, o toucinho e o unto (banha) eram partes indispensáveis e presentes nas refeições. “O porco é a base, depois do pão, para as refeições do transmontano” (Lourenço Fontes, 1977:46) assim contundente se mostra o Padre Fontes acerca da alimentação. Principalmente durante o inverno, em que o frio convida a consumir comidas quentes, como o cozido, com suas couves, e batatas. O cozido ainda se faz nos potes pretos metálicos, no fogo da lareira, depois do cozido sempre se serve a sopa, outro subproduto obtido dessa refeição.

Os porcos são criados em casa durante meses; atualmente, os porcos são comprados a vendedores ambulantes que chegam na aldeia com animais de diferentes tamanhos e,

135 Existem possibilidades de venda à porta, isto é, pessoas que chegam pela aldeia perguntando quem teria algum leitão, carneiro, galinha, para venda. Esse mercado constitui uma parte muito pequena, pois como nos comentaram não existe certeza. Outro caso diferente e que comentaremos mais adiante é o caso da casa dos Vilas, que são a única casa da aldeia que está cadastrada para venda de *fumeiro* (subprodutos obtidos do porco) na feira do *fumeiro* que se faz anualmente na vila de Montalegre e que se conformou ao longo das já 22 edições, como um dos eventos que mais pessoas atraí no Município. A feira é celebrada durante o mês de janeiro.

depois de uns meses em casa os matam. Antigamente existiam porcas que pariam na casa e criavam-se os porquinhos, mas hoje poucas são as famílias que mantêm uma porca. O período de matança do porco vai de novembro a janeiro. Na Galiza há um ditado que diz “Día de San Martiño mata o teu porquiño”. O dia de São Martinho é 11 de novembro. Nas consultas que fizemos na aldeia, existem casas que matam um ou dois porcos, e outras que mataram até vinte, este é o caso dos Vilas que participam da feira do fumeiro em Montalegre. Por exemplo, na casa de Venâncio, mataram seis porcos, para Sérgio, Venâncio e Tia Maria. Na casa do Aurélio, mataram seis e na do Zé da Ponteira, onze¹³⁶.

Uma vez morto, limpo e esvaziado de seus órgãos, se deixa esfriar até o dia seguinte em que é *desmanchado*. Uma parte pode ser consumida fresca, outra irá para outro procedimento, do qual se obtém os produtos salgados, como costela e pernil, ou os conhecidos como *enchidos* ou *fumeiro*: *chouriças*, as *alheiras*, as de *abóbora*, o *salpicão* e/ou *presunto*.

As chouriças são uma espécie de linguiça produzida com uma parte das carnes do porco, picada, misturada com alho, pimentão, sal e água. Deixa-se essa mistura por uns dias e se introduz nos intestinos finos do porco. Uma vez introduzida a carne, vão ser defumadas umas três semanas. O fumeiro se fazia antigamente na cozinha. Sobre a lareira toda uma estrutura de madeira albergava as chouriças, ao mesmo tempo em que se esquentava a casa, e com a fumaça as chouriças eram curadas. O *salpicão*, as *alheiras* e mais as de *abóbora* são obtidas por diferentes procedimentos, diferentes tipos de carne e condimentos, mas o princípio é o mesmo. Por uns dias essa mistura de condimentos fica repousando, e depois é introduzida em diferentes partes do porco, como os intestinos; após o *enchido* vão para o fumeiro durante um tempo determinado. Normalmente são as mulheres que fazem esse tipo de trabalho. Os homens matam e desmancham, as mulheres classificam, picam e elaboram as carnes. A casa-familiar é convocada nesse dia, é uma data agendada com o consentimento de todos e é uma atividade em que todas as pessoas relacionadas com a casa comparecem. São convocados parentes e amigos, uns pra comer e outros pra trabalhar, mas o ambiente de festividade e de reunião impera no ambiente.

Já o presunto fica durante uma temporada no sal, conjuntamente com a cabeça e

136 Esses dados são referentes aos anos 2011-2012.

outras partes (a coluna vertebral, as costelas, o toucinho e os untos). Essas partes ficam um tempo determinado curando no sal, num cofre de madeira, de onde são retirados e colocados em água para dessalgar. Os presuntos - pata traseira do porco – após ficarem curarem no sal, também serão defumados.

O *presunto*, as *chouriças*, pão e vinho formam parte dos produtos oferecidos aos *de fora*. É um produto que sempre se encontra à mão. Como o processo de cura acontece na cozinha, e quem fica na cozinha é a mulher, se aparecer alguma visita, sempre será ela quem servirá alguma coisa para comer e beber.

1.2 Ovelhas e Cabras

Existem na atualidade duas explorações de ovelhas na aldeia de Randín, cujo objetivo é mercantil e resultado de uma situação de crise financeira. Digo isso porque assim me foi explicado em agosto. Uma das explorações é de jovens galegos que não encontravam trabalho há um longo período de tempo e decidiram, de forma associativa, experimentar ter um rebanho de ovelhas. São aproximadamente 80 adultas e 40 crias (dados recolhidos durante o trabalho de campo feito em agosto de 2012, pois em janeiro desse mesmo ano eles ainda não tinham começado com a exploração). Outro vizinho da aldeia, Nel do Saquita, tentou experimentar no ano 2012 e comprou – como sua esposa é filha de uma galega de Randín – um rebanho de ovelhas. Ele estava com cinquenta cabeças e querendo comprar mais, quando saí de campo no verão de 2012. Nel é pedreiro de profissão, morou na Suíça, e desde que voltou para Tourém a meados da década de 2000, sempre trabalhou pelos arredores, tanto na Espanha quanto em Portugal. No mês de janeiro de 2012 ainda estava trabalhando com o *Tio Andrade* que é um empreiteiro de Randin, mas no verão de 2012 ele estava sem trabalho e foi assim que decidiu tentar sorte com o gado ovino. Esses dois exemplos demonstram o atual panorama econômico que assola os países periféricos europeus, e nos mostram como o gado é um recurso possível e presente com o qual se pode contar em momentos econômicos como os atuais. Nel sempre manteve entre três e quatro vacas, mas em 2012 estava decidido a apostar pelo gado ovino. Neste ano de 2013 assisti a saída da família de Nel. A sua esposa levou consigo a filha mais nova para

Suíça e Nel ficou na aldeia com a filha mais velha. Nel e sua filha se deram de prazo até o natal para vender os animais e deixar *tudo em ordem* antes de retomar o caminho da migração. Esse é um dos panoramas que encontrei na aldeia nestes momentos, como já dito anteriormente, as terras de Tourém de por aí afora, começam a ser reativadas. Continuamos com os usos e desusos das terras de Tourém. Essa forma de perceber o gado como recurso, ou inclusive como poupança, é típico de sociedades com ligação muito forte com a *terra*¹³⁷.

Zé da Arminda e Zé da Ponteira são duas outras pessoas que possuem gado ovino na aldeia. Depois de terem sido emigrantes por longas temporadas (França, Brasil e Lisboa, no caso de Zé da Arminda, e Estados Unidos, no caso de Zé da Ponteira) hoje se encontram na aldeia vivendo definitivamente, e decidiram comprar ovelhas, pois *as vacas dão muito trabalho*, afirmam. Desse modo, eles também contam com a possibilidade de poder oferecer um anho ou um carneiro para as visitas ou seus familiares e também se entretêm levando-as para pastar. Essa relação que eles mantêm com o gado e com a terra (posto que plantam de tudo, batata, milho, feno, têm horta e até matam vários porcos por ano, pese a que lhes esteja proibido pelas suas condições de saúde o consumo desse tipo de carne) nuança a centralidade da terra como aldeia e a importância da casa-familiar dentro da configuração social aldeã. Eles, como moradores da aldeia, são os responsáveis pelo abastecimento de sua casa-familiar, e nessa casa estamos contando com os seus primos, os seus filhos, os seus netos. Veremos mais detidamente essa questão no capítulo a seguir, mas podemos antecipar que, por exemplo, o casal formado por Zé da Arminda e Teresa são a ponta de lança visível na aldeia de toda uma série de casas no sentido unifamiliar que não se encontram habitadas o ano inteiro. Eles garantem com sua presença e seus cultivos que quando os migrantes chegaram na aldeia, terão batatas, poderão comer frangos da casa, um carneiro assado e terão uma horta semeada à sua disposição. A casa-familiar extrapola os limites geográficos da aldeia, ela se conforma através das relações de consanguinidade, e assim como está presente na França, em Lisboa e no Brasil, na aldeia também têm um espaço próprio dentro da configuração social local e que veremos de forma mais detida no capítulo final.

Até a década de 1970, existia em Tourém um rebanho de ovelhas e cabras,

137 Entendida como o suporte das atividades agrícolas.

conhecido como a *rês*¹³⁸. A peculiaridade desse rebanho é que cada animal, ou grupo de animais, pertencia a casas diferentes e de manhã, ao som do berrante, se congregavam no largo da cruz e só voltavam à noite. Para cada 5 animais que a casa colocasse na *rês*, lhe correspondia 1 dia de pastor. Isso era a *vezeira*, uma casa de cada *vez* até acabar a *roda do povo*, isto é, todas as casas que tinham gado na *rês* pastoreavam o gado. Tourém teve *vezeira* até a década de 1970. Em 1978, Bordalo Lema ainda cita a presença dela. Já em 1985, Polanah diz sobre Tourém e a sua *vezeira*: “Por vezes, a mesma aldeia poderá ter duas *vezeiras* distintas devido a desacordo entre os pastores como vi em Tourém” (1985:66). Foi em finais da década de 1980 que acabou a *rês*, segundo comentaram. O motivo principal, de acordo com as informações obtidas, foi que eram poucas as casas que colocavam as cabras na *rês* o que aumentava o número de dias de pastoreio por unidade tornando muito pequena a diferença de tempo entre ir com a *rês* – cujo principal objetivo era economizar dias de pastoreio e poder se dedicar a outras tarefas – e em casa assumir os cuidados de todas as cabras..

A perda da *rês* e suas implicações na gestão territorial é um tema discutido em diferentes esferas da vida social. Para situarmos ao leitor é preciso dizer que os rebanhos de cabras e ovelhas garantiam um controle do combustível que havia na serra. São animais que controlam as espécies vegetais de forma intensa, e com isso o risco de incêndio florestal se reduz de forma drástica nos lugares onde esses rebanhos ainda estão presentes. Mas com isto queremos dizer que no ano 2013 o candidato à Presidência da Câmara Municipal pelo Partido Socialista, Orlando Ribeiro, tinha na sua lista de propostas o incentivo à implementação de rebanhos caprinos e ovinos. Ele propunha a ajuda com os custos de abertura dessa exploração assim como uma ajuda anual para os agricultores que tivessem mais do que 200 animais pastando nas serras. Na aldeia vemos como há pessoas que combinam a criação de gado bovino e ovino, é o caso de Berto que conta com dez ovelhas. Mas ele mesmo disse que era gado para a casa comer, quando tem uma festa que vem os pais das namoradas dos seus filhos matam e assam um anho, ou, sempre presenteá-los com partes quando abatem algum animal. A questão é que Berto tampouco *perde de olho* esses animais como um futuro, por isso me perguntou várias vezes acerca das denominações de

138 A *rês* e a *vezeira da rês* são os termos com os que se referem na aldeia ao rebanho comunitário.

origem de espécies de cabras que há na Galícia, pontos de compra e mercado, pois sabia do meu conhecimento acerca do tema. Isso mostra como ele está acompanhando as discussões a outros níveis, os tipos de ajudas que há e as possibilidades que se podem abrir.

1.3 Galinha

As galinhas ficam perto da casa, nos galinheiros, que são construções de concreto e telhadas, onde existem diferentes compartimentos. No mesmo espaço ficam também, caso a casa tenha espaço, outros animais de pequeno porte como coelhos e pombas. Todos esses animais são de responsabilidade da mulher, que dá de comer milho e couves tiradas das hortas, assim como os restos das peles das batatas e dos outros vegetais consumidos. Das galinhassão obtidos os ovos e sua carne também acompanha a de porco no cozido.

2 Gado Bovino

Bordalo Lema afirmava o seguinte sobre a relação que há entre os proprietários e seu gado:

A economia pastoril do Barroso revela-se ainda pelo facto de ser o gado o centro das preocupações do lavrador que pensa compreender os caprichos e queixumes de sua fazenda. Gaba-lhe as qualidades – serem animais bonitos, gordos e de pêlo luzidio. Lembra as suas doenças como se se tratasse de um membro da família. As preocupações quanto ao gado acompanham o dia a dia do lavrador: os abortos frequentes das vacas, a deficiência alimentar; os espinhos dolorosos que se espetam a cada passo; a irregularidade do tempo e o medo que as vacas auguem se o penso que lhes estava prometido tiver que ser adiado; a irritação dos animais quando lhes pica a mosca teimosa. É o gado também que está no centro de muitas de suas actividades festivas, e é por isso que o São Pedro é esperado com alegre ansiedade: há a feira do Prêmio em Montalegre, onde os agricultores afluem, desta vez não para vender o gado, mas para o expor e deixar remirar por olhos avaliadores que irão distinguir as vacas mais gordas e luzidias. (1978 : 70).

Desse trecho temos que fazer uma leitura minuciosa, pois nele se encontram elementos muito valiosos que nos ajudarão em nossa argumentação. O gado é um membro a mais da família, do gado se fala com os outros agricultores; ele também opera como um marcador temporal (compra, venda ou troca; enfermidade ou características do próprio

animal, como por exemplo, se a vaca é agressiva, ajudam a demarcar diferentes temporalidades); o gado tem também vontade própria e todos esses elementos devem ser compreendidos pelo agricultor. É de suma importância que ele seja capaz de decifrar esse código, pois do estado do gado vai depender, em grande medida, o estado não só emocional, mas também, econômico, moral e social do próprio agricultor e de sua exploração. Com o gado os lavradores têm uma linguagem particular, a comunicação que ocorre entre gado e homem configura uma espécie de simbiose, um código e isso pode ser visto claramente em Tourém, como eles se comunicam, como se entendem e como analisam os seus passos.

As explorações de gado de Tourém poderiam assimilar-se a uma microempresa familiar. Normalmente é o dono da exploração o que cuida dos seus animais, homem e mulher conformam um tandem que se vê, em alguns casos, complementado com a ajuda de alguns filhos. Como norma podemos dizer que o número de pessoas necessárias para manter a exploração é de duas pessoas, exceto no verão, claro quando as ajudas de outras pessoas se fazem necessárias. Duas pessoas é o número mais recorrente de pessoas que se encontram diretamente ligadas à exploração, sendo uma a que mais tempo passa e a outra pessoa digamos que complementando o *chefe da exploração*. Sérgio, por exemplo, contratou Miguel quando ele e sua esposa ganharam sua filha Daniela. Antes da gravidez era o casal que cuidava da exploração. Sandra é quem fazia comida, limpava a casa e dava de comer normalmente aos animais menores¹³⁹. Como também mostra Carneiro em seu estudo na França, a agricultura atual é uma “atividade de casal” (1998:86)

Até a década de 1970, grande parte da capacidade de produção se sustentava na disponibilidade ou não de terras e na disponibilidade de força de trabalho (normalmente procedente do entorno familiar). Outro fator limitante da capacidade de produção era a tração animal (o primeiro trator que chegou à aldeia foi comprado por Venâncio, no ano de 1979). Como afirma Lima Santos: “Como fator importante de diferenciação social aparece também a posse de meios de tração animal, que permitam lavrar e semear as áreas suficientes de cereal.”(1992:42). A interdependência entre superfície possível de cultivo e

139 Maria José Carneiro (1996) mostra de uma forma brilhante essas diferentes atividades e como há uma grande reticência por parte dos homens ao abandonar a chefia, pesse a no papel as mulheres assumirem de forma oficial a chefia, de forma oficiosa é o homem o que mantém e gere a exploração.

tração animal implica numa diferenciação social veiculada pelo gado, como afirma Bordalo Lema:

A posse de gado é o elemento diferenciador mais importante de situações sócio-económicas nas aldeias do Barroso. A distinção mais nítida entre os habitantes é aquela que opõe os *lavradores*, ou agricultores que possuem vacas, aos *cabaneiros*, que correspondem aos que não possuem cabeças de gado bovino¹⁴⁰. (1978: 67 – 68).

Estamos diante de um elemento cuja importância se perpetua ao longo do tempo e das diferentes circunstâncias socioeconômicas. O gado segue vigente e presente. Questionando as pessoas acerca das mudanças que aconteceram tendo o gado como foco, todos concordaram em que o número de cabeças baixou – cifravam em 700 vacas nos anos 1960 – mas que a maior mudança foi a diminuição do número de proprietários. Se o gado antes estava destinado principalmente à força de tração, na atualidade o destino principal é o mercado de carne, uma vez que os tratores passaram a fazer as funções dos bois e das vacas. Apesar de não operar da mesma forma as diferentes categorias sociais usadas por Bordalo Lema, o gado segue sendo um classificador social, e é através de seu número, das infraestruturas e do tipo de maquinaria que hoje em dia se dá a diferenciação. Também é certo que, para que a classificação seja operativa, a dimensão social tem que estar presente e este é outro ponto importante. O gado, as condições em que é explorado a maquinaria são elementos socialmente conhecidos.

Como exemplo ilustrativo, um dia estava conversando com Adriano no café sobre o número de proprietários de gado, explorações, número de cabeças de gado, enfim, sobre gado. Adriano me perguntou se gostaria de saber qual o número de cabeças de gado que havia na aldeia e diante de nossa resposta afirmativa começou a enumerar:

Proprietário	Número de cabeças
Sérgio	50

140 Essas categorias são hoje já consolidadas por uma antropologia portuguesa que tinha como objeto de reflexão a zona rural, trabalhos como os de O'Neill (1984).

Venâncio	50
Abel (Vila)	60
Berto	18
Nel	18
Carlos	16
Gestas	15
Mazias	11
Canedo	7
Pita	20
Teresa	10
Jaime	3
João	5
Inas	3
Adriano	13
Rijo	4
Diogo	5
Nel Saquita	4
Ponteira	10 ovelhas
Zé da Arminda	25 ovelhas

Inas	15 ovelhas
Aurélio	15 ovelhas
Rijo	5 ovelhas
Berto	12-13 ovelhas
Total	320

Esses dados foram fornecidos sem hesitação, inclusive, o restante das pessoas que estavam no café confirmava ou corrigia esses números. Tomando por base essa tabela, duas considerações devem ser feitas. Primeiramente vemos como de fato o número de proprietários é baixo em relação ao número de cabeças de gado, pois lembremos que até a década de 1970 o uso principal do gado era como força de tração, de modo que manter duas vacas por casa era muito laborioso. A carga que implicava ter alguns animais e o suporte necessário para mantê-los era muito grande e, por isso, vários cálculos eram feitos nessa chave: “Quanto é o trabalho que eu vou tirar de um animal? Qual a quantidade de comida que tenho que conseguir acumular para o inverno? Tenho possibilidades de manter esse animal? Tenho terra suficiente para ele?” Todos esses fatores equacionados davam a capacidade de posse de gado que cada casa podia ter. Era preciso conseguir um equilíbrio entre a necessidade de alimentação do gado e seu uso; a disponibilidade de terras era limitada e a força de trabalho também. Hoje em dia essa equação aparece alterada, devido à introdução da maquinaria, a maior disponibilidade de lotes de terra e menor número de explorações.

Como relata Bordalo Lema, as conversas, as preocupações, as discussões têm como tema principal o gado e tudo o que o rodeia. Por isso que todos são conhecedores do estado da vaca do Adriano; para quem veio o veterinário; se as vacas do Vila estão descendo da serra; se o Gestas comprou um boi; se a vaca do Venâncio pariu ou se o Mazias vendeu aquela vaca branca. O gado é parte onipresente na vida social da aldeia, o seu estado é atualizado e as mudanças comentadas. É possível trabalhar com as pessoas da aldeia

árvores genealógicas das vacas. Vi isso no verão de 2013 com Berto. Ele nos disse que tinha um *boi rubio*, que era filho do boi que tinha antes o Fábio, outro lavrador da aldeia e porventura sobrinho de Berto. Entre Berto, Fábio e João (irmão de Berto) as transações e genealogias de animais são um tema conhecido.

O gado fica durante uma parte do ano nos armazéns, e outra parte do ano na serra, excetuando as vacas paridas que ficam nos armazéns, mas quando o vitelo passa de um mês, a vaca vai pastar no baldio próximo da aldeia, e só volta de noite para o armazém, para amamentar sua cria. Nessa sazonalidade, diferentes objetos são usados para demarcar as diferenças. Quando as vacas vão para a serra, os agricultores trocam as campainhas por *chocalhos*, que são uns sinos grandes, de 20 a 30 cm de comprimento e cujo som é mais grave. Não que lhe coloquem chocalhos a todas as vacas, mas pelo menos duas do rebanho vão levar. Esse número é importante, pois, através do som eles conseguem identificar se esse é ou não é seu rebanho. É no mês de junho que se abrem as portas dos armazéns, e os grupos de vacas começam a subir pela estrada da serra. Da aldeia se consegue ver os pontinhos brancos, amarelos e pretos ao longo da subida da serra. Como o fundo é verde, essas cores se destacam. Os sons dos chocalhos também são audíveis quando o vento é favorável.

As vacas ficam na serra comendo e se movimentando, à procura dos melhores pastos. A disponibilidade de água também é um fator importante na escolha de onde deixar o gado. Deixar o gado, pois os agricultores têm que se deslocar frequentemente (cada dois dias) até a serra para ver seu gado. Esse trabalho é feito também de forma social devido ao fato de que se uma pessoa vai ver suas vacas e vê que as do vizinho estão descendo, ele avisará ao proprietário. No café se atualizam os estados, assim, se uma pessoa chega ao café, ela pode perguntar para a Natália, a atendente, se sabe onde estão as suas vacas; se no café aconteceu alguma conversa em que o seu gado foi citado, ela vai lhe contar. O café também é um centro de sociabilidade e atualizador do estado do gado. Natália, sem sair de dentro do bar, sabe o que acontece em toda a aldeia.

As vacas procuram um lugar onde podem ficar deitadas uma parte do dia, um terreno plano com afloramento de terra e sem pedras. Algumas vacas andam juntas com as do outro vizinho e outras que *gostam de andar sozinhas*. A cada dois dias o agricultor *tira*

um tempinho e vai na serra ver as vacas. Normalmente, a visita não é simplesmente ir e ver as vacas, ele deve chegar perto delas, comprovar o seu estado e entender qual o percurso que elas fizeram e para onde estão pensando em se deslocar. Fui várias vezes com Adriano ver as suas vacas. Quando ele chegava perto de onde elas estavam, me descrevia o percurso que elas tinham feito nos últimos dois dias. Pela trajetória dos animais, ele entendeu que estavam querendo descer, e por isso foi preciso as acompanhar até um lugar mais alto. Dirigiu as vacas até um lugar mais alto que, aparentemente, o pasto estava bom e também ficava perto de um lameiro que ele tem na serra, e que calculava que numas duas semanas poderia deixar o gado lá para comê-lo. Comprovou que o seu lameiro estava com água corrente, e arrumou um lugar onde elas poderiam beber. Esse é outro elemento muito importante na escolha do lugar onde deixar as vacas, é necessário um lugar com água por perto. Ele foi lá e ensinou a elas onde estava a água. As vacas de Adriano não gostam de andar com as de ninguém, elas andam sozinhas. Já as vacas de Sérgio um dia estavam com as de uma pessoa e outro dia com as de outra. Diante disso, pudemos perceber como elas têm vontade própria.

Sérgio prefere ter vacas por um longo período de tempo. Algumas delas já estão com ele há três gerações, isto é, a mãe, as filhas e as netas. Segundo ele nos disse, é melhor, pois a filha fica ao *pé da mãe*, e tendo três gerações, elas todas vão estar juntas, se não juntas, perto umas das outras, *como uma família*, umas cuidam das outras. Assim, vemos como as vacas tratam de ser compreendidas, estabelecem uma comunicação e os proprietários precisam tratar de decifrar os códigos que elas lhes dão.

Nesse tempo (em que as vacas ficam na serra) os trabalhos do feno, centeio, milho e batata são os que maior tempo requerem dos agricultores. Somente no mês de setembro que as vacas entram para comer nos lameiros que foram ceifados no mês de julho. Esse passo antecede o estabulamento, que só deveria ocorrer a partir de meados de setembro. No caso de Adriano, as vacas comeriam os lameiros que estão na serra, para depois ir descendo até chegarem à aldeia. As vacas de Adriano ficam estabuladas até o mês de maio ou junho depois elas saem novamente em direção a serra. Durante esse período de tempo, o agricultor tira o estrume do armazém duas vezes; é também a temporada de matar os porcos, fazer pequenas arrumações no armazém e algumas atividades que não foram

possíveis de serem feitas ao longo do verão. Sérgio começou a construir no mês de janeiro de 2012 um estábulo para albergar cabras e ovelhas, mas quando cheguei, em agosto de 2012 e 2013, ainda estava sem terminar. Ele falou que nesse inverno tentaria acabar a obra. Vemos como o tempo dos lavradores e o das vacas é totalmente combinado.

2.1 Todo o dia tem alguma coisa a fazer. A rotina dos lavradores ao longo do ano

A seguir um trecho do diário de campo, em que descrevo um dia de inverno na vida de Sérgio e Miguel, seu empregado, com as vacas no armazém.

Sérgio acorda não antes das sete e não depois das 8 e meia. Toma café da manhã que Sandra faz e vai para o armazém com o Miguel. Revisam que esteja *tudo em ordem* e começam a fazer as atividades diárias. Dar de comer e de beber as vacas. (Sérgio tem na atualidade 38 vacas, um boi e 17 vitelos). Limpam o comedouro das vacas e dão de comer feno seco, procedente de um *rolo*. Miguel vai dar de comer às galinhas e coelhos que num estábulo anexo ao armazém. Sérgio continua observando todos os animais e avaliando o estado de sua exploração. Depois se dedicam a diferentes atividades dentro da nave, limpar, arrumar as *camas* das vacas etc. A limpeza consiste em renovar a palha das *camas* das vacas, que é composta de palha do centeio e outros materiais vegetais, como gestas e tojos. Aproximadamente onze da manhã eles descem ao bar para tomar *um vinho* antes de almoçar. Se não tiver lenha em casa, aproveitam para carregar um reboque de carvalhos já cortados que há no armazém e os descarregam na casa. Ao meio dia, chegam em casa para almoçar, pois Sandra prepara o almoço para essa hora. O almoço é acompanhado de pão e vinho e, normalmente, é composto de um prato principal. Antes de comer *a comida* é normal cortar um pouco do *fumeiro*¹⁴¹ – feito na casa – para abrir o apetite, isto pode ser chouriça, salpicão ou presunto, com um pouco de pão. No mais tardar às 13 horas, eles vão para o café, tomam café e vão de volta para o *armazém*. Deixam sair as vacas para beber (as de cada nave juntas), preparam as camas de novo, dão de comer silagem¹⁴² e descem de novo para o café – beber *um vinho* – antes de ir jantar em casa, aproximadamente às 19h. À noite, devido ao frio, já não saem mais de casa. (Diário de campo, fevereiro de 2012)

Além dessas atividades, a cada semana as vacas precisam de um carro de material vegetal, como tojos e gestas, para as camas, o que faz os agricultores terem que pensar em

141 Fumeiro é o nome dado aos produtos obtidos do porco e que são curados na fumaça. Vários tipos de chouriças (que têm seus nomes diferentes dependendo do que sejam feitas), presunto, etc. Também formam parte do fumeiro as alheiras e as chouriças de abóbora.

142 Ver capítulo 3

armazenar todo esse material para o inverno, ou terão que, periodicamente, sair para coletá-lo. A coleta de material vegetal para as camas é feita nos baldios, o que nos leva a crer que as atividades de inverno, apesar de estarem mais ligadas ao armazém, também envolvem outra série de espaços.

A lenha é outro elemento importante. Vários carros de madeira ficam no armazém, e aos poucos elas são cortadas e levadas para a casa, onde se encontra normalmente um galpão com lenha seca que facilita a ignição. A lenha é cortada no baldio, no monte normalmente, e a quantidade que cada pessoa corta é a necessária para passar o inverno. As leis consuetudinárias que regem os baldios impedem a venda de madeira, a lenha do baldio de Tourém é para os de Tourém. Caso haja problemas, o presidente da junta tem que tomar medidas e chamar a atenção do morador que está usando de forma indevida esse território comum. Em Pitões o regimento é muito mais duro e, segundo me contaram, o presidente não deixa cortar lenha com o que as pessoas de Tourém dizem que os pitoneses vêm ao baldio de Tourém *tirar* madeira. O mexerico dessa afirmação se espalhou de forma rápida e o presidente teve que se deslocar até Pitões pedir que não cortassem madeira no baldio de Tourém. As pessoas por conta própria também defenderam o que *é nosso*, como pode ser visto em cenas que tourienses reclamaram de pitonenses que estavam, por exemplo, no café. *Isso não se faz, está mal*. Essa é a forma de resolver os problemas quando afetam aos baldios, são todos uma única entidade e a defendem como tal.

Todo o dia tem alguma coisa a fazer, assim define Sérgio seu cotidiano diário. Nem domingo, nem feriado, nem em dia de festa o lavrador pode deixar de ir ver suas vacas. O regime de atividades dos agricultores é contínuo. E não apenas com o cuidado das vacas, como já vimos, mas para garantir o alimento delas. As terras requerem diferentes trabalhos ao longo do ano. As vacas já, entrando na primavera, vão comer os lameiros, no entanto os lavradores começam a revirar a terra e adubar. Depois semeiam as batatas e o milho; fecham os lameiros e logo chega a ida para a serra de novo.

Há toda uma série de elementos que têm que estar sob controle: a água dos lameiros é fundamental como já vimos para o crescimento do feno, o cio das vacas, a alimentação e saúde também. Da mesma forma como acontece com as vacas, os aperos necessários para a sementeira, ceifada, lavra da terra são minuciosamente cuidados. Recordemos que o tempo

do feno, por exemplo, é limitado e intenso, e sempre é necessário evitar uma possível ruptura mecânica, que atrasaria os trabalhos e atrapalharia o decorrer *normal das atividades*. Uma vez que as máquinas e aperos deixam de ser utilizados, é feita uma limpeza e lubrificação das suas peças. O equipamento é guardado de forma a estarem prontos para o uso na próxima vez que for necessário. Do estado e rendimento dos aperos também depende a capacidade de trabalho e, portanto, de acumulação de material vegetal para alimento dos bovinos.

Os agricultores, além de se dedicarem à criação de gado, normalmente também desempenham outros trabalhos, podendo ser assalariados ou diaristas. Sérgio trabalha como pedreiro por temporada para o Tio Andrade, ceifa feno para fora de casa e, inclusive, chegou a trabalhar numa companhia espanhola, período em que passava parte da semana fora da aldeia. Adriano trabalha os quatro meses de verão (julho, agosto, setembro e outubro) como motorista de um caminhão de extinção de incêndios florestais da prefeitura galega de Calvos de Randín. São poucos os que conseguem ou querem viver única e exclusivamente da criação de gado.

3 Política Agrícola Comum

A Política Agrícola Comum (PAC) é um programa implementado pela União Europeia e cujo objetivo é pensar uma política agrária comum à UE. A Política Agrícola Comum nasceu em 1962, através do Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola – Feoga. Mas foi no ano 1957 em que França, Países Baixos, Luxemburgo, Itália, Bélgica e a República Federal Alemã assinaram o Tratado de Roma que deu origem, por um lado, à Comunidade Económica Europeia e, por outro, ao EURATOM (Comunidade da Energia Atômica). A PAC só entrou em vigor em 1962, mas no Tratado de Roma já apareciam os seus objetivos específicos (Art.39):

- Incrementar a produtividade da agricultura, fomentando o progresso técnico e garantindo um ótimo emprego dos fatores de produção, em particular, da mão de obra;

- Garantir um nível de vida equitativo à população agrícola;
- Estabilizar os mercados;
- Garantir a segurança dos abastecimentos;
- Assegurar ao consumidor uns preços razoáveis;

A PAC foi mudando em função dos diferentes cenários. Se esses foram os objetivos num primeiro momento, ao longo do tempo, ela foi se desmembrando em diferentes programas específicos, encaminhados para o desenvolvimento rural e/ou controle de produção. Passou a deixar de olhar exclusivamente para os mercados e a produção de alimentos, e caminhou para uma integração num mercado global, com linhas específicas para a compra de maquinaria, oferta de outros tipos de recursos como turismo rural e patrimonialização. No ano 2012, foi celebrado seu quinquagésimo aniversário e, em função dessa data, se produziram diferentes materiais de divulgação, cujo lema é:

Una nueva reforma de la PAC se propone reforzar la competitividad económica y medioambiental del sector agrícola, promover la innovación, luchar contra el cambio climático y respetar el empleo y el crecimiento en las zonas rurales. (Disponível em: http://ec.europa.eu/agriculture/50-years-of-cap/files/history/timeline_2012_es.pdf. Acesso em: dezembro de 2012).

Em Tourém¹⁴³, operam desde 1995, as cotas, isto é, nesse ano chegou uma chamada através da Associação de Agricultores das Terras do Barroso e Alto Tâmega (AATBAT) em que cada agricultor deveria declarar o número de animais que possuía, as infraestruturas e os lotes. Em função desses, foram assinadas uma série de cotas que determinaram o valor que cada agricultor ia receber por animal. Essa estratégia foi implantada dentro de uma nova visão da PAC, que partiu da Carta da Terra, celebrada em 1992, no Rio de Janeiro, e da qual saíram conceitos que hoje fazem parte de nosso cotidiano, como o “desenvolvimento sustentável” e a “Agenda 21”, por exemplo. Dessa forma a PAC passou a estar centrada nos mercados, com o intuito de ajudar os produtores de forma direta. Já nos anos 2000, aparecem na PAC termos como o desenvolvimento rural, econômico, social e cultural.

143 As argumentações mostradas a partir desse momento serão as que obtive no trabalho de campo, o que implica que pode não coincidir com as bases da PAC mas que para nosso trabalho são mais importantes.

Foi na metade dos anos 1990 que se implantaram as políticas de cotas em Tourém. Segundo me foi contado, quatro divisões foram feitas na aldeia: menos de treze vacas; entre treze e vinte e cinco; entre vinte e cinco e quarenta e uma e mais de quarenta e duas. Os do grupo de zero a doze seriam os que mais receberiam por animal, e assim iria decaindo a quantia entregue por animal, até que os agricultores com maior número de animais seriam os que menos receberiam por animal. Essa versão foi relatada várias vezes em Tourém, mas ninguém me atualizou sobre a mudança no regime de pagamentos que aconteceu devido à terceira reforma da PAC. O objetivo principal dessa reforma foi controlar o excesso de produção e procurar diversificá-la. Os agricultores deixam de receber em função da sua produtividade e passam a receber uma renda, na qual estão incluídos os cuidados com a terra, as boas práticas ambientais. Na entrevista que fiz com Eloi (técnico da AATBAT, agosto de 2012), ele nos disse que as ajudas na atualidade eram entregues por número de cabeça de gado (segue operando o sistema de cotas, mas a distribuição é equitativa), mas tendo sempre que se respeitar “as boas condições e práticas agrícolas e ambientais”. Essas condições, para o contexto do Alto Barroso, seriam ter por cada vaca no mínimo um hectare de superfície forrageira, contando a superfície de lameiro e baldio, posto que as explorações agrícolas de Tourém estão cadastradas como de baixo regime extensivo. Ao mesmo tempo, anualmente, cada agricultor tem que entregar um relatório, declarando as parcelas que foram cultivadas, os tipos de cultivos, etc. a fim de atualizar a sua base de dados e o seu histórico. Desse inventário sai o pagamento das *compensatórias*, cota outorgada através de um item chamado de MZD (manutenção de zona agrícola desfavorecida). Através das MZDs é que o governo português equipararia a diferença de produtividade que existe entre regiões. Assim, por exemplo, no Alentejo, os agricultores não recebem as compensatórias, devido às condições em que produzem serem melhores do que em outros lugares como, por exemplo, o Alto Barroso.

O *subsídio* é calculado com base em dois itens. As cotas ou o Regime de Pagamento Único (RPU) e mais as *compensatórias* (MZD). Várias foram as vezes que tentei com os agricultores saber a quantia do *subsídio*, mas entre esquivos e viradas de tema, sempre contornavam os meus questionamentos. Na AATBAT, me forneceram os dados do ano 2012, assim cada vaca recebeu por conta das cotas 200€, as compensatórias foram de 320

€/vaca, o que somado dá um total de 520 euros por vaca. Esse valor foi recebido no ano de 2012 independentemente da produtividade de cada *exploração*. Lembremos que cada vaca produz por ano um vitelo que costuma ser vendido quando está próximo dos duzentos quilos de peso, e cujo valor chegaria perto dos 1000 euros. De modo que o rendimento que um agricultor teria por vaca por ano seria de aproximadamente 1500 euros.

O subsídio é um elemento importante dentro da vida social de Tourém. Ao mesmo tempo em que a maioria das casas conta com pessoas que estão recebendo subsídio, ele é também um contínuo foco de discussão. Entendemos essa problemática, como outro argumento a favor de nossa hipótese, de que o gado segue sendo um elemento central. A problemática vem da quantidade de ajuda que os agricultores recebem e receberam. Lembremos que os armazéns, os tratores, os aperos, etc. foram objeto de linhas de crédito específicas. A modernização nas ferramentas e instalações foi executada por meio dessa linha de ajudas. Atualmente, o tema de discussão principal entre as pessoas que não se dedicam à agricultura é que a União Europeia paga aos agricultores por não produzirem, que eles recebem ajudas independentemente do nível de rentabilidade de suas produções. É preciso cogitar que essa mudança na política agrícola pode não ter sido devidamente comunicada à população, pois o excesso de produção foi um dos objetivos a evitar com essa terceira reforma. Fato é que a discussão está aí sempre veiculada pelas pessoas que não recebem os subsídios, e mais fortemente aparece nos meses de verão em que voltam os emigrantes que estão fora. A visão que essas pessoas têm é mais ou menos a mesma: incidem nos benefícios fiscais que têm os agricultores, segundo eles, se a colheita foi menor do que o esperado têm ajudas por parte do Estado que reduz os impostos, têm deduções fiscais. Segundo eles, a pressão fiscal que o Estado exerce no contribuinte da cidade é maior. Resumidamente, os de fora se vêem como sustentadores do Estado, e encaram os agricultores como produtores facultativos, uma vez que recebem subsídios, independentemente da produtividade. Além desses fatores, vêem como os agricultores são os que fazem transações, pois se nas cidades há mobilidade de capital, na atualidade o capital em trânsito é muito menor devido à crise financeira da UE. Já em Tourém, é dinâmico, sempre há movimento, venda de vitelos, compra de vacas, mudança de trator, o que os deixa ainda mais indignados.

Outra das mudanças que pude abordar com a entrada da PAC foi em relação com o padrão de transmissão da exploração agrícola. Se antes, como dizíamos, o modelo agrícola manual estava baseado numa gestão dos recursos materiais e humanos, na atualidade as explorações respondem mais a uma gestão comercial ou industrial. Essa transição não foi brusca e responde a uma série de condicionantes, entre eles a PAC. Outra consequência que teve a PAC foi o retorno de alguns *filhos da terra* que estavam na emigração e que, sem terem direito a herdar uma exploração, viram naquela série de subsídios um incentivo para ficar na sua terra e abrir uma exploração, esse é o caso de Venâncio, filho de Venâncio e irmão de Sérgio.

As ajudas da PAC também visaram a fixação de população jovem no meio rural, favorecendo com isso mudanças na estrutura social e familiar. Carneiro (1998) mostra numa reflexão acerca das mudanças da estrutura familiar.

O processo de sucessão passa a ser regulado pelas medidas públicas de incentivo à instalação de jovens agricultores, perdendo a família o controle sobre os mecanismos de sua reprodução social. A posição dos indivíduos no interior da hierarquia familiar deixa de ser a fonte exclusiva de poder. Novos valores, como a força física, a capacidade de inovar e de manipular as máquinas – qualidade dos jovens -, entram em conflito com os critérios tradicionais de atribuição de poder. A casa não sintetiza mais, no imaginário social, os valores da intimidade camponesa (a estabilidade, a harmonia, a proteção) e passa a conviver, nas suas relações mais íntimas, com os efeitos da política de modernização da agricultura (1998:81)

Embora exista um processo semelhante em Tourém temos que destacar algumas diferenças entre o contexto estudado pela autora e o exposto aqui. Concretamente queremos resgatar como fomos mostrando ao longo desta dissertação que a casa segue tendo importância central na organização social.

A PAC como todo programa de ajudas implica no preenchimento de uma série de tramitações. Nesse contexto se deu a transmissão de explorações que sem a incidência da PAC não teriam acontecido. Esse é o caso de Sérgio, ele herdou do seu pai a exploração quando na década de 1990 a PAC abriu várias linhas de financiamento. As linhas de crédito que os agricultores conseguiram foram para comprar maquinaria e construir instalações acordadas com toda uma série de normativas, entre as que entram, por exemplo a distância que têm que guardar com as casas. Portanto Sérgio entrou com um *projeto*, assim são chamados na aldeia, e com o montante recebido comprou um trator com diferentes aperos e

construiu duas naves a mais no seu armazém. Naquele momento Sérgio estava adiantando o processo social de transmissão da exploração que, seus pais já tinham pensado para ele¹⁴⁴. Teve que sair da escola e tomar conta das tramitações da casa. Ele herdou de seu pai dois tratores e alguns aperos que ainda usa na atualidade. Nos primeiros anos Sérgio morava ainda com seus pais, mas depois de casar com Sandra, no ano 2005, ele foi morar numa casa dos pais de Sandra na aldeia. Já no ano 2011 eles compraram sua própria casa com um crédito hipotecário. Nos primeiros anos da exploração de Sérgio, Venâncio ainda mantinha a condição de chefe da exploração, mas depois de casado, Sérgio começou a se desvincular da chefia de seu pai de alguma forma. Obviamente para Venâncio faz anos que ele não se intromete em nada, no entanto para Sérgio ele ainda se mantém ativo. A questão é que essa transmissão da exploração se daria de uma forma física, Venâncio como homem de 78 anos que já é, não tem mais condição de realizar algumas atividades, vendo-se obrigado a delega-las ao Sérgio. E, por conta disso, com o passar dos anos só iria aumentando a quantidade de atividades que Sérgio realizaria por si só ao mesmo tempo em que diminuiriam as atividades sobre as quais Venâncio tomaria decisões. Com a entrada da PAC Sérgio se viu equipado com seus tratores próprios, suas instalações e suas vacas com o que foi assumindo rapidamente os poderes de chefe da casa-exploração. Mesmo que Venâncio ainda lhe ajude em algumas tarefas, ele reconhece que a transmissão da posição de chefe da casa-exploração não se deu de uma forma *correta* como era feito antes da intervenção da EU com a PAC.

Venâncio – filho de Venâncio – estava emigrado na Suíça com sua esposa. Quando voltaram de férias na década de 1990, os seus irmãos lhe comentaram que estavam abertas as chamadas para entrar com *projetos*. Ele que tinha tentado a emigração como solução para uma situação desfavorável em Tourém, viu naquela possibilidade uma oportunidade de regressar para a sua terra. Assim mesmo ele fez. Solicitou as linhas de crédito, *comprou*

144 Não acontece o mesmo com a casa de Venâncio. As terras foram todas entregues para que Sérgio trabalhasse ao fim e ao cabo ele que herdou a casa, nos disse Venâncio. Casa como vacas, terras e maquinaria, a casa-exploração digamos. Mas a construção que é a casa não foi herdada por nenhum dos seus filhos. Esse é um capricho de Venâncio. Ele tem uma maravilhosa casa de pedra do século XIX e diante da porta uma eira também em pedra. Eles nos disseram que não vão querer nem partilhar a casa, nem que num futuro ela seja partida. Aliás, essa é a dinâmica da aldeia. Venâncio para comprar a eira que tem diante da sua porta teve que negociar com quatro pessoas. Ou seja, uma única eira, chegou a ser compartilhada por quatro pessoas.

dois tratores e seus aperos, construiu um armazém e comprou umas vaquitas. Assim, aos poucos ele foi conseguindo comprar algumas terras, pois as de seu pai já estão reservadas a Sérgio.. Note-se aqui que Sérgio foi quem herdou a exploração e que essa transação, digamos, que foi acelerada também pela PAC. Naquele momento era Sérgio o único filho que estava na casa e que poderia administrativamente assumir a chefia da exploração. Eduardo, o seu irmão mais novo havia sido projetado pelos seus pais para ser padre, no entanto acabou deixando a disciplina eclesiástica e casando anos depois.

Portanto, Venâncio começou emprestando e alugando terras e hoje não tem apenas propriedades, mas é um dos grandes agricultores da aldeia. Ele me disse que se não fosse pela PAC, hoje ele não estaria como está. Ou seja, com a sua casa construída, sua exploração, sua maquinaria e vivendo na aldeia. Vemos, portanto, como ao mesmo tempo em que por um lado catalisou um processo social mais lento, por outro lado a chegada da PAC fomentou o regresso de lavradores que eram trabalhadores migrantes.

Essa é outra transformação que vemos na aldeia. Os lavradores atuais são pessoas novas, com suas famílias constituídas. Essa configuração social seria difícil de ser observada caso a PAC não tivesse chegado. Os moradores da aldeia resumem a chegada desses programas com uma expressão que consideramos elucidativa da visão que algumas pessoas têm das políticas públicas: *Os lavradores trocaram o sacho pela caneta.* Com essa frase Zé da Benta quis dizer que na atualidade é mais importante saber preencher documentos, trabalhar bem com a caneta do que realmente trabalhar a terra. Há uma tensão estruturante das relações sociais na aldeia que tem a ver com os subsídios e as ajudas que os agricultores recebem. São os idosos da aldeia como Zé da Benta que protestam vivamente contra essa política de ajudas. Essas críticas aumentam com a chegada dos migrantes no verão, pois as pessoas que foram e são parte do projeto modernizador da nação, como Zé da Benta e seu trabalho na estiva do porto de Lisboa, ou os *filhos da terra* que ainda são assalariados em alguma empresa de Lisboa, vem como hoje os agricultores tem outras facilidades para trabalharem a terra, outras formas e incentivos. Os desarraigados da terra da década de 1960 que saíram da aldeia deixando atrás a lavoura vêm como hoje são os lavradores quem têm melhores condições de vida, mais facilidades, capital circulante, carros e todas as comodidades que antes careciam e que eram privilégio dos cidadãos. Essa

relação entre a modernidade e a tradição é produtora de tensão naquela realidade social.

4 A Importância social do gado

Para entendermos a importância social do gado e o conhecimento que as pessoas têm acerca do gado que cada um possui, é fundamental entender a vida e a organização social da aldeia, assim como as mudanças físicas que aconteceram nos últimos anos.

Como já falamos anteriormente, foi com a PAC que se começou a construir os armazéns. Antes as vacas ficavam estabuladas nos estábulos que havia na aldeia ou, inclusive, dentro da própria casa, ocupando o térreo. Estabulado nas casas, o gado ajudava no aquecimento, estava mais seguro e controlado¹⁴⁵. Com as políticas europeias, foi promovida a construção dos armazéns, distantes e fora do núcleo habitacional da aldeia. Esse elemento trouxe uma série de reconfigurações na vida social da aldeia. Pois, por exemplo, o lugar de trabalho dos agricultores foi deslocado para fora, eles passaram a ter que se movimentar até lá. Da mesma forma, os pontos de contato possíveis entre gado e população foram diminuindo. Uma pessoa para ver o gado do Sérgio tem que se deslocar até o armazém dele, pois ele não tira o gado do armazém. O gado, no máximo, fica em dois lameiros grandes que ficam atrás do armazém. Vejamos a imagem com os estábulos e os armazéns.

145 Ver Bordalo Lema (1978)Pereiro (1997) Fernández de Rota y Monter(1984).

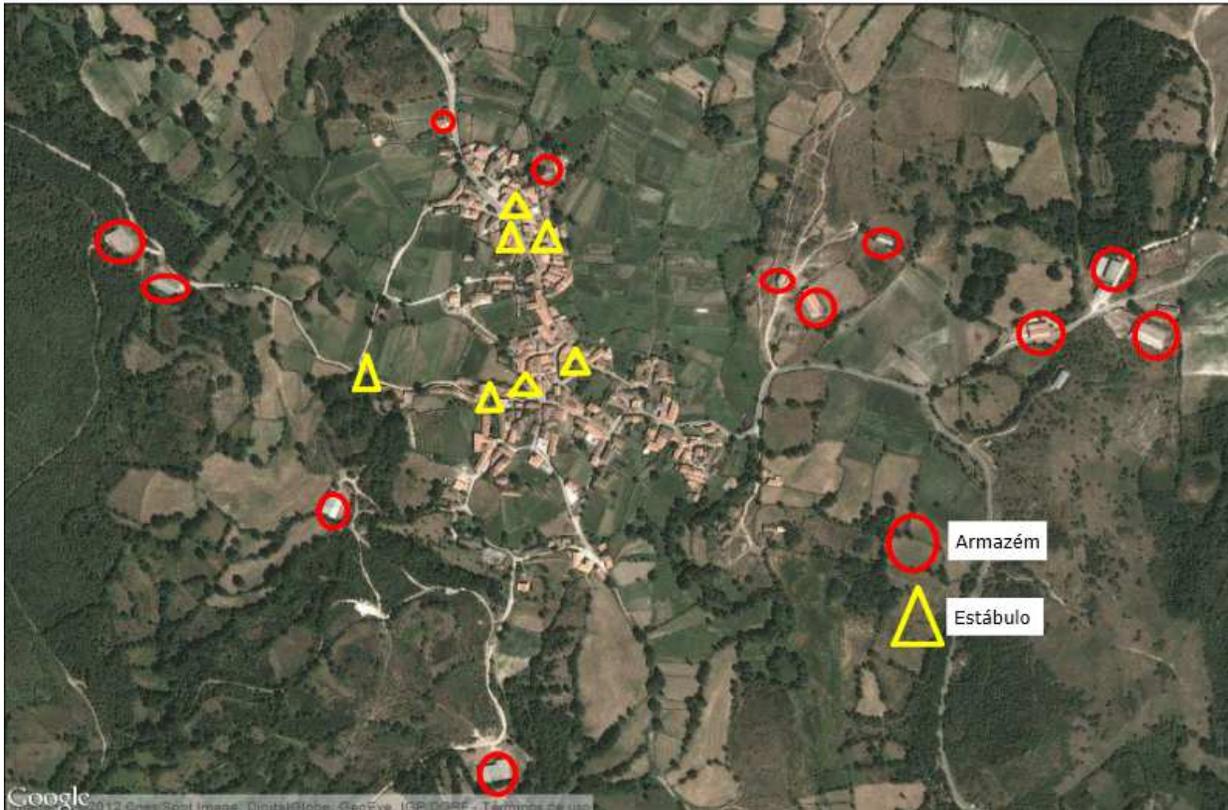


Ilustração 2- Localização de estábulos e armazéns (Elaboração do autor)

Como podemos perceber na imagem, alguns estábulos estão localizados dentro da aldeia, enquanto os armazéns estão fora do núcleo habitacional. Com a atual estrutura dos armazéns podemos nos perguntar qual é a nova dinâmica do contato que se estabelece com as vacas. Isso nos levanta a questão da visibilidade, de como são percebidas as vacas. A questão da visibilidade é instigadora, pois com a atual estrutura dos armazéns onde se dá o contato?

No dia em que cheguei na aldeia, em janeiro de 2010, no final da tarde, vi um rebanho de vacas transitando pela aldeia. Com suas campainhas, anunciavam a sua chegada. Elas estavam transitando pela rua da direita até o bebedouro que fica no Largo do Outeiro. Essa estampa se repete a cada dia, as vacas passeiam pela aldeia de manhã e de tarde, as pessoas sabem que o gado circula pela aldeia; já os visitantes que chegam ficam

surpresos com a imagem de vacas soltas passeando pela aldeia. Durante o verão, como já dissemos, as vacas ficam na serra pastando destarte que a visibilidade delas é translada a outros espaços. Mas ficam na aldeia as vacas que têm crias, ou inclusive há proprietários que não levam suas vacas pra serra; contabilizam-se três proprietários.

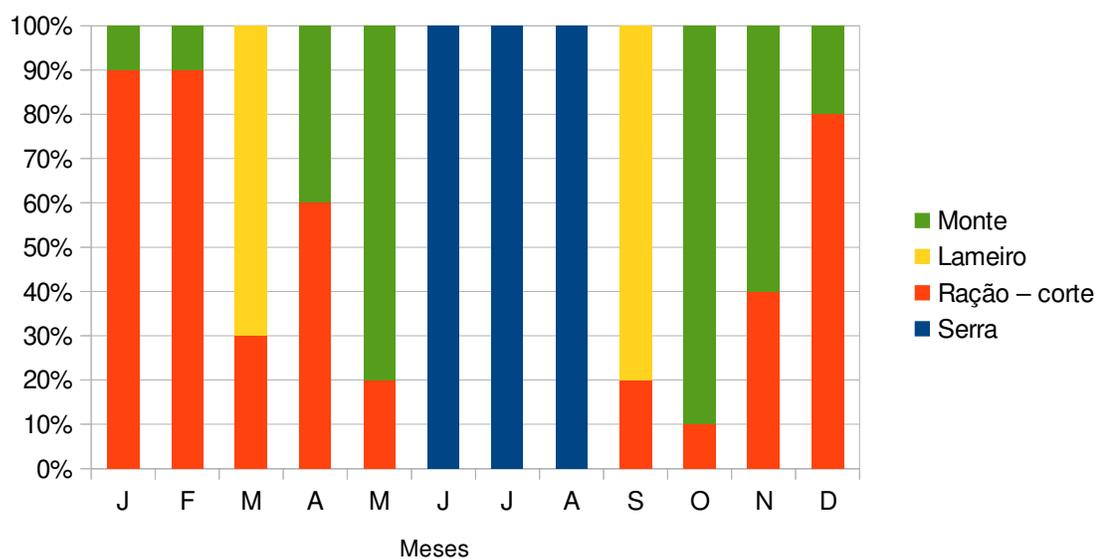
A visibilidade é grande, foi essa a minha conclusão em um primeiro momento, mas com o decorrer do trabalho de campo comecei a reparar que eram sempre as mesmas vacas, que pertenciam a três ou quatro proprietários, que mantêm estábulos na casa ou na aldeia. Além disso, esse trânsito corresponde ao movimento de levar as vacas para pastar de manhã e só no final da tarde é que se regressam com elas. Contrariando esse movimento realizado pelas vacas citadinas, quando me detive a prestar atenção na mobilidade das vacas que ficam nos armazéns, constatei que, devido à localização periférica destes, a mobilidade do gado é diferente: eles saem com as vacas *por perto*, não atravessando, ou sendo excepcional, atravessar a aldeia. O trânsito que fazem com o gado é o mínimo, desde os armazéns até os lotes, tendo preferência os lotes, lameiros ou baldios mais próximos. Há agricultores que têm equipados seus armazéns com água e um pátio grande onde deixam as vacas durante o inverno.

Se entrarmos na aldeia a partir de Calvos de Randín veremos as vacas de um determinado grupo de agricultores, que são os que têm os armazéns *daquele lado*; se entrarmos a partir da aldeia de Randín, será outro gado, e ainda existem armazéns aos quais se chega somente pelo monte, o que inviabilizaria a visibilidade do gado. Essa questão não é simplesmente de visibilidade, no ano 2013 se concretizou uma obra reivindicada anos atrás pela Junta de Freguesia, construir uma variante que una um extremo da aldeia a outro, para que as vacas possam circular sem ter que passar pelo meio da aldeia. Há pessoas que se sentem incomodadas com o fato de que as vacas façam as suas necessidades ao longo das ruas da aldeia, que ficam *sujas*, com os sons dos seus chocalhos e com seu ritmo que impedem às vezes o trânsito de carros. Mas também há pessoas que procuram justamente esses elementos. Tourém é uma aldeia com uma importante oferta turística e as vacas nas ruas também é um elemento altamente cotizado e valorizado pelos visitantes.

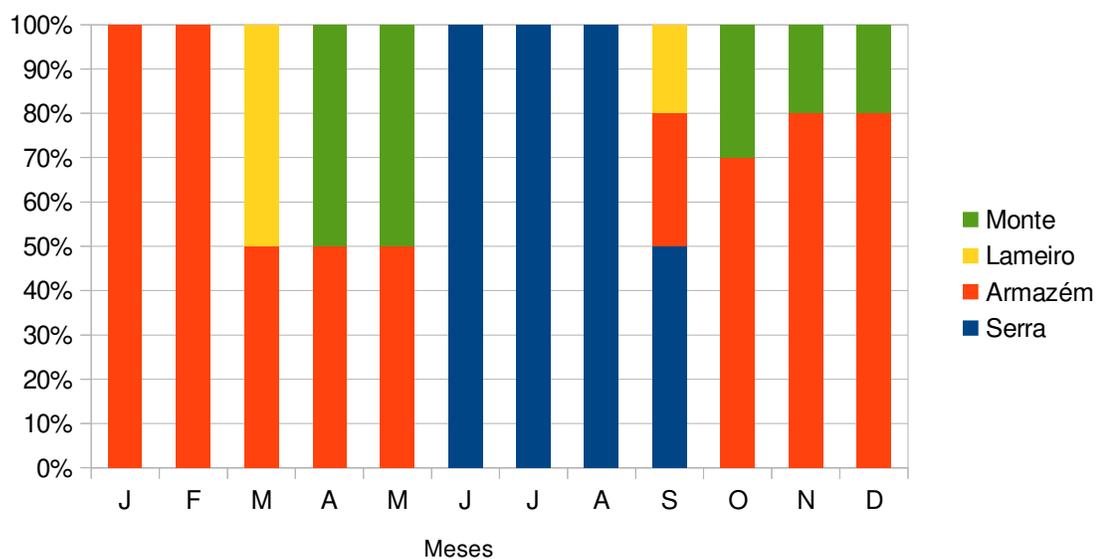
O gado que de um lado é visível socialmente, o é menos fisicamente devido às distâncias que separam os armazéns das pessoas, limitando assim os pontos de contato. Um

exemplo disso aconteceu neste verão: Adriano comprou 5 vitelas, três eram para criar e as outras duas eram pra vender; ao mesmo tempo ele tinha de sua própria criação três vitelos machos e duas fêmeas. Um dia chegou um caminhão para carregar seu gado. Algumas pessoas sabiam dos vitelos próprios, outras sabiam dos que tinha comprado, e outros andavam atrás da informação. Socialmente, as pessoas sabiam que ele tinha vitelos para vender, mas exatamente não sabiam o número, nem a procedência, mas o verdadeiramente importante é que todos sabiam, ainda que procurassem saber mais, nunca afirmariam que não sabiam.

Já durante o verão, o gado fica na serra pastando. O que a nossos olhos é um grande grupo de vacas, aos olhos dos agricultores corresponde a nomes, especificações e proprietários. Desde a estrada que vem de Montalegre vê-se, no alto da serra, as vacas prostradas de um lado e de outro da estrada, novamente visíveis. Se resgatarmos partes do capítulo anterior – especialmente quando se fez referência aos tempos em que se usava ou praticava cada tipo de terra – podemos analisar os diferentes tipos de terra onde as vacas ficam ao longo do ano. Bordalo Lema já fez um diagrama com esses elementos, mas precisamos revê-lo, à luz das novas formas de uso do espaço. As vacas já não são usadas para trabalhar, o que implica em que alguns lugares, como por exemplo, nos nabais já não se vem as vacas para arar a terra, nos baldios puxando por um carro cheio de lenha, ou no feno, elas deixaram de ter sua presença em determinados espaços. Este seria o gráfico que Paula Bordalo Lema obteve em sua pesquisa.



Com os dados de campo¹⁴⁶, o gráfico dos espaços usados pelas vacas e, portanto, de sua mobilidade, apresenta os seguintes resultados:



¹⁴⁶ Este gráfico foi elaborado com os dados oferecidos por Sérgio, Venâncio, Jaime e Adriano. A eles agradeço imensamente as informações aqui obtidas.

Como vemos, em grande parte do ano os animais passam entre armazém, lameiro e serra. Quando aparece monte, estamos nos referindo às partes de baldio que ficam perto da aldeia, onde saem mais para tomar o sol do que para comer.

Claro que há lavradores que tem outros costumes, por exemplo, Adriano não sai com as vacas para nada, elas só ficam no espaço do seu armazém. Sérgio também prefere que não saiam, mas como tem um empregado, Miguel, às vezes elas vão ao sol, ou saem por perto, pois ele tem a poucos metros do seu armazém dois lameiros grandes e cercados onde podem pastar tranquilamente. Como vimos no capítulo anterior, os lameiros são comidos pelas vacas em março, antes de fechá-los para deixar crescer o feno, e em setembro, para comer a erva que cresceu desde que ceifaram o feno no mês de julho. Na serra, ficam entre três e quatro meses, dependendo das condições climatológicas. Janeiro e fevereiro, por serem os meses mais frios, passam mais tempo dentro dos armazéns. Nos meses de abril, maio e setembro, elas passam aproximadamente a metade do dia no armazém visto que são colocadas lá às 20 horas e raramente saem antes das 8 h.

Analisando e comparando os dois diagramas, as diferenças entre os dois gráficos, aparecem mudanças que comentamos anteriormente. As vacas não vão mais para o monte trabalhar, isso fica claro nos meses de março, maio, setembro e outubro. No mês de março é quando se faz a sementeira da batata e do milho e se estrumam as terras. Em maio já começavam a pastar nos baldios, aproveitando-se disso traziam para casa lenha e mais mato para os estábulos, pois os estábulos ficavam vazios devido à retirada do adubo para estrumar as terras de batata. Em setembro, normalmente, pastam na descida da serra, quando o proprietário tem lameiros altos, se não quando elas descem, começam comer os lameiros de perto do armazém. Adriano, por exemplo, não leva as vacas para comer todos os lameiros que ele cultivava, só um que está na serra, depois as deixa estabuladas até saírem no ano seguinte. Antigamente, em setembro e outubro, começavam a trazer lenha para casa. As vacas pastavam nos lameiros e no monte e depois voltavam carregando os carros com esse material. Hoje em dia essa atividade é feita pelo agricultor com seu trator. Ao voltar dá de comer, faz a cama delas e as fecha no armazém. Essas são diferenças claras e visíveis no

trato e na prática dos espaços. Espaços que formam também parte da exploração agrícola justamente pela interação de gado – terra – agricultor, sendo os três imprescindíveis dentro de uma exploração.

Vemos como as práticas com o gado mudaram, os tempos e os espaços são diferentes e também como as mudanças aparecem de forma explícita, ao analisarmos de forma comparativa os gráficos. Com isto, também queremos dizer que a visibilidade física aparente do gado é limitada a certos espaços durante parte do ano, mas a visibilidade social do gado é grande. O gado sempre é motivo de conversa, no café, diante dos armazéns, etc. Um elemento que mostra o tamanho e a importância dessa visibilidade acontece na feira do prêmio de Montalegre (segunda quinta-feira do mês de agosto), citada anteriormente por Bordalo Lema e que resgatamos agora no nosso trabalho.

5. A Feira do Prêmio

No dia da feira do prêmio, as pessoas saem cedo de Tourém para chegar a Montalegre por volta das oito horas da manhã. No pavilhão do município, há um galpão especialmente preparado para acolher a exposição de gado. Assim, além de acolher a feira do prêmio dos barrosos¹⁴⁷, uma vez por mês há uma feira de gado. Existe toda uma ritualística para o concurso. As pessoas que concorrem às diferentes categorias chegam com seu gado, postam-nos aos lados de um corredor em que transitam os visitantes que estão lá para ver o concurso. Nas horas prévias ao concurso, os proprietários mimam cuidadosamente a apresentação de seus animais, por serem os cornos finos e esticados, colocam uns recortes de mangueira para que não partam, alguns colocam inclusive umas fitas de tela de diferentes cores; com o auxílio de baldes de água e buchas, ficam limpando a pelagem dos bovinos e o ato final é a cera, eles enceram a pelagem toda, para que os seus

147 O bovino Barrosã apresenta uma estatura mediana, com 1.21-1.30 cm de altura, tem cernelha e pelagem de cor castanha (variando entre a cor de palha até a cor acerejada) (Leal, 1995). A cabeça é curta e larga, encimada por uma ornamenta em forma de lira alta; os cornos são muito compridos e espessos, de cor branca suja, com pontas escuras; o conjunto ocular é saliente, dando-lhe o aspecto de olhos de sapo; as orelhas são de tamanho médio; os membros são curtos e pouco ossudos e o pescoço é curto, bem ligado à cabeça e com garrote largo (MARTINS, 1982). (Rodrigues Leal, 1998:15).

animais reluzam a pelagem mais brilhante. Algumas pessoas afirmaram que há proprietários que pintam o seu gado, essa prática foi atribuída especialmente aos concorrentes originários da província vizinha do Minho. Entre os barrosões se diz que os minhotos têm muito gado da raça barrosã e, além disso, gostam de concorrer nesses concursos de gado, o que faz com que a presença de barrosos do Barroso seja minoritária. A Câmara Municipal de Montalegre é a organizadora do evento, criou dentro de cada categoria um prêmio para o melhor colocado do Município, mas ainda assim a participação é minoritária. Para maior grau de ilustração apresentamos algumas fotografias tiradas no trabalho de campo em janeiro e julho de 2013 respectivamente, a segunda é na outorga do prêmio para as vacas.



Fotografia 16: Boi Barroso



Fotografia 17: Vacas Barrosas

O prêmio, além de possibilitar a observação da criação dos que apresentam parte de seu gado, serve como atualizador dos cadastros sociais de gado. Atualizam-se informações, encontram-se velhos amigos e, sobretudo, se conversa sobre gado. Na feira acompanhei o senhor Venâncio, que além de ter sido *cantoneiro*¹⁴⁸ sempre teve uma incidência muito

148 Funcionário público que se encarrega de supervisionar o estado das estradas. O senhor Venâncio se encarregava de arrumar e constatar o estado da estrada da serra. Além disso, sempre foi uma pessoa com muito gado, hoje em dia quatro de seus oito filhos criam gado, e outra filha tem dois bois por gosto de seus filhos.

grande na vida social agrícola do município. Ele era o sócio de Tourém que mais batata de semente vendia para a cooperativa, teve durante um *bom tempo* duas juntas de bois para trabalhar, enfim, conhece muitas pessoas e gosta muito de conversar sobre gado. Quando encontrava algum amigo, normalmente a estética era a mesma que a de Venâncio: chapéu na cabeça, cara morena e uma vara ou bengala na mão. Suas conversas também eram pautadas. A primeira pergunta era para saber quanto gado tinha. Venâncio não tem mais, como ele diz, *está tudo nas mãos dos meus filhos*, o Sérgio tem 50 e o Venâncio 60, os de Pitões também têm gado, e até Isaura (filha do senhor Venâncio, que está aposentada com seu marido pela Suíça,) estavam concorrendo a um dos prêmios, com dois bois barrocos. A conversa era mais ou menos padronizada, sendo recíprocas as perguntas e respostas. Uma vez encerrada a conversa, ele relatou pra mim eventos em que eles tinham se encontrado e outras apreciações sobre o amigo, do tipo: se estava velho demais, se já não conseguia mais andar sem bastão, ou que tipo de criador de gado ele era. Esse último ponto era sempre muito matizado, o tipo de gado que tinha, se as vacas estavam bem mantidas, as raças que criava, se criava também porcos, ovelhas ou cabras, se era bom gado ou ruim, como cuidava dele, ou se era conhecido por algum tipo de problema na venda de gado, etc. Todos esses elementos compõem um perfil de agricultor, se ele é bom ou ruim, se o gado dele é bom e está bem cuidado, se os filhos também seguem na atividade.

Vemos como através do gado podemos entrar numa esfera de relações pessoais por ele pautadas, mas não somente acessamos as pessoas que moram na aldeia o ano todo ou que tem algum vínculo grande com o gado. A feira do prêmio de Montalegre é uma visita *obrigatória* para as pessoas que chegam nas aldeias no mês de agosto para passar as férias. *Nesse dia, vai-se a Montalegre*, ver o prêmio, tomar uns copos e comer o polvo. Bastante foram os emigrantes que me vindo lá vieram conversar comigo, perguntar o que fazia e, claro, eu devolvia as perguntas. Foi, então, que vi como as pessoas que estão na aldeia, vão à feira. É uma espécie de feriado, onde os encontros acontecem e as conversas se atualizam. Sintomático, considerando que seja no dia do prêmio de uma espécie bovina. Os lavradores que, como veremos são pessoas muito ocupadas no verão por conta da lavoura, têm esse dia marcado em seu calendário social. Esse é um dia para ir a Montalegre.

De acordo com a referência de Bordalo Lema, a feira do prêmio era no dia de São

Pedro, mas, na atualidade, é celebrada na segunda quinta-feira do mês de agosto, que coincide com o mês em que chega a grande maioria dos emigrantes. Não conseguimos conhecer as motivações para a mudança do dia do prêmio, mas o próprio mês de agosto e a chegada dos emigrantes são eventos muito importantes no planejamento de festas e feiras. Muitas festas de patronos de aldeias mudaram de dia para acontecer no mês de agosto. Pode-se dizer que foi uma prática habitual para permitir que os emigrantes estivessem presentes nessa festividade.

6. Os bois no Barroso

A segunda atividade oferecida pela organização da feira, a *chega de bois*, define o campeão da liga de chegadas da raça barrosã, e é organizada pela Associação Etnográfica o Boi do Povo. A *chega de bois* é uma luta entre dois bois, quando se encontram em um recinto fechado, cara-a-cara ambos se chegam, isto é, juntam cabeça com cabeça e aí se mantém puxando um contra o outro até que um deles desiste e abandona a *chega*. Durante a *chega*, dentro do *campo*¹⁴⁹, só se encontram os donos dos bois acompanhados por uma vara e Fernando Moura, o repórter da Rádio Montalegre e TV Barroso. A vara é de cana, uma espécie da família das taquaras, de uns dois a três centímetros de diâmetro, o comprimento aproximado é um metro e meio e a ponta da vara inclui uma parte da raiz, portanto mais grossa. No momento em que um dos bois desiste, os donos correm até seu boi, e passando essa vara por cima do lombo conseguem que eles se tranquilizem e fiquem calmos. É uma imagem similar a de um adestrador de leões ou de tigres, pois depois de ter feito um grande esforço físico e com o stress que para os animais significa uma briga desse tipo, é impressionante ver como conseguem acalmar os animais em segundos¹⁵⁰. Na sequência, as

149 Lugar fechado expressamente preparado para as *chegas de bois*.

150 Somos contra qualquer tipo de atividade que implique na espetacularização, que fomenta ou cujo maior interesse esteja diretamente ligado com o maltrato ou sofrimento animal. Muitos são os relatos que recolhemos em que há depoimentos de alteração das condições físicas dos animais através da ingestão de bebidas alcoólicas, ou outro tipo de substância. Também constatamos que após um boi ter trabalhado numa quarta-feira durante quase uma hora, no domingo a seguir o mesmo boi foi afrontado com outro animal que fazia meses que não se chegava. Inclusive a *chega* anterior fora entre esses dois bois. O primeiro boi após 5 minutos de *chega* ficou com a cabeça ensanguentada e na segunda-feira foi sacrificado.

pessoas se aproximam para parabenizar o proprietário e o boi ganhador, que aguarda o boi vencido sair do recinto.

É preciso que esmiuçemos esse tipo de acontecimento para conseguirmos explicá-lo. Por um lado, as *chegas de bois* vêm de uma tradição que se encontra ligada à figura do *boi do povo*, animal que nas palavras do Padre Fontes:

O boi do povo, um dos maiores proprietários da aldeia, é de todos os que têm vacas. Todos colaboram na sua manutenção e pastoria. Todos têm de lhe ir segar e recolher o feno, semear as batatas do boi, recolhe-las, pedir pão ou milho, ou mesmo rouba-lo, quando os mais velhos o não querem dar às boas. (Lourenço Fontes, 1977:55)

A figura do boi do povo está ligada a das *chegas*. Ambas carregam toda uma simbologia, que nos remete *aos tempos de antes* e que, na atualidade, não existe, mas que segue sendo reificada e ressignificada. Através dessa forte presença simbólica e reclamo social é que entendemos a grande capacidade que as *chegas* têm de aglutinar pessoas num mesmo lugar. Durante o mês de agosto, em que as aldeias estão cheias de emigrantes, as *chegas* se sucedem concatenadas, uma atrás da outra ao longo do dia, normalmente aos domingos e feriados. Conversamos com pessoas que num único dia, foram a quatro *chegas*. O preço médio para ver cada *chega* é 10 euros. *Para que trabalhamos o ano todo?* Essa afirmação é uma clara alusão ao gasto que esses emigrantes fazem durante o tempo que dura as suas férias. Pelos mesmos motivos, os proprietários dos bois argumentam que durante o mês de agosto é que tiram algum proveito dos animais, pois manter um boi é muito caro, e é rentável ter seu próprio macho somente nas explorações de gado com mais de quarenta cabeças. Os bois de *chega* são cuidados e mimados minuciosamente, os proprietários tentam sempre que se mantenham com um peso elevado, mas sem perder agilidade. Na aldeia, o *Gestas* é a única pessoa que chega seus bois. Ele e seus filhos são conhecidos em Montalegre por sempre terem no mínimo um boi de *chega*.

Denunciamos e detestamos esse tipo de práticas.

6.1 Boi do povo

Os bois do povo eram animais criados pelos vizinhos da aldeia e a sua missão era a de fecundar as vacas da aldeia e defender a honra da aldeia nas chegadas. Todas as casas que possuíam vacas participavam da manutenção e cuidados dos bois, que tinham as suas próprias lamas e, caso não fosse o suficiente, cada vizinho tinha que entregar uma quantidade de alqueires de centeio por número de vacas. Tinham também a sua própria corte, que era um edifício comunitário, *a corte do boi*, e que hoje em dia alberga um dos polos do Ecomuseu do Barroso na aldeia. Em Tourém, existia uma pessoa encarregada de sair com o(s) boi(s) para pastar, todas as pessoas pagavam em grão o salário desse pastor. Além de todas essas facilidades, o boi do povo era quem representava o brio, a valentia e a força da aldeia perante as aldeias vizinhas, enfrentando os seus respectivos bois. Ocorria normalmente no dia do patrono de cada aldeia, em que combinavam com que aldeia *chegariam* o seu boi, ele era quem deveria elevar a “fama” de toda a aldeia e dele dependia também a reprodução das vacas da aldeia. Antes dessa *chega*, o boi recebia múltiplos cuidados especiais. Relataram-me que se passava pelas portas das casas para pedir batatas e centeio, um pouco de vinho não era mal recebido. O último boi do povo de Tourém, em 1982, já tinha sido vendido (Lourenço Fontes, 1982:8). Como sempre quem melhor define as questões do Barroso é o célebre Miguel Torga:

A verdade, porém, é que volto sempre que posso, e cá estou mais uma vez. Atraí-me esta amplidão pagã, sinto-me bem a pisar um chão em que o deus vivo de ricos e pobres, de alfabetos e analfabetos, é o toiro do povo. Um deus de cornos e testículos, que, depois de cada chega e de cada vitória, a gratidão dos fiéis cobre de palmas, de flores, de cordões de oiro e ternura. Um deus que a devoção adora sem lhe pedir outros milagres que não sejam os da força e da fecundidade, provados à vista da infância, da juventude e da velhice. Um deus a que se lhe dão gemadas e cervejas para que possa inundar as vacas de sêmen, as moças de esperança, os moços de certeza e a senilidade de gratas recordações. Um deus eternamente viril, num paraíso sem pecado original. (TORGA, M; Diário X, 1968: 164)

Vemos, tanto no relato de Miguel Torga, quanto nos relatos que tentei fazer dos preparativos prévios à concorrência do gado ao prêmio, que existe toda uma série de cuidados e preocupações para com os animais.

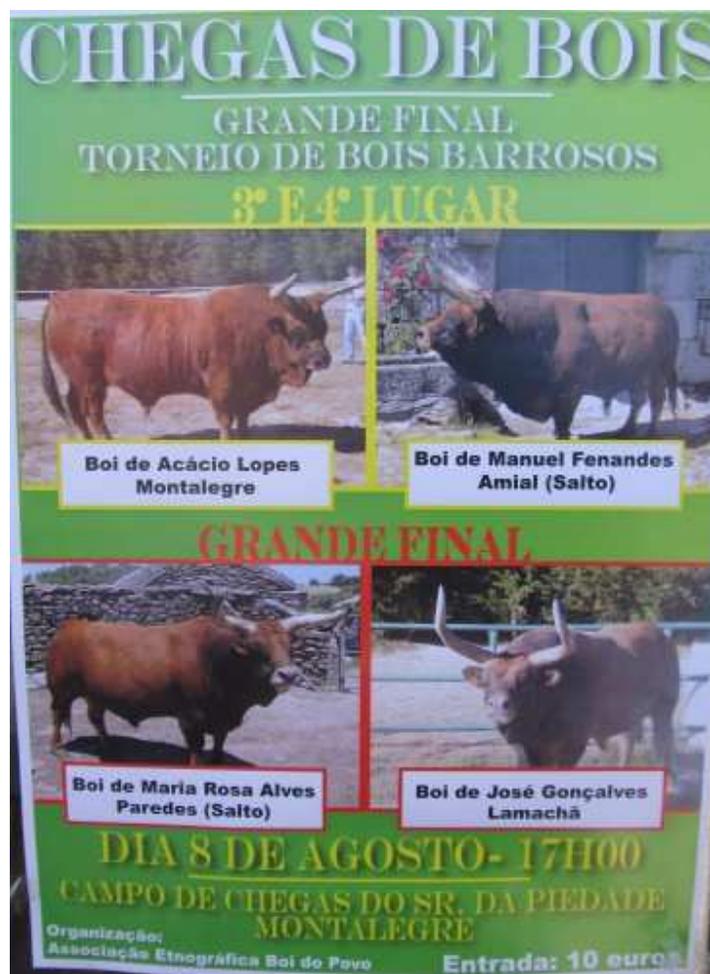
Se o deus do povo é o boi, a vaca seria a sua companheira, signo importante de veneração, da mesma forma como os cristãos portugueses veneram os seus santos e santas. Por isso dissemos que a vaca é um elemento fundamental na vida social da aldeia de Tourém. Começamos descrevendo os animais que são criados na casa, como as galinhas, os porcos, e as ovelhas e depois centramos no gado bovino, pedra angular daquela organização social camponesa, e que articula e dirige os movimentos e os espaços, em função de suas necessidades imediatas e futuras.

Fizemos também um histórico da exploração de animais na aldeia. O gado segue sendo um elemento importante socialmente e, por isso, através de conversas com os agricultores, conseguimos elaborar a tabela com o número de animais e seus proprietários. A PAC é outro elemento chave para entendermos a dinâmica produtiva que seguem as explorações atuais de Tourém, mas também nos serviu de ponte para abrir um debate acerca das transformações sociais nas quais a exploração de gado é um elemento influente. Assim como a abertura de outras novas explorações. Vimos algumas das infraestruturas e maquinaria que foram beneficiárias da PAC e as implicações que tiveram, por exemplo, na visibilidade do gado quando falamos dos armazéns. Como o gado é um elemento móvel, diferentes espaços são articulados em diferentes partes do ano. Tomamos o gráfico que Paula Bordalo Lema mostrou acerca do ciclo alimentar do gado e elaboramos um outro com os dados de campo. Com esse gráfico pudemos comparar as atividades que antes eram feitas com gado, o uso de espaços diferenciados e as mudanças com respeito à atualidade em que a mecanização transformou também os tempos e os territórios usados pelos agricultores e seu gado.

Para finalizar mostramos como a feira do prêmio de gado de Montalegre tem um ar ritualístico, em que evoca uma “ancestralidade¹⁵¹”, pois reúne os proprietários de gado, os que foram proprietários e inclusive turistas, que sendo naturais das aldeias do Barroso, em algum momento de sua infância, antes de terem saído com o êxodo migratório, andavam pelos lameiros, baldios e serras com seu gado. Tentamos abordar através da *chega de bois*,

151 Uma prática ancorada em tempos passados

seu poder simbólico (Bourdieu), como um elemento central na organização social das aldeias, que é a figura do boi do povo. Ele foi definido como o mais rico, ou deus. Começamos estas considerações finais com ele e finalizamos, dizendo que conseguimos perceber ao longo do campo, que tanto as pessoas que moram na aldeia quanto as pessoas que voltam nos meses de férias, têm uma grande preocupação e cuidado com o gado. Isso serve tanto para as pessoas proprietárias de gado, obviamente, mas os que vêm de fora expressam e interiorizam essa relação. Se não conseguem conversar dos estados atuais do gado, no café, sempre é puxada uma conversa em que aparecem as pessoas de maior idade, o seu gado, e relatos em que todos possam participar, sempre ligado ao gado. Depois de toda essa conversa de boi que tentamos reproduzir nos parece trivial dizer que o gado é um elemento chave para a compreensão da organização social de Tourém.



Fotografia 18: Cartaz da chega final do campeonato de Barrosos

CAPÍTULO 5. AGOSTO NA TERRA OU (A)GOSTO DA TERRA.

Como mostramos ao longo dos capítulos precedentes, agosto é um mês muito importante na configuração social local. Ao mesmo tempo que os migrantes voltam de férias para a sua terra, os agricultores têm no verão a maior e mais pesada carga de trabalho, pois, precisam recolher os frutos de suas colheitas e acumular o necessário para alimentar as vacas no inverno.

Agosto também é um mês em que o tempo de lazer é generalizado, pois, ainda que os agricultores tenham uma carga de trabalho pesada, esse mês há inúmeras festividades em Tourém e nas aldeias vizinhas, garantindo diversão, reencontros e comemorações.

Para podermos pensar em elaborar um capítulo cujo eixo seja *Agosto na terra*, nos inspiramos em escritos de Gluckman (2010) e Pina Cabral (1991). Mais concretamente na análise situacional que Max Gluckman fez na Zululândia em torno da inauguração de uma ponte naquela região da África do Sul. Já, o escrito de João de Pina Cabral é “A «minha» casa em Paço: Um estudo de caso”, que forma parte da coletânea organizada por Brian O'Neill e Joaquim Pais de Brito, intitulada *Lugares de Aqui*, publicada em 1991. Neste artigo, o autor português começa dedicando o seu texto ao professor Gluckman e chamando para o estudo de caso a metodologia por ele usada na análise de sua “situação social”.

A questão que nos estimula a usar essa metodologia é justamente a possibilidade que nos brinda de apresentar um escrito em que a maioria dos grupos sociais que trabalhamos ao longo de nossa dissertação, às vezes de forma separada, apareça em interação uns com os outros. É, pois, um desafio importante relatar como foram as minhas vivências nos dois meses de agosto (2012 e 2013) que morei na aldeia, e como enxerguei aquela configuração social. Configuração esta que produz uma dinâmica social diferente da do resto do ano, portanto, a chamaremos de dinâmica social própria do mês de agosto. Ao mesmo tempo ela está composta pelas diferentes dinâmicas particulares dos diferentes grupos sociais, seus modos de vida, visões de mundo que, de alguma forma convivem e compartilham aquele espaço social, aquela *terra*, num tempo concreto e definido, o mês de agosto. Portanto, pensamos neste capítulo como um palco privilegiado, depois de tentarmos contextualizar nos capítulos anteriores questões como a vida no lugar, as ligações que os

migrantes mantêm com a aldeia, assim como seus percursos, chegando agora no momento de abordarmos a convivência num espaço e num tempo determinado e concreto.

1. Atividades do mês de Agosto

Chegado o mês de agosto a aldeia se enche de pessoas, carros e uma extensa programação de eventos. As atividades ofertadas no ano 2013 pela aldeia foram: todas as quartas-feiras, uma sessão de cinema; 5 de agosto: torneio de sueca¹⁵²; 7 de agosto: a rota do contrabando; 9 de agosto à noite o grupo Ultrasom fez um show, abrindo a festa de São Lourenço que aconteceu no dia seguinte, na carvalheira das bailas, a missa, procissão e almoço coletivo; 16 de agosto foi o dia da Terceira Corrida Internacional com uma agenda repleta de atividades e artistas convidados que logo esmiuçaremos e no dia 17 de agosto, aconteceu a IX Festa do Encontro Transfronteiriço que ocorre entre as aldeias de Tourém e Randin.

1.1 Sessões de cinema

Toda quarta-feira, às nove da noite, no largo do outeiro, as pessoas de Tourém se reuniam dentro do pátio dos Juliões para assistir a uma sessão de cinema. Esse evento passou para a agenda de festividades no mês de agosto de 2012. O presidente da Junta de Freguesia e o casal Vitor e Elisa foram os mentores e realizadores do evento e contaram com a ajuda e apoio logístico do Ecomuseu do Barroso. A sessão começava sempre projetando um documentário que trazia Tourém, Montalegre ou o Barroso como lugar de gravação e depois, um filme. Foram retransmitidos documentários feitos por João Sardinha (cineasta português) em que as pessoas da aldeia atuaram; outros, realizados, através do Ecomuseu e, um especial da vida de António Sala¹⁵³ apresentado por ele mesmo. A

¹⁵² Modalidade de jogo de carteados

¹⁵³ António Sala é um locutor de rádio, músico e ator famoso em Portugal e que depois de 30 anos de carreira fez um documentário de sua vida. Ele é amigo pessoal de Vitor Castro e Elisa Prego e devido a essa amizade ele passou uns dias na aldeia de Tourém este mês de agosto. Caminhou pelas ruas, conversou com as pessoas e sentiu o povo de Tourém. Além de apresentar o seu próprio documentário, ele fez uma atuação e apresentou parte da gala realizada na noite depois da Corrida Internacional e que

dinâmica, nesses dois anos, foi a mesma, primeiro um documentário da *terra* e, depois um filme com tema variado.

A população de Tourém recebeu este evento de diversas maneiras. No pátio apareciam pessoas que estavam entusiasmadas, outras que desprezavam essa atividade. Em meus registros, desde o primeiro dia de cinema até o último, apareceram representantes da quase todas as famílias de Tourém. Inclusive, no verão de 2013, uma mulher da aldeia recém viúva compareceu em uma das noites de cinema com seu neto. Com o falecimento do marido, o neto veio para Tourém para estar com a sua avó. Ela apareceu vestida com um rigoroso luto, depois de ter começado o filme, chegou com sua cadeira e sentou no final da bancada. Minutos antes de finalizar o filme levantou, recolheu a cadeira e foi para a sua casa com seu neto de mãos dadas.

Os migrantes, em sua maioria, assistiam a esse evento emocionados, eles aproveitam cada dia de suas férias de forma intensa. O cinema passou a ser um lugar de sociabilidade, servindo como um ponto de encontro para conversar com as pessoas que ainda não tinham visto e marcar outros encontros.

A presença dos aposentados, também, era importante, neste caso, isso dependia das forças e da vontade de cada um, pois, na aldeia há muitos idosos que não saem de casa, pois, estão impossibilitados pela falta de força física. Quando falamos de aposentados, estamos referindo às pessoas que se aposentaram e, ainda, mantêm uma vida social ativa. Eles vão figurar ao longo dos diferentes capítulos, Zé da Benta, Zé da Arminda, Domingos, Adriano e Venâncio, por exemplo. Este último foi o único que não apareceu em nenhuma das sessões. Adriano, tampouco, era muito assíduo, mas, como o largo do outeiro está *a um passo* da casa de sua filha Teresa, antes de ir jantar na casa dela, sempre passava por lá e ficava um tempinho observando as pessoas. Notei também uma certa reticência dos aposentados que sempre estiveram dedicados à agricultura. Normalmente, essas pessoas não são frequentadoras desse tipo de eventos, pois, no caso de Venâncio ou Adriano, eles já figuram como aposentados, mas, não deixaram a agricultura. Venâncio, por exemplo, ainda mantém uma horta, ajuda seu filho Sérgio em todas as lavouras, dirige um de seus tratores e mantém certo comando, como chefe da casa, acerca das atividades que têm que ser feitas

contou com vários convidados reconhecidos.

por seu filho.

Certo é que outros casais reformados¹⁵⁴, por exemplo, Zé da Benta e Isabel, gostam de eventos públicos, eles moraram grande parte de suas vidas em Lisboa e quando os migrantes retornam, *aproveitam*¹⁵⁵ para reativar as relações que mantiveram, por exemplo, com os migrantes que vêm de Lisboa. Já, Domingos respondendo a esse mesmo padrão se aproxima dos migrantes retornados de Paris e da França, enfim, é um momento importante dentro da vida social local em que se aproveita para conversar, saber mais das pessoas com as que estiveram juntos e com os vizinhos que voltam para a aldeia somente para esse mês do ano.

Observei como há uma diferenciação entre as atividades realizadas pelas pessoas que pertencem aos mesmos grupos sociais, pois, os que foram agricultores só se desvinculam da terra quando de fato, não tem mais como ajudar ou participar. No entanto, os aposentados que deixaram a agricultura pela cidade e retornaram para a terra, têm nesses momentos de sociabilidade recordações do que era a sua vida passada ligada a um padrão, digamos, mais urbano.

Com isso, temos a impressão que se desmorona a nossa divisão em grupos sociais, mas, ao nosso ver, ganha relevância a história de vida, porque é na presença dos migrantes, por exemplo, de Lisboa na aldeia, que ela ganha uma aparência citadina. Os sotaques de várias regiões de Portugal, os lugares evocados e os momentos de vida que são chamados pela memória nas conversas mudam para aquele contexto. Desde a aldeia se está projetando Lisboa, Paris ou São Paulo, através das conversas das pessoas. Dessa forma temos o entendimento que aparece uma resignificação e reconfiguração da posição social que as pessoas ocupam. Os agricultores aposentados se alinham aos agricultores e os aposentados “franceses” se alinham aos franceses, aumentando a distância social entre agricultores aposentados e aposentados “franceses”, que fora do mês de agosto são simplesmente moradores aposentados da aldeia. Retomando a frequência às seções de cinema, os agricultores apresentaram uma presença alternada. Não possibilitando enquadrá-los aqui

¹⁵⁴ Reformados é outra denominação para aposentados em Tourém.

¹⁵⁵ O termo aproveitar é muito sugestivo, pois ele define por um lado a oportunidade que eles têm, e por outro a limitação temporal. É naquele tempo das férias que eles aproveitam para se reencontrar, conversar, atualizar informações, enfim continuar um relacionamento anterior.

como representativos. Sérgio apareceu uma única noite de cinema, nos dois anos dessa atividade. Foi em um dia que estava recebendo a madrinha de sua filha em sua casa. Por conta dessa visita que eles saíram para tomar um café¹⁵⁶ e havendo o cinema no largo do outeiro foram até lá. Adriano combina o seu trabalho de agricultor no verão com o de condutor de um caminhão dos bombeiros florestais galegos. A sua carga de trabalho nessa época do ano é ainda maior dos que são apenas agricultores. Contabilizei a presença de Adriano também uma vez. Estava em horário de serviço, mas, tinha ido jantar em sua casa, ao retornar ao trabalho, parou no largo do outeiro, cumprimentou algumas pessoas e assistiu um bocado ao documentário da vida de António Sala.

Fato é que a presença dos agricultores neste evento e nas outras festividades em geral do mês de agosto depende do estado físico que eles tenham, pois, as atividades por eles realizadas no verão são de grande desgaste físico e no final do dia o que eles querem é descansar, pois, no dia seguinte, a atividade é muito dura.

1.2 Torneio de Sueca

Distribuídos pelos cafés, lojas e ruas da aldeia, o cartaz do torneio de sueca tinha a seguinte chamada:

No dia 5 de Agosto de 2013, pelas 15h00, em local a designar, irá realizarse um torneio de Sueca para todos aqueles que quiserem participar (crianças, graúdos, homens e mulheres). A inscrição é gratuita e feita em equipa, bastando colocarem os nomes dos jogadores nas linhas abaixo. Para além disso, o par vencedor terá um prêmio. Pedimos a participação de todos, de modo a apoiar o convívio entre o povo de Tourém, tornando o nosso Verão muito mais animado!

Podemos ver na chamada elementos interessantes para pensar. Antes, temos que dizer que o cartaz estava sem assinatura. Ao perguntar quem estava promovendo, a resposta foi que essa atividade era da moçada de Tourém. Da mesma forma como acontece em Tourém e nas aldeias vizinhas, o número de jovens se multiplicam no verão. Os adolescentes, aproveitando o período de férias vêm por mais tempo que os pais, para

¹⁵⁶ Essa é a expressão que Sérgio usa para se referir a sair de casa á noite.

estarem com os avós. A moçada quer um Tourém muito mais animado. A animação da aldeia é um elemento chave nas narrativas dos migrantes ao dizer o que esperam da aldeia. Esse elemento já foi retratado por nós no primeiro capítulo quando falamos dos *filhos da terra* e dos casamentos destes com pessoas que não são da aldeia. Referimos ao casal Nuno Alves e Sandra, quando compartilhamos um jantar na casa de Sérgio e Sandra. A esposa de Nuno reclamava para seu marido de que a terra dele era muito pouco animada que ela queria ir à piscina, nas feiras e nas festas.

Além da animação, os jovens chamam todo o povo de Tourém, mulheres e *graúdos* de forma específica, pois, a sueca é um jogo de carteadado praticado no café da aldeia todas as tardes de verão principalmente, pelos homens. Várias são as mesas que podem estar jogando sueca ao mesmo tempo no café, pois, há pessoas que dizem que só jogam sueca na terra, que a vida deles não lhes permite esses momentos de lazer nas cidades. O evento em si também nos serve para pensar. Ao final, havia uma dupla de mulheres, várias duplas de adolescentes, tanto moços quanto moças jogando sueca num mesmo espaço-tempo. A tarde foi muito animada no largo do outeiro, além dos jogadores, estavam presentes, também, os juízes que controlavam o cumprimento das normas acordadas antes do início do torneio. Os juízes repartiam as cartas, pois, há na sueca, segundo os grandes jogadores da aldeia, formas de repartir as cartas, de maneira a influenciar o jogo. Várias foram as pessoas que passaram pelo torneio apenas por curiosidade. Houve momentos com dúzias de pessoas observando as diferentes mesas.

Havia pessoas que tinham que regar as suas hortas, mas, vendo aquele panorama diante da capela do outeiro se achegavam curiosas e ficavam de pé atrás de uma mesa observando como jogavam. Depois de um tempo iam com seu sacho nas costas rumo à horta. Um dado curioso foi em relação às vestimentas dos participantes e dos assistentes do torneio, todos com roupas de um dia de festa. O chapéu que acompanha aos mais velhos na aldeia, era novo. As camisas também. Enfim, era um dia em que o aspecto das pessoas que participaram marcava o caráter festivo do evento.

As roupas são um elemento importante para refletir. Ao longo do ano, fora o mês de agosto, os agricultores andam com as roupas mais usadas no seu cotidiano. Essa época que coincide verão e lavoura há uma preocupação de em alguns momentos, os de festa, por

exemplo, se apresentarem com sua melhor roupa e se importando com a estética. Terminados os labores da sua atividade com a terra, encontramos nos agricultores uma especial atenção com as roupas e sua aparência. É visível a diferença no cuidado que eles têm quando a aldeia está cheia de pessoas no verão e quando não. Também é certo que quando vem do trabalho e querem tomar uma cerveja no café, como é de praxe, não se preocupam com sua aparência, de um modo geral. É mais é um elemento interessante para a reflexão.

Sérgio é um dos agricultores, como já dissemos, que maior número de vacas tem na aldeia. Portanto, ele é um dos lavradores que mais quantidade de feno tem que acumular. Na expressão local seria dito que é um dos que mais *feno mete*. O seu *tempo do feno* sempre se estende mais do que os demais agricultores. Este verão ele estava chegando de um lameiro com seu empregado Miguel, quando todos os outros lavradores já tinham terminado de meter seu feno. Ambos entraram com as roupas de lavoura no café. Adriano, num tom irônico perguntou como estavam ainda assim, pois, eram quase dez e meia da noite. Sérgio lhe respondeu que ainda vinham do lameiro de Guntumil e que ainda não tinha terminado o feno: *Eu trabalho, não sou como tu, que metes pra aí 2000 alpacas ... eu este ano devo ter mais de 20000*. Essa resposta era para Adriano que, por suposto, sabe de sobra quantas vacas o Sérgio tem e quanto de feno precisa para passar o ano, mas também, estava dirigida ao restante das pessoas que estavam no café. Sérgio respondeu como um autêntico lavrador, que trabalha até à noite e chega sujo em casa. Características que algumas pessoas vêm buscando em contextos como o que Tourém representa (o rural).

Mas, além desse estereótipo, Sérgio estava reclamando seu espaço social na aldeia como agricultor. Pois, conversando com ele, uns dias depois, em um jantar na sua casa, depois de ajudar-lhes uma tarde no feno, ele me contou que aquele evento, assim como outros que eles realizam – andar com os tratores carregados pela aldeia, desde amanhã até à noite e, fazer-se ver na aldeia como agricultores – era uma forma de reivindicar o espaço social da aldeia perante os migrantes. Ele mora o ano todo e por isso tem a liberdade de reivindicar seu espaço como morador *mesmo!*, nuançou. Com isso, não queremos dizer que ele não esteja incluído nessa lógica da aparência. Na maioria das vezes, ele aparece no café depois de jantar, tomado banho e vestido com calça e *camisa nova*, mas, naquele dia ele viu

a oportunidade de se colocar e reivindicar um espaço, uma atividade e um tempo diante daquelas pessoas que também sendo *filhos da terra*, de fato a praticam (De Certeau, 2001) uma parte menor do tempo, do que eles, moradores.

Portanto, observamos como há, entre os relatos evocados anteriormente, com relação à sessão de cinema e, este último do Sérgio, reivindicando seu espaço social na aldeia, uma tensão estrutural da relação. Pois, é pensando nos migrantes que grande parte das atividades são realizadas, mas, qual o espaço social que fica para os moradores do ano todo, que não tem relações mais estreitas com os migrantes? Como é o caso de Sérgio. Lembremos que seus pais chegaram na aldeia em finais da década de 1960 e, portanto, a sua relação genealógica com a maioria das pessoas que vem de fora é inexistente. Mesmo assim, ele reclama o seu espaço social conquistado por sua estância continuada na aldeia.

1.3 A rota do contrabando¹⁵⁷ e a Corrida Internacional

A rota do contrabando é o primeiro evento de caráter marcadamente turístico. Esta é uma atividade organizada na aldeia, mas, o público alvo é, principalmente, de fora da aldeia. Esta atividade é realizada pelo Ecomuseu do Barroso, tanto a organização quanto a sua divulgação. É uma atividade ofertada não apenas em nível da aldeia, ela é de caráter municipal. A publicidade alcança as casas de turismo rural e as pousadas com o intuito da participação dos turistas.

Os cartazes traziam a informação do largo do outeiro como ponto de encontro, com saída às sete da tarde. No momento da saída, apareceu Jaime – vizinho da aldeia e eleito, em setembro de 2013, presidente da junta de freguesia – ataviado com umas roupas velhas, um

¹⁵⁷ Como me confessou Carlos Silva, morador de Vilarelho da Raia – aldeia situada também na fronteira, mas, pertencente ao município de Chaves – as rotas são uma construção, no sentido estrito do termo, pois, as rotas, como uma atividade do contrabando, não poderiam existir. Tratava-se de uma atividade feita, normalmente, durante a noite, em sigilo, silêncio e secreta. Um grupo de contrabandistas até poderia sair junto da mesma casa, mas a escolha da via era pessoal e normalmente não se repetiria, ou seja, não haveria conformação de rota. Os cultivos, as diferentes épocas do ano, as condições climáticas e a lua, eram alguns dos fatores levados em conta antes de partirem. Como sempre, quem melhor define essa realidade transmontana é o escritor português Miguel Torga: “E se por acaso se juntam na venda do Inácio uns e outros – guardas e contrabandistas -, fala-se honradamente da melhor maneira de ganhar o pão: se por conta do Estado a vigiar o Ribeiro se por conta da vida a pasar o Ribeiro.” (1999: 28).

gorro na cabeça, um pau e um saco grande que continha sacos de café sical¹⁵⁸, *o café do contrabando*. Este ano, no largo do outeiro, éramos, aproximadamente, cem pessoas.

Jaime marca o caminho e os participantes se juntam e caminham atrás dele. Ao longo do caminho, Jaime vai compartilhando histórias próprias e do conhecimento geral dos moradores da aldeia. Eu já conhecia algumas. Como eles dizem: *histórias de contrabando*. Histórias que fazem parte do conhecimento geral, seja pela grande difusão dessa atividade através de documentários e notícias, sejam patrocinadas e difundidas pelo Ecomuseu. No percurso, Jaime é entrevistado por alguns jornalistas que cobrem a atividade. Assim, percorremos algumas ruas da aldeia, passamos por diante da *corte do boi*¹⁵⁹ onde está a sede do Ecomuseu e as pessoas aproveitam a parada para conhecer a coleção de objetos ali expostos. Antônio, natural da aldeia e sua esposa brasileira, moram em São Paulo. Este ano viajaram para Tourém com o seu neto. Eles também entraram na sede do Ecomuseu e estiveram observando as peças e explicando para o seu neto os usos dos objetos ali expostos. Depois de sairmos da corte do boi, vinte e cinco metros mais a frente viramos à esquerda, estávamos na rua dos ponteiras e o destino era o outro prédio administrado pelo Ecomuseu, o *forno do povo*¹⁶⁰. Depois de recebermos explicações por parte de Jaime e de outras pessoas da aldeia do funcionamento e do uso que faziam dele, as pessoas passavam a visitar o interior do forno. Uma construção em granito muito robusta que mantém as lajes do telhado, também, em pedra. O *forno* e a *corte do boi* passaram por uma reforma no início do ano de 2000. Essa reforma adequou, muito mais que transformou, o prédio que era a corte do boi no espaço do Ecomuseu. O andar superior feito em madeira abriga a exposição de utensílios e artefatos. Antigamente, a corte tinha outras dimensões, mais extensas, pois, chegou a albergar dois bois do povo. Acima das cabeças dos bois havia algumas tábuas, no formato de mezanino, lugar em que era depositada parte do feno que seria dada a comer aos animais. O telhado hoje é de telha e veio substituir o, de colmo. A estrutura interna, os estábulos propriamente ditos, também foi removida com a obra.

¹⁵⁸ Marca do café, conhecido também como o “café do contrabando”.

¹⁵⁹ A corte do boi era o estábulo onde se guardavam os bois do povo. Na atualidade é o prédio que sedia o Ecomuseu do Barroso na aldeia. O prédio conta com duas salas em que são expostos ferramentas de trabalho antigas, e uma coleção com fotografias elaboradas por Elisa Prego acerca das pessoas da aldeia.

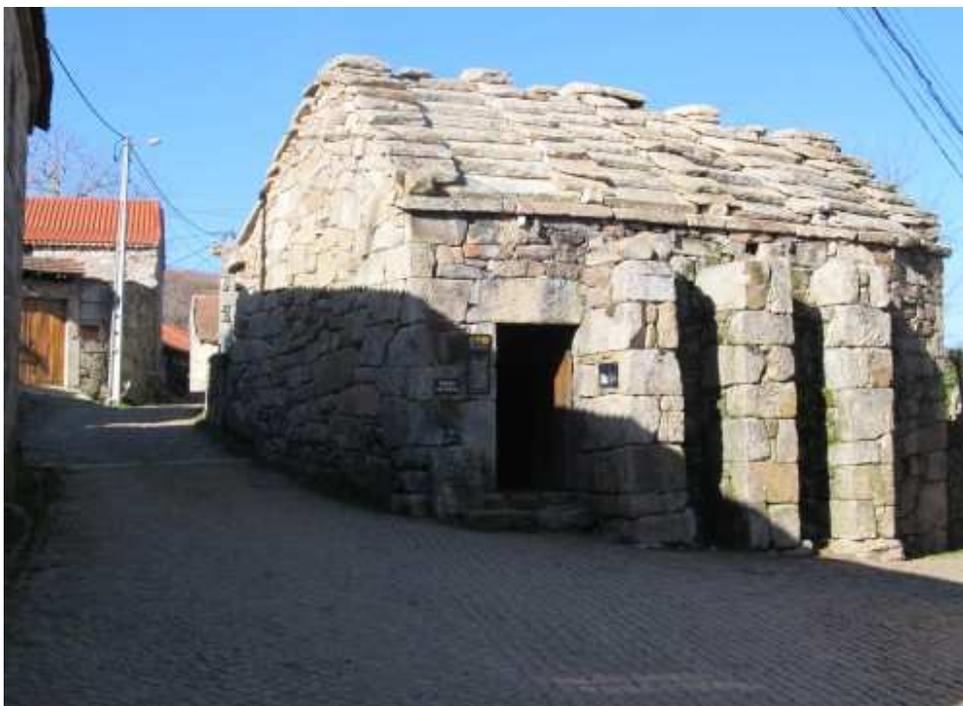
¹⁶⁰ Prédio incluído aos bens imóveis geridos pelo Ecomuseu. Como já dissemos é o forno onde as pessoas de Tourém coziavam o pão.

Fotografia 19: Jaime (o contrabandista) conversando com dois participantes de fora da aldeia



O forno mantém o seu aspecto mais próximo do original. Pois, a sua estrutura e cobertura são de pedra ainda hoje. São os chamados *pardieiros*. A estrutura exterior do forno conta com três contrafortes. O forno em si também é de pedra e nele cabiam 20 *broas*¹⁶¹ que se coziam em seu interior. A obra que foi realizada com a reforma dentro do forno foi apenas a de instalação de uma lâmpada e a selagem de alguns *pardieiros*.

¹⁶¹ Broa é o nome dado ao pão de centeio. Segundo Maria do Venâncio, elas podiam chegar a pesar mais de 12 quilos cada.



Fotografia 20: O forno do povo

Continuamos caminhando em direção ao largo da cruz e ao riacho do Ribeiro. Uma vez na estrada que vai para Montalegre, entramos no *camiño privilexiado*, aqui chamado às vezes, de *caminho do contrabando* e, assim, ultrapassamos a fronteira. Do outro lado da *raia*, fronteira, está a aldeia galega de Randín. Percorremos as suas ruas e fomos até o largo do Lavacedo, onde descansamos na porta da *taberna*¹⁶². Retomamos o caminho de volta para a aldeia e as pessoas continuaram conversando com o *contrabandista* e trocando *histórias do contrabando*, passamos de novo a fronteira e, nada aconteceu até chegarmos, novamente, três horas mais tarde, ao largo do outeiro, onde nos esperavam umas mesas fartas com pratos com presunto, vinho, pão de centeio e chouriças, oferecidas pela população de Tourém.

Todo ano acontecia uma encenação na raia. Várias pessoas da aldeia se travestiam de policiais, tanto portugueses quanto espanhóis e, recriavam o “assalto” aos

¹⁶² Com esse nome são conhecidos o que em Portugal são os cafés. É dizer o bar da aldeia onde também se pode comprar azeite, café, umas latas de sardinhas, vinho ou macarrão.

contrabandistas na fronteira, vendo-se na obrigação os contrabandistas, de ter que negociar com os guardas a sua carga. Este ano foi o primeiro que não teve tal encenação. *Foi muito estranho*, disse Zé Pires, um migrante que costuma ajudar na organização e que sempre participa desse evento. No entanto, ele concluiu dizendo que este ano *a aldeia está tensa mesmo*¹⁶³.

A organização deste evento recai, como já dissemos, sobre a junta de freguesia e o Ecomuseu. Paulo Barroso era na época o presidente da junta. Ele passou um tempo considerável ao telefone durante a rota. Dizem que possivelmente estava negociando a encenação com Fernando, regente da casa dos Braganças e que costumava ser o guarda. A junta de freguesia pede a colaboração dos vizinhos, pois trata-se de um evento que chegam muitas pessoas de fora e grande parte do percurso transcorre na escuridão da noite. Por isso, não é desejável que alguma pessoa se perca no passeio. Este ano vários vizinhos foram consultados sobre a disponibilidade para acompanhar o grupo. Tô Zé, Zé Pires e Manuel Carneiro concordaram em acompanhar o grupo. Vale dizer que todos são migrantes, exceto, Manuel que foi criado até os 19 anos na aldeia. Os outros saíram da terra mais cedo, Zé com 9 anos e Tô Zé passou apenas uns anos na aldeia.

Mas a questão que sobressaiu desse evento foi a não encenação do encontro entre contrabandistas e guardas. Normalmente, como já dissemos, Fernando era o responsável pelo papel do guarda e *assaltar os contrabandistas*. Mas este ano, as relações entre Fernando e Paulo, segundo nos contaram, estavam realmente tensas.

Paulo estava no cargo de Presidente da Junta de Freguesia há 16 anos e Fernando, promotor interessado, sempre participava das atividades culturais ofertadas pela aldeia. Em entrevista que realizei este verão, com Fernando, me relatou que levava anos trabalhando para a aldeia, para promover atividades e festividades e que não sentia agradecido pelo povo de Tourém. De acordo com ele, foi o responsável, nos últimos oito anos, por trazer para Tourém a Rota do contrabando. Que era uma atividade pensada pelo Ecomuseu e que a ideia era realizá-la em Vilar de Perdizes, uma aldeia do concelho, mas, com outro tipo de contrabando.

¹⁶³ Zé estava se referindo ao contexto de eleição para a Junta de Freguesia, marcada para o mês de setembro de 2013.

Fernando relatou que a aldeia de Vilar de Perdizes representa valores de contrabando em grande escala, pois, eles tinham quadrilhas de burros adestrados que partiam desde a aldeia durante a noite carregados com sacos de café e uma vez no seu destino, o receptor da mercadoria os alimentava e eles voltavam de novo sozinhos. Segundo Fernando, foi graças a ele que a rota do contrabando, como evento, chegou a Tourém. Mas também comentou passagens de falta de vontade política por parte da junta atual em promover mais eventos e trabalhar mais. A questão, aparentemente, radica num problema político. Fernando como parte interessada na chegada de turistas na aldeia por conta da “Casa dos Braganças” é um dos comerciantes mais bem sucedidos da aldeia. Ele é uma pessoa que sempre anda bem vestida, com uma rede de relacionamentos que extrapolam o contexto local e que ultrapassa o município. Isso se dá em grande medida por conta das personalidades que frequentam o seu estabelecimento e também pelos relacionamentos que ele e sua família tiveram em Lisboa. Ele é a oposição política de Paulo, comerciante também e dono do estabelecimento comercial mais importante da aldeia. Como comerciante e presidente da junta de freguesia há 16 anos, ele mantém importantes contatos com as personalidades municipais e do Partido Socialista que governa em Montalegre faz 16 anos também.

Foi no ano de 2013, ano de eleição, que a harmonia desapareceu nas autárquicas e municípios, pois, Paulo não podia mais se candidatar à presidência da Junta, com isso, segundo as pessoas da aldeia, Fernando se mostrava com vontade de assumir uma candidatura. Mas, o primeiro embate que nos foi relatado por Fernando foi anterior às eleições.

Em janeiro de 2013 foi solicitado pelo parlamento português aos municípios uma proposta de reestruturação das juntas de freguesia. Todas as juntas com menos de 150 habitantes, no caso de Montalegre, teriam que se juntar com outras vizinhas e, dessa forma, centralizar serviços, a gestão e o restante das atividades que recaem sobre a Junta de Freguesia. Mas, Tourém não sofreu nenhuma alteração e mantém a sua própria Junta. Segundo Fernando, havia na câmara um projeto para fundir a junta de Tourém com a de Pitões das Júnias. Ele disse que foi graças a ele e seus contatos que essa fusão não aconteceu. Paulo, no entanto, tem outra leitura dessa situação e disse que as normas que a

Câmara de Montalegre propôs partiam de juntar freguesias que tivessem menos de 150 habitantes e como Tourém tem mais do que isso, nunca existiu cogitação alguma de que Tourém tivesse que se juntar com Pitões.

Voltemos às eleições. Havia rumores na aldeia que Fernando estava tentando elaborar uma lista com o partido da oposição, o Partido Social Democrata (PSD). Fernando, pelo menos em minha presença, nunca afirmou esse rumor, mas também nunca negou que ele participaria em uma candidatura política por Tourém de caráter independente, isto é, uma espécie de bloco popular, sem costura política concreta e que negociaria o seu apoio ou rechaço em função dos interesses de Tourém.

A questão que podemos observar é o efeito do *mexerico* (Polanah, 1989), da fofoca, funcionando na trama de relações na aldeia, pois, este ano o enfrentamento entre eles (Paulo e Fernando) foi aberta, reconhecida socialmente através da fofoca, nunca de forma velada e, tampouco, aberta ao público. Essa é a maneira como os conflitos se conformam na aldeia, através dos ditos e não-ditos por todos conhecidos.

Questões de ordem política aparte, o interessante é ver como a postura que Fernando mantém, tem repercussão dentro do grupo social dos migrantes, especialmente, dos que moram em Lisboa. Pois, ele morou grande parte de sua vida na cidade de Lisboa, compartilhando com eles, momentos de sua vida.

Independentemente das questões políticas, depois da rota de contrabando, estive no café dos Morgados bebendo umas cervejas e foi lá que vi Fernando. Naquela noite, ele demonstrou um certo ar de inquietação e necessidade de justificar sua ausência no evento. Passou grande parte da noite fora do café conversando com Zé e Elisa. Tanto um quanto a outra são migrantes e possuem um peso grande na vida social aldeã do mês de agosto. Sobretudo, Elisa que conjuntamente com seu marido Vitor são um dos pilares fundamentais para entendermos a agenda que Tourém tem no mês de agosto. *São tantas promoções que eles fazem em Lisboa sobre Tourém que é impossível não aproveitar a oportunidade de poder conhecer esta terra*, nos comentou Antônio Sala, famoso apresentador de rádio, televisão e cineasta. Zé é uma pessoa muito tranquila e é muito querido por todos na aldeia. Ele trabalha no tribunal de contas e sempre é requisitado para todas as atividades, escuta todo mundo e mantém a sua postura calma e serena em todo ato. Assim, foi como me

resumiu o encontro com Fernando, *a vida é assim mesmo (risos)*, em clara alusão aos encontros e desencontros que acontecem. Como em todo contexto social e em toda relação social os encontros e desencontros são elementos presentes, mas, é justamente no mês de agosto que esses desencontros são eventos de suma importância, pois, eles ganham uma repercussão maior. De alguma forma, os conflitos extravasam as fronteiras da comunidade, pois, alguns migrantes presentes na aldeia se posicionam criando situações, muitas vezes incômodas.

Fernando é também um dos promotores do São Lourenço, outra festividade que acontece no mês de agosto e que ocupa um lugar menor dentro do elenco de eventos do mês de agosto. Porém, este ano, a festa teve repercussão suficiente para entrar oficialmente no calendário de atividades ofertadas pela aldeia e que figurava nos cartazes. Outra mostra desses desencontros foi que este ano Paulo não fechou a sua loja para participar da festividade de São Lourenço. Com isto, queremos mostrar como o número de elementos que vão sendo adicionados à fórmula do conflito vai complexificando ainda mais a problematização do desencontro. A questão é que no mês de agosto esses enfrentamentos ganham outras dimensões, criando desconfortos temporariamente, que rapidamente se sobrepõe e cuja mediação das pessoas de fora é fundamental.

Resumindo, este ano não teve a reificação tradicional dos contrabandistas, sendo comentada essa ausência, pois a rota do contrabando é um evento em que as pessoas assistem, pelo menos às da aldeia quase que, exclusivamente, para ver a encenação em que contrabandistas e guardas discutem e arrumam uma forma de uns continuarem com a sua mercadoria e os outros tirarem um proveito.

Outra questão que podemos abordar através desse evento é o trabalho da memória (Pietrafesa de Godoi, 1999). Pois, vemos como com a repetição anual desse tipo de festividades cria uma reificação do que era aquele contrabando, silenciando os aspectos negativos e marginais dessa atividade e nuançando aspectos ritualizados. Percebemos nessas festividades um caminhar da história em direção ao mito (Pietrafesa de Godoi, 1999) pois, o que vai ficando na mente das pessoas é justamente essa reificação, idealizando o contrabando. Os relatos do contrabando são tão diferentes que temos que defender da mesma forma como propõe Valcuende del Rio (1999) e Cunha (2003) a

existência de diferentes histórias de contrabandos. Múltiplas formas de burlar a (re)pressão estatal e de tirar proveito de uma posição geográfica como a de Tourém. Múltiplas formas de vivenciar essa realidade histórica que hoje se tenta monopolizar e caricaturizar, quando em determinados eventos ela era a viva história da necessidade, da falta e do sofrimento que aquelas populações, incluindo os guardas, vivenciaram ao longo de anos em que o centralismo estatal tentava impor suas normas.

Até agora não citamos em momento algum os lavradores. É que além de Jaime que é lavrador e trabalhador florestal, não foi contabilizado nenhum outro no passeio. Os lavradores naquele horário estavam trabalhando, acredito, que pelo horário estivessem arrumando as vacas que estavam paridas e que passaram o dia em algum lameiro comendo o *outono*¹⁶⁴. Já à noite, no outeiro, após a rota, apareceram os mais jovens, com menos de trinta anos, Nuno, João e Fábio, que estavam querendo saber qual seria o plano para a noite. Desses três, apenas Fábio é o chefe da casa, os outros dois ajudam seus pais. Nuno têm 17 vacas e os pais de João têm 4.

A Corrida Internacional de Atletismo é outra atividade pensada para os de fora. Ela acontece desde o ano de 2010. Trata de atrair pessoas de fora, tanto através da competição e dos prêmios, como através das atuações artísticas que acontecem após o ato esportivo. É uma atividade que revaloriza a *terra*¹⁶⁵, dizem os organizadores. A corrida é um evento organizado pela Junta de Freguesia, o Ecomuseu do Barroso e mais o casal Elisa e Vitor, principalmente. Vitor é gerente de um restaurante muito bem conceituado em Lisboa, é um grande conhecedor de eventos e personalidades. Ele se vale desse seu papel profissional para cada ano atrair à terra de sua esposa artistas e atuações de grande repercussão local e nacional. Ele diz que se sente como *parte dessa terra*.

O fato de trazer cantantes famosos à aldeia, vincular de alguma forma a aldeia com essas personalidades, isto é, de espetacularizar a aldeia em si, faz com que as *pessoas da terra* participem e apoiem o evento. *Quando se pensou que Antônio Sala estivesse algum*

¹⁶⁴ Chamam de outono o broto da erva.

¹⁶⁵ Aqui vemos a terra sendo usada num sentido que ainda não tínhamos explicado e que se pode assemelhar à terra como uma marca. Próxima do merchandising a terra como marca é um lugar, que contém uma importante carga moral e que garante uma série de atrativos, é pois num sentido patrimonial que entendemos a terra como marca. Essa será parte de nosso esforço analítico do projeto de pesquisa para o doutorado.

dia em Tourém? Se perguntavam alguns dos mais velhos da aldeia. No ano de 2012 o protagonismo principal foi para o cantor chamado Toy. Os mesmos questionamentos eram promulgados acerca de que nunca uma aldeia como Tourém poderia nem sonhar que tamanha personalidade passasse por lá. Nesse aspecto todo mundo reconhece o árduo labor e o grande trabalho desenvolvido por Elisa e Vitor.

A corrida é uma ideia que nasceu porque Nuno Alves é um atleta com reconhecimento nacional e internacional e ele é um filho da terra. Então, eles pensaram em promover uma atividade esportiva no verão e aí foi que a figura de Nuno emergiu de forma central. Ele soube da iniciativa, se colocou à disposição dos organizadores e apadrinhou o evento. Além dele, Aurora Cunha, também atleta portuguesa de atletismo com uma carreira consolidada, é a madrinha do evento. *É uma corrida internacional, pois, sai da Espanha e chega em Portugal (...) a única corrida internacional de Portugal*, disse Vitor Castro no ano passado durante o lançamento da corrida. Assim há diferentes categorias, prêmios e para os mais velhos existe a possibilidade de fazer um percurso menor caminhando. Este ano de 2013 eu participei da caminhada juntamente com os mais velhos.

As pessoas da aldeia tem uma participação importante em todas as categorias, mas, a categoria *sênior* que aglutina atletas profissionais e semiprofissionais, é altamente disputada. No ano 2012 foi Nuno o vencedor. A questão é que desde que se implementou a corrida, a cada ano Tourém vêm aumentando o número de participantes, de artistas convidados e o espetáculo vira a aldeia em si. Cada ano o tamanho do cenário de atuações é maior o que marca diretamente a importância do evento, o palco montado este ano só permitia que os carros passassem por uma via lateral. Veio um grupo de música tradicional do Minho, chamado *Rancho*. Além desse, o evento contou com as atuações de uma cantante de fado chamada Alexandra e, também, José Reza. O mestre de cerimônias foi Antônio Sala, radiolocutor, artista e apresentador de TV com uma longa carreira em diferentes emissoras nacionais. O fim de festa foi *Simão and friends*, que como já dissemos, é um grupo de *filhos da terra*, que tocam a concertina. Em 2013 Simão, que é professor e músico conceituado de concertina, passou de novo na aldeia parte de suas férias e fez outra apresentação com os moços e moças da aldeia que estão aprendendo a tocar a concertina. Para preparar a logística de um evento de tais dimensões numa aldeia como

Tourém o Ecomuseu e o seu grupo de colaboradores chegam dias antes, penduram as luzes, trazem os dispensadores de bebidas, equipes de som, as barreiras para o controle de carros e de pessoas, anunciam com carros de som pelas ruas e preparam a aldeia para o evento. Contabilizei neste ano, cerca de 15 pessoas que três dias antes estiveram envolvidas diretamente com o apoio para essas atividades e sendo a grande maioria migrantes. As pessoas que ajudam no dia da corrida portavam, no ano passado, uns jalecos verdes com a palavra *staff* serigrafada nas costas. Diante aparecia o patrocinador, Cafés Delta. Observamos também que Vitor conseguiu mobilizar uma companhia multinacional de marca de cafés para patrocinar não apenas os jalecos, como também, uma camiseta a cada participante e foi a responsável pelos cartazes e divulgação.

Fernando disponibilizou seu micro-ônibus, para transportar as pessoas no dia da corrida até Randin. Havia fiscais da corrida controlando o percurso inteiro para que os corredores não errassem o caminho, também pessoas entregando água, enfim, todas as características e logística que uma corrida de atletismo profissional possui.

Além disso, nesse dia tiveram que receber e atender os músicos. Em função disso, Maria do Quim se dispôs a fazer uma feijoada para o dia da corrida. Foram muitos quilos de carne que ela começou a cozinhar já no dia anterior. No pátio dos juliões, Zé Raimundo dispôs do necessário para assar uma grande quantidade de carne também para o momento em que os músicos chegassem. Pois, cabe ressaltar que as negociações são feitas por Vitor e ele consegue aglutinar e mobilizar todas essas pessoas. O recebimento e reconhecimento por parte da aldeia são grandiosos. Enfim, percebemos como o evento mobiliza pessoas que se atribuem diferentes atividades e que de alguma forma se comprometem. Isso mostra como a população local se envolve naquela atividade, como eles entendem que é um evento importante e que a promoção da terra é hoje um dos pilares do futuro econômico que estas aldeias preveem. Após finalizada a corrida, começam a preparar a comida e servir as bebidas. Foi nesse momento que tirei esta fotografia:



Fotografia 21: Mazias passando com seu trator pelo largo do outeiro no dia da Corrida Internacional

Queremos chamar atenção para essa imagem, Mazias passando com seu trator carregado de couves, em meio à multidão no largo do outeiro, durante a festividade. Pude perceber dias antes deste evento que os migrantes leem essa ação como positiva e a valorizam como uma ligação a uma prática que eles tiveram no passado, mas que agora não fazem mais, portanto, acham importante que ela permaneça, pois, é isso que os fazem voltar para a terra. Como ia dizendo, dias antes, Vitor e Elisa colocavam elementos como essa prática como característicos daquela terra, da originalidade. Eles nuançavam conjuntamente com um casal de amigos espanhóis, *as vacas, as suas cagadas na rua, as galinhas e as roupas penduradas na rua* como elementos que em outros contextos não podem ser mais vistos.

Com o cair da noite, as atuações continuam e ao finalizar a noite é Pereira quem comanda o evento. Neste ano de 2013, ele sofreu um acidente que manteve em silêncio para a grande maioria da população de Tourém. Só o vi no dia seguinte com o braço engessado. Durante a correria, nos preparativos do evento, ele caiu ao descer as escadas da

loja do Paulo. Fizeram chegar a ambulância sem as luzes e som e seu filho ficou com seu computador e a mesa de som comandando a noite de Tourém até altas horas da madrugada.

1.4 A feira do ano

A *feira do ano ou feira do prêmio*, como mostramos no capítulo anterior, é um evento importante para os lavradores, sendo de suma importância para a renovação de seus laços afetivos. É conhecida como feira do ano, pois acontece no mês de agosto em que os migrantes estão nas aldeias e também devido a quantidade de pessoas que congrega. A feira do prêmio era realizada no mês de julho, como já mencionamos no capítulo anterior, mas a data foi trocada para agosto pois, como estamos vendo ao longo deste capítulo, é um momento importante na vida social do município.

Sendo assim, nesse dia, a presença dos lavradores na vila se faz quase que obrigatória. Os migrantes também consideram esse dia uma festividade e cada um marca sua presença de forma como considera mais oportuna. Tem os que preferem ir na hora do almoço para comer o polvo, há os que têm que levar as mulheres de manhã cedo à feira. Nestes últimos anos, houve um grupo de pessoas que iam à feira do prêmio com os carros performatizados, cheios de cartazes das festas de Tourém. Um deles levava uma equipe de som e pelo alto-falante anunciavam a corrida internacional e a festa do encontro. Dentro desse grupo de pessoas estavam os migrantes, alguns lavradores¹⁶⁶ e alguns aposentados. Pessoas próximas tanto de Elisa e seu marido, quanto de Paulo.

Vimos como através do casal Vitor e Elisa havia na mesma atividade pessoas envolvidas que na vida cotidiana da aldeia não têm relação com a aldeia¹⁶⁷. Mas o casal consegue de alguma forma separar o que são as rixas do cotidiano, chamando à unidade através da questão de *pertença a terra*.

¹⁶⁶ Especificamente Zé Carlos, um jovem lavrador que namora a filha de Elisa e Vitor. Com isso, ele tem que garantir a sua presença nessa passeata de carros, pois, é uma forma de ajudar a sua “sogra”, uma das organizadora do evento.

¹⁶⁷ João de Pina Cabral mostra em um artigo (1991) como ele mesmo foi usado como objeto de promoção por parte de uma pessoa da comunidade. A casa na que Pina Cabral ficou albergado foi objeto de reflexão por parte do autor em esse artigo, em que analisou as implicações dentro da organização social que teve para o dono da casa, albergar o Professor.

A feira, ainda sendo um espaço exterior à aldeia, é um evento que ganha diferentes conotações para as diferentes pessoas. Se os lavradores vão preferencialmente ver o gado e seus colegas, os migrantes, nas palavras de Manuel Carneiro: *comprar, ver o gado, comer alguma coisa e quem sabe ir na chega*. O importante deste lugar e deste evento é que congrega de certa forma todas as pessoas da aldeia e, até dizer, do município, pois, é uma data especial, marcada no calendário social local e que ultrapassa os diferentes grupos sociais. Dizemos que marcada no calendário social da aldeia porque ela se mantém numa data concreta, na segunda quinta-feira do mês de agosto. Cada pessoa procura as suas justificativas para ir esse dia em Montalegre. As pessoas da aldeia, por conta da dificuldade de mobilidade, deixam para este tipo de evento, a oportunidade de fazer as compras e outros afazeres como o dentista, o cabeleireiro ou ir na farmácia.

Já no caso dos migrantes é mais um evento de de lazer, vão à feira, encontram os seus vizinhos num espaço exterior, realizando também outras atividades. Devido à aglomeração de pessoas, contam que sempre encontram amigos da escola, que fizeram a tropa juntos ou inclusive que estão emigrados na mesma cidade, enfim, existem diferentes motivações para marcar presença a um evento que é referência social importante na vida local e que vem sendo de longa data.

2. As Festividades

2.1 São Lourenço

Quem tenha assistido a festa do São Lourenço e a do Encontro, em princípio, não entenderá, grosso modo, como é que decidimos juntá-las analiticamente, pois, a concepção delas é diametralmente oposta.

A festa de São Lourenço é uma festa de santo, em que as pessoas vão até a capela de São Lourenço, que está localizada do outro lado da aldeia, na veiga. Ainda podemos dizer que ela está do lado do marco fronteiro. Uma vez ali, reunidos, o padre realiza a missa e sai em procissão do São Lourenço. O santo é carregado ao ombro pelas pessoas de Tourém, mas em lugar de fazer um percurso até um ponto marcado com uma cruz, *um cruzeiro*,

como acontece na maioria das festas, esta não. Entre as paredes da capela e o muro que delimita o território da igreja do baldio há um corredor de grama que rodeia o templo, é nesse corredor que acontece a procissão. A procissão consiste em dar sete voltas com o santo em sentido anti-horário para quem está olhando a porta da igreja. É de tal forma periférica a localização da capela do São Lourenço que uma das esquinas do muro da capela está encostada num dos marcos fronteiros.

Uma vez finalizada a procissão, os músicos e os vizinhos que chegaram até lá descem aproximadamente 500 metros caminhando até a *carvalheira das bailas*¹⁶⁸ onde acontece o *convívio* próprio da festa entre as famílias que decidiram participar. Do *convívio* participam diferentes grupos de música, há programados jogos e exibições várias, o Pereira e seu órgão¹⁶⁹ e várias atividades. As famílias saíram de manhã de suas casas com os reboques dos seus tratores, ou os carrinhos carregadas de mesas e as deixaram na carvalheira esperando o fim da missa. Depois da missa, os reboques viram mesas e lugar de exposição das múltiplas comidas elaboradas pelas mulheres no dia anterior ou no mesmo dia de manhã cedo. Cada família se junta à volta de uma mesa e lá permanecem comendo e convivendo com as famílias que se encontram ao seus arredores, digamos que 5 metros é o espaço mínimo de separação entre uma e outra família. Já de noite as famílias recolhem os tratores e voltam em procissão para a aldeia onde normalmente a festa continua no largo do outeiro.

Quando falamos aqui de família, estamos evocando aquele sentido de casa ampliada que trabalhamos no final do segundo capítulo. Casa num sentido diferente, reconfigurado, devido as mudanças e transformações sociais acontecidas desde os anos 1970. mas a casa ainda mantém o sentido de lugar na aldeia, de pertença, de relações sociais ativadas através da linguagem do parentesco e que garante uma base social importante na terra. Não é mais aquela casa camponesa que víamos retratada pela obra de Bourdieu ou de Pina Cabral, que tentava garantir a sua permanência no tempo sem a perda de patrimônio, status. Aquela casa tinha definida uma estratégia de permanência e manutenção ao longo do tempo, o

¹⁶⁸ Carvalheira localizada na veiga e que conta com uma área preparada para fazer comidas ao ar livre. Os sapadores florestais dias antes da festividade vão limpar o recinto onde as famílias passarão o dia inteiro.

¹⁶⁹ Pereira é um vizinho da aldeia que toca o órgão e que na maioria das festividades do verão faz uma apresentação de seu repertório.

patrimônio que estava além das pessoas. A casa atual é uma casa diferente que guarda aspectos daquela essência, se é que podemos dizer assim. Pois, continua sendo importante a presença e pertença a uma casa, assim como se mantêm um certo status social em função de a que casa se pertence. Claro que o status também foi renovado com as trajetórias de vida das pessoas que hoje as ocupam. A casa é um ponto de acesso a todas as relações sociais, ao passado das pessoas e essa instituição, opera tanto para as pessoas que de fato são da terra, como as que vêm visitar a terra. É em parte a terra (aqui englobando também as pessoas que moram fora do espaço social da aldeia mas que formam parte desse tecido social da casa) que atua como guardião dessa essência. Colocávamos no final do capítulo 2 a noção de casa familiar e essa é a noção que nós estamos referindo de forma explícita. Mas temos que responder a uma pergunta; que sentido de família está sendo evocado?. Família em que sentido?

Essa família está composta por *parentes*. Como apontava Pietrafesa de Godoi para a condição social de compadre no Piauí, é por meio da presença, permanência e compromissos honrados que se ganha essa categoria social. Ou seja, acontece quase que um processo de afinização do estranho para virar parente, que implica na partilha das relações de solidariedade fundamentais. A autora também destaca três elementos fundamentais para entender, raiz daquele grupo, a saber: primeiramente a história fundamental (a fundação do povoado e a origem da *grande família*); depois, o paradigma (todos são parentes, posto que reportam a origem, a um ancestral comum); e finalmente, depara-se com a repetição ritual (reativação da ideologia de parentesco através do rito *Passar-a-compadre*) (1999:122). Aqui acontece de forma semelhante quase ritual, através da prática.

Quem chama normalmente para uma festa desse tipo à sua família, é um casal residente na aldeia. Eles são os que se encarregam de levar o trator ou as mesas, reservar o lugar deles e chamar ao restante das pessoas que naquele dia conformarão à família. Família num sentido *latto*, pois nela entram todas as pessoas que estão fora o ano todo, como se fosse um ritual de renovação dos laços parentais. Assim, por exemplo, no ano de 2012, assisti a festa de São Lourenço, mas fui convidado a almoçar na casa de Sérgio, pois, ele ia trabalhar de manhã e não tinha tempo de levar o reboque e organizar a comilança lá.

Por isso, esse dia ele preferiu comer em sua casa. Tinha de convidados, o Fidalgo e Maria, sua esposa, que sem serem parentes, eles decidiram convida-los para que não almoçassem sozinhos num dia de festa. Fidalgo e sua esposa têm ao Sérgio uma grande admiração, pois, além de serem vizinhos, *sem sermos de fato parentes*, dizia o Fidalgo, *ele nos trata melhor do que os nossos parentes, é como parte da minha família*. É a atenção mostrada e a preocupação, além do convite nesse tipo de festividades que marcam a *consideração*, não é parente, mas, o considero como tal. Este ano, Sérgio, tampouco participou do São Lourenço, e Fidalgo e Maria foram almoçar, de novo, na casa de Sérgio.

Depois da missa quando estava indo de volta para a aldeia, Teresa me convidou para comer em sua mesa. Os convidados dela eram Antônio Portelada e sua esposa, residentes em Grenoble e primos do seu marido. Antônio¹⁷⁰ tem, na atualidade, apenas primos na aldeia. Antônio Tecelão e sua esposa Adriana também estavam à mesa. Eles moram em São Paulo e Antônio é um dos irmãos de Teresa. Zé Raimundo e sua esposa também sentaram à mesa conosco. Ele, Zé da Arminda e Antônio Portelada são primos. Vemos aqui como através desse ato festivo resultam ativas questões que vimos discutindo ao longo de toda esta dissertação, como a casa-familiar, agregadora que se articula através de um casal que mora na aldeia. É Teresa e mais Zé da Arminda, os que sustentam aquela noção de casa familiar, que falávamos no capítulo primeiro, a família ampliada, o lugar na aldeia das famílias que estão fora. Eles como moradores da aldeia são os que através de sua condição de vizinho dão entrada e chamam, portanto, para sua mesa o restante dos *parentes*.

A relação com Zé Raimundo foi forjada através de trocas e reciprocidades que vem desde a década de 1970 e que operam em ambos os sentidos. Zé Raimundo e seu irmão Zé,

¹⁷⁰ No ano 2013, dias antes do seu aniversário e devido a uns problemas de saúde que já superou, os filhos e a esposa de Antônio lhe perguntaram o que é que lhe podiam dar de presente para que se animasse um pouco. Ele disse que queria ir a Portugal, a *sua terra*, passar o seu aniversário com os seus primos. Como os filhos e a esposa trabalham não quiseram deixar ir seu pai pra Portugal, pois eles também queriam comemorar junto com ele. O que fizeram então? Ligaram para Teresa e lhe perguntaram qual seria a disponibilidade de ela e seu esposo Zé irem passar o aniversário de Antônio com ele lá. Teresa disse que ia conversar com as filhas, pois o gado, as hortas e a casa têm que ser cuidadas. Depois de a filha de Teresa que está casada em Randin, assumir cuidar dos animais, voltaram a ligar pra França e aceitaram o convite. Os filhos de Antônio compraram a passagem para Zé e sua esposa, Zé Raimundo e sua esposa e mais o irmão deste também de nome Zé, mas mais conhecido como Pataniscas e sua esposa.

foram sócios a vida inteira, primeiro na França, depois em São Paulo e agora, por último em Lisboa. Zé da Arminda, como primo, passou a formar parte daquela rede de parentes, pois, os irmãos o chamaram para ir para a França, *para o pé deles*, na década de 1970. Logo, quando Zé foi para São Paulo, Zé Raimundo ficou com o açougue que eles tinham na França e vendo que em São Paulo se podia ganhar dinheiro, Zé Raimundo foi atrás do seu irmão. Um ano depois outra vez chamavam os irmãos a seu primo Zé da Arminda *para o pé deles*. A viagem de retorno de São Paulo para Lisboa, desta vez, foi facilitada por Zé da Arminda, pois, ele decidiu voltar antes por conta de uma série de assaltos sofridos na capital paulista. Hoje continua sendo Zé da Arminda o nó de acesso à Tourém. Ainda que Zé Raimundo e mais Zé tenham se aposentado e estejam morando na aldeia desde o verão 2013, o nó é Zé da Arminda dentro dessa rede de parentes. É ele quem leva mais tempo morando na aldeia e o que antes conseguiu retomar sua condição de morador a todos os efeitos. Foi também através de Zé da Arminda que tive acesso a Zé Raimundo e seu irmão.

Uma outra função que a casa-familiar garante para os migrantes é toda uma série de elementos próprios daquela casa-camponesa que abandonaram na década de 1960, materializada também através de comida e bebida. Ao longo dos verões que passei na aldeia, vi várias vezes passar a Teresa com sacolas de plástico na mão em direção ao seu palheiro que fica do lado da casa do povo. Numa dessas viagens, ela me chamou para acompanhá-la. Soube naquele instante que Antônio Portelada e sua esposa tinham acabado de chegar à aldeia e ela ia lá ver se estava *tudo certo*. É Teresa quem *toma conta* da casa deles em sua ausência. Quando faz calor, ela vai lá e abre as janelas e também encomenda para Fátima, filha de Teresa do Adriano, a limpeza da casa de Antônio, antes que eles cheguem para que encontrem a casa *limpinha*. Uma vez dentro do palheiro, ela encheu três sacolas de batatas. No meio daquela conversa Teresa me explicou, onde fica uma horta que ela tem e que lá tinha couve, alface e tomates e que eu podia ir lá pegar¹⁷¹, depois de me

¹⁷¹ Neste último período de trabalho de campo aluguei uma casa que era propriedade da filha de Teresa e de Tivo, seu esposo galego de Randin. Também devido a isso é que entendi o motivo pelo qual ela me as batatas e os produtos de sua horta. Por outro lado Teresa, Sandra, Mariazinha, Maria do Jaime, e outros muitos habitantes de Tourém sempre se preocuparam de saber se tinha de comer em casa, *tens batatas e couves?* Inclusive, chegaram a me oferecer um trator de lenha no inverno. Especificamente foram Sérgio e mais o Gestas que se ofereceram para ir comigo à lenha. Jaime sempre deixava lenha á porta da minha casa, no período em que eu aluguei a casa dele. A eles o mais sincero muito obrigado.

entregar também uma sacola de batatas. A continuação, fomos em direção à casa de Antônio e chegando lá ela me pediu para não entrar, que tinha estado doente este ano e não sabiam o estado de saúde dele e que logo chegaria também o Zé da Arminda. Soube depois que Teresa esteve lá perto de uma hora em que os primos se reencontraram, conversaram e como não podia ser doutra forma, Teresa deixou as batatas e os convidou para jantar *lá em casa*. No jantar lhes foram oferecidas chouriças, que *Antônio gosta muito*, disse Teresa no dia seguinte e assou um frango *caipira como dizem no Brasil*, remarcou Zé da Arminda. A questão que então vi aclarada de alguma forma era como aquela família se articulava ao redor de uma casa da aldeia, de Teresa e mais Zé, daquele nó. Uma casa que não representava uma estrutura física concreta, mas que implicava numa série de relações sociais e parentelares que garantem um lugar na aldeia para as pessoas que estão ausentes. São, Teresa e Zé, os primos de Antônio que hoje zelam do lugar deles na terra, eles garantem que a sua chegada encontrem tudo o que sempre tiveram na aldeia. É essa base social que volta de novo acolchoar, suavizar e mitigar o impacto social que implica a emigração e os largos períodos fora. *Parece que nunca tivessem saído da aldeia*, nos comentava Antônio no ano de 2012. Já não tem seus pais, mas, seus primos são os que seguram aquele lugar geográfica e socialmente referenciado. A sua casa está garantida, aquela é a sua terra, entendendo a terra como a mostrávamos no capítulo segundo, como a somatória das relações sociais do lugar que garantem o seu espaço social, o seu lugar, assim como comida, bebida e diversão, no tempo das férias.

Como vimos defendendo ao longo de nossa dissertação, as atividades dos agricultores estão concentradas ao longo do verão e o mês de agosto concentra o *tempo do centeio*. Se é que as pessoas acabaram o feno, pois, como dissemos umas páginas atrás neste mês de agosto, Sérgio ainda estava *metendo feno* ao mesmo tempo estava já com o centeio.

A quantidade de agricultores que congrega a festividade do São Lourenço é muito menor em relação a que congrega a *feira do encontro*. Alguns dizem que é porque *a festa do encontro é diferente das demais*, outros porque *não podemos andar todo o dia de*

*festa*¹⁷². Outros dizem que na festa do encontro, encontram aos seus vizinhos e amigos de Randin e *convivimos todos juntos e é mais bonito* etc. Fato é que a presença de pessoas à festa do encontro é muito maior que na de São Lourenço. Por uma lógica numérica que se pode aplicar de forma direta na sua essência, a do encontro é organizada por duas aldeias e a outra é uma festa dos de Tourém.

2.2 A festa do encontro

A festa do encontro tem data certa desde o ano 2002 em que se celebrou por vez primeira, o terceiro sábado do mês de agosto. De Tourém sai o padroeiro da aldeia, São Pedro, o e, de Randin, São João. Ambos os santos vão carregados por 4 pessoas. Atrás do santo vai o padre proferindo algumas canções e orações e logo atrás dele, os vizinhos da aldeia em procissão. Uma vez na fronteira, os santos se encontram, se cumprimentam, se reverenciam e depois caminham juntos em direção à *cambeira*, em uma *carvalheira* que há na fronteira. Uma vez na cambeira, há uma missa solene proferida em galego e em português e, posteriormente, as pessoas dançam, antes de almoçar, algumas músicas tocadas por uma banda contratada. Ao redor da carvalheira há diferentes postos de comida, bares e *stands* montados para o evento em que são vendidos *souvenirs* da festa do encontro. A configuração de mesas é a mesma que na festa de São Lourenço, cada família tem sua parcela reservada. A reserva se efetua uns dias antes com o estacionamento de um reboque de trator ou também, delimitando-a com uma cerca de madeira e corda. Entre uma família e outra há uma distância de 5 metros, aproximadamente. As famílias têm uma localização que perdura por anos. Dessa forma, com o passar dos anos, o tempo desses lugares vai ganhando significação e conformando um marcador espacial dentro da tradição familiar. Cada família leva a sua comida pronta de casa, mas, também teve famílias que fizeram um

¹⁷² Assim como Tourém congrega grande quantidade de festas no mês de agosto, Pitões das Júnias, por exemplo, não é diferente. Eles celebram o dia de Nossa Senhora nos dias 15 e 16 de agosto. No último sábado de julho acontece a festa do encontro com as aldeias galegas de Guntumil e Requiás. Por sua vez, estas duas aldeias também celebram uma outra festividade em agosto. O Município de Calvos de Randin também está em festas ao longo de um final de semana completo, desde sexta feira até a noite de segunda pra terça. Randin também tem uma festa a finais do mês de julho. Assim poderíamos continuar enumerando festividades que influem na vida local, pois, a presença de parentes e amigos nessas aldeias implicam, quase, que na obrigatoriedade de presença a um jantar ou almoço, isso, se não for em ambos, além de participar da festa à noite.

churrasco lá mesmo. Sempre há comida pronta, preparada pelas mulheres da casa, como, no caso de São Lourenço. Fui convidado a participar no ano de 2012 com a família de Venâncio. As mulheres da sua família, ou ainda, as mulheres da casa, foram as que se preocuparam em cortar as empanadas, tortilhas, abrir os vasilhames de comida, colocar os pratos, providenciar copos, colocar em cima do reboque os garrafões de vinho e demais bebidas. O vinho é, normalmente, função masculina. Na família de Venâncio teve também churrasco. Além do churrasco entra no menu *empanadas* que normalmente são encomendadas aos padeiros que vêm pela aldeia com alguns dias de antecedência. Ainda entra no menu para acompanhar pratos frango frito, queijo, presunto, chouriça, pão e algumas saladas.

Da mesma forma como descrevi a festa de São Lourenço, na do encontro também há várias atividades programadas durante à tarde. No entanto, destaco uma prática que acontece depois do almoço, parece um sistema de práticas consuetudinário, depois de almoçarem e tomar café, as pessoas começam a circular pelas diferentes mesas das outras famílias, dos seus vizinhos. Claro, se visitam as famílias com as que se mantêm relações sociais e de cordialidade. Às pessoas que circulam é oferecido vinho e comida, depois sentam e conversam um tempo, perguntam de como foi o ano, a vida em geral. Há muitas pessoas que só vão para essa festa, como é o caso do Zé do Emílio, mostrado no capítulo segundo. Percebemos que essa festa tem uma função de renovação de laços e atualização da vida das pessoas. Os primeiros que chegaram em nossa mesa foram os dois padres, atrás deles, várias pessoas chegaram para cumprimentar Venâncio e sua família.

As famílias ficam no recinto até a noite, algumas merendam, outras jantam. Apenas os mais jovens estiram o evento noite adentro. Normalmente eles instalam suas barracas dias antes do evento e dormem ali, inclusive, no dia da festa.

2.2.1 Entrou na nossa terra! Vamos lá, mas logo voltamos, esperem aí! - A agricultura e as festividades

Eram quatro horas da tarde quando Venâncio, irmão de Sérgio, recebeu uma ligação. Era Adriano dizendo que a segadora do centeio estava entrando na terra deles. Rapidamente

ele falou com Sérgio, Miguel e mais o seu pai: *A máquina entrou na nossa terra! Vamos lá!* Para nós e os convidados, falou: *logo voltamos, esperem aí!* Os três saíram em direção à terra deles. Só retornaram duas horas mais tarde, depois de terem carregado o centeio até os seus armazéns. Atrás deles foram os do Vila, família que também tem gado e que tem umas propriedades vizinhas de Venâncio.

As pessoas estavam tranquilamente comemorando a festividade com seus vizinhos, parentes e amigos. Já, os agricultores estavam na festa, mas, sabendo que naquele dia a máquina de centeio iria entrar em suas terras. *A máquina não entende de festas*, nos disse Sérgio já de volta. É o tempo de malhar o centeio e, portanto, todas as atividades ficam à mercê da máquina que vai de uma terra para outra trabalhando o máximo de horas por dia. É no ritmo dela que as pessoas vão mobilizando nessa época.

De manhã cedo já estiveram no armazém arrumando os sacos de um metro cúbico e colocando-os dentro do reboque do trator, vendo o espaço onde iriam depositar esse centeio e dando de comer e de beber para as vacas que estavam paridas no armazém. Adiantando trabalho para poderem recolher o centeio o mais rápido possível e voltar para a festa. Às onze da manhã, eles já tinham trabalhado quatro ou cinco horas, tomado café da manhã e um petisco com um copo de vinho. Estavam, depois de um banho, prontos para irem à festa do encontro, sabedores de que a qualquer hora chegaria a ligação do Adriano.

No entanto, o tempo dos migrantes é outro. Alguns dos migrantes, às onze da manhã, estavam dormindo ainda. Pois, na noite anterior, tinha estendido no café da Manuela e do João. Ficaram até quatro horas da manhã bebendo cerveja e conversando com alguns dos seus vizinhos, parentes e achegados, que vêm, quase que exclusivamente, para a festa do encontro. O ritmo de chegada dos migrantes ao longo do mês de agosto vai crescendo conforme vai aproximando a data do encontro. E como já dissemos antes eles vêm de férias e *férias é férias*.

Os migrantes ficam até de madrugada bebendo cerveja no café. Há dias que os lavradores acordam e vão tomar café na Natália, o outro café da aldeia, *e ainda cheira a festa do dia anterior*, dizem. Sérgio um dia desceu à noite para tomar um café. Ele desceu a caminho do café e deixou escondido o seu sacho. Segundo ele, foi no café sondar as pessoas que estavam lá. Tinha acabado já o feno dos seus lameiros da aldeia e queria cortar

a água de noite para que rebrotasse quanto antes a erva, pois, tinha 03 vacas a ponto de parir e seria bom ter *outono*, comida fresca para elas. Ele foi sondar a quantidade de lavradores que tinha no café, assim depois de ver e perguntar quem tinha estado lá, saiu, recuperou seu sacho e foi tapar a água para o seu lameiro. Como eu estava no café, ele me disse *que ao melhor voltava lá*. Eram quase duas horas da madrugada quando ele voltou, bebeu mais uma cerveja e foi dormir. No dia seguinte ele estava totalmente ciente de quantas pessoas tinha havido e até que horas a gente tinha estado no café do João. Esse caso nos ilumina para refletir que há uma diferenciação nas atividades, tempos e espaços, e, nisso, pontos de encontro.

Pois, os lavradores também aparecem às festas, gostam de socializar e conversar com as pessoas que estão fora. Afinal, eles também possuem parentes que estão fora e a relação é muito mais fluída do que mostramos aqui. Mas fato é que existe uma diferença nas atividades realizadas, nos tempos e nos espaços usados pelas pessoas que ao longo do mês de agosto se encontram em Tourém.

Todas essas festividades têm com certeza a presença dos migrantes, tanto ao longo do dia quanto na festa que se organiza à noite. Eles passam o ano trabalhando na França, no caso de Manuel, e quando volta o que quer é *festa. Acordar sem horário certo, beber uns martinis antes de almoçar, comer bem e se calhar, dormir uma sesta*. Logo mais à tarde, umas seis horas, já bebem as primeiras cervejas e já se procuram entre eles. À noite acaba sempre com mais pessoas, pode ser numa festa vizinha ou na aldeia. Se há festa em alguma aldeia irão até lá e, se não, sempre fica o café do João. Nele, com certeza, há pessoas com quem trocar umas conversas e beber mais um pouco, afinal, *férias é férias*.

2.3 A festa de São Pedro acode¹⁷³ todo o mundo!

Como contraponto a estas festividades, temos a que acontece no dia 29 de junho, dia de São Pedro, patrono da aldeia. Queremos mostrar como essa festividade contradiz de alguma forma todas as que mostramos até o momento, em significado e na sua própria

¹⁷³ O verbo acodir na língua galega e utilizada em Tourém como palavras de *cá e de lá* significa aparecer, estar presente.

conformação. E o motivo é o seguinte: é uma festa no mês de junho, ainda não há migrantes e é a festa dos agricultores e dos seus cultivos.

À festa de São Pedro acode todo o mundo, me repetiam as pessoas de Tourém. Desde que comecei a fazer pesquisa na aldeia sempre me convidam para essa festividade, me dizem que as do mês de agosto estavam bem, mas, a do São Pedro, era melhor e mais bonita. Só fui entender o que eles realmente me falavam no ano 2013, ao estar presente na aldeia.

A aldeia realmente incorpora a festa. À missa aparecem as pessoas com suas melhores roupas e depois da missa sai a procissão acompanhada de uma banda de músicos contratada para o dia. A procissão sai em direção ao largo da cruz, desce até a rua direita e daí vai até o largo do outeiro, onde dá volta e regressa pela rua direita em direção à igreja e descansará até a festa do encontro. Mas, as surpresas saltaram pouco depois de sairmos na procissão. Na casa de Fidalgo que fica no limite da aldeia, Maria do Céu, sua esposa estava na varanda com uma cesta cheia de flores que lançava à passagem do santo. Na casa de Sérgio, vimos das janelas que dão à rua, lençóis brancos pendurados. Sua esposa Sandra, que estava na casa preparando a comida, lançava também desde o segundo andar da sua casa, flores à passagem do santo. Na continuação está a eira dos Vilas, nela estavam dois de seus tratores estacionados com a pá levantada de frente à rua, por onde estava também passando o santo. Assim fomos passando pelas ruas entre panos brancos pendurados das janelas das vivendas, flores lançadas pelas mulheres desde as janelas e tratores com as pás levantadas, como sinal de oferenda e devoção. Uma vez que entramos na rua direita, do lado da casa da antiga alfândega, há um muro pequeno de pedra, daí se conseguem ver as hortas e a parte baixa da aldeia. Naquele lugar, a comitiva parou, o santo foi colocado em direção às hortas e o padre fez uma oração. Nessa oração pedia para que os cultivos fossem bons, que as hortas, os lameiros e os frutos fossem de boa qualidade e quantidade para que tivessem um ano tranquilo. Após a oração, a procissão continuou, foram constantes as casas lançando flores e a maioria com seus panos brancos estendidos para a frente da rua. Disseram-me que é uma forma de oferenda que consiste em abrir a casa para o santo, recebe-lo com os panos brancos à entrada e esperar sua benção.

Depois do almoço o grupo que tocou ao longo da procissão percorreu de novo as

ruas de Tourém finalizando a sua atuação no largo do outeiro. Naquele lugar vi como a festividade de São Pedro é a festa que junta todos da aldeia. Os lavradores não deixam de fazer as suas atividades cotidianas e São Pedro marca o início da rega e, um dia antes ninguém corta feno. É oficialmente a entrada no verão, nos trabalhos duros e, portanto, é o último dia de descanso. Desse dia em diante enfrentam o ritual de cada verão com as ceifadas do feno, as malhadas do trigo e do centeio, colheita da batata e a silagem do milho. Atividades que os levarão num ritmo frenético, duro e continuo até o mês de setembro em que a aldeia, já vazia novamente, retomará seu tempo e cotidiano que predominam no resto do ano. À tarde do dia 29, várias pessoas se apresentam no largo do outeiro para ver e acompanhar a montagem do palco, onde atuará um grupo de música contratado especialmente para a noite. Sem tantas eloquências como nos acontecimentos do verão, esse aspecto reservado, íntimo e pessoal da aldeia e dos moradores dela, recorda muito a forma como se vive o restante do ano. No café, as pessoas se encontram para tomar café depois de ter almoçado com a família, é dia de reencontros, de conversar do que vem, de novas máquinas adquiridas, de como cresce o feno, o centeio e o milho. É, portanto, uma festa da aldeia dos onze meses, não da do mês de agosto.

Vimos como confluem na aldeia dinâmicas diferentes. São diferentes as dinâmicas em função de algumas atividades, mas, entre elas existem também pontos de contato e sutura. A aldeia e as festas representam por si eventos que são capazes de aglutinar as dinâmicas diferentes e dar-lhes sentido criando, portanto, uma dinâmica própria a do mês de agosto. Quando finaliza o mês de agosto os moradores falam com sentimentos encontrados o que lhes vêm pela frente. É o tempo de agosto muito mais frenético, acelerado. Mas é o momento dos reencontros, das conversas, das atualizações e renovações de laços que estão presentes na configuração social da terra e das terras de Tourém, entendidas aqui como o compêndio de terras em que há algum vizinho ou parente. É um mês tenso e intenso, em que o ritmo se acelera e com ele a intensidade da dinâmica social, os lavradores têm mais trabalho, os migrantes estão de férias e os aposentados reencontram

seus netos, sobrinhos, filhos, parentes e amigos. É um tempo especial. É por isso que decidimos abordar neste capítulo final o mês de agosto na terra, ou também o que poderia ser visto como (a)gosto da terra. Porque essa é outra das características que tentamos mostrar em nossa narrativa, que, apesar dos confrontos e dos problemas, é mês de gosto, de lazer e de fazer coisas que não se fazem o resto do ano para todos. Cada grupo social à sua forma, mas, é esse mês um palco privilegiado para observarmos diferentes situações sociais e analisarmos, portanto, configurações e dinâmicas que só nessa temporalidade se dão nesse espaço social disputado e central, *a terra*. Um mês de agosto que se vive de forma diferente pelos diferentes grupos sociais.

Optamos por aproximar de uma análise situacional, da mesma forma como afirma Gluckman, na tentativa de mostrar os diferentes elementos que compõem a dinâmica social da aldeia no mês de agosto. Continuando com as afirmações do antropólogo africanista, as relações sociais estabelecem os diferentes elementos e podem ser entendidas dentro de uma ordem normativa, “essas relações [entre zulus e europeus] podem ser estudadas como normais sociais” (2009:253). Além disso, justificamos a nossa descrição das diferentes festividades do mês de agosto e das participações dos diferentes grupos sociais, da mesma forma como faz Gluckman:

Portanto, uma situação social é, em algumas ocasiões, o comportamento de indivíduos como membros de uma comunidade, analisado e comparado com seu comportamento em outras ocasiões. Dessa forma, a análise revela o sistema de relações subjacentes entre a estrutura social da comunidade, as partes da estrutura social, o meio ambiente físico e a vida fisiológica dos membros da comunidade (2009:252).

A importância que o autor dá para a análise de mais de um comportamento a partir de diferentes momentos sociais, festividades e encontros é que nos levou a nos aproximar do exercício de descrever a visão, ação e significado de cada evento para cada categoria social acionada. Assim optamos também por trazer elementos de contraponto, com a festa dos lavradores.



Fotografia 22: Momento da ofrenda de São Pedro ás terras de Tourém



Fotografia 23: São Pedro passando por diante de uma casa depois de ter recebido as flores



Fotografia 24: Trator dos vilas com a pá em alto em simbolo de devoção



Fotografia 25: Participantes no torneio de sueca

Fotografia 26: São Pedro e San Xoan se encontran na fronteira no dia da festa do Encontro



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transformações territoriais

Com o jogo de palavras usos e desusos das terras de Tourém apresentamos uma comunicação no V Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia que aconteceu em setembro de 2013 em Vila-Real. Nessa comunicação procuramos entender através dos usos e desusos das terras, diferentes momentos sociais, políticos, históricos e econômicos. É certo que a questão apresentada para podermos dialogar com os participantes do Grupo de Trabalho: Territorialidade, propriedade e posse da terra¹⁷⁴, ganhou mais relevância do que podíamos prever naquele momento. Acreditamos que essa seja uma das leituras que permite esta dissertação. Com os usos e desusos das terras de Tourém propúnhamos uma leitura da territorialidade a partir da aldeia. A territorialidade entendida como o processo de construção dos espaços de vida das pessoas (Pietrafesa de Godoi, 1998) é uma entrada que os tourienses também fazem através do termo terra. A terra é um termo polissêmico e contextual. Essas variâncias vão desde referências sobre as terras pelas quais passaram ou passam alguém de Tourém, como para a própria aldeia ou também podem se referir à própria terra produtiva da aldeia. Através desse jogo de palavras entramos numa realidade fractal (Carneiro da Cunha, 1998) pois, tanto temos acesso às terras de Tourém (França, Suíça ou Brasil) como aos nabais, lameiros e baldios, também terras da aldeia.

Quando pensamos em tratar as transformações territoriais da aldeia, a componente processual se fez necessária, a construção social dos espaços de vida, de fato, nos obriga a pensarmos a territorialidade com uma profundidade temporal. Assim começamos esboçando os usos que faziam do termo terra os migrantes da aldeia para mostrarmos no segundo e terceiro capítulo os usos que os agricultores fazem de suas terras. Ao mesmo tempo em que evocamos os tempos da África, da guerra e do contrabando através das territorialidades, trabalhamos também os usos das terras produtivas da aldeia. Por esse

¹⁷⁴ Agradecemos a Ana Luísa Micaelo por ter aceitado nossa proposta, assim como os comentários de Susana Matos de Viegas acerca do meu texto.

motivo foi necessário relatar as técnicas dos agricultores, a disponibilidade de terras e os tempos em que trabalham cada tipo de terra. Com essas descrições tentamos aproximar os leitores aos tempos e espaços dos agricultores, as terras que eles usam em função do período do ano e da atividade realizada. Essa territorialidade camponesa foi revelada também no capítulo em que trabalhamos o gado, pois muitos dos trabalhos que os lavradores realizam têm como finalidade alimentar seus animais.

Já no último capítulo, nossa intenção foi lançar luz para as práticas no mês de agosto, tempo em que os moradores e os migrantes se encontram na aldeia. Ao evocarmos as atividades recreativas e festivas da aldeia tentamos mostrar como os grupos sociais têm dinâmicas diferentes ao longo do dia. Essas dinâmicas de cada grupo social implicam na concepção de territorialidades pontuais, pois, a prática é a que define o uso que se faz do espaço. Precisamos também esclarecer que é mais simples encontrar um lavrador numa festa do que um migrante numa terra, e é neste ponto que queríamos chegar com as transformações territoriais. Porque se relatamos em diferentes momentos como era que os migrantes das décadas de 1960 e 1970 tinham que voltar em todos os verões para trabalhar a terra, hoje os migrantes vêm de férias. *E férias é férias*, com disse Manuel.

A questão é que conseguimos através dos usos e desusos das terras mostrar como a prática social do espaço não só é diferente, como se transforma ao longo do tempo. Como as pessoas começavam a residir em Lisboa, França e Brasil, e esses locais se iam se convertendo na sua residência. Hoje de volta à aldeia, essas mesmas pessoas cultivam batatas, cenouras e alface para os seus parentes migrantes. É, portanto, esse vai e vem de usos que nos fez evocar as terras de Tourém, como uma categoria analítica que dá conta de trabalharmos territórios e territorialidades.

Transformações sociais

Pierre Bourdieu em “El Baile de los Solteros” nos mostra, se confiarmos no significado das palavras que aparecem no subtítulo da obra: “La crisis de la sociedad campesina en el Bearn”, as transformações sociais de uma sociedade camponesa. Como

mostramos em uma resenha que foi publicada na revista *temáticas* (Amoedo, 2013) a obra não é simplesmente a análise de uma sociedade camponesa em que as estratégias matrimoniais e os arranjos sociais sucumbiram às transformações sociais. É mais do que isso, a obra nos transporta para um processo analítico do autor, pois está formada por vários artigos que distam entre eles décadas (de *Celibato y Condición Campesina* de 1962 até *Prohibida la Reproducción* que é de 1989) revisitando os mesmos dados obtidos na década de 1960.

Consideramos essa obra instigante pelo desafio que nos impõe de irmos além do título e do subtítulo e decidimos procurar no seu interior os pontos de ruptura que existem no argumento do autor em que nos abre janelas para pensarmos de fato as transformações sociais. É no terceiro texto *Prohibida la Reproducción*, que Bourdieu nos entrega as ferramentas para trabalharmos as transformações. Aprofundando na violência simbólica que sofreu o campesinato na França, ele nos ilumina com uma frase que diz tudo: “Del mundo cerrado al universo infinito” (2004:221). Insere, portanto, nesse item do texto as condições mais globais nas que vive o campesinato dos finais da década de 1980, ainda define os agricultores como possuidores dos meios de produção, mas também fala de inversões, de créditos e de produtos e mercado. É esse o ponto que o autor usa para abordar o exercício do poder simbólico, a perda dos valores camponeses em favor dos citadinos. A mobilidade e a educação são dois elementos analisados também e estes participam desse exercício.

Numa nota de rodapé Bourdieu diz que: “*Los campesinos entran en los museos de artes y tradiciones populares, o en esas especies de reservas de paletos disecados que son los ecomuseos, em el momento em el que salen de la realidad de la acción*” (2004:237).

Encontramos nestas breves linhas argumentos que nós tentamos colocar em questão com nossa dissertação. Está claro que o contexto rural atual nada tem a ver com o que Bourdieu estudou na década de 1960, ou os de Bordalo Lema, Fontes e Viegas Guerrero encontraram em Tourém e suas redondezas. Está claro que hoje a revolução simbólica que Bourdieu faz menção é de fato um elemento que podemos observar na aldeia de forma corrente através dos usos de produtos químicos no milho, por exemplo, das diferentes linhas de crédito que os lavradores conhecem. Já falamos que há pessoas que dizem que os

lavradores trocaram *o sacho pela caneta*, certamente essa expressão resumiria parte do argumento de Bourdieu dando uma dimensão local à questão da sua obra.

Não podemos negar que em Tourém existem hoje menos pessoas que na década de 1960, que a pirâmide populacional está invertida, que haja menos gado que quarenta anos atrás, mais facilidades para trabalhar a terra, mais facilidades para se locomover, mais ajudas, enfim, um contexto diferente. Mas, nem tudo são perdas, também há continuidades. Se quisermos observar o gado, este continua lá, não são mais as mesmas espécies de vacas, nem de milho, até há centeio de três meses. Mas há vacas, cachorros e milho, e esse é o ponto. Acreditamos que o mundo rural hoje na Europa seja um universo preparado para o consumo, um patrimônio de projeção para fora (Godinho,2003), mas vivo.

É nessa perspectiva que trabalhamos as transformações sociais. A mudança foi um elemento que apareceu de forma recorrente nas narrativas dos mais velhos. Expressões como, *como o mundo mudou, já não é mais o mesmo, este é um universo infinito*, como diz Bourdieu. Mas a aldeia, a terra, a casa e a família de alguma forma ainda estão presentes naquela configuração social. De modo que podemos pensar essas configurações na dupla chave transformações/continuidades.

Antes de começarmos o mestrado, no ano 2011, passamos um dia pra conhecer a aldeia de Tourém e como não podia ser de outra forma estava aberto o ecomuseu na aldeia e entramos. No interior encontrava-se uma família do Porto, pai, mãe filho e filha ainda crianças. Quando saímos, fiquei observando a barragem e as propriedades cultivadas e nesse meio tempo a família saiu do ecomuseu e se enfiou pelo caminho do largo do outeiro. As crianças comentavam em voz alta a maravilha que tinha sido a visita e a possibilidade de ver como trabalhavam antes os velhos, as ferramentas e as vestimentas. Sem reparar, tinham passado por diante de uma mulher que estava sentada à sombra de uma noqueira. Ela teria, aproximadamente, oitenta anos, sentada numa pedra, vestida de rigoroso luto, viu como a família da cidade tinha passado por diante dela. Quando chegamos perto da mulher, ela estava falando sozinha e as palavras que ela disse foram: *Olha aí! Como a gente vive, como a gente vivia...tenho certeza de que nunca perguntaram para seus avós como eles viviam...ou acham que todo mundo do Porto é de lá?*. Num claro tom de indignação, aquela

mulher estava querendo expressar a falta de sensibilidade daquelas pessoas. O museu está para ser visto pelas pessoas que vêm de fora, mas na aldeia moram pessoas que testemunharam essa vida. Hoje o campesinato é um elemento como diz Bourdieu, colocado dentro de um ecomuseu, é, mas também, está vivo. As pessoas que continuam com a agricultura mantêm práticas e conhecimentos dos mais velhos. *A técnica atual, os veterinários e engenheiros sabem muita coisa*, diz Venâncio, *mas eu também*. É justamente esse exercício que tentamos realizar, como é que as pessoas hoje se relacionam com a aldeia, com a sua terra, com os seus parentes. Ainda que só tenham primos na aldeia, eles voltam de férias todo o ano. O primo que mora na aldeia cria galinhas e ovelhas para ofertar aos seus parentes com a maior felicidade. No verão é o tempo das festas, no inverno moram apenas os que ficam o ano todo. Entre mortes e mortes, a vida continua e com ela as transformações também continuam. Outras máquinas, outros tempos e outros conhecimentos. Mas as mesmas terras e a mesma aldeia, de um mundo fechado para um universo infinito.

BIBLIOGRAFIA

- AGIER, M. Lugares e redes – As mediações da cultura urbana. NIEMEYER, A.M; GODOI, E.P. *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas : Mercado das letras, 1998.
- AMOEDO, D. Resenha: El Baile de los Solteros – La crisis de la sociedad campesina en el Bearne. Pierre Bourdieu. *Temáticas*, Campinas, IFCH - UNICAMP, ano 21, número 41, 2013.
- ARAUJO, D. *O Regadio do Ribeiro*. Projeto de investigação para intervenção museológica “As culturas do trabalho no Barroso”. CETRAD, UTAD, ECOMUSEU DO BARROSO, CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE. Montalegre, 2012a.
- _____. *Uma horta em Tourém*. Projeto de investigação para intervenção museológica “As culturas do trabalho no Barroso”. CETRAD, UTAD, ECOMUSEU DO BARROSO, CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE. Montalegre, 2012b.
- BALANDIER, G. *Antropo-lógicas*. Barcelona: Península, 1975
- BENIS BAGANHA, M.I. A Emigración Portuguesa e as correntes migratórias internacionais (1855 – 1974). Síntese histórica. *Estudios migratórios*. Núm. 5. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 1998.
- BOISSEVAIN, J. Apresentando “Amigos de Amigos: Redes sociais, Manipuladores e Coalizões”. FELDMAN_BIANCO, B (org). *A Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987. pp. 195 – 225
- BORDALO LEMA, P. *Tourém, uma aldeia raiana do Barroso*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 1978.
- BOURDIEU, P. *El baile de los solteros. La crisis de la sociedad campesina en el Bearne*. Barcelona: Anagrama, 2004.
- _____. [La Noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps](#), Paris: Minuit, 1989a.
- _____. *Reproduction interdite. La dimension symbolique de la domination économique*, *Études rurales*, Paris, v.113-114, p. 5-36, 1989b.
- _____. *Homo Academicus*. Paris: Minuit, 1984.

- _____. *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980.
- _____. *La Distinction: critique sociale du judgement*. Paris: Minuit, 1979a.
- _____. *O Desencantamento do Mundo*. São Paulo: Perspectiva, 1979b.
- _____. *Une classe objet. Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris, v.17-18, p. 2-5, 1977.
- _____. *Esquisse de d'une théorie de la pratique-prècède de trois études d'ethnologia kabyle*. Genève, Libraire Droz, 1972a.
- _____. *Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction. Annales*, Paris, 4-5 julio-octubre, p. 1105-1127, 1972b.
- _____. *Célibat et condition paysanne. Études rurales*, Paris, v. 5-6, p. 32-135, 1962.
- BOXER, C. R. *O império colonial português (1415-1825)*. Lisboa: Edições 70,1969.
- CARNEIRO, M.J. *Camponeses, Agricultores e Pluriatividade*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria,1998, 228 p.
- _____. *Esposa de Agricultor na França. Estudos Feministas*. N 2/96 p. 338-354, 1996
- CARNEIRO DA CUNHA,M. *Pontos de Vista sobre a Floresta Amazônica: Xamanismo e Tradução. Mana*,Rio de Janeiro, N.4(1) p.7-22, 1998
- CERTEAU, M. *A Invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *A Invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CHAYANOV, A.: *La teoría de la economía campesina*. 2º edición. México, PYP, 1987
- CUTILEIRO, J. *Ricos e Pobres no Alentejo*. Lisboa: Costa, 1977.
- _____. *A Portuguese Rural Society*, Oxford, 1971.
- CUNHA,L. *Entre Espaço e Representação. Comunidade e Memória Social*. Braga, Universidade do Minho. Tese de Doutoramento, 2003.
- DIAS, J. *Rio de Onor - Comunitarismo Agropastoril*. Lisboa: Presença, 1984 [1953].

- _____. *Vilarinho da Furna, Uma Aldeia comunitária*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981. [1948]
- DIAS BAPTISTA, J. *Montalegre*. Montalegre: Município de Montalegre, 2006.
- DOUGLASS, W. Muros o Puentes?. *Historia y Fuente Oral*. Núm. 12. *Fronteras*. Barcelona, Universitat de Barcelona, p. 43-50. 1994
- DURHAM, E. Migrantes rurais. THOMAZ, O. R. *A dinâmica da cultura – ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2004, p. 181-201.
- ELIAS, N. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições70, 2008
- FERNÁNDEZ DE ROTA Y MONTER. J.A. *Antropología de un viejo paisaje gallego*. Centro de Investigaciones Sociológicas. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1984.
- GARCIA JR, A. *O sul : caminho do roçado : estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora Universidade de Brasília: MCT: CNPq, 1990.
- GARCÍA MAÑÁ, L. M. *Couto Mixto. Unha República Esquecida*. Vigo, Universidade de Vigo, 2000.
- GLUCKMAN, M. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. FELDMAN-BIANCO, B. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas. Métodos*. São Paulo, UNESP, p. 237-364. 2010.
- GODINHO, P. *Oír O Galo Cantar Duas Vezes. Identificaci3ns locais, culturas das marxes e construci3n de naci3ns na fronteira entre Portugal e Galicia*. Ourense, Deputaci3n Provincial de Ourense, 2011.
- _____. *Do Estado cego à fronteira invisível: na senda de um problema*. V Colóquio Hispano-Português de Estudos Rurais. Futuro dos Territórios Rurais numa Europa Alargada. Painel: Lições do passado: os territórios rurais e o seu contexto histórico. Bragança. 2003.
- GONÇALVES, F. Apresentação. In: ROCHA PEIXOTO, A.A. *Etnografia Portuguesa (Obra etnográfica completa)*. Coleção Portugal de Perto. Lisboa: Dom Quixote, 1990 [1967].
- GONÇALVES DA COSTA, J. *Montalegre e Terras de Barroso. Notas históricas sobre Montalegre freguesias do concelho e região de Barroso*. Vol. I. Montalegre: Edição da Câmara de Montalegre. 2ª edição. 1987.
- GORDON JR., Cesar. About the house: Lévi-Strauss and Beyond. *Mana*, Rio de Janeiro, v.

2, n. 2, Oct. 1996. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jul. 2011.

HAESBAERT, R. *Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização*. LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério; MOREIRA, Ruy; (orgs.). *Brasil Século XXI Por uma Nova Regionalização? Agentes, Processos e Escalas*. São Paulo: Max Limonad, 2004a, pp. 173-193.

_____. *O Mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004b.

HANNERZ, U. Fluxos, Fronteiras, Híbridos: palavras-chaves da antropologia transnacional. In: *Mana*, vol. 3, no. 1, 1997.

HOBBSBAWN, E.J. *Historia del Siglo XX*. Buenos Aires: Grijalbo, 1998.

INGOLD, T. *The perception of the environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge, 2000.

LEACH, E.R. *Pul Eliya. A Village in Ceylon. A Study of Land Tenure and Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968

LÉVI-STRAUSS, C. A noção de Casa. In: _____. *Minhas Palavras*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LIMA SANTOS, J.M.. *Mercado economias e ecossistemas no alto barroso. Um estudo de sistemas de aproveitamento de recursos naturais*. Montalegre: Edição da Câmara Municipal de Montalegre, 1992.

LISÓN TOLOSANA, C. *Antropologia Cultural de Galicia*. Madrid: Siglo Veintiuno de España, 1971.

LOURENÇO FONTES, A. *Etnografia Transmontana. Vol I Crenças e Tradições do Barroso*. Montalegre. 1974

_____. *Etnografia Transmontana. Vol II. O comunitarismo de Barroso*. Montalegre. 1977.

MARTINS, H. "Tu não és daqui... estás só aqui durante um tempo!": explorando os lados sombra de uma experiência de trabalho de campo. *Etnográfica*. [Online] vol. 16 (3) | 2012, posto online no dia 08 Outubro 2012, consultado no dia 24 Outubro 2012. URL : <http://etnografica.revues.org/2112> ; DOI : 10.4000/etnografica.2112

_____. Uma aldeia portuguesa ... à volta da Galiza. Olhando de perto e de longe às

- diferenças e semelhanças entre portugueses e galegos. PEREIRO,X. RISCO,L. LLANA,C. *As Fronteiras e as Identidades Raianas entre Portugal e Espanha*. Vila-Real: UTAD, 2008 (extra serie) actas do curso de verão celebrado em Ribadavia (Ourense - Galicia) e Chaves 12,13,14,15, de Jullo de 2006. p. 235-248.
- _____. *Will the Rocks Crumble One Day? Past and Present in the Portuguese Galician Frontier, Border Relations and Memories*. Manchester, University of Manchester, 2005.
- _____. O Caminho do Tempo. Uma viagem etnográfica às memórias na fronteira galego-portuguesa. *Cultures, Revista Asturiana de Cultura*. Nº 12. Uvieu: 2003.
- MAUSS, M. Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós._____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. pp. 423 – 503.
- _____. Ensaio sobre a dádiva. _____.*Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. pp. 183 – 314
- MAYER, A. C. A importância dos quase grupos no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.) *Antropologia das sociedades contemporânea: métodos*. São Paulo: Unesp, 2010.
- MEDINA GARCÍA, E. *Contrabando en la frontera de Portugal: Origenes, estructuras, conflicto y cambio social*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Facultad de Ciencias Políticas y Sociología. Universidad Complutense de Madrid, Madrid. 2001. Disponível em: < <http://eprints.ucm.es/4542>> Acesso em: 12 maio de 2010.
- MENEZES, M.A. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa: EDUFPB, 2002.
- MERLEAU-PONTY, M. *The Visible and the Invisible*. Evanston: Northwestern University Press, 1968.
- NOGUEIRA, V.S. *Sair pelo mundo*. A conformação de uma territorialidade camponesa. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, SP. 2010.
- OLIVEIRA FILHO, J.P. Uma etnologia dos índios misturados? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. OLIVEIRA, J.P (Org.) *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. São Paulo: Contracapa, 1999, p.11-38.

- O'NEILL, B.J. *Proprietários, lavradores e jornaleiras. Desigualdade Social em uma aldeia Transmontana, 1870 – 1918*. Coleção Portugal de Perto, nº7. Lisboa: Dom Quixote, 1984.
- PAIS DE BRITO, J. *A aldeia, as casas: Organização comunitária e reprodução social numa aldeia Trasmontana (Rio de Onor)* ed. 1, 2 vols.. Lisboa: ISCTE. 1989.
- PEREIRO PÉREZ, X. *Turismo Cultural. Uma visão antropológica*. Tenerife: ACA y PASOS, RTPC. 2009
- _____. *Espacio, tempo e historia nunha vila galega: Palas de Rei*. Texto revisado (1997 – 2002) da tese de doutoramento em Antropoloxía Social, defendida em Setembro de 1997 na Universidade de Santiago de Compostela. Texto cedido pelo autor. 1997
- PIETRAFESA DE GODOI, E. *O Trabalho da Memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas – São Paulo: Unicamp, 1999.
- _____. O Sistema do Lugar: história, território e memória no Sertão, NIEMEYER, A.M; PIETRAFESA DE GODOI, E. *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas : Mercado das letras, 1998.
- PINA-CABRAL, J. Sem palavras: etnografia, hegemonia e quantificação. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n.1, Apr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000100003&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 11 de fevereiro de 2011.
- _____. A «Minha» Casa em Paço: Um Estudo de Caso. O'NEILL, B.J; PAIS de BRITO, J. *Lugares de Aqui. Actas do Seminário «Terrenos Portugueses»*. p. 119-140. Lisboa: Dom Quixote, 1991a
- _____. *Os Contextos da Antropologia*. Lisboa: Difel. 1991b
- _____. *Sons of Adam, Daughters of Eve. The Peasant Worldview of the Alto Minho*. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- _____. Comentários críticos sobre a casa e a família no Alto Minho rural. *Análise Social*. 81-82. Vol XX. Lisboa, 1984.
- PINA-CABRAL, J & LIMA, A.P. Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social. *Etnográfica* IX (2), Lisboa, 2005, pp. 355-388
- PISCITELLI, A. Tradição Oral, Memória e Gênero: um comentário metodológico. *Cadernos Pagu*, núm. 1. Campinas – São Paulo: IFCH - UNICAMP. 1993

- POLANAH, L.D. Mexerico e Maldizer no meio rural. *Revista Guimarães*. Núm. 103. 1993. Pp. 111-128
- _____. O Colectivismo agrário no Norte de Portugal. *Antropologia Portuguesa*. Núm 3. Lisboa. 1985. pp. 61-68.
- _____. Função da Vizinhança entre os camponeses de Tourém. *Antropologia Portuguesa*. Núm 7. Lisboa. 1989 . pp. 41 – 48.
- RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993
- ROCHA PEIXOTO, A.A. *Etnografia Portuguesa (Obra etnográfica completa)*. Coleção Portugal de Perto. Lisboa: Dom Quixote, 1990 [1967].
- RODRIGUES LEAL, C.S. *Caracterização genética da raça bovina barrosã. Estudos de genética bioquímica, familiar e populacional*. Dissertação de mestrado em Ecologia Aplicada apresentada à faculdade de Ciências da Universidade do Porto. 1998.
- SILVA, L. Contributo para o estudo da pós-ruralidade em Portugal. *Arquivos da Memória, Outro país – novos olhares, terrenos clássicos*. Núm. 4 (Nova Série). Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa (CEEP), 2008.
- TORGA, M; *Diário X*. Coimbra, 1968.
- VALCUENDE DEL RIO, J.M. Processos de Territorialización y Desterritorialización de las zonas fronterizas. PEREIRO, X. RISCO, L. LLANA, C. *As Fronteiras e as Identidades Raianas entre Portugal e Espanha*. Vila-Real: UTAD, 2008 (extra serie) actas do curso de verão celebrado em Ribadavia (Ourense - Galicia) e Chaves 12,13,14,15, de Julho de 2006. p. 61-74.
- _____. Fronteras, Territorios e Identificaciones Colectivas. *Interacción Social, Discursos Políticos y Procesos de Identificación en la Frontera Sur Hispano-Portuguesa*. Sevilla: Blas Infante, 1998.
- VIEGAS GUERREIRO, M. *Pitões de Júnias (Esboço de Monografia Etnográfica)*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, 1982.
- VINCENT, J. A sociedade agrária como fluxo organizado: processos de desenvolvimento passados e presentes. In: FELDMAN-BIANCO, B(org). *A Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987. pp. 375 – 402.
- WATEAU, F. *Conflitos de água de rega: ensaio sobre a organização social no vale do Melgaço*. Coleção Portugal de Perto, nº39. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

WOORTMANN,H. Migração, família e campesinato. CLIFFORD ANDREW WELCH *et al* (Orgs). *Camponeses Brasileiros: leituras e interpretações clássicas*, Vol 1. São Paulo: Unesp; Brasília DF: Nead, 2009 pp. 217-238.

_____. *Herdeiros, Parentes e Compadres. Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste*. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.